

FICHA CATALOGRÁFICA

B732r Branchini, Diná da Silva

Religião e identidade : um estudo sobre negros metodista da região metropolitana de São Paulo / Diná da Silva Branchini.-- São Bernardo do Campo, 2008.

fl. 212

Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião.

Orientação de: Paulo Barrera Rivera

1. Igreja Metodista – Brasil – São Paulo (Cidade) - Periferia
2. Negritude 3. Negros – Condições sociais I. Título

CDD 305.6

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

DINÁ DA SILVA BRANCHINI

RELIGIÃO E IDENTIDADE:
UM ESTUDO SOBRE NEGROS METODISTAS DA REGIÃO
METROPOLITANA DE SÃO PAULO

Dissertação apresentada no curso de Pós-Graduação à Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, curso de Ciências da Religião para obtenção do grau de Mestre.

Área de Concentração: Ciências Sociais

Orientação: Prof. Dr. Paulo Barrera Rivera

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2008

DINÁ DA SILVA BRANCHINI

RELIGIÃO E IDENTIDADE:
UM ESTUDO SOBRE NEGROS METODISTAS DA REGIÃO
METROPOLITANA DE SÃO PAULO

Dissertação apresentada no curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião à Universidade Metodista de São Paulo Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, para obtenção do grau de Mestre.

Área de Concentração: Ciências Sociais

Data da Defesa: 09/06/2008

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Prof. Dr. Paulo Barrera Rivera
UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO - UMESP

Prof. Dra. Sandra Duarte de Souza
UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO - UMESP

Prof. Dra. Luiza Fátima Baierl
PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC

AGRADECIMENTOS

Ao Deus que me ouve, me levanta e me faz andar para ver a cada dia e a cada momento a sua Gloria!

Ao meu querido esposo Oziel, minha filha Naiana e meus filhos Julio e Tiago pela atenção, despojamento e alegria com que me envolveram durante este período.

Ao meu orientador Prof. Dr. Paulo Barrera Rivera que me acompanhou nos emaranhados caminhos do conhecimento de forma que eu pudesse construir e concluir esta dissertação.

Ao professor Dr. Leonildo Silveira Campos e professora Dra. Sandra Duarte de Souza pelas contribuições e apoio durante meu percurso acadêmico.

À minha mãe que o tempo todo me deu colo e me transmitiu bênçãos dos céus.

À minha irmã Neusa que foi além do esforço comum para que eu pudesse concluir mais este ciclo da minha vida.

A todos familiares e amigos que torceram por mim.

À Igreja Metodista que me apoiou por meio de uma bolsa parcial, o que muito contribuiu para a continuidade deste estudo.

Ao Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião (IEPG) pela ajuda, por meio de uma bolsa parcial que muito me ajudou no primeiro ano deste mestrado.

RESUMO

Este estudo trata da dinâmica relacional das identidades religiosas e etno-raciais em torno de pessoas negras de igrejas metodistas da Região Metropolitana de São Paulo. Toma como referência empírica as Igrejas Metodistas em: Suzano, Itaquaquecetuba - Monte Belo - e Central em Santo André. Analisa as implicações identitárias do sujeito negro metodista e aponta contradições entre parâmetros socioculturais das identidades negras construídas ao longo da história e o modelo religioso metodista. Analisa a construção sociocultural das identidades religiosas, circunscritas às contingências materiais, econômicas e políticas da sociedade onde estão inseridos os sujeitos da pesquisa. Propõe que a identidade negra coletiva é uma mescla de associações, por um lado negativas resultantes tanto das condições socioeconômicas segregacionistas vinculadas ao racismo institucionalizado na sociedade e nos espaços religiosos, por outro, positivas, de um protagonismo cultural enriquecedor da cultura brasileira, além daquele marcado pela resistência, desenvolvido pelos movimentos negros. Demonstra o papel da instituição metodista que impõe uma padronização cultural de classe média branca e controle sobre as manifestações identitárias negras.

Palavras-chave: identidade negra, igreja metodista, racismo, periferia urbana, São Paulo.

ABSTRACT

This study deals with the relational dynamics of religious and ethnic-racial identities with regard to black persons on Methodist Churches in the Metropolitan Region of São Paulo. The empirical points of reference are Methodist Churches in: Suzano, Itaquaquecetuba – Monte Belo, and Central Santo Andre. It analyses the sociocultural construction of religious identities, circumscribed by material, economic and political contingencies of the society in which the research subjects are inserted. It proposes that collective black identity is a mixture of associations, on the one hand negative due to segregationist socioeconomic conditions linked to the institutionalized racism in society and in religious spaces; on the other hand, positively, because of the enriching cultural influences of Brazilian culture, beyond that marked by resistance, developed by black movements. The research demonstrates the role of the Methodist institution that imposes white middle class cultural patterns and control over black manifestations of identity.

Key-words: black identity, Methodist Church, racism, urban periphery, São Paulo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 O NEGRO NA PERIFERIA URBANA DE SÃO PAULO	22
1.1 IDENTIDADES E SUAS COMPLEXIDADES	22
1.1.1 Identidades Negras e Dominação	26
1.1.2 Identidade e Religião	27
1.1.3 Identidades Nacional, Negra e Mestiça	31
1.2 A REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO	33
1.2.1 Desenvolvimento Urbano e Segregação Social	33
1.2.2 Negros/as e Periferia Urbana	38
1.2.3 A Capital São Paulo e os Municípios: Santo André, Itaquaquecetuba e Suzano	42
1.3 PERSPECTIVAS DA EXCLUSÃO DO/A NEGRO/A NA SOCIEDADE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA	47
1.3.1 Exclusão Sócio-Econômica	47
CAPÍTULO 2 A RELIGIÃO COMO CAMPO DAS RELAÇÕES INTER-RACIAIS E SUA INFLUÊNCIA SOBRE A IDENTIDADE DO SUJEITO RELIGIOSO CONTEMPORÂNEO.....	62
2.1 RELIGIÕES E NEGRITUDE NO BRASIL	61
2.1.1 O CAMPO RELIGIOSO NA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO (RMSP)	64
2.1.2 COSMOVISÃO AFRICANA E RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS	74
2.1.2.1 Cosmovisão africana	74
2.1.2.2 As religiões afro-brasileiras	77
2.2. A IGREJA METODISTA (IM) E SUA INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES NEGRAS	79
2.2.1 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DA IGREJA METODISTA	79
2.2.2 ORIGENS HISTÓRICAS DA IGREJA METODISTA NO BRASIL E A DINÂMICA DAS RELAÇÕES RACIAIS COM O GRUPO NEGRO.	81
2.2.3 PREOCUPAÇÕES SÓCIO-RACIAIS EM RELAÇÃO À POPULAÇÃO NEGRA NOS DOCUMENTOS DA IGREJA METODISTA	86
2.2.3.1 Cânones e documentos episcopais	88
2.2.3.2 Jornais e revistas	98
2.2.4 AÇÕES DOS MOVIMENTOS NEGROS METODISTAS	111
CAPÍTULO 3 AS IDENTIDADES RELIGIOSA E ÉTNICO-RACIAL DE ADEPTOS/AS METODISTAS NEGROS/AS	117
3.1. ASPECTOS INTRODUTÓRIOS	117
3.2 PERFIL DO GRUPO PESQUISADO	117
3.2.1 Aspectos Sócio-Econômicos das pessoas negras	119
3.2.1.1 Igreja Metodista Central em Santo André	122
3.2.1.2 Igreja Metodista em Suzano	125
3.2.1.3 Igreja Metodista em Monte Belo	127
3.2.1.4 Outras Igrejas Metodistas	128
3.2.2 Aspectos da Religiosidade	129
3.2.2.1 Igreja Metodista em Santo André	130

3.2.2.2 Igreja Metodista em Suzano	132
3.2.2.3 Igreja Metodista em Itaquaquetuba – Monte Belo	134
3.2.2.4 Outras Igrejas Metodistas	135
3.3 MARCAS IDENTITÁRIAS METODISTAS	137
3.4 MARCAS IDENTITÁRIAS NEGRAS	142
3.4.1 A Experiência do Racismo como Um Fator Constituinte das Identidades Negras	143
3.4.2 A dimensão racial da Igreja Metodista, segundo a percepção do grupo pesquisado.	150
3.4.2.1 O racismo dentro do contexto religioso	150
3.4.2.2 Aspectos distintivos das pessoas negras no contexto metodista.	154
3.4.2.3 Aspectos distintivos de pessoas negras metodistas em relação a pessoas negras não metodistas.	158
3.4.2.4 O Mito da Igualdade Cristã	161
3.4.2.5 O corpo negro	162
3.4.2.6 A representação da cultura afro-brasileira no contexto metodista.	168
BIBLIOGRAFIA	181
ANEXO A - FONTES DOCUMENTAIS DA IGREJA METODISTA	186
ANEXO B - QUESTIONÁRIO	187
ANEXO D – CONSULTA NACIONAL SOBRE RACISMO	207
ANEXO E – CARTA DE PIRACICABA	211

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a sociedade brasileira, mobilizada pela mídia e pelos movimentos sociais e negros, tem prestado maior atenção aos problemas sociais vinculados à população negra, que sofre no dia-a-dia as desvantagens associadas à cor de sua pele. As políticas públicas de Ações Afirmativas, implementadas nos dois últimos governos, desencadearam debates apaixonados a favor ou contra tais políticas. Para uns, as medidas são consideradas retrógradas, porque separam e discriminam os grupos que compõem a população brasileira. Para outros, são medidas regulatórias. No meio da efervescência desta polêmica, surge a pergunta: qual é a identidade do negro num país onde a maioria é mestiça?

O interesse por temas relacionados ao negro tem atraído estudiosos de várias tendências ideológicas, políticas, imbuídas ou não de juízos valorativos. Como toda verdade tem relações com o grupo próximo ao poder, a representação social do negro/a, como grupo subalterno, pouco contribui para a inclusão e o desenvolvimento da maioria desta população.

A produção do conhecimento sobre o lugar do negro na sociedade brasileira, nas áreas da sociologia, antropologia, economia e psicologia cresceu na segunda metade do século XX; e o tema continua atraindo novas pesquisas. No campo das Ciências da Religião, esta questão também é abordada; como é o caso da presente pesquisa que relaciona negritude e religião.

A importância numérica da população negra no Brasil já responderia, por si mesma, a escolha deste objeto de estudo, por tratar-se de uma questão relacionada ao grupo majoritário; a ponto de o Brasil ser considerado o segundo país com maior população negra. Por outro lado, as condições de vida desta população são um diferencial negativo, uma vez que a maioria do grupo encontra-se segregada na faixa da pobreza e da miséria, por um processo histórico-social. Todavia, a produção cultural negra marcou a cultura brasileira não só durante o sistema escravagista, mas ainda continua introduzindo novos elementos; o que, por sua vez, também justificaria esta pesquisa. Mas, além destes, outros motivos mobilizaram este trabalho, os quais são apresentados a seguir.

As religiões têm um papel socializador importante na dinâmica das relações grupais e na construção das identidades individuais e coletivas; e, como tal, influíram diretamente na vida dos escravos africanos e seus descendentes. Assim, por um lado serviram como núcleos de memória e recriação cultural, ajudando na reestruturação de suas vidas na terra do

cativo, no caso das práticas religiosas trazidas da África. Por outro lado, a religião cristã serviu como instrumento do colonizador, para dominação desses povos, tanto por meio do batismo católico compulsório, como também pela evangelização e conversão das pessoas negras ao protestantismo. Os/as negros/as católicos/as conseguiram criar o catolicismo negro, enquanto que os/as protestantes buscaram na religião um meio de ascensão social (BASTIDE, 1985). A população negra, sua cultura e sua religiosidade têm influenciado as religiões brasileiras, como no caso do Catolicismo. No caso do protestantismo, consideramos que o conhecimento do lugar social dos/as negros/as nessas religiões merece maiores estudos, pois tem sua importância na formação das identidades dos/as adeptos/as negros/as. Esta pesquisa pretende contribuir com o estudo dessa questão no protestantismo, em particular, a Igreja Metodista (IM).

A produção acadêmica voltada para os estudos de temas ligados ao grupo negro nas confissões protestantes, em particular no metodismo, é escassa; em parte porque há menor concentração de pessoas negras nestas confissões e, também, porque a questão racial tem sido ocultada e banida das igrejas, através da ideologia cristã “de que o corpo não é importante, somente a alma”. Este pensamento ainda vigente nas igrejas está associado à crença da igualdade e irmandade cristã “espiritual”. Em nossa pesquisa, detectamos três estudos relacionados à Igreja Metodista: Uma dissertação com abordagem histórico-cultural da IM frente à escravidão (ANDRADE, 1995), uma pesquisa sobre pessoas negras pertencentes às diversas igrejas protestantes, com um capítulo direcionado para as relações raciais dentro da Igreja Metodista (NOVAES, 1985) e o livro *Negro não entra na igreja* (BARBOSA, 2002). Dos três, apenas o segundo faz referência aos /as adeptos/as negros/as metodistas da época contemporânea; os outros dois são abordagens históricas.

Esta dissertação aborda de forma abrangente as questões raciais no contexto contemporâneo urbano e metodista, na Região Metropolitana de São Paulo. Para tanto, utilizamo-nos do conhecimento das ciências da religião, especificamente da sociologia e da antropologia, na busca de nexos entre identidades racial e religiosa dos sujeitos negros/as metodistas.

O objetivo geral desta dissertação é identificar a relação da religião com a formação identitária das pessoas negras metodistas. Assim, pretendemos verificar qual a identificação destes sujeitos negros/as metodistas com a dimensão etno-racial de sua existência, uma vez que a discriminação pela cor da pele é um fato contemporâneo e ocorrente tanto no contexto

mais amplo da sociedade, como nas relações internas do campo religioso. Os objetivos específicos são:

- a) Identificar as características sociais, econômicas e culturais da população negra urbana da Região Metropolitana de São Paulo.
- b) Identificar e analisar a dimensão racial do pensamento oficial da Igreja Metodista e de suas lideranças.
- c) Identificar e analisar a dimensão racial das relações sociais e religiosas de pessoas negras metodistas.
- d) Identificar as expressões ou valores sócio-culturais afro-brasileiros presentes no cotidiano das pessoas negras metodistas.

A escolha deste tema de pesquisa está vinculada à minha atuação como coordenadora do grupo de mulheres negras evangélicas, denominado Fórum de Mulheres Negras Cristãs - SP (NEGRASCRISP), no período de 2000 a 2005 e, em seguida, como coordenadora do Ministério de Ações Afirmativas Afro-descendentes da Igreja Metodista, na 3ª Região Eclesiástica, (AA-AFRO-3ªRE), criado em 2005 e em plena atividade. Durante este período pude constatar empiricamente a dimensão racial do campo religioso com suas redes de poder, bem como o silêncio que denuncia o interdito deste tema dentro das comunidades metodistas. Desta minha trajetória, relato alguns dos aspectos que vivenciei em contatos, atividades ou reuniões do grupo NEGRASCRISP e do AA-AFRO, por serem relevantes e, até mesmo, determinantes para a definição desta pesquisa.

Em várias ocasiões, quando emergia o tema da identificação negra ou afro-brasileira, pude observar reações de constrangimento ou incômodo por parte de pessoas negras, sendo comum a justificativa de que a cor da pele não era importante ou que era um assunto que não fazia parte de seu cotidiano. Também ouvi, por parte de afro-descendentes de cor parda, a dúvida “mas o que eu sou”? Por outro lado, notei as diferenças que se evidenciavam em momentos de sociabilidade, através das piadinhas e brincadeiras; “os grupinhos de amizade”, a ocupação de certas funções de poder, sendo, geralmente, assumidas por pessoas brancas, enquanto as funções operacionais, ocupadas pelas pessoas negras. Somando-se a estes, estão os depoimentos que ouvi, relatando experiências de sofrimento e dor, decorrentes de atos preconceituosos e discriminatórios dentro das igrejas; também, observei as reações de negação e, até mesmo, de alívio, num primeiro momento, por parte de pastores, diante da pergunta relativa à presença de pessoas negras em suas igrejas; e a posterior titubeante

resposta afirmativa de que havia somente uma ou outra. Apesar de eu conhecer várias pessoas negras nas igrejas, esta reação, de certa forma, era comum.

Outra percepção que tive foi a de que, em oposição à pequena proporção de pessoas negras nas igrejas metodistas, há concentração de pessoas negras nas igrejas pentecostais. O Censo 2000 já apontava, também, que pretos e pardos constituíam em torno da metade da população brasileira. Fui verificando que, tradicionalmente, as igrejas metodistas em São Paulo contam com poucas pessoas negras, quatro ou cinco famílias, dependendo da igreja; contudo, pareceu-me que esta realidade estava sendo modificada com a implantação de igrejas metodistas em bairros periféricos e mais populares.

A minha formação pessoal foi, também, preponderante na decisão deste estudo acadêmico. Sou mulher negra e metodista de terceira geração, filha de pastor, e com vários familiares clérigos; de forma que considero-me nativa nas duas dimensões. A educação religiosa e familiar que recebi foi marcada por concepções pietista, puritana, racista e de embranquecimento, a ponto de levarem-me a manter distanciamento das expressões culturais religiosas procedentes do grupo negro da sociedade – “os não-crentes” - consideradas como algo ruim, “pecado”, e resvalando, até mesmo, ao “medo” de passar frente às lojas de artigos religiosos de religiões afro-brasileiras.

As graduações em Serviço Social e, posteriormente, em Musicoterapia foram fundamentais no meu processo de ruptura com uma visão religiosa segregacionista e conseqüente desenvolvimento de uma visão crítica da realidade social, sobretudo no que tange às relações étnico-raciais na sociedade em geral e no contexto religioso, em particular. Portanto, este trabalho representa mais uma etapa no meu desenvolvimento pessoal e acadêmico.

Durante o processo desta pesquisa, procurei manter um distanciamento dos aspectos vivenciais, visando a não contaminar o estudo. Contudo, considero que estes formam um repertório de conhecimentos que contribuiu de forma relevante para o desenvolvimento deste estudo e que me facilitou o trânsito dentro do território pesquisado.

A expectativa é que este estudo venha ampliar o conhecimento sobre a população negra na sociedade brasileira, aprofundar o conhecimento dos sujeitos religiosos no metodismo, no que se refere à dimensão racial, e, também contribuir, de forma especial, para a valorização dos aspectos étnico-raciais afro-brasileiros, na constituição das identidades das pessoas negras e na reflexão sobre os preconceitos e discriminações etno-raciais dentro do

contexto religioso metodista. Neste sentido, é nossa pretensão que este conhecimento acadêmico adentre no contexto metodista, como contribuição para a reflexão crítica, por parte dos sujeitos religiosos, de forma a gerar ações de solidariedade contra as várias manifestações de racismo existentes na sociedade e no contexto religioso.

Neste percurso, surgiram várias indagações que foram configurando esta pesquisa, como: o que significa a experiência de ser preto ou pardo dentro de um contexto religioso ou como este contexto influencia na experiência de ser negro num país em que existem espaços simbólicos e materiais restritos a negros e não-negros, e que desde cedo cada um sabe qual é o seu lugar? Como é tratada a dimensão racial negra nos documentos oficiais e pela liderança da Igreja Metodista? Quais as formas de manifestação dos racismos dentro do contexto da Igreja Metodista? Há identificação dos sujeitos negros/as metodistas com a dimensão etno-racial negra, num contexto religioso? A assimilação de uma religião de origem cultural branca contribuiu para o embranquecimento dos/as adeptos/as negros/as? Em que aspectos? Há sinais da existência de um processo de interpenetração cultural? Em que classes sociais estão inseridos os sujeitos negros/as metodistas?

Todas estas dúvidas permeiam a questão central desta pesquisa: Existe ocultamento da dimensão étnico-racial na constituição das identidades das pessoas negras metodistas, em decorrência da supremacia da dimensão religiosa? Se existe, quais as formas de manifestação?

O marco teórico que sustenta esta pesquisa apresenta várias contribuições. Para compreender a dinâmica da identidade, utilizamo-nos do conceito de “identidades múltiplas”, de acordo com a perspectiva de Hall (2000, 2003, 2005), Woodward (2000), pelo qual as identidades são construções resultantes das inter-relações do indivíduo com a sociedade.

Para entender o processo da construção das identidades negras, utilizamos os estudos sobre as relações de poder, segundo Weber (1999), Foucault (1979,1987) e Bourdieu (1999, 2001), no que se refere às formas de dominação e a incorporação do discurso dominante pelos dominados.

Para estabelecer os nexos existentes entre os aspectos sócio-culturais e religiosos da população negra, na região urbana da metrópole paulista, partimos das perspectivas sócio-econômicas a respeito de mobilidade e ascensão social, desenvolvidas por Henriques (2007), Osório (2004) e Paixão (2003); e, da sociologia urbana, utilizamos os conceitos de “segregação social” e “pobreza”, desenvolvidos por Caldeira (2000), Marques e Torres (2005), entre outros, nos quais procuramos identificar a variável racismo.

Na compreensão dos nexos da religião com a sociedade tomamos como referência os estudos da sociologia da religião realizados por Weber (1999), Berger (1985), tendo a concepção de religião como um construto sócio-cultural dos povos e sociedades, em conexão com as mudanças ocorrentes na sociedade mais ampla. Para análise do lugar da religião na pós-modernidade, aproveitamo-nos dos estudos desenvolvidos por Hervieu-Léger (2000) e Rivera (2001).

A escolha dos sujeitos da pesquisa

A escolha de sujeitos para pesquisa e estudo da dinâmica das identidades religiosa e racial das pessoas negras metodistas teve algumas implicações, sendo uma delas em relação à identificação de quem é o sujeito negro, visto que esta definição é complexa. Para uns, negro é todo o indivíduo de pele escura - preta, parda, mestiça morena, marrom, etc. -, como diz o dito popular “todo aquele que passou das seis horas da tarde”. Para outros, somente o indivíduo de cor preta. Para uns, negro é todo indivíduo que tem em sua ascendência a origem africana. Para outros, o que vale é a consciência desta ancestralidade e o compromisso com a negritude. Para uns, têm brancos/as que são negros/as, pois o são “de alma”; e têm pessoas pretas e pardas que são embranquecidas. Para outros, é negro aquele que adota a religiosidade e as manifestações culturais afro-brasileiras.

Outra implicação foi relacionada à subjetividade que perpassa a temática racial, tanto de nossa parte, como dos outros sujeitos, pertencentes às igrejas. Em nossa sociedade, a identificação da raça/cor é algo, também, subjetivo, carregado de intensa carga emocional às vezes positiva e às vezes negativa. Este assunto representa, nas igrejas protestantes, um tabu; algo perigoso que não deve ser tratado dentro do contexto religioso. Tais implicações exigiram de nossa parte um olhar mais atento e cuidadoso.

Este quadro demonstra a complexidade que envolve o termo e a limitação de qualquer definição. Então, mesmo que limitado, para fins deste estudo consideramos como negro o indivíduo que se auto-declarou de cor morena, parda e preta, uma vez que a “cor da pele” é um símbolo, ligado a preconceitos e discriminação racial na sociedade, o qual é mais forte que o critério da genealogia. No entanto, cerca de 5% do grupo pesquisado preferiu se auto-declarar negro/a, desprezando o critério cor e valorizando o critério raça, o que, a nosso ver,

foi uma opção mais politizada. Os afro-descendentes aqui são compreendidos como todos os indivíduos descendentes de africanos, independente da cor da pele.

Fizemos, inicialmente, uma primeira constatação, por observação, nas igrejas selecionadas, quanto à presença de pessoas negras; mas a participação foi definida pelos próprios sujeitos, por adesão voluntária, na ocasião da divulgação da pesquisa nestas comunidades.

O território da pesquisa foi definido como o espaço urbano da Região Metropolitana de São Paulo, mais precisamente as regiões do ABCDM e Alto Tiete, de onde selecionamos três Igrejas Metodistas. A seleção destas igrejas contemplou alguns aspectos como: o tamanho - grande, média e pequena; a localização- em relação ao centro e periferia das cidades; e a concentração relativa de pessoas negras. Um outro fator de influência nesta seleção foi a falta de recursos para a pesquisa, visto que não tivemos apoio financeiro para a operacionalização da mesma, da forma como projetamos. Assim, buscamos, também, como critério a proximidade e facilidade de nosso acesso a estas igrejas. Foram selecionadas as Igrejas Metodistas em:

Santo André: Igreja de tamanho grande, com 948 membros, localizada na zona central de uma cidade que apresenta bom padrão de estrutura urbana e de condições de vida, e com uma concentração relativa de pessoas negras.

Suzano: Igreja de pequeno porte, com 158 membros, localizada na zona central da cidade.

Itaquaquecetuba – Bairro Monte Belo: Igreja de porte pequeno, 123 membros, localizada em bairro periférico da cidade.

Estas duas últimas Igrejas estão localizadas em municípios pertencentes à região do Alto Tietê. Municípios periféricos da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), que apresentam um padrão urbano, porém as condições de vida são de nível baixo. No entanto, na Igreja em Monte Belo isto aparece de forma mais acentuada, por estar localizada em um bairro periférico e pobre da cidade.

Além do critério Igrejas, também consideramos importante a participação de pessoas de cor preta, pertencentes a outras igrejas metodistas da região metropolitana; em parte, porque identificamos um número pequeno de pessoas pretas e maior presença de pessoas pardas nas igrejas selecionadas, e, em parte, porque consideramos que o fato de não pertencerem a estas igrejas não alteraria o resultado desta pesquisa, uma vez que a Igreja

Metodista é episcopal, segue as orientações de um Colégio Episcopal e do bispo da região; é conexional, havendo intercâmbio entre as igrejas; e o sistema de itinerância pastoral possibilita certa padronização das igrejas locais. Outra razão foi considerarmos que a condição de cidadãos urbanos da metrópole poderia oferecer mais dados em relação à força simbólica da cor da pele nas relações raciais dentro da sociedade mais ampla, bem como do contexto metodista.

Além de pessoas negras, também responderam aos questionários, com menor representatividade, pessoas brancas que se interessaram pela pesquisa, representando 22% do grupo pesquisado, o que também enriqueceu, por ser mais um olhar a respeito da questão racial.

A pesquisa utilizou vários instrumentos de coleta de dados, buscando uma compreensão ampla do objeto, abrangendo conhecimento acadêmico, institucional e dos sujeitos, a respeito do objeto pesquisado, ou seja, a dinâmica das identidades religiosa e racial das pessoas negras metodistas. Para tanto, recorremos às Pesquisas: Bibliográfica, Documental, Pesquisa de campo, por meio da observação, da aplicação de questionário e de formação de grupos focais.

Pesquisa Bibliográfica: compreendeu leituras relacionadas ao conhecimento sociológico, antropológico e histórico direcionado ao estudo das identidades, das religiões e da população negra. Utilizamos as produções impressas em livros, teses e artigos, bem como os textos e sites da Internet.

Pesquisa Documental (ANEXO A) -. As fontes documentais utilizadas foram os documentos oficiais da Igreja Metodista como “Cânones 2007” e “Cartas Pastorais Episcopais”, os jornais “Expositor Cristão” e “Conexão” e as revistas “Voz Missionária” e “RAÇA NEGRA: preto é cor, raça é negra”, produzidas por setores da Igreja Metodista de âmbito nacional e regional - 3ª região eclesiástica, que abrange parte do Estado de São Paulo. O material foi pesquisado em bibliotecas e sites da Igreja Metodista. O critério que utilizamos para seleção de material foi o da identificação de termos como: racismo, raça, negros, discriminação, preconceito, nos títulos ou dentro dos textos. No caso dos periódicos, definimos como período mínimo os anos 2006-2007, com possibilidade de ampliação para anos anteriores; o que ocorreu apenas em relação ao Jornal “Conexão”, tanto pelo fato de ser um periódico regional mensal, como por ser uma criação mais recente, 1993, o que possibilitou verificar o percurso desta temática desde o início do jornal. No caso da revista “Voz Missionária”, pesquisamos desde o ano 2000, considerando que a produção, neste

período, foi menor, ora bimestral ora trimestralmente, por dificuldades de distribuição. A revista “RAÇA NEGRA: preto é cor, raça é negra” é uma publicação única.

Reconhecemos que a relação entre a palavra, seu significado e o contexto pode esconder enigmas que necessitam ser decifrados pelo pesquisador (BAIERL, 2004); contudo, não desconsideramos o fato de que a interpretação dos significados não está isenta da subjetividade do pesquisador.

Pesquisa de Campo: consistiu na aplicação de questionário (ANEXO B) semi-aberto, nos grupos focais e na observação do campo. No projeto constou, também, a entrevista a pastores e lideranças locais e regionais; no entanto, não foram concretizadas, em parte por limitações de condições e de tempo e em parte por considerarmos que seria possível obter informações por meio da pesquisa documental; e optamos pela pesquisa direta com os/as adeptos das igrejas selecionadas. No entanto, consideramos a proposta válida para ser trabalhada numa próxima pesquisa.

A pesquisa de campo não teve caráter quantitativo em relação à população metodista, mas sim qualitativo, posto que baseada em dados socioeconômicos e em depoimentos do grupo pesquisado.

a) O questionário: a aplicação dos questionários contou com uma fase preparatória, iniciada no primeiro semestre de 2007, quando apresentamos a pesquisa aos pastores e participantes das igrejas selecionadas na intenção de buscar adesão de sujeitos para a mesma. No segundo semestre, estivemos nas igrejas, explicando, tanto publicamente, durante reuniões regulares, como individualmente, o conteúdo e as condições de participação da pesquisa, conforme o “Termo de consentimento livre e esclarecido”. Na ocasião, entregamos os questionários às pessoas interessadas e contamos com uma pessoa que, voluntariamente, se dispôs a repassar as informações e entregar o questionário a outras. Também utilizamos contato telefônico e via internet para comunicação, divulgação, entrega dos questionários e recebimento dos mesmos respondidos, os quais estão devidamente arquivados. Junto ao questionário foram entregues o “Termo de Compromisso Livre e Esclarecido” e as recomendações escritas quanto ao preenchimento. No caso de pessoas analfabetas a pessoa de contato foi orientada a nos comunicar, ficando ao nosso encargo a ajuda no preenchimento.

A quantidade de sujeitos pesquisados esteve condicionada à adesão dos sujeitos, levando-se em consideração que este tema ainda é visto com ressalvas no meio metodista. Foram entregues cerca de 100 questionários para homens e mulheres, de acordo com a

aceitação e tivemos 63% de devolução. Não houve uma definição de quantidades por sexo, no entanto a maioria das pessoas participantes é mulher. Pudemos perceber que houve maior resistência por parte dos homens, principalmente da Igreja Metodista em Monte Belo. Um dado a ser observado é que, embora nas respostas muitos termos tenham sido escritos no masculino, por questões de convenção da escrita e uso de linguagem não inclusiva, não se trata de maior presença masculina entre os pesquisados, pois a realidade da pesquisa aponta para um grupo majoritariamente de mulheres.

Outro aspecto que interferiu na adesão foi a extensão e complexidade do questionário, o que direcionou para a participação de pessoas com maior nível de escolaridade e conseqüente afastamento das analfabetas ou com nível educacional mais baixo. Este fato nos ajudou a repensar na necessidade de formas de abordagens mais apropriadas para estas pessoas, em uma próxima pesquisa.

b) Grupos Focais – compreendeu o “uso de grupos de discussão como fonte de informação em pesquisa” (GATTI, 2005:8). O objetivo de utilizarmos esta técnica foi aprofundar as questões relativas às experiências vivenciadas no processo de desenvolvimento pessoal, associadas ao fato de serem pessoas negras e metodistas. Formamos três grupos a partir de convite às pessoas que responderam ao questionário e 4 que não responderam a pesquisa, totalizando 18 pessoas. Cada grupo se reuniu nos dias previamente marcados e cada encontro durou em média 2 horas. Os grupos foram identificados como Sandré: 4 participantes; Acarajé: 4 participantes e Vassum Crisso: 8 participantes. As reuniões dos grupos Acarajé e Sandré foram gravadas e as do grupo Vassum Crisso, foram relatadas, todas transcritas em *Word*. A dinâmica das reuniões se deu por meio de um roteiro com 4 perguntas relacionadas a aspectos da experiência pessoal enquanto pessoas negras e metodistas.

1. Quando, onde e como você percebeu a presença negra na bíblia?
2. Quando, onde e como você percebeu a diferença baseada na cor/raça, na sua vida?
3. Pense em imagens infantis, da adolescência e juventude relacionadas com sua cor/raça e com sua pertença a igreja.
4. Quem é você? Quais características suas que, a seu ver, foram influenciadas por estas experiências?

Utilizamos este roteiro como fio condutor das reflexões e que permitiu a lembrança de situações vividas nas histórias de vida dos/as participantes, o compartilhar das experiências e a reflexão sobre as referências identitárias religiosas e étnico-raciais. Um dos aspectos destacados pelos três grupos foi a necessidade espaços para estas reflexões dentro do contexto

metodista, ao mesmo tempo em que expressaram a dificuldade de abordar este assunto nas igrejas.

c) Observação de Campo – Durante o ano de 2007, visitamos a igrejas do Distrito Missionário Leste II, localizadas em municípios do Alto Tietê e a Igreja Metodista Central de Santo André, pertencente ao Distrito Missionário ABCDM, localizada na região assim também designada. Estivemos, também, presente em vários trabalhos das igrejas metodistas da Região Metropolitana de São Paulo, como adepta metodista; porém com um olhar direcionado para as questões relacionadas a este estudo. As observações estão registradas no diário de campo.

Tratamento e análise dos dados

O percurso que seguimos em relação à análise dos dados foi o de extrair dos textos documentais, palavras relacionadas à questão racial, procurando analisar qual o grau de visibilidade destes termos dentro do contexto dos documentos. Em relação aos dados obtidos pelos questionários e grupos focais, extraímos trechos dos depoimentos escritos e dos transcritos das gravações, relacionados ao contexto da análise. Assim, tendo como referência a necessidade de “quebrar as relações mais aparentes, por serem as mais familiares, para fazer surgir o novo sistema de relações entre os elementos” (BOURDIEU, 2004:25), procuramos agrupar os dados dentro de alguns recortes de análise.

O capítulo primeiro consta de três partes: A primeira trata da conceituação e das implicações teóricas da categoria identidade. A segunda parte aborda o processo de segregação social e econômica da população negra urbana da periferia metropolitana paulista. A terceira apresenta o protagonismo da população negra urbana, por meio dos movimentos sociais e culturais de caráter reivindicatório por igualdades sociais.

O capítulo segundo analisa a religião como campo das relações inter-raciais e sua influência sobre a identidade do sujeito religioso contemporâneo. A primeira parte do capítulo tem como foco o campo religioso brasileiro e, especificamente, na Região Metropolitana de São Paulo. A segunda parte trata da Igreja Metodista, sua organização e sua retórica em relação às questões raciais da população negra.

O capítulo terceiro tem como objetivo analisar a percepção das pessoas negras metodistas com respeito às suas identificações com a dimensão religiosa e a dimensão racial. A primeira parte apresenta o perfil sócio-econômico e religioso. A segunda parte aborda a percepção relacionada às identidades religiosa e racial.

As informações sobre as fontes de pesquisa estão anexas.

CAPITULO 1

O negro na periferia urbana de São Paulo

CAPITULO 1 O NEGRO NA PERIFERIA URBANA DE SÃO PAULO

1.1 IDENTIDADES E SUAS COMPLEXIDADES

Numa sociedade onde tudo está em constante mudança gerando experiências e relações provisórias, marcadas pela valorização do novo, cujo sentido é dominado pela tecnologia da informação, tocar no tema identidade se torna uma tarefa difícil. Contudo, esta questão toma amplitude em nossos dias até porque crise de identidade é uma questão do nosso tempo. Hall (2005:84), ao tratar deste tema, faz o seguinte questionamento: “É possível, de algum modo, em tempos globais, ter-se um sentimento de identidade coerente e integral?” Para ele, o tempo atual confronta a noção de continuidade e de historicidade, ou seja, a globalização ao mesmo tempo em que contesta e desloca as identidades centradas e “fechadas”, pluraliza e produz variedades de possibilidade e novas posições de identificação.

A identidade, na visão de Hall (2003), é complexa e potencializada. Ele propõe que ela deve ser pensada dentro da lógica do acoplamento de identidades¹ e não na de oposições binárias, pela qual a qualidade de ser “negro” é vista como um ponto essencial, fixo e imutável. Para ele, as identidades são construídas ao longo do tempo, a partir de heranças históricas e também das experiências cotidianas, de forma pessoal e coletiva. Assim, o sentimento de pertença é decorrente de uma opção e deve atender a uma função “estratégica e posicional”. As identidades são, portanto, diversas e multifacetárias. Esta posição aparece, também, em outros estudos relacionados à sociedade pós-moderna, como de Abdala Jr. (2002), Poutignat et al (1988), (Abdala Jr., 2002), Ortiz (2006), entre outros.

A concepção de identidade que adotaremos neste trabalho é, portanto, a de processo em aberto às articulações dos sujeitos em suas experiências históricas e atuais e suas representações individuais e dos grupos com os quais compartilha suas experiências de vida.

A noção de identidade pressupõe a existência da diferença que distingue os “iguais” em relação aos “outros”, ou as marcas pessoais que distinguem um indivíduo em relação a

¹ HALL (2003, 326) refere a Paul Gilroy, sobre a política e cultura negra no Reino Unido: “os negros da diáspora britânica deve, neste momento histórico, recusar o binário negro ou britânico”. A lógica do acoplamento significa a utilização da conjunção “e” em substituição ao “ou” - lógica da oposição binária - na compreensão das identidades negras, o que aumenta o leque de potencialidades presentes na constituição das identidades ao mesmo tempo em que não só o significante negro o motivo da luta das políticas sócio-culturais.

outros. Ao mesmo tempo, também pressupõe a noção de pertença - “nós” e a noção de exclusão - “os outros” que são os diferentes de nós. Segundo Woodward (2000), as identidades são produzidas pela marcação da diferença, tanto por meios simbólicos de representação, quanto por meio de formas de exclusão social. Assim, a identidade depende da diferença, a qual não é um elemento oposto, apesar de ser utilizado pelo sistema classificatório dos grupos.

A identidade individual é expressa pelas diferenças ou semelhanças articuladas entre o individual, cultural e coletivo, um processo que começa desde criança, por meio de contatos com a família, depois com outros grupos como escola, vizinhança, igrejas, amigos. Por meio das diversas formas de socialização (verbais, não-verbais, formais e informais) estes grupos sinalizam ao indivíduo o que ele representa e, ao mesmo tempo, ele assimila, reinterpreta e exterioriza por meios formais, informais, verbais e não-verbais quem ele é, dependendo do contexto, do lugar, do grupo e do seu próprio interesse.

Nesse processo o indivíduo articula o conjunto de referências que orientam sua forma de agir e de mediar seu relacionamento com os outros, com o mundo e consigo mesmo. [...] por meio de sua própria experiência de vida e das representações da experiência coletiva de sua comunidade e sociedade, apreendidas na sua interação com os outros. A identidade coletiva pode ser entendida como o conjunto de referenciais que regem os inter-relacionamentos dos integrantes de uma sociedade ou como o complexo de referenciais que diferenciam o grupo e seus componentes dos “outros”, grupos e seus membros, que compõem o restante da sociedade. (NASCIMENTO, 2003: 30-31)

Portanto, não existem identidades isoladas, nem puras ou naturais, haja vista que somos atingidos por uma gama cultural diversificada a nível local e global, o que está implícito na noção de mescla cultural “todo produto é resultante de várias tradições, implicando sua constituição matérias diversas, que se imbricam. Logo um produto de natureza híbrida.” (ABDALA, 2002:14). Para este autor o hibridismo cultural é

Um processo em contínua transformação, e sem um ponto de chegada. [...] O ideal edulcorado de democracia racial nivela por baixo diferenças sociais significativas que não podem ser escamoteadas. O conceito de hibridismo, não obstante, favorece o entendimento entre pessoas e povos desde que não se reduza a um pastiche sem história. É das formas misturadas, crioulas, diríamos que é possível se promover uma coexistência na qual, cada unidade considerada não se anule na outra ou então se feche nas perspectivas da guetização ou dos fundamentalismos. (ABDALA, 2002:174-176).

Desta forma, nem mesmo as identidades étnicas ou nacionais ou referentes às civilizações tradicionais são puras, mas representam resultados de misturas culturais.

Cada criatura é dotada de uma série de identidades, ou provida de referências mais ou menos estáveis, que ela ativa sucessivamente ou simultaneamente, dependendo dos

contextos. “Um homem distinto é um homem misturado”, dizia Montaigne. A Identidade é uma história pessoal, ela mesma ligada a capacidades variáveis de interiorização ou de recusa das normas inculcadas [...] a identidade define-se sempre, pois, a partir de relações e interações múltiplas. Foi o contexto da Conquista e da colonização da América que incitou os invasores europeus a identificarem seus adversários como índios e, assim, a englobá-los nessa apelação unificadora e redutora (GRUZINSKI, 2001:53).

As identidades coexistem internamente nos indivíduos de forma muitas vezes contraditória e antagônica, sendo acionadas em função dos momentos, espaços e grupos de pertencimento (HALL, 2005). Neste sentido, para alguns autores, o termo *identificações* expressa melhor o caráter dinâmico da identidade, por remeter à idéia de um

processo dinâmico de constituição, na vivência das inter-relações com a sociedade e com os outros, do conjunto de referenciais de que dispõe o indivíduo para mediar suas ações e orientar suas atitudes perante si mesmo, os outros e a sociedade. (NASCIMENTO, 2003:32)

Hoje, presenciamos um movimento de trocas culturais que atingem de forma global a todas as culturas, por meio dos processos migratórios e das produções culturais de massa, gerando uma crise de identidade, pois estas inter-relações de tradições não ocorrem de forma democrática, mas subjazem a uma lógica de fundo ideológico de sustentação do capitalismo. As identidades culturais locais ou de grupos étnicos têm sido incorporadas pelo capitalismo informacional, homogeneizadas pela cultura de massa e transformadas em mercadorias culturais. Segundo Abdala (2002), vivemos debaixo do poder do Capitalismo Informacional por meio dos meios de comunicação virtual, que influenciam em velocidade instantânea as transformações da sociedade contemporânea, criam novas aproximações e deslocamentos entre as culturas de todas as partes do mundo, visibilizando as diferenças culturais e a diversidade de povos. Desta movimentação global, surgem identidades resultantes do encontro das singularidades locais com a reinterpretação da cultura importada ou globalizada. Estas circunstâncias também afetam a construção de identidades que, de acordo com Hall (2003), passam a ter um caráter de provisoriedade.

O autor ainda aponta que a homogeneização cultural, produzida pelo capitalismo global ocidental, desencadeou efeitos ou “contratendências” ao se articular com as identidades locais. Assim, ao mesmo tempo em que a indústria cultural global homogeneiza as culturas e inova as culturas locais, também há manifestação de uma tendência de fortalecimento destas identidades por meio do retorno às origens e denotam que as identidades são “mais políticas, mais plurais e diversas [...]” (HALL, 2005:87).

Por outro lado, as identidades coletivas, em geral, são reivindicadas por meio da concepção essencialista, a qual sugere a existência de “um conjunto cristalino, autêntico, de características” partilhadas por um mesmo grupo, que não se alteram ao longo do tempo. Já na concepção não-essencialista tanto as diferenças, assim como as características comuns ou partilhadas tanto entre os integrantes do mesmo grupo, quanto destes em relação a outros grupos, são vistas como mudanças decorrentes do tempo e da ocupação territorial. (WOODWARD, 2000:12)

Compreendemos que armadilha desta perspectiva essencialista é que ela leva aos fundamentalismos, às intolerâncias e ao racismo. Como é o caso das identidades dos povos das Américas, África e Ásia, forjadas pelos colonizadores em meio ao processo de dominação e, ao mesmo tempo, como marca da diferença e legitimação da superioridade dos povos europeus.

Dentro desta percepção, a identidade é concebida não como um processo cultural, mas como algo natural e pré-existente aos indivíduos, ou seja, como a sua essência, localizada de forma fixa, estável e de caráter hereditário, biológico e territorial. A pureza cultural e de linhagem de família são vistas, por esta perspectiva, como elementos distintivos das identidades culturais.

Todavia, a identidade unificada, completa, segura ou coerente, segundo Hall (2005), é uma fantasia, além de que, na sociedade contemporânea, a tradição e o conservadorismo perderam espaço para a novidade constante, que transforma tudo em provisório. Somos confrontados, de acordo com este autor, por “uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos no identificar – ao menos temporariamente” (HALL, 2005:13).

Castells (2008) apresenta uma tipologia, baseada em três formas e origens de construção de identidades, a qual expressa que os processos de identificação são marcados por relações de poder, e que cada tipo pode promover resultados distintos na organização da sociedade.

A identidade legitimadora é definida pelas instituições dominantes no intuito de “expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais. Essa identidade dá origem a uma sociedade civil: a que prevalece baseia-se na razão ocidental”.

A identidade de resistência, talvez o tipo mais importante de construção de identidade em nossa sociedade, é criada por atores pertencentes a grupos desvalorizados ou estigmatizados pela lógica da dominação. Construindo trincheiras de resistência a partir de valores distintos ou mesmo opostos aos que permeiam as instituições da sociedade, formam *comunidades* ou *comunidades*.

Já a *identidade de projeto* entra em cena quando os atores sociais, ao criarem uma nova identidade capaz de reformular sua inserção na sociedade, procuram transformar toda a estrutura social. Tal identidade produz *sujeitos* que, além de apenas indivíduos, são atores sociais coletivos (CASTELLS, 2008:24).

As características apresentadas nesta tipologia, mesmo não sendo exclusivas e únicas, ajudam-nos a perceber identidades dominadas e identidades em processo de enfrentamento da dominação, que se transformam em sujeitos sociais.

1.1.1 Identidades Negras e Dominação

Pensando em termos da identidade das pessoas negras metodistas, consideramos que, embora componham um grupo particular, este grupo não está isolado da sociedade e nem imune às representações existentes na sociedade em geral. Neste sentido, as pessoas identificadas como negras, devido à cor da pele, ainda são, à primeira vista, identificadas como inferiores e pertencente a um grupo subalterno (MUNANGA, 2004; SANTOS, 2002).

O racismo, enquanto fenômeno cultural, está impregnado na sociedade e influencia a própria identidade das pessoas negras, uma vez que este olhar social também é incorporado e ressignificado nas diversas articulações e negociações vividas. A exclusão socioeconômica e o pertencimento a classes sociais mais baixas, por outro lado, são realidades vividas pela maioria da população negra, corroborando para a imagem de uma identidade dominada.

O racismo é um produto cultural que tem servido à dominação, assim como tem influenciado de forma negativa o desenvolvimento das pessoas negras que, cotidianamente, ficam submetidas a atos decorrentes do mesmo, os quais limitam as condições de circulação destas pessoas nos diferentes níveis sociais.

O corpo é um dos locais selecionados como diferencial entre grupos, como de gênero e de raça, fundados na visão essencialista e de dominação. As características físicas das pessoas negras serviram como marcas para a dominação, tornando-se “um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade” (WOODWARD, 2000:15). Assim, a identidade das pessoas negras, construídas pela visão dominante, decorre da seleção arbitrária dos caracteres corporais e derivadas do poder simbólico que “se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física”. (BOURDIEU, 1999:50).

A dominação é um processo prolongado de assimilação e incorporação de valores, costumes, comportamentos da classe ou grupo dominante pelos dominados - *Hábitus* -, que passam não somente a ser vividos como naturais e próprios da classe dominada, mas também defendidos mesmo que em seu próprio prejuízo. (BOURDIEU, 1999).

Neste sentido a disciplina tem sido a forma de dominação por excelência, por fazer “circular os efeitos de poder de forma contínua, ininterrupta, adaptada e ‘individualizada’” (FOUCAULT, 2006:8). Segundo este autor, os procedimentos modernos de produção do poder, a partir dos séculos XVII e XVIII, “são ao mesmo tempo mais eficazes e muito menos dispendiosos [...] e menos susceptíveis de resistência” (IBIDEM).

Assim, sem violência física e com maior eficácia, a domesticação dos corpos torna-os mais “dóceis” e aptos para o melhor desempenho produtivo. Por meio das técnicas disciplinares, os indivíduos incorporam as regras e valores estabelecidos, de tal forma que passam a ser vistos pelo próprio indivíduo como naturais, sendo por ele mesmo controlados. Estas técnicas são amplamente utilizadas na transmissão da conduta moral e ética protestante em relação ao trabalho – secular e religioso -, como meio de testemunho cristão (Weber, 2004). Como também são utilizadas na formação das pessoas negras, que desde crianças aprendem por atitudes de outros e de sinalizações sociais quais as formas de conduta esperada e os espaços sociais abertos à sua circulação. Muitas vezes visto pelas próprias pessoas como características individuais (naturais) aquilo que é recorrente das articulações com a disciplina social e religiosa.

Por outro lado, o poder está em todos os espaços da sociedade, “produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (FOUCAULT, 2006:8) e aparece em formas difusas e dinâmicas, perpassando, em continuidades ou em rupturas, entre os diferentes grupos sociais. As pessoas negras estão constantemente se defrontando com relações de poder presente em todos os espaços da sociedade. O discurso dominante, no sentido de salvaguardar o *status quo*, é de passividade; no entanto, ocorrem os embates de forças em diferentes graus nas relações cotidianas, individual ou em movimentos coletivos, como resistência, envolvendo interesses contrapostos à elite dominante (IBIDEM).

1.1.2 Identidade e Religião

As religiões contribuem para manter e reproduzir a ordem social no que se refere “a estrutura das relações estabelecidas entre os grupos e as classes” (BOURDIEU, 2001: 52-53).

Assim, esta estrutura, ao mesmo tempo em que se apresenta oficialmente como una e indivisível, está organizada com dois pólos:

1) Os sistemas de práticas e de representações (religiosidade dominante) tendentes a justificar a hegemonia das classes dominantes; 2) os sistemas de práticas e de representações (religiosidade dominada) tendentes a impor aos dominados um reconhecimento da legitimidade da dominação, fundada no desconhecimento do arbitrário da dominação e dos modos de expressão simbólicos da dominação (por exemplo, o estilo de vida bem como a religiosidade das classes dominante), contribuindo, desta maneira, para o reforço simbólico da representação dominada do mundo político e do *ethos* da *resignação* e da *renúncia* diretamente inculcado pelas condições de existência. Em outros termos, trata-se de reforçar simbolicamente a propensão para medir as esperanças pelas possibilidades inscritas nestas condições de existência, por intermédio de técnicas de manipulação simbólica de aspirações tão diversas (embora convergentes) como o deslocamento das aspirações e conflitos através da compensação e da transfiguração simbólica (promessa da salvação) ou a transmutação do destino em escolha (exaltação do ascetismo). (BOURDIEU, 2001:52-53)

Ainda, segundo este autor:

A religião permite a legitimação de todas as propriedades características de um estilo de vida singular, propriedades *arbitrárias* que se encontram objetivamente associadas a este grupo ou classe na medida em que ele ocupa uma posição determinada na estrutura social (efeito de consagração como sacralização pela “naturalização” e pela eternização). (Idem, 2001:46).

A inserção dos negros no protestantismo ocorreu por opção dos mesmos e não por imposição como no catolicismo durante o período colonial. O que contribuiu para esta opção é que a evangelização protestante, além da salvação pós-morte, oferece o pertencimento a um grupo social legitimado pela sociedade, o que permite ao adepto usufruir do *status* deste grupo:

O negro protestante procura na sua fé um meio de subir e de se assimilar a uma elite de brancos, não de se separar e se exprimir enquanto homem de cor, mediante a entrada em uma Igreja onde há um mínimo de superstição e um máximo de puritanismo. (BASTIDE, 1985:508)

Existe, segundo este autor, interesse dos/as negros/as em assimilar o protestantismo e não em reinterpretá-lo, segundo suas influências culturais; assim, ao contrário, o que ocorre é uma ruptura com as mesmas.

Daí, podemos deduzir que, na construção de identidade de pessoas negras protestantes, uma das formas de articulação é a negação de suas expressões culturais e a assimilação de

uma identidade embranquecida, associada à ascensão social. Esta relação com o protestantismo difere da relação dos/as negros/as com o catolicismo em seu processo histórico, pois, embora obrigados a aderir a religião, reinterpretaram suas memórias culturais, construindo um catolicismo negro. Salientamos que isto foi possível antes do processo de romanização do catolicismo brasileiro, quando não havia um controle oficial, o que derivou o catolicismo popular, marginal – de forte influência na sociedade brasileira. Por sua vez, no protestantismo brasileiro, sempre houve maior controle religioso sobre seus adeptos, devido à proximidade dos clérigos com sua comunidade religiosa, à educação religiosa por meio de reuniões com estudos bíblicos e doutrinários e a maior coesão do grupo de adeptos, tornando mais remota a possibilidade de reinterpretação cultural negra dentro deste contexto.

[...] Percebemos, desde o começo, a importância do controle social, seja este do grupo religioso oficial, como no catolicismo, ou o de um livro, a Bíblia, no protestantismo. As reinterpretação entram em jogo quando esse papel afrouxa, [...] (BASTIDE, 1985:512).

Ainda, para este autor, a adesão ao protestantismo significa para a pessoa negra uma ascensão social, cultural e religiosa. Social, pois a pessoa passa a integrar um grupo aburguesado, de classe média. Cultural, por passar a ser parte de um grupo que valoriza a educação e mantém vínculos com os Estados Unidos. E religiosa, porque o indivíduo se sente mais praticante que os católicos e mais valorizado enquanto pessoa. (BASTIDE, 1985).

Na visão de Bastide (1985), as pessoas negras são tratadas no contexto protestante, com mais respeito:

A ausência de discriminações nas seitas protestantes reduziram, se não suprimiram, a parte de reinterpretação, em benefício da parte de assimilação.

Ora, todas as pessoas que interrogamos sobre esse ponto concordam em afirmar que não há nenhuma distinção entre eles e os protestantes brancos das mesmas seitas, sobretudo as metodistas e batistas. (BASTIDE, 1985: 506, 512)

Por fim, ele conclui que “não há nenhuma distinção entre eles (negros/as) e os protestantes brancos das mesmas seitas, sobretudo as metodistas e batistas” (IDEM: 506).

Entretanto, a questão racial não tem sido abordada no protestantismo de forma aberta, no que se refere às implicações sócio-culturais do grupo negro, o que não significa ausência de posturas incorporadas relativas a este grupo. É o caso já apontado da evangelização das pessoas negras, no século XIX, baseada numa visão racista, com interesses de incutir a

submissão e obediência dos escravos aos seus senhores, e não de contribuir para sua emancipação social:

Venha já e sem demora o ensino religioso, que incuta nos corações dos escravos e dos ingênuos que vivem como escravos os deveres morais, a honestidade e o amor ao trabalho; venha o ensino religioso que mostre-lhes o caminho do dever (BARBOSA, 2002: 155)

Niebuhr apresenta posição contrária à de Bastide e afirma a existência de discriminação dentro do protestantismo norte-americano, o qual serviu de referência inicial ao protestantismo brasileiro: “[...] a razão pela qual se admite com franqueza a discriminação nas igrejas vem de sua aceitação na América sem subterfúgios”, (NIEBUHR 1992: 147). Contudo, no Brasil, a “inserção” de pessoas negras nas Igrejas Metodistas ocorre por meio de expressões ambíguas de racismo e de aceitação, o que não difere do que ocorre na sociedade.

Na visão dos missionários norte-americanos, as pessoas negras seriam “civilizadas” por meio da conversão, sob o ponto de vista das culturas norte-americana e européia. Portanto, juntamente com o discurso inclusivo - paternalista e cordial -, a educação religiosa foi fundamental para disciplinar para a obediência e para inculcar o dever. Como expressa o “editor de *O Novo Mundo* que um dos princípios básicos do cristianismo é que ‘*o negro é nosso irmão*’” (BARBOSA, 2002:124). Portanto, as sinalizações eram contraditórias e ambíguas, pois ao mesmo tempo em que os protestantes se distinguiam da Igreja Católica, por representarem liberdade, modernidade e igualdade, também portavam uma mentalidade racista, num modelo de dominação cultural e religiosa.

Constatamos, então, que o que Bastide interpretou como ausência de discriminação e de diferenças na relação entre negros/as e brancos/as no protestantismo parece estar mais relacionado à concepção de dominação, segundo o pensamento de Foucault e de Bourdieu, ou seja, a existência de uma convivência marcada pelo *hábitus*, em decorrência da incorporação de técnicas disciplinares e de sinalizações pelas quais cada grupo aprendeu o como se articular.

1.1.3 Identidades Nacional, Negra e Mestiça

A diáspora, na concepção de Oliveira (2006) e de Hall (2003), é um fator comum aos afrodescendentes espalhados pelo mundo; porém, trata-se de uma experiência marcada com diferentes histórias e identidades, decorrentes dos diversos contextos.

Não se pode falar de uma identidade africana única, onipresente em toda parte do planeta. Contudo, há uma experiência histórica que irmana todos os negros do mundo: a diáspora. O seqüestro dos africanos de seu continente, o tráfico escravocrata – (crime contra a humanidade), a exploração da mão de obra negra, o ataque etnocentrista às culturas e tradições africanas, resultou numa experiência dramática que interliga, política e socialmente, todos os africanos e seus descendentes espalhados pelo globo. (OLIVEIRA, D. E, 2006:86)

Nascimento (2003) considera que existe na história dos afro-descendentes brasileiros “uma parte perdida”, a história não-contada, um sentimento de falta interna, baseada no desconhecimento de um “passado honroso”. Daí, a importância da memória de heróis e heroínas, como referência para lutas do presente e para substituir a imagem histórica de povos vencidos, dominados, escravizados e submissos, que permeia a história oficial do Brasil. O momento histórico atual, ao mesmo tempo em que apresenta a fluidez dos símbolos e significados, não deixa, também, de ser um momento em que símbolos do passado são reinterpretados para a afirmação positiva das identidades negras, por meio de heróis e heroínas como Zumbi, Dandara, Xica da Silva e “João Cândido - o navegante negro”, entre outros e outras.

A construção de novos referenciais afirmativos para o grupo negro começa pelos posicionamentos individuais, como a auto-identificação:

A construção dessa nova consciência não é possível sem colocar no ponto de partida a questão de auto-definição, ou seja, da auto-identificação dos membros do grupo em contraposição com a identidade dos membros do grupo “alheio”. Tal identificação [...] vai permitir o desencadeamento de um processo de construção de sua identidade ou personalidade coletiva [...] (MUNANGA, 2004:14).

Existe, no entanto, uma tensão entre a Identidade Nacional e as identidades dos grupos que subjazem à mesma. Segundo Ortiz (2006), a Identidade Nacional é uma conceito que começou a ser forjado pelos intelectuais brasileiros no final do séc. XIX até metade do século

XX, segundo o qual as culturas negras, indígenas e ibérica que compõem o “Mitos das três raças” são fundidas na identidade nacional, ocultando suas singularidades na visão homogênea de uma única cultura. A idéia de identidade nacional, porém, não só assimilou as diversas identidades culturais, como as padronizou dentro de uma visão eurocêntrica:

o modelo sincrético, não democrático, construído pela pressão política e psicológica exercida pela elite dirigente, foi assimilacionista. Ele tentou assimilar as diversas identidades existentes na identidade nacional em construção, hegemonicamente pensada numa visão eurocêntrica. (MUNANGA, 2004:109).

Oliveira (2006) reconhece que o legado negro-africano reconstruído no Brasil por meio de memórias culturais foi assimilado na miscigenada identidade brasileira, resultando na negação da identidade do afro-descendente pelo fato de lhe ser negada a diferença, bem como a sua integridade.

O mestiço, na concepção de Identidade Nacional, destaca-se como modelo da identidade brasileira, uma figura ambígua, que aparece tanto como um negro melhorado, como um branco inferior. Visto como produto brasileiro, como de um laboratório das raças, o mestiço é utilizado como símbolo da cordialidade brasileira e um dos pilares do Mito da Democracia Racial. Contrapondo-se a este pensamento, Munanga (2004) considera a mestiçagem um produto ideológico intermediário, entre identidade nacional versus identidade negra, um fator desintegrador do grupo de negros/as, ou seja, de cor preta ou parda, na formação de uma consciência negra. Com ele, concorda Ferreira (2004), para quem “a miscigenação tem servido de argumento para se afirmar que o brasileiro ‘aceita’ a convivência de raças”, isto é, que “não há preconceito no Brasil”. (FERREIRA, 2004:42). Podemos perceber, então, como a concepção da mestiçagem brasileira é ambígua, sendo vista como bem e como mal.

Outra questão é o valor dado à pessoa em função das nuances da cor da pele; haja vista que no Brasil se privilegia os indivíduos de cor mais clara, os quase-brancos e brancos e se exclui os de cor mais escura, os pretos, considerados piores na hierarquia de tons da pele.

No entanto, ser mestiço ou negro é uma opção identitária. Há, por um lado, mestiços que querem ser brancos (ABDALA, 2002:174), os “negros jabuticabas” - negro por fora e branco por dentro - ou os “mulatos” que esquecem sua ascendência negra (SOUZA, 2004:29). Por outro lado, há os que assumem a negritude pessoal e coletivamente. Esta discussão traz à tona a concepção de Hall (2003) de que a identidade é uma opção política e de caráter reivindicatório.

1.2 A REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO

Neste capítulo tratamos da presença negra no contexto urbano brasileiro e, de forma particular, na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), destacando os municípios de São Paulo, Santo André, Itaquaquecetuba e Suzano; locais onde estão situadas as Igrejas Metodistas que fazem parte desta pesquisa.

Tendo em vista a complexidade do tema, bem como limitação deste estudo, apresentamos um panorama da Região Metropolitana de São Paulo com abordagens sócio-econômico, cultural e religiosa nas inter-relações com a população negra.

O eixo deste capítulo é a identificação sócio-cultural e religiosa da população negra na Região Metropolitana de São Paulo, o que servirá de parâmetro para a análise da identificação dos sujeitos metodistas pesquisados.

A Região Metropolitana de São Paulo é um pólo industrial, econômico e cultural de importância tanto no Brasil, como na América Latina, ao mesmo tempo que constitui um complexo urbano com altos índices de desigualdades e contradições:

Com seus mais de 16 milhões de habitante, indústrias e arranha-céus, escritórios *high-tech* e favelas, metrô sofisticados e altas taxas de mortalidade infantil, comunicações via satélite e baixos níveis de alfabetização, a metrópole de São Paulo tornou-se um dos melhores símbolos de uma sociedade de consumo industrial pobre, mas moderna, heterogênea e profundamente desigual (CALDEIRA, 2000: 48).

São Paulo expandiu-se em todas as direções para municípios circundantes, configurando o que é hoje a Região Metropolitana de São Paulo, formada pela capital e mais 38 municípios, numa área geográfica de 8.051 Km², com uma população de cerca de 20 milhões² de pessoas.

A presença negra na área urbana de São Paulo está associada aos padrões de segregação social que se desenvolveram em paralelo com o crescimento da metrópole e, também, como efeito do racismo institucionalizado, conforme será abordado neste capítulo.

1.2.1 Desenvolvimento Urbano e Segregação Social

² Perfil dos Municípios disponível: <http://www.seade.gov.br/produtos/perfil/perfil.php> ; acesso em 30/22/2008.

O desenvolvimento da Região Metropolitana de São Paulo ocorreu de forma acelerada e ao mesmo tempo caótica, com reflexos sobre a população pobre e negra que fica à margem, em contraste com o grau de progresso tecnológico e bem-estar da classe média e alta.

A segregação é uma forma de organização do espaço urbano, segundo padrões de diferenciação social e de separação. É um fenômeno sócio-cultural e histórico e diz respeito aos “princípios que estruturam a vida pública e indicam como os grupos sociais se inter-relacionam no espaço da cidade” (CALDEIRA, 2000:211). Estes padrões de segregação ocorrem tanto como consequência de ações do Estado, como de iniciativas da área privada, como da construção civil e empreendimentos imobiliários. Segundo a autora citada, São Paulo vem sofrendo modificações, nas últimas décadas, nestes padrões de segregação urbana, em função do aumento do crime violento e do medo gerado na população, o que têm levado à construção de condomínios residenciais e empresariais que agregam pessoas das classes mais altas.

Para Marques (2005), uma análise mais detalhada demonstra que a segregação social não se apresenta de forma homogênea e que a pobreza tem vários matizes, ou seja, internamente os grupos classificados tanto na faixa da pobreza quanto os das classes média e alta são heterogêneos. Ele destaca três processos de segregação social: Primeiro, “total apartação e isolamento”, com uso de barreiras físicas ou legais, como é o caso dos guetos e cidadelas. O autor rejeita o sentido de gueto para as formas de segregação social nas cidades brasileiras, uma vez que não há impedimentos legais à mobilidade de moradores de um local para outro. No entanto, assinala que têm crescido as cidadelas - “enclaves fortificados” - que representam uma auto-segregação dos ricos. Segundo, a desigualdade de acesso, o que estaria associado tanto às desigualdades de acesso às políticas públicas, como à melhores condições de vida. E o terceiro é a “separação, ou homogeneidade interna e heterogeneidade externa na distribuição dos grupos no espaço.” (MARQUES, 2005: 34). Para este autor, os processos de separação e desigualdade de acesso são indissolúveis e dinâmicos, os quais se constroem e reconstroem mutuamente.

Ele apresenta uma classificação dos grupos sociais presentes na metrópole paulistana em 2000, na qual os pretos e pardos e nordestinos estão predominantemente nos grupos designados como “muito pobre”; e sua presença começa a diminuir, a partir da classe “média-baixa pobre”; com maior redução, a partir da classe “média-alta”. (IBDEM: 68). O autor identifica que a segregação social na metrópole paulista está ligada aos sentidos de

desigualdade de acesso e à separação. A Tabela 1 aponta aspectos das desigualdades raciais na RMSP.

Tabela 1 – Desigualdades Raciais na Região Metropolitana de São Paulo – ³ (elaboração da autora)

REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO	BRANCOS	NEGROS	AMARELOS	INDÍGENAS
Composição racial	68%	32%	1,7%	0,2%
Taxa de analfabetismo	4%	7,7%	-	-
Taxa de analfabetismo funcional	13,0%	21,5%-		-
% População abaixo da linha de pobreza, segundo os grupos raça/cor, 2000	30,9%	52,9%	11,1%	48,5%
composição racial da população abaixo da linha de pobreza	54,3%	45,0%	0,5%	0,2%
Renda Per capita (rendimento mensal de todas as fontes/população total	610,49	263,97	-	-
% da população abaixo da linha de indigência, segundo grupos raça/cor,2000	5,5%	10,5%	2,6%	11,3%
composição racial da população abaixo da linha de indigência	51,1%	47,9%	0,6%	0,3%

Os dados acima apresentados apontam que a população negra encontra-se em desvantagem em relação à alfabetização, à renda mensal, e que a maioria negra está situada na faixa de pobreza e de indigência, demonstrando, assim, a situação de vulnerabilidade social e segregação racial. Isto, no entanto, não pode ser considerado apenas como contingências atuais, senão, também, resultado de antecedentes históricos que favoreceram a desigualdade racial, como a ausência de políticas públicas e econômicas voltadas para esta população pós libertação do regime escravagista. Contudo, era visão da elite política e econômica da época, que o negro era incapaz de viver e de trabalhar na sociedade industrial, conforme podemos avaliar pelo trecho do discurso de um parlamentar da época: “pelo estímulo dos vícios, o natural impulso para gozar a liberdade inteira, para a vagabundagem”, citado por Mendonça J. (2001.30). Assim, com esta mentalidade, a abolição serviu mais para os fins de exclusão da população ex-escrava do sistema produtivo e sua conseqüente segregação que se arrasta até os dias atuais.

³ Tabela baseada no texto: Nota de Estudos 06/2003 - *Desigualdades Raciais no Estado de São Paulo: um panorama através dos indicadores do Censo 2000* - de Marcelo Paixão.

A população negra, no período pós-abolição, permaneceu à margem do desenvolvimento, enquanto o estado de São Paulo desenvolvia campanhas de imigração europeia, como meio de instrumentalizar o trabalho nas indústrias e na lavoura. A idéia de incapacidade dos/as negros/as, forjada no período pós-abolição, final do século XIX, segundo o estudo de Domingues (2004), serviu para respaldar tal campanha. Esta idéia de incapacidade dos trabalhadores negros, portanto, repousa sobre um projeto de embranquecimento da mão de obra paulista, uma vez que os negros já trabalhavam na metalurgia, na indústria têxtil, na mineração aurífera e nas fábricas siderúrgicas durante o sistema escravagista; enquanto que muitos imigrantes que para cá vieram não tinham a experiência do trabalho operário, eram analfabetos e provenientes de regiões precárias da Europa. (DOMINGUES, 2004)

Os estudos de Caldeira (2000) mostram que o processo de segregação social está relacionado com a falta de políticas públicas adequadas às ondas de imigração ocorridas nos primórdios do século XX. Para termos uma idéia, dos 130 mil habitantes em 1895 – 71 mil estrangeiros – chegou-se a 239.820 em 1900⁴. Após a Primeira Guerra, houve uma concentração populacional na região central, onde se desenvolveram os bairros étnicos, próximos às fábricas, em vilas dos patrões ou em casas alugadas. Italianos e espanhóis se instalaram próximos às indústrias, nas regiões centrais como Sé, Brás, Mooca, Pari; os orientais, principalmente, japoneses, no Bairro da Liberdade; e os árabes no Bom Retiro. Jabaquara, Barra Funda e Ipiranga eram conhecidos como territórios negros. Os patrões - elite industrial -, por sua vez, se instalaram na região central em direção a Avenida Paulista, como proprietários de grandes mansões. Este foi o primeiro padrão de segregação social na capital.

A falta de infra-estrutura, como o sistema de transporte que era movido por bondes lentos e de abrangência restrita, dificultava aos trabalhadores se instalarem longe das fábricas. Somente a partir da construção das grandes vias centro-periferia e implantação de uma rede de ônibus, na época de 40, a expansão para bairros mais distantes foi possível.

Nas décadas de 40 e 70, como resultado da forte ênfase dada ao desenvolvimento econômico, houve um crescimento da especulação imobiliária nos bairros centrais, com a construção dos grandes “arranha-céus”. Isto provocou nova onda de imigração, agora interna, com a chegada em São Paulo de grande contingente de nordestinos e imigrantes de outros estados, os quais acabaram formando novos bairros e municípios periféricos. O fluxo periferia-centro se intensificou, em função de vínculos de trabalho, possibilidades de moradia, de estudos, de lazer, etc. A periferia acolheu a população pobre, procedente tanto dos

⁴ Perfil dos Municípios disponível: <http://www.seade.gov.br/produtos/perfil/perfil.php> ; acesso em 30/22/2008.

constantes deslocamentos da população pobre do centro da capital, em função dos altos custos com moradia, como também em decorrência da chegada de imigrantes de outros estados, em geral trabalhadores da construção civil, empregadas domésticas, etc.

Assim, configurou-se uma segregação territorial dos pobres na periferia, associada a um crescimento caótico, principalmente nas zonas leste e norte, enquanto que da região central em direção ao sul e oeste, os bairros, ocupados quase que exclusivamente pelas classes média e alta, foram urbanizados, regidos por leis de zoneamento e de construção de prédios, de forma a garantir uma melhor qualidade de vida aos moradores.

Fica evidente que as políticas de urbanização eram destinadas à população da classe média e alta predominante na região central, enquanto que a periferia, ocupada por pobres e particularmente famílias negras, ficou exposta ao crescimento sem leis e sem proteção; enfim, ao caos. Desta forma, instituiu-se um padrão de segregação social do tipo centro-periferia juntamente com a expansão que configurou a Região Metropolitana de São Paulo.

A expansão da área urbanizada da região metropolitana de São Paulo resultou basicamente do deslocamento dos trabalhadores em direção à periferia e da instalação de indústrias em algumas dessas regiões [...] maior expansão ocorreu durante os anos 50. Dos anos 40 até os anos 80, o processo de expansão periférica afetou não só a cidade de São Paulo, mas também os 38 municípios circundantes que formaram uma conurbação para constituir sua região metropolitana. Vários desses municípios apresentam a mesma precariedade urbana e as mesmas altas taxas de crescimento populacional dos distritos da periferia da capital e funcionam como sua extensão. Alguns desses municípios também acomodaram muitas das novas indústrias instaladas na região nas décadas de 50 e 60. A principal área de desenvolvimento industrial foi a sudeste da cidade - o ABCD (CALDEIRA, 2000:221-223).

As reivindicações de melhorias públicas pelos movimentos populares dos bairros e municípios periféricos tradicionais provocaram uma valorização destes espaços que, por sua vez, a partir de 1980, passaram a ser alvos de especulação imobiliária, acarretando a chegada da classe média e alta. Com isto, ocorreu nova onda de deslocamentos das famílias pobres e das famílias negras para locais mais distantes; é o caso da Cidade Tiradentes, exemplo de reduto negro que chegou a ser conhecido como "caixote de exclusão", em uma referência ao formato de suas edificações. A fala de um morador expressa esta segregação racial em que vivem: "Sem querer, acabaram unindo várias populações negras de São Paulo. Cidade Tiradentes é a memória do negro. A partir da consciência desse fato, criamos uma identidade cultural criativa"⁵. No entanto, os constantes deslocamentos de determinadas populações, de

⁵ *Cidade Tiradentes é a memória negra* - Folha de São Paulo – Cotidiano: 20/09/2003; disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u82533.shtml> ; acesso em 27/11/2007.

determinadas áreas respondem aos mecanismos de mercado imobiliário, que contam com o respaldo de mecanismos institucionais (taxação, investimentos públicos, remoção de favelas, etc.) e práticas efetivas de discriminação, por parte de agentes imobiliários. (TORRES, 2004)

Na década de 90, “a pobreza adquiriu proporções alarmantes” e “os efeitos da crise foram especialmente duros para os pobres e agravaram a já desigual distribuição da renda” (CALDEIRA, 2000:51). Desde então, vem se acentuando uma nova tendência de segregação social na Região Metropolitana de São Paulo, justificada por seus adeptos como estratégia de proteção contra a violência urbana. Agora são novas formas arquitetônicas que impõem a separação, a exclusão e estratégias de distanciamento material e simbólico entre pobres e ricos; e estas formas são denominadas pela autora acima citada de “enclaves fortificados”: conjuntos residenciais, comerciais ou empresariais, cercados por muros e barreiras físicas e simbólicas, com segurança privada que vêm modificando o espaço urbano.

[...] os conjuntos de escritórios, *shopping centers* e, cada vez mais, outros espaços têm sido adaptados para se conformarem a esse modelo, como escolas, hospitais, centros de lazer e parques temáticos [...] São propriedade privada para uso coletivo e enfatizam o valor do que é privado e restrito, ao mesmo tempo em que desvalorizam o que é público e aberto na cidade. São fisicamente demarcados e isolados por muros, grades, espaços vazios e detalhes arquitetônicos. São voltados para o interior e não em direção à rua, cuja vida pública rejeitam explicitamente. São controlados por guardas armados e sistemas de segurança, que impõem regras de inclusão e exclusão (CALDEIRA, 2000:258).

Hoje, a pobreza e riqueza convivem lado a lado, sendo visível a presença de luxuosos condomínios residenciais ou empresariais em zona rural e em bairros periféricos; assim como na região central e bairros nobres, ao lado de sub-habitações, como favelas, cortiços ou mesmo junto aos moradores sem-teto. Contudo, não faltam barreiras físicas e simbólicas que incluam e excluam as pessoas dentro destes ambientes fortemente vigiados, segundo seus critérios de diferenças. Os pobres, cuja maioria é negra, são excluídos destes espaços que se tornam exclusividade das classes média e alta, de maioria branca.

1.2.2 Negros/as e Periferia Urbana

São Paulo é o estado brasileiro com maior presença negra, segundo os dados do Censo 2000, contando com 12.493.790 pessoas negras, sendo a maioria na Região Metropolitana de

São Paulo, que contava com 32,1% de afro-descendentes – pretos e pardos - de um total de 17.879.997 habitantes⁶.

[...] mais de 3 milhões de afro-descendentes de ambos os sexos. Este dado é interessante, entre outros motivos, pois, em geral, costuma-se dizer que a cidade de São Paulo abriga pessoas de várias origens étnicas, todavia, olvidando que os negros igualmente encontram-se bastante concentrados neste lugar (PAIXÃO, 2003).

O município de São Paulo é o que abriga maior número de pessoas negras. Outros municípios da Rede Metropolitana também estão entre os municípios brasileiros mais negros, como mostra a Tabela 2.

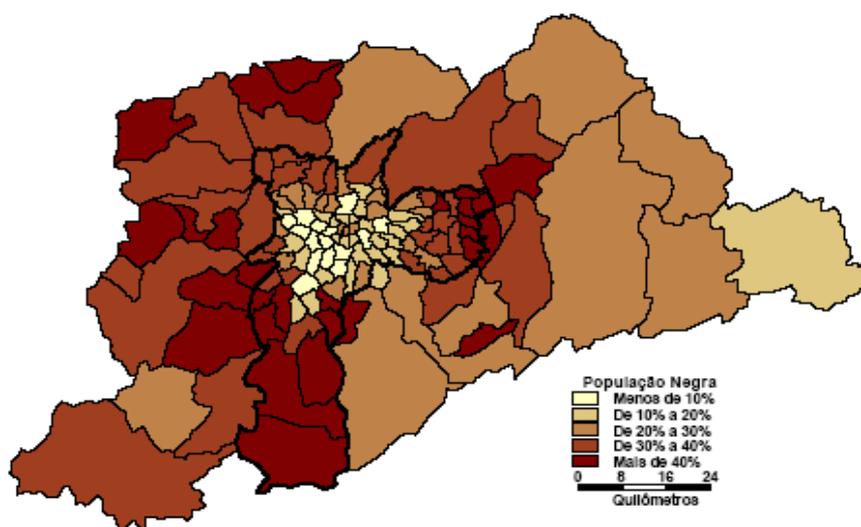
Tabela 2 - Municípios mais negros da Grande São Paulo - Fonte: Microdados da Amostra de 10% do Censo Demográfico de 2000. (Programação: Carvano L.M.). Elaboração da autora.

CLASSIFICAÇÃO RANKING NACIONAL	NO	POPULAÇÃO NEGRA		
		HOMENS	MULHERES	TOTAL
1 - SÃO PAULO		1.552.557	1.580.758	3.133.315
34 - OSASCO		105.797	102.635	208.432
36 - SÃO BERNARDO DO CAMPO		99.18	96.398	195.578
55 - DIADEMA		74.32	71.58	145.9
57 - CARAPICUIBA		70.679	68.576	139.255
64 - SANTO ANDRÉ		66.587	65.346	131.933
65 - ITAQUAQUECETUBA		67.883	63.383	131.266
71 - MAUÁ		62.177	60.044	122.221
92 - MOGIDAS CRUZES		50.085	46.743	96.829
93 - EMBU		49.009	47.69	47.69

A população negra aparece distribuída em toda a RMSP; contudo, está mais concentrada na periferia e nos municípios vizinhos da capital, em todas as direções, configurando o padrão de segregação social centro - periferia. Observamos no mapa a seguir (PAIXÃO, 2003) que na região central da cidade de São Paulo há menor densidade da população negra.

⁶ A maior população negra: disponível em <http://www.seade.gov.br/produtos/idr/download/população.pdf> acesso em: 15/12/07

Proporção de População Negra (1) na População Total
Municípios da Região Metropolitana de São Paulo e Distritos da Capital
2000



Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2000; Fundação SEADE.
(1) Inclui a população parda e preta.

Mapa 1 - Região Metropolitana de São Paulo, proporção de população negra na população total.
Fonte: Microdados da Amostra de 10% do Censo Demográfico de 2000. Programação: Luiz Marcelo Carvano.

Esta concentração da população negra reflete uma dinâmica que ocorre desde começo do século XX, com o constante deslocar para áreas periféricas. Muitas famílias negras ocupavam bairros centrais, como Barra Funda, Bela Vista e Ipiranga, em espaços justapostos aos da população não-negra e de maior renda⁷. No entanto, foram obrigadas a se transferirem, por questões econômicas ou urbanas, para novos bairros periféricos que surgiram neste período, como Casa Verde, Limão, Vila Prudente, Vila Formosa.

Assim, a segregação social confunde-se com a segregação racial, pois os pobres, em sua maioria negros/as, são deslocados para a periferia, enquanto que os bairros nobres, criados para população de classe média e alta, com melhores recursos e equipamentos sociais, abrigam uma população quase que exclusivamente branca.

A distribuição dos habitantes no território urbano mostra que, nas áreas mais ricas e com maior disponibilidade de serviços públicos, há grande predomínio de não-negros. Nessa "ilha branca", os que se autocalificaram de pretos ou pardos no censo não chegam a 20% da população. Nos distritos mais ricos, nem a 10%.

⁷ *Cidade Tiradentes é a memória negra* - Folha de São Paulo – Cotidiano: 20/09/2003; disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u82533.shtml> ; acesso em 27/11/2007.

Nas regiões em que a população negra ultrapassa os 40%, a alta privação social, entendida como forte incidência de famílias de baixa renda e escolaridade e grande presença de jovens, alcança até 85% dos habitantes, como no distrito de Marsilac, na zona sul. Nos territórios de grande maioria branca, a alta privação é inexistente ou pequena.⁸

Estes dados evidenciam a vulnerabilidade social a que está exposta à maioria negra, apesar da heterogeneidade das classes mais pobres na RMSP. Segundo Moser, a idéia de vulnerabilidade social corresponde a uma situação que comporta três elementos: “exposição ao risco; incapacidade de reação e dificuldade de adaptação diante da materialização do risco”. (MOSER apud ALVES, 2006:45). Este conceito ajuda a compreender o fenômeno da pobreza, o qual está relacionado à insegurança das condições de vida, gerada pelos riscos e incidentes sócio-econômicos e do potencial de enfrentamento dessas situações pelos grupos por elas afetados. Neste sentido, a maioria negra se encontra em situação de maior vulnerabilidade social, predominando nos espaços da fronteira urbana⁹, onde estão os mais pobres e analfabetos, ou seja, é o espaço da metrópole paulista com maior concentração (44%) de pessoas de cor preta ou parda (MARQUES E TORRES, 2005:114).

Tabela 3 - Distribuição dos Domicílios Urbanos, por Raça/Cor e Sexo do Responsável pelo Domicílio, segundo Condição de Moradia, na Região Metropolitana de São Paulo - 2004 - (figura adaptada pela autora)

Condição de Moradia - Região Metropolitana de São Paulo	Total	Branco			Negro		
		Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0
Adequadas	66.8	73.8	72.6	76.6	52.1	51.8	52.9
Não Adequadas	33.2	26.2	27.4	23.4	47.9	48.2	47.1

Fonte: Seade¹⁰

⁸ “Ilha branca” revela a exclusão de negros em São Paulo; Folha de São Paulo - Cotidiano, de 20/09/2003. disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u82527.shtml> ; acesso em 29/11/2008

⁹ Segundo MARQUES E TORRES, 2005:105 “A categoria fronteira urbana refere-se a um tipo particular de periferia, com altíssima taxa de crescimento demográfico e precariedade no acesso a serviços públicos, particularmente saneamento”.

¹⁰ “A proporção de moradias adequadas foi calculada subtraindo-se do total de domicílios particulares permanentes urbanos os domicílios que apresentavam pelo menos um dos seguintes tipos de inadequação habitacional: ausência de água de rede geral, canalizada para o domicílio ou para a propriedade; ausência de esgoto sanitário por rede geral ou fossa séptica; área insuficiente para morar, medida pelo adensamento excessivo, isto é, domicílios com três pessoas ou mais por cômodo servindo como dormitório; qualidade estrutural inadequada, devido ao uso de materiais não duráveis nas paredes e teto, ou à não conformidade com os padrões construtivos e urbanísticos (aglomerados subnormais); e insegurança da posse, como no caso dos domicílios edificados em terrenos de propriedade de terceiros e outras condições de moradia, como invasões; brancos: incluem os amarelos, os indígenas e aqueles sem declaração de raça/cor; negros: incluem pretos e os pardos”. Acessível em: http://www.seade.gov.br/produtos/idr/menu_tema_4.php?opt=s&tema=h&subtema=1; disponível em 29/11/07.

A população negra pertencente à Região Metropolitana de São Paulo ocupa, entre os grupos periféricos, as situações mais acentuadas da desigualdade social, sendo minoria aqueles que conseguiram ascender posição acima da faixa de pobreza.

1.2.3 A Capital São Paulo e os Municípios: Santo André, Itaquaquecetuba e Suzano

a) A Capital São Paulo

Esta complexa e conturbada cidade nasceu do povoado, fundado em 1554, em torno do Colégio dos Jesuítas. A população nos primeiros séculos era formada basicamente por portugueses, agricultores e bandeirantes - que expandiram o território à custa da “caça” aos índios – e dos trabalhadores escravizados. Até 1681 São Paulo ocupou posição secundária na região, quando, então, se tornou cidade e cabeça da Capitania de São Paulo. Somente no início do século XIX firmou-se como capital, transformando-se num centro cafeeiro e pólo industrial e cultural.

A diversidade e riqueza cultural da metrópole paulista são perceptíveis na arquitetura dos bairros e das edificações antigas, onde predominam a estética europeia, juntamente com a variedade de sonoridades, religiões, artes e gastronomia que expressam as diferenças regionais brasileiras, como os diferentes grupos étnicos nacionais. Também, são visíveis as expressões da cultura indígena e afro-brasileira. São Paulo é centro cultural, com expressões eruditas e populares, de predominância europeia e da elite paulista. Possui 120 teatros, 71 museus e 39 centros culturais, sendo palco de vários movimentos artísticos e estéticos ocorridos no século XX.

Na década de 1980, em decorrência da recessão, com inflação alta associada a um fraco desempenho econômico e empobrecimento da população, São Paulo sofreu um desaquecimento industrial, transformando-se num grande centro empresarial de serviços e comércio.

Os efeitos da crise econômica foram especialmente fortes na cidade de São Paulo e na maioria das áreas industrializadas da região metropolitana, exatamente aquelas que tinham passado por um *boom* durante o padrão de desenvolvimento anterior. O centro industrial do país fechou indústrias e começou a reestruturar sua economia durante os anos 80 e 90 [...] (CALDEIRA, 2000: 51)

A população da cidade de São Paulo está estimada em torno de 10.789.058 habitantes, ocupando um território de 1.508 km². Os dados abaixo mostram as condições de vida da média da população paulista, segundo os dados do Censo de 2000:

Uma análise das condições de vida de seus habitantes mostra que os responsáveis pelos domicílios auferiam, em média, R\$ 1.325,00, sendo que 40,1% ganhavam no máximo três salários mínimos. Esses responsáveis tinham, em média, 7,7 anos de estudo, 51,2% deles completaram o ensino fundamental e 5,9% eram analfabetos. Em relação aos indicadores demográficos, a idade média dos chefes de domicílios era de 45 anos, e aqueles com menos de 30 anos representavam 14,8% do total. As mulheres responsáveis pelo domicílio correspondiam a 29,1%, e a parcela de crianças com menos de cinco anos equivalia a 8,4% do total da população¹¹.

A Tabela 4 apresenta alguns dados populacionais do município de São Paulo, de Santo André, Itaquaquecetuba e Suzano.

Tabela 4 - Comparação de Índices de Condições de Vida da população da RMSP, Estado S.P. e municípios de Itaquaquecetuba, Suzano, Santo André e São Paulo. (elaboração da autora)

TERRITÓRIO POPULAÇÃO	ANO	SÃO PAULO	SANTO ANDRÉ	SUZANO	ITAQUAQUECETUBA	RMSP	ESTADO SP
Área (em km ²)	2005	1509	181	195	83	8.051	248,6
População	2006	10.789.058	672.889	278.911	353.719	19.355.815	40.484.029
Densidade Demográfica (hab/km ²)	2005	7.119,99	3.696,55	1.387,52	4.107,00	2.376,16	160,70
Taxa geométrica de crescimento anual da população -2000/2005 (em % a.a.)	2006	0,57	0,60	3,42	4,50	1,36	1,52
Grau de Urbanização (Em %)	2006	92,23	100,00	97,33	100,00	94,97	93,70
Índice de Envelhecimento (Em %)	2006	42,98	54,42	23,12	14,95	35,63	40,51
População com menos de 15 anos (Em %)	2006	24,23	21,78	27,87	29,28	25,19	24,20
População com mais de 60 anos (Em %)	2006	10,41	11,85	6,44	4,38	8,97	9,80
% de negros	2000	30,3	20,3	36	40	32,1	30,9

Fonte: Seade¹²

Dentre os municípios pesquisados, São Paulo era, em 2006, o mais populoso, seguido de Santo André, com uma população mais velha, apesar de apresentarem uma taxa de crescimento menor que as de Itaquaquecetuba e Suzano. Estes dois últimos, ao contrário,

¹¹ Disponível em www.seade.gov.br/produtos/ipvs/analises/saopaulo.pdf: acesso em 30/11/2007

¹² Esta tabela foi elaborada a partir de: dados disponíveis nos sites:

<http://www.seade.gov.br/produtos/iprs/analises> : acesso em 30/11/07; os dados sobre % de negros, referentes ao Estado de São Paulo, Capital; RMSP do texto *A maior população negra do País*, do site:

<http://www.seade.gov.br/produtos/idr/download/populacao.pdf> ; e dos demais municípios foram retirados dos sites <http://www.seade.gov.br/produtos/ipvs/analises/suzano.pdf>;

<http://www.seade.gov.br/produtos/ipvs/analises/itaquaquecetuba.pdf> - consulta em 30/11/2007.

apresentam uma taxa de crescimento maior e uma população mais jovem. Todos os municípios, entretanto, apresentam uma concentração significativa de população negra, sendo que Santo André tem menor porcentagem e Itaquaquecetuba a maior, segundo dados do Censo 2000.

b) O Município de Santo André

A Vila de Santo André foi criada em 8 de abril de 1553, um ano antes do povoado de São Paulo, porém somente obteve maior destaque no final do século XIX com a chegada dos imigrantes italianos e alemães, que passaram a produzir nas fazendas São Caetano e São Bernardo. A construção da Estrada de Ferro, inaugurada em 1867, facilitou a distribuição das mercadorias ali produzidas. A região foi, posteriormente, desmembrada nos quatro municípios que constituem atualmente a micro região ABCD, sendo um deles o município de Santo André, importante centro industrial, comercial e de serviços. A cidade, juntamente com os demais municípios que compõem a região ABCD, tem sido um ícone histórico dos movimentos operários e sindicais. A primeira greve de trabalhadores, em 1902, que culminou com a morte de um líder sindical, aconteceu nesta região, bem como outros movimentos sociais e sindicais do século passado (BAIERL, 2004).

Segundo os critérios de pesquisa da Fundação Sistema Estadual de Análises de Dados - Seade¹³ - Santo André apresenta um nível elevado de riqueza, com bons níveis nos indicadores sociais, como longevidade e escolaridade. Sua população está estimada em 672.889 habitantes distribuída num território de 181 km². Possui boa infra-estrutura urbana e de serviços de saúde e educação. O Município conta com várias instituições de ensino superior, inclusive uma Universidade Federal, criada há dois anos, a Universidade Federal ABC – UFABC¹⁴. Mesmo os setores urbanos mais precários de Santo André apresentam condições de vida melhores que as de outros municípios da RMSP. (MARQUES E TORRES, 2005).

Uma análise das condições de vida de seus habitantes mostra que os responsáveis pelos domicílios auferiam, em média, R\$ 1.091,00, sendo que 36,8% ganhavam no máximo três salários mínimos. Esses responsáveis tinham, em média, 7,4 anos de estudo, 50,0% deles completaram o ensino fundamental, e 5,2% eram analfabetos. Em relação aos indicadores demográficos, a idade média dos chefes de domicílios

¹³ Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/perfil/notas.php>; acesso em 30/11/2007.

¹⁴ Disponível em: <http://www.ufabc.edu.br/> acesso em 30/11/2007

era de 47 anos e aqueles com menos de 30 anos representavam 12,1% do total. As mulheres responsáveis pelo domicílio correspondiam a 23,8% e a parcela de crianças com menos de cinco anos equivalia a 7,3% do total da população¹⁵.

A população negra declarada no censo 2000 era de 131.933 pessoas - 20,3% do total da população¹⁶. Por aí notamos que a população santandreense é predominantemente branca, com índices que variam de 81,77% a 91,1%.¹⁷. Mesmo nos bairros mais negros predomina a população branca.

Tabela 5 – Redes com maior concentração de população Negra – Santo André – 2000

REDE	Branca	Negra	Outras	Não declarado	POP. REDE
40- Bairro Cata Preta, Jd. Irene e Sítio dos Vianas	51,3%	48,1%	0,5%	0,2%	19.878
42- Jd. Santo André	54,0%	44,2%	0,9%	0,9%	14.909
38- Jd. Santo André	56,4%	41,1%	0,3%	2,2%	14.909
13- Jd. Alzira Franco e Jd. Rina	64,2%	35,1%	0,3%	0,4%	9.045
43-Pq. Andrense e Região de Paranapiacaba	68,2%	30,8%	0,6%	0,4%	21.957
32- Condomínio Maracanã e Vila Guaraciaba	69,4%	30,0%	0,3%	0,3%	17.479
12- Pq. João Ramalho	70,3%	28,8%	0,7%	0,2%	15.616
41-Jd. Vila Rica, Pq. Pedroso e Vila João Ramalho	69,8%	28,6%	0,8%	0,9%	17.456
36- Jd. Santa Cristina e Jd. Telles de Menezes	70,9%	28,0%	0,5%	0,6%	15.424

Elaboração: Coordenadoria de Indicadores Socioeconômicos - CIS / SOPP / PMSA
Fonte: Microdados da Amostra - Censo 2000 / IBGE

Segundo esta tabela, mesmo nos bairros de maior concentração negra esta não representa metade da população, na maioria dos bairros periféricos.

Com respeito às trabalhadoras negras 18% declararam exercer trabalho doméstico sem carteira assinada, enquanto que do total de trabalhadoras brancas, a porcentagem cai para 7%. Das mulheres negras do município que chefiam domicílios, 40% recebem em média um salário mínimo (R\$ 380,00) por mês¹⁸.

c) O Município de Itaquaquecetuba

O município de Itaquaquecetuba, assim como o de Suzano, integra a região do Alto Tietê, composta por 11 municípios que margeiam o rio Tietê, desde sua nascente, no

¹⁵ Disponível em: www.seade.gov.br/produtos/ipvs/analises/santoandre.pdf; consulta em 01/12/2007.

¹⁶ Atlas da Etnia Negra do Município de Santo André – nov. 2003; Prefeitura Municipal de Santo André, disponível em www.santoandre.sp.gov.br.

¹⁷ 44% de negros de Santo André estão em cinco bairros - reportagem de Isis Mastromano Correia - Diário do Grande ABC; jornal Diário On-line – Setecidades, de 29/11/2007 - disponível em <http://setecidades.dgabc.com.br/materia.asp?materia=6189591>, acesso em 01/11/2007;

S. André lança publicação sobre igualdade racial – da Redação - Repórter Diário, de 27/11/2007; disponível em <http://www.reporterdiario.com.br/index.php?id=465631> acesso em 01/12/07.

¹⁸ Disponível em: <http://www.reporterdiario.com.br/index.php?id=46563>; consulta em 27/11/07.

município de Salesópolis. Trata-se de uma área de Proteção Ambiental, chamada Várzea do Tietê. É uma região de produção industrial e agrícola, conhecida como “cinturão verde”, responsável pelo abastecimento de verduras na Grande São Paulo.

O município tem uma população estimada em 353.719 habitantes, num território de 83 Km² ¹⁹. O nome tem origem indígena e significa “lugar abundante de taquaras cortantes como facas”. Itaquaquecetuba foi uma das 12 aldeias fundadas por José de Anchieta e tornou-se, em 1560, a Vila Nossa Senhora D’Ajuda. A data oficial de fundação da cidade é 8 de setembro de 1624. A partir de 1970 começou o processo de urbanização com a implantação de indústrias e comércio no município.

Segundo os dados do Censo de 2002, o município apresentou um indicador de riqueza abaixo do apresentado pelo Estado, com 83% da população residente em níveis de vulnerabilidade média, alta e muito alta. Itaquaquecetuba, segundo dados do censo 2000, encontrava-se entre os municípios com maior população pobre e negra, com 97.558 pessoas abaixo da linha de pobreza e 20.589 abaixo da linha de indigência (Paixão²⁰) e com uma parcela significativa de jovens sem acesso à educação:

Uma análise das condições de vida de seus habitantes mostra que os responsáveis pelos domicílios auferiam, em média, R\$ 466, sendo que 64,5% ganhavam no máximo três salários mínimos. Esses responsáveis tinham, em média, 5,2 anos de estudo, 27,5% deles completaram o ensino fundamental, e 11,4% eram analfabetos. Em relação aos indicadores demográficos, a idade média dos chefes de domicílios era de 41 anos e aqueles com menos de 30 anos representavam 20,9% do total. As mulheres responsáveis pelo domicílio correspondiam a 20,6% e a parcela de crianças com menos de cinco anos equivalia a 11,8% do total da população²¹

O percentual de pessoas negras em torno de 40% se explica pelo fato de ser um município periférico de São Paulo que apresentou um rápido crescimento a partir da década de 70, do século passado, decorrente da intensa imigração da população rural e nordestina para São Paulo, e dos deslocamentos da população pobre do centro para a periferia.

d) O município de Suzano

Suzano tem uma população estimada em 270.000 habitantes, distribuídos num território de 195 Km². A origem do município remonta ao final do século XVIII, época da passagem das missões de desbravamento em direção a Minas Gerais. Mas, somente no final

¹⁹ Disponível em <http://www.seade.gov.br/produtos> ; acesso em: 30/11/07.

²⁰ Disponível em: http://www.laaser.ie.ufrj.br/pdf/nota_06.pdf;

²¹ <http://www.seade.gov.br/produtos/ipvs/analises/itaquaquecetuba.pdf> - consulta em 30/11/2007

do século XIX, com a chegada da Estrada de Ferro, formou-se o povoado que recebeu o nome de Vila Concórdia, o qual passou em 1919 a ser distrito de Mogi das Cruzes e ganhou autonomia, tornando-se município em dois de abril de 1949.

Tendo como referência os dados do censo 2000, as condições de vida de seus habitantes apresentam o seguinte quadro:

Uma análise das condições de vida de seus habitantes mostra que os responsáveis pelos domicílios auferiam, em média, R\$ 680,00, sendo que 54,3% ganhavam no máximo três salários mínimos. Esses responsáveis tinham, em média, 6,0 anos de estudo, 36,5% deles completaram o ensino fundamental, e 9,8% eram analfabetos. Em relação aos indicadores demográficos, a idade média dos chefes de domicílios era de 43 anos e aqueles com menos de 30 anos representavam 17,7% do total. As mulheres responsáveis pelo domicílio correspondiam a 20,5% e a parcela de crianças com menos de cinco anos equivalia a 10,5% do total da população²².

Atualmente, Suzano conta com várias empresas de grande porte e um alto índice de riqueza, em contraposição aos baixos índices dos indicadores sociais, como longevidade e escolaridade, apesar do maior investimento do governo atual em políticas públicas.

O percentual de pessoas negras no município está em torno 36%, o que está relacionado, também, à presença de escravos nas lavouras de algodão e de café, e ao êxodo rural, ocorrido nos anos 70, do século passado; sendo este um município periférico, na região metropolitana, o custo moradia era menor²³.

1.3 PERSPECTIVAS DA EXCLUSÃO DO/A NEGRO/A NA SOCIEDADE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

1.3.1 Exclusão Sócio-Econômica

A idéia universalista de igualdade de oportunidades, apesar de tão propagada na sociedade, não se aplica à população negra, uma vez que em sua maioria continua ocupando os patamares sócio-econômicos mais baixos e somente uma minoria negra consegue ascender, lutando contra todas as adversidades. E, neste caso, ascensão nem sempre significa uma inclusão nos grupos sociais de camadas mais altas, sendo comum relatos de pessoas negras sobre constrangimentos sofridos, quando ocupam outros espaços fora da pobreza. Por exemplo, ser identificado como motorista e não como proprietário de carro; como empregada

²² Disponível em <http://www.seade.gov.br/produtos/ipvs/analises/suzano.pdf> ; acesso em 30/11/2007.

²³ Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/iprs/analises/suzano.pdf>; consulta: 30/11/2007.

doméstica e não como empregadora; como subordinado/a e não como supervisor/a ou gerente, ou empresário/a, etc. De fato, a ocupação de posições fora dos estratos sócio-econômicos mais baixos, por pessoas negras, parece subverter a ordem “natural”, provocando não só um estranhamento inicial, mas reiteradas atitudes preconceituosas e discriminatórias. Portanto, a constituição da identidade negra tem sido marcada não só pelas posições socialmente ocupadas, mas também pelo olhar dos outros sobre esta pessoa, uma vez que o conjunto de características bio-psico-sociais dos indivíduos é formado pela interlocução com os grupos de pertencimento e com a sociedade em geral.

A desigualdade social brasileira é racializada, estando a maioria negra nos estratos mais baixos, na pobreza e miséria; enquanto que nos estratos mais altos, de maior riqueza, é quase nula a presença de representantes desta população.

Tendo-se em consideração que o lugar social ocupado pelos grupos influencia na constituição das identidades individuais e coletivas, alguns pontos se distinguem, quando tratamos da população negra, tanto pelo fato de haver uma maioria segregada no estrato social mais baixo, como pela maior dificuldade de mobilidade sócio-econômica. Segundo Censo 2000²⁴, a população negra constituía mais de 40% do total da população brasileira, incluindo os que se declararam pretos/as ou pardos/as, dos quais a maioria vive em condições de vida inadequadas, na periferia das cidades ou em habitações em favelas e cortiços.

O índice de Desenvolvimento Humano – IDH - criado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD – é um instrumento de medida do desenvolvimento humano, baseado em indicadores de renda, saúde e educação das populações. O Brasil, em 2005, apresentou um avanço no IDH, atingindo o índice de 0,800 (desenvolvimento alto), ocupando a 70ª posição no ranking de 177 países; o IDH da população branca brasileira também apresentou um desenvolvimento alto, acima do índice brasileiro, com IDH de 0,847, ocupando a 47ª posição. Enquanto que a população negra apresentou IDH DE 0,746 – desenvolvimento médio – ocupando a 92ª posição. Estes dados demonstram o quanto a população negra se encontra em desvantagem em relação à população branca²⁵.

Segundo Henriques (2001), as políticas públicas não podem atacar a questão da pobreza sem desnaturalizar a desigualdade racial, pois os negros constituem o grupo que se defronta com maior dificuldade em relação à ascensão social e econômica.

²⁴ IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística),

²⁵Disponível em: http://www.pnud.org.br/arquivos/release_idh.pdf; consulta 02/2007; <http://historiaemprojetos.blogspot.com/2007/12/idh-no-brasil-aumenta-mas-o-de-negros.html>;

Os negros, em 1999, representavam 45% da população brasileira, mas correspondem a 64% da população pobre e 69% da população indigente. Os brancos, por sua vez, são 54% da população total, mas somente 36% dos pobres e 31% dos indigentes. Ocorre que, dos 53 milhões de brasileiros pobres, 19 milhões são brancos, 30,1 milhões pardos e 3,6 milhões, pretos. Entre os 22 milhões de indigentes temos 6,8 milhões brancos, 13,6 milhões pardos e 1,5 milhão, pretos. (HENRIQUES, 2001)

Uma das variáveis apontadas na manutenção deste quadro é a exclusão educacional sofrida pela maioria da população negra. Estudo do Instituto de Pesquisa de Econômica Aplicada – IPEA - sobre a evolução educacional dos grupos negros e não-negros, na década de 1992-2001, demonstra uma defasagem de mais de dois anos do grupo negros em relação ao grupo de não-negros, conforme mostra o Gráfico 1:

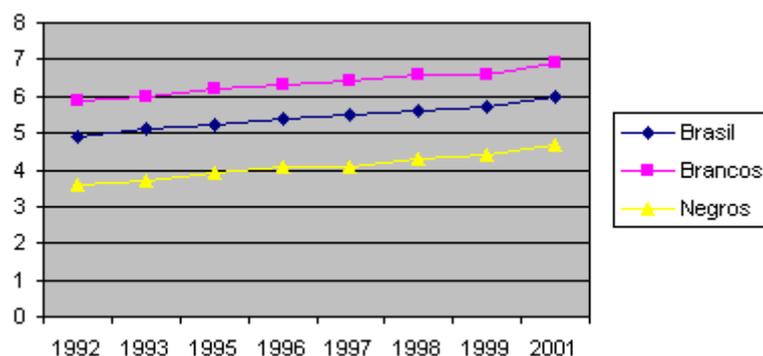


Gráfico 1 - Desigualdade Racial: Indicadores Sócio-econômicos 2003
Fonte: IPEA

Os indicadores de educação, no Censo de 2000, mostram que a população negra atinge taxas maiores de analfabetismo entre as pessoas de 15 anos ou mais:

[...] enquanto na população de cor branca era de 8,3%, na que se declarou de cor preta, atingiu 21,5%. A população indígena tinha a maior taxa de analfabetismo (26,1%) e a de cor amarela (asiáticos e descendentes), a menor (4,9%). Entre a população parda, a taxa era de 18,2% e para o total do País, 12,9% ²⁶.

Mesmo com a ampliação das possibilidades de acesso à escola, as crianças negras entre 10 e 14 anos apresentam taxas de analfabetismo duas vezes mais elevadas - pretas 9,9% e pardas 8,5% - em relação às crianças brancas (3%), sendo que os meninos apresentam taxas maiores de analfabetismo do que as meninas (12,4% e 7,1%) ²⁷.

²⁶ Censo demográfico 2000 - Última etapa de divulgação do Censo 2000 traz os resultados definitivos, com informações sobre os 5.507 municípios brasileiros – disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/20122002censo.shtm>; acesso em 15/12/07.

²⁷ Censo demográfico 2000 - Última etapa de divulgação do Censo 2000 traz os resultados definitivos, com informações sobre os 5.507 municípios brasileiros: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/20122002censo.shtm>; consulta em: 15/12/07.

Em relação ao campo de trabalho, estudos apresentados por órgãos como o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos²⁸ –DIEESE -, baseado em dados de 1998, aponta alto índice de desemprego entre o grupo negro, com uma taxa em torno de 40% superior em relação ao grupo não-negro, o que é confirmado pelas pesquisas do SEADE:

As diferenças entre negros e não-negros são mais visíveis no mercado de trabalho, quando se detalham suas respectivas condições de atividade. A presença dos primeiros entre os ocupados é menor do que sua participação na População em Idade Ativa e na População Economicamente Ativa e, entre os desempregados, é sensivelmente maior a proporção de negros. Ou seja, no período em pauta, a chance de um negro ser desempregado foi maior que a de um não-negro, pois a taxa de desemprego total observada entre os negros foi de 18,1%, em relação a 13,2% entre os não-negros²⁹.

A relação entre educação e emprego apresenta pontos controversos, como o estudo apresentado pelo DIEESE (nov. 2007), o qual demonstrou que na RMSP a porcentagem de pessoas negras entre a População Economicamente Ativa – PEA - varia conforme o nível educacional. Assim é menor a porcentagem (39,7%) de indivíduos negros com maior nível educacional - de médio a superior – e maior (60,3%) de indivíduos negros com formação educacional mais baixa – até o ensino médio.

Porcentagem da PEA na Região Metropolitana de São Paulo - agosto/2006-julho/2007

Com até o ensino médio incompleto

Do ensino médio completo ao superior completo



Gráfico 2 - de Desigualdade Racial: Indicadores Sócio-econômicos 2003

Fonte: IPEA

²⁸ Mapa da população negra no mercado de trabalho - Resenha realizada pelo DIEESE; disponível em: www.dieese.org.br/negro.xml; acesso em 27/12/07.

²⁹ Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de São Paulo 2007: *O Mercado de Trabalho sob a óptica da raça/cor*; disponível em http://www.seade.gov.br/master.php?opt=abr_not¬a=1020, acesso em 29/11/2007.

A tabela abaixo mostra maior concentração de pessoas negras nas funções de execução – 59,3%; e uma redução nas funções de apoio - 20,9%, igualando à participação dos não-negros. Em funções mal definidas – 15,2%; e praticamente desaparece - 4,6% -a participação de negro nas funções de direção e planejamento³⁰.

Tabela 6 – Distribuição dos Ocupados, segundo Grupos de Ocupação, por Raça/Cor na RMSP – out/2006-set/2007

Grupos de Ocupação	Total	Em porcentagem	
		Negros	Não-Negros
Total	100,0	100,0	100,0
Direção e Planejamento	13,5	4,6	18,3
Empresários, Direção e Gerência	6,2	2,2	8,4
Planejamento e Organização	7,3	2,4	10,0
Execução	52,8	59,3	49,3
Qualificados	8,8	7,1	9,8
Semi-qualificados	32,6	34,9	31,3
Não-qualificados	11,4	17,2	8,2
Apoio	20,7	20,9	20,7
Não-operacionais	9,2	7,8	10,0
Serviços de Escritório	4,1	3,1	4,7
Serviços Gerais	7,4	10,0	6,0
Mal Definidas	12,9	15,2	11,7

Fonte: SEP. Convênio Seade-Dieese e MTE/FAT.

A situação, portanto, é complexa; pois, se por um lado, as pessoas negras com baixo nível educacional têm mais oportunidades de emprego, estes são desqualificados, com baixa remuneração, muitas vezes na informalidade e sem registro na Carteira Profissional. É o caso de empregos domésticos, na construção civil, faxina, portaria, manicure, cabeleireira, entre outros. Por outro lado, a formação educacional, ao mesmo tempo em que capacita o indivíduo para empregos mais qualificados, não garante aumento de oportunidades de acesso a empregos melhores, nem de ascensão a funções hierárquicas mais elevadas. E, neste caso, torna-se mais difícil a manutenção de pessoas negras nestas posições, uma vez que a competição é mais acirrada por envolver valores materiais e simbólicos, como afirma Ribeiro:

Nas transições educacionais até a entrada no ensino médio, a desigualdade de classe é muito maior do que a de raça, ao passo que para completar um ano de universidade e terminá-la a desigualdade racial é quase tão grande quanto à de classe [...] Mais uma vez os resultados comprovam que: só há desigualdade racial nas chances de mobilidade ascendente para as classes mais altas hierarquicamente³¹.

³⁰ Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de São Paulo – 2007 - *O Mercado de Trabalho sob a óptica da raça/cor*: disponível em http://www.seade.gov.br/pdfs/consciencia_negra.pdf acesso em 15/12/07.

³¹ RIBEIRO, Antonio Costa - *Classe, raça e mobilidade social no Brasil*. Disponível em www.iuperj.br/site/carloscr/textos/raca.pdf ; p.32-34; acesso em 15/12/2007.

Os estudos de Valle Silva e Hasenbalg (1998) apontam que existem mais dificuldades de mobilidade social ascendente para os pretos e pardos, o que é estrutural e decorrente de desvantagens acumulativas herdadas e atuais:

Os padrões de mobilidade social dos grupos de cor apresentam diferenças que vão na mesma direção daquelas constatadas em 1976: os não-brancos estão expostos a chances menores de ascensão social; as dificuldades para ascender aumentam junto com o nível do estrato de origem; e os nascidos nos estratos mais elevados estão expostos a riscos maiores de mobilidade descendente.³²

O estudo realizado por Osório (2004), com base na literatura brasileira, mostra que o racismo institucional é um fator de impedimento à mobilidade sócio-econômica dos/as negros/as, e que aparece de forma explícita ou velada, independente da classe social:

[...] Ainda que se compare brancos e negros de mesmo nível sócio-econômico, persistem desigualdades entre eles inatribuíveis a outras fontes que não o racismo. A ideologia racista inculcada nas pessoas e nas instituições leva à reprodução, na sucessão das gerações e ao longo do ciclo de vida individual, do confinamento dos negros aos escalões inferiores da estrutura social, por intermédio de discriminações de ordens distintas, explícitas, veladas ou institucionais, que são acumuladas em desvantagens. Ainda assim, exceções existem, e a ideologia racial, como já se havia notado na geração anterior de estudos, delas se aproveita: opera, por argumentos falaciosos, a transformação dos negros de sucesso, cujo caráter excepcional deveria ser prova dos efeitos do preconceito racial, em “provas” da inexistência de discriminações raciais nos processos de ascensão social (OSÓRIO, 2004).

A ascensão social não anula a ocorrência de atitudes racistas e discriminatórias. Mesmo quando pessoas negras ocupam espaços majoritariamente ocupados por pessoas brancas, como cargos ou funções em níveis hierárquicos mais elevados, ou o exercício de profissões liberais, ou como empresários, sofrem *à priori* mais questionamentos quanto a sua capacidade, nas disputas de cargos, do que outras pessoas. Segundo a reportagem da *Agência Usp Notícias*:

Ao concorrer pelos mesmos cargos de nível superior e chefia com os brancos, a disputa se torna mais acirrada [...] A questão do preconceito transparece ainda mais quando um negro com a mesma ou até maior capacidade perde a vaga para um branco.³³

³² HASENBALG, Carlos e VALLE SILVA, Carlos - *Educação e Diferenças Raciais na Mobilidade Ocupacional no Brasil* - Trabalho apresentado no XXII Encontro Anual da ANPOCS, 27 a 31 de outubro de 1998, GT Desigualdades Sociais; disponível em:

<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/anpocs/hasen.rtf> ; Consulta em 30/06/2008

³³ “Negros reafirmam discriminação na classe média, mesmo possuindo igual padrão de consumo” – Agência Usp notícias São Paulo, 02/06/2005 - Boletim nº1638 - disponível em:

<http://www.usp.br/agen/bols/2005/rede1638.htm#primdestaq> acesso em 29/12/07

No entanto, mesmo que em pequena proporção há um grupo de pessoas negras em posições mais privilegiadas. Estas, por sua vez, também se defrontam com a tensão entre as dificuldades de inclusão no meio social e a tendência de distanciamento dos negros das classes mais populares. De modo que passam a se diferenciar dos estereótipos mais comuns e a desenvolver uma nova identidade, marcada por símbolos materiais como um diploma, espaços de moradia e de circulação, bens de consumo:

Apesar de não freqüentarem escolas de samba, terreiros de candomblé, o Aristocrata Clube ou a Afrobras, o negro em ascensão social assume uma identidade negra, já que ela também se constrói no isolamento de bairros de classe média onde a presença negra é insignificante, nas salas de aula em que todos os colegas são brancos, assim como nos locais de trabalho³⁴.

Estes aspectos levantados demonstram que os referenciais de vida da população negra se entrecruzam com as condições de vida da classe social a que pertence. A maioria pobre tem seus referenciais limitados às poucas perspectivas de ascensão socioeconômica e aos estigmas raciais. A mudança de classe social, por parte de uma minoria, desvela novos referenciais a estes indivíduos, ligados à classe média, sem contudo deixar de articular com as manifestações de racismo que lhe dificultam a inclusão social e a estabilidade em posições sociais mais elevadas. Portanto, os referenciais sociais são complexos e interligados à estrutura socioeconômica a que os grupos estão vinculados. E as comunidades religiosas fazem parte da rede de referenciais com que as pessoas negras se articulam, como também integram grupos provenientes de diferentes camadas sociais. Levantamos, portanto, algumas questões relativas ao perfil socioeconômico das pessoas negras metodistas e aos seus referenciais sócio-culturais; questões estas que serão melhor estudadas no capítulo três.

1.3.2 - Os negros nas articulações e tensões Culturais do Brasil Contemporâneo

A contribuição cultural da população negra à identidade cultural brasileira, desde a chegada dos primeiros africanos, é bastante significativa. Tomando como referência os estudos de Bastide (1985), Munanga (2006) e Ortiz (2006), entre outros, notamos que este processo não ocorreu de forma pacífica, pois ainda tem sido comum a associação de expressões culturais negras a baderneiros e criminosos. Com o passar do tempo, todavia,

³⁴ *Negros reafirmam discriminação na classe média, mesmo possuindo igual padrão de consumo* – Agência Usp notícias São Paulo, 02/06/2005 - Boletim nº1638 - disponível em: <http://www.usp.br/agen/bols/2005/rede1638.htm#primdestaq> acesso em 29/12/07.

estas manifestações têm sido incorporadas na cultura brasileira com uma roupagem embranquecida e assimilável à classe média; e hoje, pelo poder da mídia, são transformadas em cultura de massa. Assim, às vezes são designadas de exóticas, em círculos de classe média; outras vezes, de cultura marginalizada e de periferia, produzidas por um grupo social subalterno e discriminado. No entanto, as manifestações culturais têm sido estratégias de resistência e de reconstrução da identidade negra coletiva e individual, em constante articulação com os demais grupos da sociedade.

Hall (2003, 2005) e Gruzinski (2001), entre outros, abordam estas questões nas articulações das identidades locais com cultura global. No contexto de pós-modernidade, as expressões culturais locais são dominadas pelo capitalismo tecnológico informacional e transformadas em mercadorias globalizadas. Há um monopólio cultural que incorpora e manipula as diferenças, transformando-as em produtos padronizados, de acordo com o gosto dos diferentes tipos de consumidores e com o aumento do capital econômico. Daí que, falar de uma identidade cultural local é algo muito complexo e complicado, uma vez que esta, também, é produto da cultura de massa. Mas, por outro lado, a assimilação da cultura globalizada, pelos grupos locais, também envolve um processo de recriação, baseado nas circunstâncias espaciais e temporais.

Nesta conjuntura, as expressões culturais afro-brasileiras têm sido assimiladas pelos meios de comunicação e transformadas em mercadorias nacionais como é o caso do carnaval do Rio de Janeiro, o Pelourinho em Salvador.

O samba, a capoeira e outros elementos musicais associados aos negros, também, foram assimilados dentro da cultura nacional e hoje estão incorporados nas academias e escolas. Porém, até o início do século XX, estas expressões eram condenadas e seus protagonistas perseguidos pela polícia. E, somente quando foram traduzidas pela indústria cultural para versão mais próxima ao gosto da classe média, tornaram-se produtos consumíveis pela sociedade; e o samba “refinado” é uma marca nacional. Da mesma forma, as religiões de matrizes africanas, como o Candomblé, também vêm sofrendo um processo de embranquecimento de suas lideranças e de legitimação social, desde a década de 60, transformando-se numa religião universal (SILVA, 2006). Para isso, muito contribuiu a pesquisa antropológica, desenvolvida por Roger Bastide e outros antropólogos.

A musicalidade tem sido o meio de expressão mais utilizado para exprimir a alma povo negro: a dor, o sofrimento e as alegrias. A riqueza de ritmos e melodias muitas vezes expressa a relação com o trabalho e com a vida cotidiana. As festas religiosas ligadas às

Irmandades Negras Católicas, como a dança de Moçambique e as congadas, misturam elementos da tradição africana com o culto aos santos católicos, como Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia. Hoje, estas festas fazem parte dos calendários oficiais municipais.

Por outro lado, é evidente a mistura cultural pela incorporação de outras referências sociais e culturais, como a cultura *hip-hop*, importada na década de 1980 dos guetos de Nova Iorque, que mistura a música o *rap*, a dança *break* e o grafite. Aqui, foi recriada pela juventude de periferia, em sua maioria negra, pela influência do samba, da capoeira, da cores mais vivas nos grafites e se transformou em um movimento politizado, de resistência contra a exclusão social e a violência sofrida pela juventude negra e de periferia.

Além de buscar a construção de uma identidade negra, que se posiciona fortemente contra o preconceito de cor, é dada também ênfase ao marginalizado que vive na periferia. "Para o *Hip-Hop*, marginalizado é quem vive na periferia. O que une é a desigualdade social, e a maioria é negra" explica Magro. "Tanto os brancos quanto os negros têm sua auto-estima melhorada dentro do movimento e se identificam através da exclusão social", complementa³⁵.

Por outro lado, há, também, por parte das pessoas negras uma valorização do consumo de símbolos modernos, associados ao grupo hegemônico branco e à classe média.

O consumo, portanto, passou a funcionar como marcador étnico e como modo de resistir à opressão e assumir uma aparência negra [...] Há uma história de influência recíproca entre o consumo ostensivo e as expressões culturais negras, através da qual o consumo de certo estilo pode tornar-se parte integrante da negritude.

[...] a globalização transforma em mercadoria certos traços da cultura negra; em seguida, ela espalha esses ou outros traços pelo mundo afora. Isso leva a um grau maior de interdependência com certos aspectos da cultura urbana branca e a internacionalização maior do banco de símbolos do qual as versões locais da cultura negra podem tirar sua inspiração. (SANSONE 2003:103-104)

Para Hall (2003), o estilo, o corpo e a música são expressões que fazem parte do repertório negro e marcam a tradição negra diaspórica.

Temos trabalhado em nós mesmo como em telas de representação [...] acredito que esses repertórios da cultura popular negra – uma vez que fomos excluídos da corrente cultural dominante – eram frequentemente os únicos espaços performáticos que nos restavam e que foram sobredeterminados de duas formas: parcialmente por suas heranças, e também determinados criticamente pelas condições diaspóricas nas quais as conexões foram forjadas. (HALL, 2003: 324).

³⁵ *O Brasil Negro* - disponível em <http://www.comciencia.br/reportagens/negros/09.shtml>, acesso em 27/11/2007.

O corpo negro foi local depositário de diversas representações por parte de europeus no passado, dispendo e subjugando-o como objeto sexual, de trabalho e de reprodução. Todavia, sobre o corpo negro ainda recaem as atitudes preconceituosas e discriminatórias, sendo muitas vezes associado ao feio, ao sujo, ao perigoso e ao capaz, apenas, para o trabalho braçal. É o caso dos apelidos pejorativos como “ruim”, “fedido”, “feio”, referidos ao “cabelo de negro/a”. A pesquisa de Gomes (2003) revela que é possível reverter a identificação do corpo negro por meio da ressignificação positiva dos elementos que foram negativados e da valorização da beleza das características naturais.

Uma das estratégias de identificação positiva e de melhoria da auto-estima são os penteados em estilo afro, os quais têm ganhado a adesão de muitos brasileiros e brasileiras, desde a década de 80 do século passado. Tais penteados, mais que uma questão de estética, é linguagem que comunica uma postura política de valorização da naturalidade da estética e da beleza negra. Naquela época, era comum o estilo *black power* e atualmente os “*dread locks*”.

Ter um cabelo mais "natural", portanto, se torna relevante na reprodução de uma linguagem simbólica de diferença em relação ao cabelo liso ocidental, assim como serve para deixá-lo em condições "iguais", se pensamos na hierarquização de cabelos "bons" ou "ruins". (SANTOS, 2000).

Assim, observamos a atual tendência entre os negros de identificação com os referências estéticos afros que valorizam os atributos físicos naturais, como é o caso do cabelo “pixaim” – sempre identificado como cabelo ruim e que ultimamente vem sendo transformado em símbolo de beleza negra. Mas, também, verificamos um deslocamento da atenção das empresas em relação à produção de mercadorias étnicas que atendam a este grupo de consumidores; de sorte que, o que é um símbolo de identificação negra, também, é assimilado pelo sistema econômico como um bem de consumo com grande potencial de lucro.

1.3.3 Os Movimentos Sociais Negros

A história protagonizada pelos negros no Brasil foi por muito tempo excluída da História oficial, contada nos livros didáticos; Porém, sempre frequentes através dos movimentos de resistência contra a escravidão, nas formas de revoltas, suicídios, fugas e formação de quilombos. Esta história não contada nos livros escolares até no século passado foi substituída pelas histórias que transmitiam a idéia de que negros eram seres submissos e destinados à condição de escravos. Nos livros escolares, era comum a imagem da escrava

dedicada, do escravo apanhando sem reação ou servindo humildemente a seu senhor, do negro maltrapilho, vagabundo e perigoso; ou as figuras negras similares a animal (chipanzé, gorila). Esta história oficial foi assimilada por várias gerações e serviu tanto para reforçar idéias racistas, como para formar identidades negras subalternas e com baixa auto-estima. No entanto, vêm ocorrendo mudanças de enfoque, nos últimos anos, graças às pesquisas acadêmicas e à Lei 10.639/03 que instituiu a implantação do ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira no currículo escolar. Estas mudanças têm relação com as ações reivindicatórias dos movimentos negros organizados.

As organizações sociais negras são núcleos de base ideológica e política que representam forças de resistência contra a exclusão social da população negra, ao mesmo tempo em que ajudam a ressignificar positivamente as características étnicas.

Tomando por referência Domingues (2004, 2007) e Munanga e Gomes (2006), apresentamos aspectos relevantes sobre a atuação do movimento negro em São Paulo. No período pós-abolição, de 1888 até os anos 70, do século XX, surgiram organizações negras de caráter sócio-cultural e político em várias cidades e bairros de São Paulo, conhecidas como “Clube dos pretos”, “Clube 13 de maio”, “28 de setembro”, e outras que surgiram como reação à proibição da entrada de pessoas negras nos clubes das cidades. Na Região Metropolitana de São Paulo, estas organizações tiveram um papel importante:

No período pós-Abolição (transição do século XIX para o XX), os negros criaram diversas associações em São Paulo: grêmios recreativos, sociedades cívicas e beneficentes. A maioria delas possuía estatuto e era conduzida por um presidente, auxiliado por uma diretoria escolhida através de eleições. As associações negras mantinham uma ativa vida social, muitas delas se reuniam diariamente. A maioria tinha como eixo central de atuação garantir o lazer de seus afiliados, principalmente por meio dos bailes dançantes. As associações negras cumpriam, fundamentalmente, o papel de produtoras de uma identidade específica, de um “nós”, negros, em oposição à “eles”, brancos.

Dentre os diversos grupos que surgiram até 1930, o Centro Cívico Palmares foi o mais importante, quer pela proposta de elevação política, moral e cultural, quer pelo grau de organização e capacidade de penetração na comunidade negra (DOMINGUES, 2007:348, 349).

Dentre os tipos de organizações negras, destacamos a imprensa negra, que funcionou na primeira metade do século XX, com a produção de vários jornais independentes, organizados por pessoas da comunidade negra. Eram jornais como *Xaute*, *o Bandeirante*, *Menelik*, *o Alfinete*, que tratavam de atividades sociais. O jornal de maior repercussão foi o *Clarim da Alvorada*, criado em 1924, por Jayme Aguiar, funcionário público e José Corrêa Leite, auxiliar de farmácia (MUNANGA e GOMES, 2006:115).

A Frente Negra Brasileira, criada em 1931, com sede no Bairro da Liberdade, capital paulista, expandiu-se com núcleos em outros estados, como Rio de Janeiro, Bahia e Rio Grande do Sul. Apresentava uma organização complexa, formada por um grande conselho - vinte membros – com chefe e secretário, mais conselho auxiliar, formado por cabos distritais da Capital, o que fazia desta entidade, também, uma frente paramilitar frentenegrina. A entidade era reconhecida pela sociedade e pelas autoridades, chegando a inscrever mais de quatrocentos negros na então Força Pública de São Paulo. O ex-senador, dramaturgo e ator, Abdias do Nascimento, foi um de seus fundadores, juntamente com Francisco Lucrécio. A proposta da Frente Negra incluía a educação como meio de as pessoas negras vencerem na sociedade; e isto significava inserir-se nas artes, ciências e literatura, entre outras.

O Teatro Experimental do Negro (TEN), criado na década de 40 do século passado, contou, entre seus fundadores, com Abdias Nascimento e o poeta Solano Trindade, figuras de visibilidade nacional e internacional. O TEM, criado no Rio de Janeiro, com forte influência em São Paulo, tinha como proposta formar atores e atrizes com o objetivo de libertação cultural do povo negro. A criação teatral se dava a partir do olhar do próprio povo negro e da herança africana recriada na cultura do negro no Brasil.

Durante a ditadura militar, juntamente com os movimentos sociais dos trabalhadores e estudantes, os negros denunciaram as formas exploratórias do sistema capitalista que atingiam diferentemente aos negros e aos brancos, levando a público o debate sobre desigualdade racial. Nesta época, houve a unificação de várias organizações negras no Movimento Negro Unificado – MNU - após uma manifestação nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, em protesto contra a morte, sob tortura, de um trabalhador negro e a discriminação de atletas negros expulsos do Clube Regatas Tietê, em São Paulo. O MNU é uma das entidades negras mais atuantes na superação do racismo, na educação escolar e na formação de lideranças políticas negras.

As ações dos movimentos negros brasileiros ressignificaram o Dia 13 de maio, não mais como dia da libertação dos escravos, baseada na benevolência da elite política e escravocrata, mas como o “Dia Nacional de Luta contra o Racismo”. Em São Paulo, tem se tornado tradição, a “Marcha Noturna”, realizada no centro velho, como memória das fugas noturnas dos escravos, símbolo de resistência à escravidão. Os participantes rumam com velas acesas a partir da Rua do Carmo, em frente à Igreja Nossa Senhora da Morte, passando pelas ruas centrais até chegar à Igreja Nossa Sra. Do Rosário, no largo do Paissandu. O dia 20 de novembro, comemorado nacionalmente como “Dia da Consciência”, traz à memória a

resistência heróica de Zumbi dos Palmares, herói nacional. Atualmente, foi instituído feriado em 267 municípios brasileiros e em onze cidades da Grande São Paulo, das quais destaco: São Paulo e Santo André. A cada ano, estas datas ganham maior visibilidade. Nos últimos anos, a Av. Paulista, o maior centro econômico de São Paulo, tem sido palco de manifestações como a Marcha Negra e a Parada Negra, que em 2007 atingiu cerca de quinze mil participantes.

Estes aspectos não esgotam o protagonismo negro na Região Metropolitana de São Paulo; todavia, mostram a importância dos movimentos como forças de resistência, em constante articulação com as forças políticas e sociais que dominam a sociedade, e como forças propulsoras de novas referências para a população negra, baseadas numa consciência de negritude e inclusão social.

Os estudos deste capítulo nos levam às seguintes constatações:

- a) Há heterogeneidade nas situações de segregação social das periferias urbanas da metrópole paulista, com maior concentração de pessoas negras entre os grupos mais pobres e com maior vulnerabilidade social, caracterizando uma segregação sócio-racial.
- b) O racismo naturalizado e institucionalizado na sociedade brasileira é uma variável constante nas situações de vida da população negra, o qual fundamenta, ao mesmo tempo em que alimenta, uma representação negativa deste grupo; além de ser fator de limitação à ascensão social, à estabilidade em estratos sociais mais elevados e à circulação dessas pessoas em espaços sócio-culturais de maior concentração de pessoas brancas.
- c) Há presença de negros na classe média, porém constituem um pequeno grupo de pessoas que nem sempre estão integradas aos grupos sociais pertencentes a classe de predominância branca; por outro lado, distinguem-se da população negra das camadas populares por aderirem a novos símbolos materiais e culturais de acordo com o poder aquisitivo.
- d) Existe um protagonismo histórico por parte de atores /as negros/as, no sentido de mudança da identificação negativa dos sujeitos negros e de construção de referências negros positivos, por meio de reivindicações de políticas públicas afirmativas e reparatórias.

Capítulo 2

A religião como campo das relações inter-raciais e sua influência sobre a identidade do sujeito religioso contemporâneo

CAPÍTULO 2 A RELIGIÃO COMO CAMPO DAS RELAÇÕES INTER-RACIAIS E SUA INFLUÊNCIA SOBRE A IDENTIDADE DO SUJEITO RELIGIOSO CONTEMPORÂNEO

2.1 RELIGIÕES E NEGRITUDE NO BRASIL

No presente capítulo, temos como objetivo apresentar, numa primeira parte, aspectos da dimensão religiosa no contexto urbano de São Paulo e, na segunda parte, a dimensão racial negra na Igreja Metodista, de acordo com seus documentos e meios de comunicação escrita.

Religião é um fenômeno sócio-cultural que expressa não somente os valores e formas de relacionamento de um povo ou grupo social com o sagrado, mas também, exerce papel de legitimador dos sistemas sociais e das relações de dominação. Os poderes religiosos, políticos e econômicos têm pontos comuns e se inter-relacionam. É o caso da expansão do cristianismo que, associada aos colonizadores europeus, teve como base a dominação dos povos da Américas, da África e Ásia. Neste sentido, o cristianismo marcou negativamente a história dos africanos e seus descendentes, com interpretações teológicas que favoreciam aos dominadores, durante o sistema escravagista, o que se reflete até os dias atuais. O estudo das religiões, portanto, deve considerar a diversidade de grupos sociais e as relações de poder que perpassam entre os mesmos, pois além da dimensão transcendental, a religião é

[...] uma construção sócio-cultural. Portanto, discutir religião é discutir transformações sociais, relações de poder, de classe, de gênero, de raça/etnia; é adentrar num complexo sistema de trocas simbólicas, de jogos de interesse, na dinâmica da oferta e da procura; é deparar-se com um sistema sócio-cultural permanentemente redesenhado que permanentemente redesenha as sociedades. (SOUZA, 2006: 8).

Em relação à população negra, a religião cristã, instalada no Brasil na fase colonial, atuou de forma conservadora e legitimadora das relações de poder do sistema escravagista, chegando a usufruir desta situação com a posse de escravos. Mas é fato que houve tanto adesões de escravos ao catolicismo por imposição dos colonizadores, como também adesões posteriores ao protestantismo, por opção pessoal. Contudo, nas duas situações não deixou de ocorrer dominação religiosa sobre a cultura dos africanos e afro-brasileiros, cujas articulações

ocorreram para partir destes lugares: dominadores e dominados. Pensando no contexto atual, urbano e pós-moderno, o que mudou nas relações de poder no que se refere à inserção de negros/as nas igrejas protestantes e em particular na Igreja Metodista? Tais considerações nos levam a questão central que permeia este estudo: *qual a relação das dimensões religiosa e étnico-racial na formação da identidade dos sujeitos negros/as metodistas?*

As características da vida urbana nos tempos atuais tornam mais complicado o exercício do poder religioso na sociedade e sobre seus adeptos, diferentemente do que prevalecia no passado.

Provavelmente pela primeira vez na História, as legitimações religiosas do mundo perderam sua plausibilidade não apenas para uns poucos intelectuais e outros indivíduos marginais, mas para amplas massas de sociedades inteiras. (BERGER, 1985:137)

Hoje, há uma multiplicidade de referenciais que competem com as religiões, como também os próprios referenciais religiosos que adquirem um caráter de provisoriedade para muitos adeptos:

Nos Estados modernos mais desenvolvidos a religião não foi completamente relegada à vida privada, nem tampouco perdeu toda capacidade de influir na sociedade. O enfraquecimento da influência social e do poder político da instituição religiosa determina um avanço na liberação da sociedade do controle institucional da religião (RIVERA, 2001:113).

As características da sociedade pós-moderna, como a crise de identidade diante de novos sentidos de vida, o domínio tecnológico e informacional sobre comunidades virtuais e desterritorializadas, a produção de culturas homogeneizadas pelo império capitalista informacional, a fluidez e pluralidade das identidades (HALL, 2003, 2005; ABDALA JR, 2002, GRUZINSKI, 2001) - contrastam com as características conservadoras das religiões, não lhes dando plausibilidade (RIVERA, 2001). Diante desta realidade, as instituições religiosas têm seu poder de regulação dos valores diluído entre outras fontes produtoras de sentido, tanto na vida coletiva, como na vida individual; e os sujeitos religiosos têm maior autonomia para constituírem sua identidade religiosa de forma sincrética. Na sociedade contemporânea, vem ocorrendo um processo de desvalorização da tradição religiosa, em contraposição à importância do emocional como fator identitário dos sujeitos religiosos:

A destraditionalização generalizada das sociedades contemporâneas se expressa na crise das instituições religiosas e na liberdade do sujeito em relação aos complexos sistemas de construção das identidades tradicionais. O mal-estar das instituições pela fluidez e instabilidade de seus adeptos não significa um mal-estar do sujeito

religioso moderno. Pelo contrário, a liberdade de escolha religiosa lhe é bem mais cômoda. (RIVERA, 2001: 210)

O aumento das opções religiosas, por outro lado, tem gerado, na sociedade brasileira, uma complexa rede mercadológica de bens religiosos, com instituições altamente competitivas em busca de públicos diferenciados de consumidores. Diante deste dinamismo interno ao campo religioso, as igrejas tradicionais vêm seus territórios ameaçados, não só pela competição promovida pelas novas igrejas, como pela visibilidade de novas religiões que buscam melhores posições dentro desse campo, como o caso das religiões afro-brasileiras, religiões orientais, além de novas formas religiosas.

A noção identidade religiosa, enquanto um sentimento de pertença a um grupo marcado por diferenças em relação a outros grupos, tem sido abalada pelo trânsito religioso de adeptos e de idéias que ocorre entre as instituições religiosas. Assim, hoje as identidades religiosas são formadas menos em decorrência da pertença exclusiva a uma instituição religiosa e mais em decorrência de um processo de individualização, marcado pelas múltiplas pertenças religiosas que possibilitam aos indivíduos reterem aquilo que lhe é mais apropriado (HERVIE-LÉGER, 2000; RIVERA, 2001).

No entanto, é possível identificar alguns segmentos religiosos pela religiosidade de seus adeptos. Os estudos de Brandão (1988) demonstram que as diferenças entre as identidades religiosas dos sujeitos e dos grupos são construídas de acordo com as crenças e relações de poder de cada território confessional. A pertença dos sujeitos religiosos brasileiros pode significar “*ser*”, de forma total, como aparece nos protestantes, particularmente nos pentecostais, ou “*participar*”, como no modo de ser religioso dos/as adeptos/as das religiões mediúnicas em que não são exigidas mudanças de comportamento. Os protestantes pentecostais apresentam uma identidade social mais rígida, marcada pela doutrina religiosa, pois sua pertença ao grupo implica conduta de vida de “testemunho” a qual é controlada pela comunidade religiosa. Por outro lado, quanto à identidade dos fiéis católicos,

[...] diferentemente do protestantismo, onde o fiel precisa ser para participar, mas também de modo diverso dos cultos afro-brasileiro, onde é absolutamente comum à pessoa participar sem ser, no catolicismo, tal como o povo brasileiro o vive e significa, há uma pluralidade de modos de ser que configuram uma equivalente pluralidade de maneiras de participar. (BRANDÃO, 1988:50).

As pessoas negras adeptas do protestantismo encontram-se em meio às tensões decorrentes da dominação cultural, baseada no racismo, e das contradições, resultantes da competitividade interna ao campo religioso e das fragilidades a que estão sujeitas as instituições religiosas. A perda de poder da religião sobre a sociedade e sobre seus adeptos, bem como o trânsito de pessoas e de idéias dentro do campo religioso possibilitam novas identificações e o sincretismo religioso. Neste sentido nosso questionamento é como a dimensão étnico-racial tem sido interpretada e o que representa para as pessoas negras metodistas?

2.1.1 O Campo Religioso na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP)

Segundo Almeida (s/d), o cenário religioso brasileiro e da Região Metropolitana de São Paulo vêm demonstrando acentuada mudança nas últimas décadas. A dinâmica do pluralismo religioso brasileiro apresenta, como eixos principais, a debilidade do catolicismo, que vem, segundo o autor, tornando-se o “doador universal” de fiéis para outras religiões; a crescente difusão e valorização das práticas mais “espirituais”, prevaletes tanto entre os pentecostais, como no catolicismo carismático; e o paradoxal aumento do grupo dos “sem religião”. Os pentecostais são os “receptores universais”, sendo o segmento que mais cresce, principalmente nas camadas mais baixas da população. O protestantismo histórico tem apresentado pouco crescimento, considerando as saídas de membros - para os “sem religião” e para os pentecostais - em relação às adesões, basicamente de católicos. As religiões afro-brasileiras apresentam um número pequeno de adeptos, em geral provenientes da Igreja Católica, e têm cedido adeptos para os pentecostais e para os “sem religião”.

De acordo com Lavallo (2001), a partir de uma pesquisa quantitativa na RMSP, entre os mais pobres que participam de alguma associação, cerca de 70% participam de associação religiosa. Logo, o associativismo nas classes menos favorecidas é predominantemente religioso (ALMEIDA, s/d).

A Tabela 7 mostra o movimento das adesões religiosas, segundo o censo de 1991 e 2000. Pelos dados apresentados, observamos que, num intervalo de nove anos, as igrejas evangélicas pentecostais, com maioria de população pobre, têm os melhores resultados de crescimento.

Tabela 7 - Declaração Religiosa na Região Metropolitana de São Paulo (%)

OPÇÕES RELIGIOSAS	1991	2000
CATÓLICOS	78,90%	67,05%
EVANGÉLICOS TRADICIONAIS	2,36	2,81%
EVANGÉLICOS PENTECOSTAIS	6,18%	13,59%
KARDECISTAS	1,83%	2,24%
AFRO-BRASILEIROS	0,69%	0,41%
ORIGEM ORIENTAL	0,97%	0,75%
ESOTÉRICOS	0,04%	0,05%
OUTROS	1,26%	3,53%
SEM RELIGIÃO	6,50%	9,23%
SEM DECLARAÇÃO	1,25%	0,34%
TOTAL DA POPULAÇÃO	14.863.124	17.879.997

Fonte IBGE 1991 e 2001

O trânsito religioso entre as igrejas implica tanto o desligamento das pessoas de um segmento religioso para aderir a outro, como a múltipla pertença religiosa de um mesmo sujeito; e podemos verificar, paralelamente a este movimento, o trânsito das idéias e crenças, e da gestão do religioso, principalmente do modelo neo-pentecostal para os demais segmentos.

De modo geral, a literatura científica sobre o campo religioso brasileiro tem sido desafiada por um curioso paradoxo: o acúmulo de conhecimento sobre as diferentes cosmovisões parecia ter tornado evidente que, do ponto de vista dos ritos, das crenças e da lógica interna de cada universo, os cultos podem ser considerados bastante diferentes entre si, mas, quando se observa o comportamento daqueles que freqüentam esses cultos, as fronteiras parecem pouco precisas devido à intensa circulação de pessoas pelas diversas alternativas, além da acentuada interpenetração entre as crenças. (ALMEIDA, 2001)

Almeida destaca o papel das redes de solidariedade e sociabilidade existentes nas práticas do segmento evangélico pentecostal, predominante nas periferias, entre os grupos mais pobres, formados basicamente por imigrantes nordestinos e por pretos e pardos.

As redes evangélicas trabalham em favor da valorização da pessoa e das relações pessoais, gerando um aumento de auto-estima e impulso empreendedor, além de ajuda mútua com o estabelecimento de laços de confiança e fidelidade. Essas redes atuam em contextos de carência, operando, por vezes, como circuitos de trocas, que envolvem dinheiro, comida, utensílios, informações e recomendações de trabalho, entre outros. [...] Não se trata de programas filantrópicos como fazem católicos e kardecistas, mas de uma reciprocidade entre os próprios fiéis moradores da favela (entre os quais, os próprios pastores), [...] esses “irmãos de fé” preferencialmente se tornam parentes ao casarem entre si. Ou, o inverso, parentes que se evangelizam para se tornarem “irmãos de fé”. (ALMEIDA, 2001).

A religião, para a população mais pobre, torna-se um recurso de sociabilidade, de lazer e de atividades educativas. No entanto, Almeida vê uma diferença entre as igrejas evangélicas de estilo congregacional, onde predominam “laços societários primários como o parentesco em maior densidade”, e as igrejas de poder centralizado, “uma igreja de passagem e de serviços como a Universal”. (ALMEIDA, s/d).

Os movimentos pentecostais e neopentecostais, dentro desta dinâmica no campo religioso, têm apresentado ações mais agressivas em direção a novos adeptos, mesmo que de territórios tradicionais do catolicismo e do protestantismo, como também um maior crescimento quantitativo. No contexto nacional, a composição racial dos grupos religiosos, segundo estatísticas do governo, é predominantemente branca nas religiões Judaica, no Islamismo e na Igreja Luterana, enquanto que, nas igrejas pentecostais e religiões afro-brasileiras³⁶, tende a um enegrecimento, havendo uma reciprocidade entre os espaços territoriais ocupados pelas religiões e os grupos sociais, ou seja, entre a pobreza e riqueza, ou entre o centro e a periferia.

Nos bairros periféricos e populares predominam a população negra, as igrejas evangélicas pentecostais e as religiões afro-brasileiras; enquanto que nos bairros nobres e centrais sobressaem a população de classe média-alta e religiões com características étnicas (judaica e luterana), Igreja Católica e igrejas protestantes históricas. (JACOB et al, 2003, 2006).

Para fins deste trabalho, destacaremos o catolicismo, o protestantismo e o pentecostalismo, por integrarem a religião cristã, por sua importância histórica dentro do campo religioso brasileiro e pelo fato de a Igreja Metodista fazer parte deste grupo. Dentre as religiões não-cristãs, abordaremos o grupo de religiões afro-brasileiras que, pelas características étnicas, têm sido identificadas como guardiãs das tradições e mitos afro-brasileiros.

Dentro do campo religioso, as identidades religiosas são de caráter essencialista e de contraposição, segundo a concepção dos fiéis. Conforme os estudos de Brandão (1998), os

³⁶ As estatísticas de cor ou raça sobre as religiosidades da população brasileira mostram que as religiões com a maior proporção de pessoas que se declararam brancas são as seguintes: judaica (96,4%), evangélica de missão luterana (95,8%) e islamismo (88%). As religiões com maior proporção de pessoas que se declararam pretas são: candomblé (22,8%), umbanda (16,7), Casa da benção (10%) e sem religião (9,3%). As com maior proporção de pardos são as seguintes: Católica Apostólica Brasileira (48,5%), Assembléia de Deus (47,5%) e Deus É Amor (45,9%). As maiores proporções de amarelos estão no Budismo (37,8%) e outras novas religiões orientais (36,6%); disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/20122002censo.shtm> ; acesso em 20/12/2007.

cristãos brasileiros formam o segmento mais representativo e ao mesmo tempo mais fragmentado e competitivo. Neste sentido, a oposição mais acentuada tem sido entre Igreja Católica de um lado e os protestantes e pentecostais do outro. No entanto, cada grupo elege os aspectos distintivos que marcam sua exclusividade e suas “verdades”, excluindo os demais seguimentos. De modo que, se de um lado o sagrado está associado à religião, no outro extremo situa-se o profano, associado aos ateus e maçons; o cristianismo, formado pelo catolicismo e protestantismo contrapõe-se ao não-cristianismo, formado pelas religiões mediúnicas; o pentecostalismo, visto por seus adeptos como cristianismo autêntico está em oposição aos protestantes históricos, considerados “sem poder do Espírito Santo”, ao catolicismo, definido como um cristianismo não-evangélico e às religiões mediúnicas, consideradas como não-religião e dominadas pelo sagrado demoníaco.

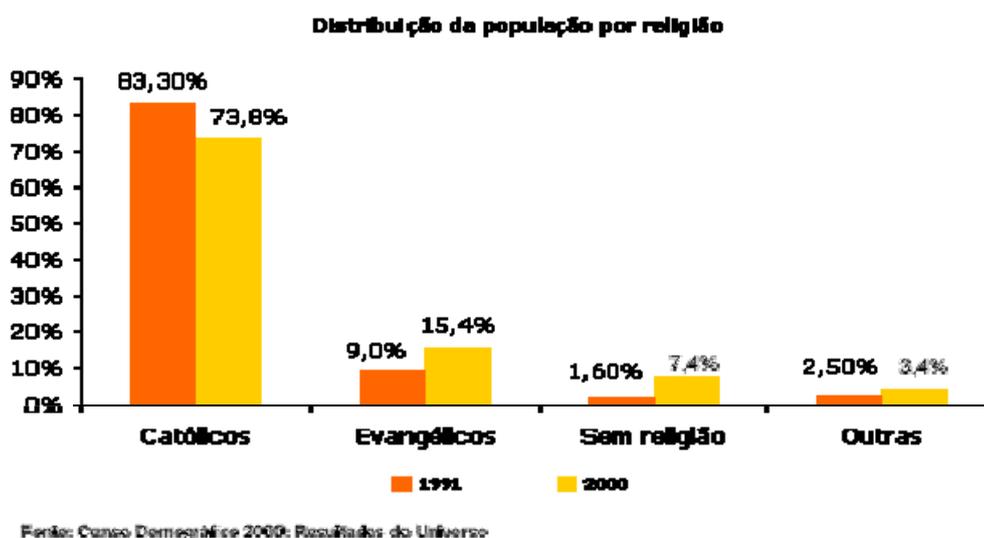


Gráfico 3 – Distribuição da população brasileira por religião

a) A Igreja Católica

A Igreja Católica é historicamente o maior segmento religioso brasileiro; e se impôs neste território por meio da deslegitimação das crenças nativas e africanas, tornando-se a religião oficial. Ao lado dos colonizadores, “cristianizou” e colonizou o Brasil, deixando suas marcas nas vilas fundadas pelos jesuítas e apadrinhadas por um santo católico, como é o caso dos municípios de São Paulo, Santo André, Itaquaquecetuba, na RMSP; como também sempre estendeu seu domínio a outros campos como da política e da educação.

A Igreja Católica começou a perder o monopólio da fé de forma gradual, a partir da chegada dos protestantes, no século XIX; e, num ritmo mais acelerado, a partir da década de 80 do século passado (de 89,9% em 1980, para 73,9% em 2000), com o surgimento das Igrejas Evangélicas pentecostais no cenário religioso (de 3,2% em 1980, para 10,6% em 2000) e o crescimento do grupo “sem religião” (de 1,6% em 1980, para 7,4% em 2000). Isto se repete nas regiões metropolitanas brasileiras e demonstra uma tendência de mudança radical no campo religioso brasileiro (JACOB et al, 2006).

A Igreja Católica é formalmente una, no entanto, internamente, existem várias formas de catolicismo na instituição; como é o caso do catolicismo popular brasileiro, marginal e misturado com elementos do imaginário indígena e afro-brasileiro. Este tipo de catolicismo foi muitas vezes perseguido pela igreja, pela polícia e pelo governo. No entanto, sempre contou com a legitimidade, dada pelo povo mais pobre; e está incorporado à mentalidade religiosa brasileira popular (CAMPOS, 2001). Outros grupos dentro da Igreja Católica se caracterizam por diferentes formas de religiosidade, como os fundamentalistas, progressistas, teologia da libertação, as congregações e outras. Atualmente, o movimento carismático católico tem grande penetração na mídia e na sociedade, servindo de estratégia para manutenção dos fiéis.

Segundo Brandão (1998), o catolicismo está incorporado na mentalidade brasileira como identidade religiosa nacional, da mesma forma que, pelo senso comum, a religião é vivenciada como um fato natural; como é natural, pelo senso comum, considerar que “ser brasileiro é ser católico”, o que não significa ser praticante, assíduo nos trabalhos religiosos, mas sim a uma tradição familiar.

[...] no catolicismo, tal como o povo brasileiro o vive e significa, há uma pluralidade de modos de *ser* que configuram uma equivalente pluralidade de maneiras de *participar*. Assim tanto é católico o praticante como o não-praticante. Há também, historicamente, o antagonismo entre o catolicismo popular brasileiro, da marginalidade religiosa, e o catolicismo oficial romano. (BRANDÃO, 1998:50)

O poder que a Igreja Católica ainda exerce na sociedade brasileira pode ser abalizado pela atenção espetacular dada pela mídia à religiosidade brasileira, durante mais de um semestre, em função da visita do papa ao Brasil, em maio 2007. Em São Paulo, a visita causou alterações de trânsito e paralisação do centro velho da capital, entre outras coisas, fato que não é comum, quando da visita de líderes de outras religiões. É notória, também, a

influência da Igreja Católica na política, como é o caso da pressão exercida contra projetos legislativos de descriminalização do aborto e o de uso de embriões nas pesquisas médicas.

Os católicos, na Região Metropolitana de São Paulo, estão mais concentrados no centro da cidade (70%) e no sudeste, na Região do ABCD, com percentuais que variam de 70 a 75%. Em compensação, é bastante reduzida a presença católica em direção à zona leste da capital, território de maior porcentagem de pobres e negros, chegando a percentuais inferiores a 60% , como Cidade Tiradentes (inferior a 40%) e municípios de Poá e Ferraz de Vasconcelos. (JACOB et al, 2006). Talvez este distanciamento da periferia tenha facilitado a saída de fiéis católicos para outros segmentos religiosos, presentes nestas áreas, como os evangélicos pentecostais.

b) O Protestantismo histórico

O protestantismo³⁷ é um dos segmentos com menor número de adeptos; e, nas últimas décadas, vem apresentando um decréscimo. O censo de 2000 identifica como evangélicos de missão os adeptos do protestantismo de imigração (anglicanos, luteranos) e os do protestantismo de missão (batistas, congregacionais, metodistas, exército da salvação, adventista). No cenário nacional, os protestantes atingem uma porcentagem em torno de 5% do total de habitantes no país e 4% na Região Metropolitana de São Paulo. Em São Paulo, os evangélicos de missão estão mais presentes no Capão Redondo, sub-distrito sudoeste da capital, e, em menor proporção, nos bairros Bela Vista, Cambuci, Pari e Bom Retiro; diminuindo a proporção na periferia, e aumentando nos municípios vizinhos como São Caetano do Sul, Santo André e Embu-Guaçu. (JACOB et al. 2003:69)

O protestantismo de imigração se instalou efetivamente no Brasil com a chegada dos imigrantes ingleses e suíços, após a abertura dos portos, em 1808. Este grupo é constituído principalmente pelas Igrejas Luterana e Anglicana, as quais estão mais concentradas na Região Metropolitana de São Paulo, principalmente na área central da capital. A vinda deste grupo de imigrantes, em função do trabalho, representou, também, mudança no cenário religioso e social da época, pois provocou a liberdade de culto no Brasil, aprovada em decreto

³⁷ Para fins de esclarecimento, a terminologia referente aos segmentos religiosos é a utilizada por Mendonça (1997, 2004), Campos (1996) e Rivera (2001), entre outros estudiosos da religião, segundo a qual o protestantismo brasileiro é formado pelo protestantismo de imigração – Igrejas luteranas e anglicanas entre outras - e Protestantismo de Missão, transplantado por igrejas dos Estados Unidos, representado pelas igrejas Batista, Metodista, presbiteriana. No Censo 2000, no entanto, estas igrejas estão identificadas como evangélicos de missão, assim diferenciadas dos evangélicos pentecostais. Também no Censo 2000, os neopentecostais estão incluídos dentro do grupo evangélico pentecostal.

de D.João VI, mesmo que restrita, abrindo, assim, as possibilidades de diversidade no campo religioso brasileiro, oficialmente católico.

A chegada dos imigrantes protestantes norte-americanos, na segunda metade do século XIX, desencadeou um novo ciclo de protestantismo, denominado protestantismo de missão ou de conversão, representado pelas igrejas Presbiteriana, Metodista, Congregacional e Batista. O protestantismo de missão tinha um caráter proselitista ou conversionista, e portava inicialmente uma mensagem associada à modernidade e ao progresso. Esta fase foi marcada por conflitos entre a Igreja Católica, religião oficial, e as denominações protestantes que, por seu lado, ampliavam seus espaços e angariavam prestígio perante a classe política e intelectual, por meio da implantação de escolas, direcionadas para filhos da elite brasileira. Somente com a Constituição de 1891, no início do regime republicano, é que foi promulgada a liberdade religiosa e de ensino (SALVADOR, 1992:193), ampliando o espaço do protestantismo e de outras religiões em território brasileiro.

Os protestantes valorizam mais a razão e formam um grupo mais elitizado, com nível educacional mais alto. (JACOB et al., 2006). O protestantismo brasileiro não incorporou as camadas populares em seu percurso histórico, em parte devido às dificuldades de aceitação das culturas populares, com seus sistemas simbólicos de influências afro-brasileiras, indígenas e ibéricas (CAMPOS, 2001). A visão do protestantismo em relação ao social é de que as desigualdades sociais servem de oportunidade para o exercício da misericórdia e para a glorificação de Deus, portanto está mais voltada para ascensão social a partir da conversão individual do que para a pobreza:

[...] A índole do protestantismo que, pela sua doutrina e conseqüente ética social e econômica, não aceita a pobreza como estado natural, mas como conseqüência do erro e do pecado e que, por isso, é necessariamente superada pela mudança de vida pela obediência aos preceitos divinos. O protestantismo não é uma religião popular, mas uma religião de ascensão social. (MENDONÇA, 2002:30).

Para o protestantismo os males sociais são simples agregados de problemas individuais. Daí sua fórmula: “converta-se o indivíduo e a sociedade se transformará”. (IDEM, 1997:122)

Tendo em vista estes aspectos, podemos afirmar que a evangelização protestante, no final do século XIX e início do século XX, estava imbuída do forte ideal norte-americano de salvação do mundo, que implicava a imposição de seus valores religiosos atrelados a sua

cultura, representando um modelo de vida mais racional e evoluído em relação ao da camada popular brasileira, considerada por eles de incultos e sem padrões morais.

c) O pentecostalismo

O segmento pentecostal representa cerca de 30 % da população da RMSP (Censo 2000). Segundo estudo apresentado por Campos (1996), fazem parte deste grupo as igrejas implantadas no Brasil, no início do século XX, por seguidores dos movimentos pentecostais de matrizes protestantes, nos Estados Unidos. Trata-se de movimentos baseados nas experiências de “Batismo do Espírito Santo” e de “falar em línguas” (glossolalia), ocorridas em *Topeka* (1901) e em *Azuza Street* (1914). Este, organizado em igreja pelo pastor negro William J. Seymour se tornou pólo de disseminação do pentecostalismo mundial. O pentecostalismo chegou ao Brasil por meio de discípulos de W.H.Durham, em duas frentes: A Congregação Cristã, em São Paulo (1910), inicialmente uma igreja étnica, formada por italianos, e a Igreja Pentecostal Assembléia de Deus, no Belém do Pará, (1911).

Na década de 50, num contexto de dinamismo na produção industrial e na construção civil, bem como de rápido aumento populacional, a onda de pentecostalismo, vinda juntamente com a imigração nordestina, foi uma forma de acolher aos anseios das camadas sociais mais baixas da sociedade. Em São Paulo, surgiram várias igrejas pentecostais com forte ênfase nos milagres, na cura divina e no “falar de línguas”, ampliando o espaço sagrado com a utilização do espaço público e do rádio. Dentre elas, a Igreja do Evangelho Quadrangular (1953) -, primeira igreja a ter pastoras - 35% em 1991- (CAMPOS, 1996).

Em 1956, surgiu a Igreja Pentecostal “O Brasil para Cristo”, fundada por Manoel de Melo, imigrante pernambucano que se fixou, inicialmente, em São Paulo, como trabalhador da construção civil. Ele foi o “primeiro líder genuinamente brasileiro”, e manteve no ar um programa de rádio por 16 anos. A maioria dos adeptos dessa igreja era de “operários pobres da zona leste”. O templo, construído na zona central de São Paulo, tem capacidade para mais de dez mil pessoas.

Em 1961, foi fundada a Igreja Pentecostal “Deus é Amor” por Davi Miranda, no Bairro de Vila Maria; posteriormente, sua sede foi transferida para uma antiga fábrica, próximo ao Parque Dom Pedro, no centro de São Paulo, sendo identificada como “Sede Mundial da Igreja Pentecostal Deus é Amor”.

Os pentecostais são identificados como “crente”: indivíduo que se transforma, pela conversão, numa nova pessoa, reconhecido socialmente pela aparência, vestimenta, lazer, comida e bebida e outros aspectos ligados ao cotidiano e controlados pela comunidade religiosa. (BRANDÃO, 1998).

O crescimento do pentecostalismo mostra uma grande vantagem sobre o protestantismo histórico, por apresentar uma mensagem de envolvimento integral:

O pentecostalismo levou grande vantagem sobre o protestantismo histórico ao pregar uma mensagem que envolve corpo e alma, ao abordar as necessidades humanas do ponto de vista integral, sem que seja preciso esperar pela morte e céu para a concretização das esperanças. Por outro lado, a associação da “doença” e “mal estar” com a figura do “diabo” ofereceu aos destinatários de sua mensagem uma eficiente teodicéia para tempos de sofrimento e incertezas. Além disso, o “diabo” sempre foi encarado pelo imaginário social brasileiro como o causador de todas as coisas ruins que atacam os seres humanos, animais ou objetos. Daí a importância que se deu ao exorcismo, uma maneira de se delimitar campos e forças aparentemente misturadas, que impedem a saúde, sucesso e prosperidade [...] (CAMPOS, 1996: 101).

Estas ênfases das igrejas pentecostais respondem de forma mais positiva às questões práticas da vida da população marginalizada, discriminada e excluída, o que, em parte, explica a maioria negra presente nestas Igrejas. A Igreja Assembléia de Deus, com 8,4 milhões de fiéis (Censo 2000), é a maior Igreja Pentecostal do país (JACOB et al., 2003) e nela está a maioria da população negra evangélica.

A partir dos anos 70, surgiu mais uma onda de igrejas pentecostais, identificadas como neopentecostais, as quais se distinguem pela larga utilização de um novo “espaço sagrado”, ou seja, a mídia eletrônica e pelas estratégias de competitividade. Estas igrejas misturam elementos do protestantismo, do catolicismo popular e de religiões afro-brasileiras, “temperadas com um linguajar pentecostal de origem protestante” (CAMPOS, 1996:93).

A primeira igreja dessa geração foi a Igreja Salão da Fé, formada por Edir Macedo e Romildo Soares que, posteriormente, se tornaram os fundadores da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e da Igreja Internacional da Graça, respectivamente. Desde então, muitas dessas igrejas ou comunidades têm surgido na Região Metropolitana de São Paulo, entre elas: Comunidade Sara Nossa Terra e Igreja Apostólica Renascer em Cristo. No entanto, a IURD é a Igreja que tem apresentado maior crescimento, com uma taxa de variação média anual dos seus fiéis de 25,7% , o que significa ser quase três vezes superior a do conjunto dos pentecostais. Nestas igrejas, o padrão de conversão se difere pelo caráter de transitoriedade.

No protestantismo clássico, as pessoas convertiam-se uma vez e para sempre. Hoje elas convertem-se tantas vezes quanto necessário. As estatísticas mostram que os pentecostalismos continuam ganhando em número de convertidos (RIVERA, 2001: 203).

Atualmente, há uma variedade de igrejas neopentecostais; e as idéias difundidas pelas mesmas por meio da mídia religiosa atingem a uma massa de consumidores religiosos, independente do segmento de pertencimento. No caso da Igreja Metodista, isto é verificado pela ocorrência de campanhas de oração e libertação, práticas de exorcismo, estilo de louvor musical e outras evidências que indicam que os referenciais religiosos da Igreja Metodista estão em diálogo com referenciais de outros segmentos intermediados e reproduzidos pela mídia religiosa.

d) Outras religiões

No cenário nacional, a categoria “Outras religiões” representa 4,7% de fiéis –, não chegando a 3% da população brasileira. Em São Paulo, são representadas pelo Judaísmo, Espíritas, Religiões Afro-brasileiras, Budismo e outros. Estes grupos se diferem do segmento cristão, entre outros aspectos, por não evidenciarem, tão nitidamente, as características competitivas apresentadas no segmento cristão.

Os Espíritas kardecistas contam com 2,2 milhões de fiéis no Brasil. Segundo o Censo 2000³⁸, apresentam “os melhores indicadores, tanto de escolaridade (98,1% são pessoas de 15 anos ou mais de idade alfabetizadas), como de rendimento: 8,4% deles ganhavam mais de 20 salários mínimos” em relação ao restante da população brasileira. Em São Paulo, há maior concentração na capital, onde reúnem 340.000 pessoas; habitantes das zonas urbanas; também, congregam mais mulheres do que homens e pessoas com mais de 31 anos, de cor branca. Os adeptos estão inseridos principalmente no setor terciário, como “empregadores”, tendo, assim, rendimentos mais elevados.

As religiões afro-brasileiras contam com cerca de 550 mil adeptos, entre Candomblé e Umbanda. São Paulo é o segundo centro do Candomblé e o terceiro de Umbanda (JACOB et al. 2006).

³⁸ Censo Demográfico 2000 – IBGE - disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/27062003censo.shtm>; consulta em jan./2008.

O grupo neo-cristãos abrange os Testemunhas de Jeová, Mórmons e Legião da Boa Vontade; possuem mais fiéis que moram em áreas urbanas, mais mulheres e pessoas negras. Têm mais representatividade em São Paulo e Rio de Janeiro (JACOB et al. 2006).

As religiões orientais estão representadas principalmente pelo Budismo e pela Igreja Messiânica; no entanto, outros grupos menores integram este segmento como: Perfecty Liberty (1958), Seicho-no-iê (1930), o Hare Krishna (1974) entre outros, totalizando cerca de com 370 adeptos. (JACOB et al. 2006).

2.1.2 Cosmovisão Africana e Religiões Afro-Brasileiras

2.1.2.1 Cosmovisão africana

Apresentaremos neste tópico alguns aspectos da cosmovisão africana que norteiam as relações com o mundo e a organização social das sociedades tradicionais africanas, que foram recriadas no Brasil a partir das memórias culturais do povo negro. No entanto, esta reflexão provoca-nos ao questionamento: qual a relação das pessoas metodista com a cosmovisão africana?

Dentro dos limites deste estudo e da complexidade e diversidade étnico-cultural dos negros africanos abordaremos alguns pontos relevantes que permeiam as culturas africanas, sem pretensão afirmar a existência de um padrão africano, homogêneo e cristalizado no tempo, nem de priorizar alguma cultura local.

Os estudos de Bastide, (1985) Oliveira E.D. (2006), Silva V.G. (2000), Mattos (2007) e Munanga (2006), sobre as religiões de matrizes africanas, apontam que estas têm sido guardiãs da memória ancestral, entendendo com isto que não se trata de uma memória pura, mas ressignificada de acordo com as circunstâncias locais de tempo e espaço. Estas religiões significam forças de resistência frente à dominação, sofrida pelos antepassados negros nas formas de escravidão e opressão. A cosmovisão africana não é privilégio apenas das religiões de matrizes africanas, como o Candomblé e Umbanda, mas também perpassa as irmandades católicas de homens pretos, no passado, e tem sido recriada nas Pastorais Afros da Igreja Católica, como também no cotidiano de famílias negras. Setiloane (1992), metodista africano, fez um estudo sobre as conexões existentes entre a visão africana anterior à chegada

do cristianismo europeizado e as crenças cristãs; e para ele, princípios como de integralidade, comunidade, respeito à pessoa e força vital não são opostos ao cristianismo, conforme tem sido difundido no meio cristão.

Segundo Oliveira (2006), a cosmovisão africana é um modo de organização social, uma perspectiva de vida social; e, como tal, pode contribuir na reconstrução das identidades afro-descendentes:

A herança da cosmovisão africana altera a discussão sobre identidade brasileira. Com efeito, os afro-descendentes foram alijados de sua terra de origem, por um lado, e menosprezados em suas terras de ocupação, por outro. Negados ontologicamente em qualquer parte do mundo, suas culturas foram rotuladas como atrasadas, animistas, folclóricas, bárbaras, primitivas, o que evidencia o racismo a que foram historicamente submetidas à população africana e seus descendentes (OLIVEIRA, E.D., 2006:18).

Uma diferença fundamental hoje, nas práticas religiosas cristãs, em nossa sociedade, em relação à cosmovisão africana, é a noção de integralidade, segundo a qual o espiritual faz parte da realidade cotidiana. Nesta perspectiva, não há uma separação entre sagrado e profano, como um tempo/espço sagrados e um tempo/espços profanos, mas, ao contrário, o espiritual está presente em todos os acontecimentos da vida pessoal e comunitária. Esta visão de integralidade une o ser humano ao universo; ou seja, a interdependência de todos os seres humanos, como uma “teia de aranha”, cria uma ligação entre eventos objetivos e subjetivos, tendo, no sagrado, por meio da força vital e da ancestralidade, a força que sustenta e movimenta todos os espaços do universo e todos os seres que o compõem. Porém, as religiões de matrizes africanas organizam suas práticas de tal forma que estas acontecem em espaços públicos ou privados, profanos ou sagrados, e integrados à natureza e ao cotidiano dos adeptos.

A concepção de tempo, tanto nas sociedades africanas, como em outras culturas tradicionais, é, diferentemente das sociedades modernas, orientada para o passado, onde estão as respostas para os mistérios do tempo presente, bem como a sabedoria dos ancestrais. A tradição é sempre retomada e atualizada. É no passado que se encontra a identidade, enquanto vive-se o presente de forma dinâmica. O futuro é restrito a dias próximos subseqüentes, não cabendo aqui a noção de final dos tempos (OLIVEIRA, E.D., 2004).

Dentro da cosmovisão africana, a pessoa é o resultado de forças divinas e naturais. Sua essência está indissociavelmente ligada às divindades, como aos elementos da natureza; sem,

contudo, deixar de lado a importância da sociedade na formação da personalidade, por meio de ritos iniciáticos, que fazem parte do processo de socialização, o qual é coletivo e fundamentado na lógica da ancestralidade, ou seja, na tradição dos ancestrais e regras determinadas pelos antepassados, visando o bem-estar social de seus membros. Setiloane acrescenta que “o ser humano não é só ‘força vital’, mas é mais do que isso: ‘força vital em participação’[...] que forma a alma mesma do corpo comunitário e que é responsável pela atmosfera ligada ao grupo, clã ou tribo” (SETILOANE, 1992: 28-29).

A palavra tem significado especial dentro desta cosmovisão, pois ela é veículo transmissor da ‘força’ que anima e vitaliza o mundo.

Atua como criadora do universo, expressão da Força Vital, organizadora da esfera política, tanto em relação à comunidade quanto em relação às famílias. Ela gera e movimenta a energia, o que demonstra seu poder de transformação. É constituinte de quaisquer atividades no tempo, seja ele sagrado ou profano. O homem, por sua vez, ao ser criado, recebe a Força Vital e o poder da palavra, que são equivalentes, visto que a palavra é concebida como uma energia capaz de gerar coisas (OLIVEIRA, E.D., 2006:46-48).

A noção de família negra típica compreende a família extensa, formada pela comunidade de parentesco, a qual pode estar estruturada de forma matrilinear ou patrilinear, sendo comum a existência de aldeias originadas por ancestrais–mulheres. Os direitos e deveres são institucionalmente transmitidos pela família, seguindo uma linha entre as mulheres. A família-aldeia, formada pelo patriarca ou matriarca, mais as famílias conjugais, constituem uma unidade produtiva que se ocupa da sobrevivência do grupo.

O poder pode ser exercido nas sociedades com ou sem Estado e, em geral, concentrado nas unidades produtivas – nas famílias-aldeias -, sob controle de mecanismos reguladores como “os conselhos de família e de comunidade, as chefias de família, os encargos ancestrais atribuídos a certos notáveis e ainda as gerações de iniciados que exercem funções políticas” (OLIVEIRA E.D., 2006, p.61) ³⁹.

³⁹ A obra citada por Oliveira, E.D. é: Leite, Fábio. Valores Civilizatórios em Sociedades Negro-africanas. In *Introdução aos Estudos sobre África Contemporânea*. São Paulo: Centro de Estudos Africanos da USP, 1984, p.50.

2.1.2.2 As religiões afro-brasileiras

A idéia de uma religião pura não subsiste atualmente (GRUZINSKI, 2001), de forma que entendemos que as religiões africanas são produtos de fenômenos de interpenetrações culturais entre os povos da África, mas também com povos do Oriente Médio. O Judaísmo, o cristianismo e islamismo já estavam presentes em solo africano antes da dominação européia. Nash (2005), entre outros, tem desenvolvido pesquisas sobre o Antigo Testamento e a existência de raízes africanas na Bíblia. E, Setiloane (1992) defende que a cosmovisão africana, anterior à dominação européia, não só persiste no meio cristão africano, como também tem aproximações com as crenças cristãs.

A espiritualidade dos africanos, desenvolvida antes da dominação européia, facilitou a conversão dos mesmos ao cristianismo. “Foi essa consciência de Deus e esse temperamento religioso que tornaram possível a evangelização da África e que forneceram base para ela” (SETILOANE, 1992:47). No entanto, no Brasil, a concepção de religião de matrizes africanas está restrita a religiões conhecidas como de possessão ou mágicas, das quais se destacam o Candomblé, macumba e Umbanda. Esta visão criou um abismo entre o cristianismo – religião do dominador -, principalmente por parte dos protestantes, e a cosmovisão africana, que foi absorvida e recriada nestas religiões – religiões dos dominados.

Em São Paulo, segundo o censo 2000, a maioria negra está nas igrejas pentecostais, que por sua vez apresentam um discurso herdado das igrejas protestantes e norte-americanas, juntamente com elementos da cultura popular, desde que não associados à religiosidade afro-brasileira. Por outro lado, o Candomblé, historicamente considerado como reduto cultural e de resistência negra, vem passando por um processo de embranquecimento e transformando-se de uma religião étnica para uma religião universal (SILVA, V.G., 1995).

As religiões de matrizes africanas, segundo Campos (2001), têm sido classificadas na categoria de “religiões dos vencidos”, em referência à história da colonização. Para este autor, pela perspectiva de que os sistemas simbólicos representam “espaço de conflitos e lutas dentro de uma sociedade, é possível perceber a existência de mecanismos sociais que transformam as religiões de outros povos em meras expressões mágicas e os seus deuses em desprezíveis demônios” (CAMPOS, 2001:124).

Dentre as expressões de religiosidade negra existentes na Região Metropolitana de São Paulo, destacamos Candomblé e Umbanda, religiões conhecidas como herdeiras das matrizes

africanas e também como religiões de possessão. O processo de construção dessas crenças em solo brasileiro passou por ressignificações e adaptações materiais e simbólicas até chegar às formas atuais. O Candomblé surgiu na Bahia, no século XIX, e em São Paulo, com a imigração nordestina na década de 60 do século passado, associado à Umbanda, sua principal interlocutora (SILVA, V.G., 2000).

Enquanto nas sociedades tradicionais africanas, a religião exercia um papel fundamental na organização da vida comunitária, aqui no Brasil, estas práticas tiveram que se adaptar aos contextos social e urbano. Desta forma, seus ritos, antes praticados junto à natureza (água, árvores, terra), hoje acontecem nos espaços públicos, no asfalto, em pequenos espaços de cultivo de ervas, ou fora da cidade (SILVA, V.G., 2000). A dimensão comunitária se restringe as organizações de cada terreiro.

A religiosidade africana é pragmática e comunitária. Está associada à vida e ao universo. Dentro desta perspectiva há uma lógica religiosa de associação entre o rei (detentor do poder político-militar-religioso) e a produção, podendo ocorrer o regicídio, como instrumento de controle do poder real, quando não atende as necessidades básicas da comunidade. Nestas religiões, não há a noção de salvacionismo, nem de pecado. Os poderes masculinos e femininos se complementam e as divindades podem ser masculinas, femininas ou andróginas. Cada pessoa tem uma função e uma responsabilidade; portanto, excluir-se das responsabilidades significa excluir-se da comunidade e de seus benefícios. A socialização dos africanos é coletiva e não individual, dentro de uma concepção de integralidade.

Segundo a análise de Prandi, o número de adeptos das religiões afro-brasileiras decresceu nas últimas décadas:

O candomblé cresceu para dentro e para fora do universo afro-brasileiro. Seus seguidores declarados eram cerca de 107 mil, em 1991, e quase 140 mil, em 2000; o que representa um crescimento de 31,3% num período em que a população brasileira cresceu 15,7%. Sem dúvida um belo crescimento. Por outro lado, a umbanda, que contava com aproximadamente 542 mil devotos declarados em 1991, viu seu contingente reduzido para 432 mil em 2000. Uma perda enorme, de 20,2%. E porque o peso da umbanda é maior que o do candomblé na composição das religiões afro-brasileiras, registrou-se para este conjunto nada mais nada menos que um declínio de 11,9% numa só década. Na década anterior, fato para o qual Ricardo Mariano chamou a devida atenção (Mariano, 2001), as religiões afro-brasileiras já tinham sofrido uma perda de 4,5%, declínio que não somente se confirmou como se agravou na década seguinte. O conjunto encolheu, mas o candomblé cresceu. (PRANDI, 2003)

As religiões de matrizes africanas são vistas sob preconceitos e discriminação pela sociedade, sendo comuns casos de agressões e violência sofridas pelas pessoas adeptas. No mês de março de 2008, foi denunciada, em emissora de televisão, a destruição de um templo de candomblé, na cidade de Salvador, por ordem do prefeito que, por coincidência, é evangélico. O discurso das igrejas pentecostais e neopentecostais são enfáticos contra as crenças afro-brasileiras, consideradas como demoníacas. As propagandas dessas igrejas tanto na televisão, como no rádio, destacam a libertação das feitiçarias e opressões, relacionadas à Macumba e ao Candomblé, reforçando atitudes de agressão e violência aos templos e aos seus adeptos. As igrejas protestantes são omissas a respeito deste assunto e, apesar do discurso de tolerância religiosa, não há posicionamentos públicos – e acreditamos que nem privados – de solidariedade às religiões afro-brasileiras quanto às perseguições, motivadas pela intolerância religiosa; pelo contrário, a omissão tem representado uma forma de condenação a estas religiões.

2.2. A IGREJA METODISTA (IM) E SUA INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES NEGRAS

Nesta parte do capítulo, temos como objetivo explicitar as formas de inserção de negros na Igreja Metodista, a partir da visão evangelística dos missionários norte-americanos e do discurso inscrito nos documentos e na imprensa escrita da Igreja Metodista. Inicialmente apresentaremos a estrutura e organização institucional.

2.2.1 Estrutura e Organização da Igreja Metodista

A Igreja Metodista no Brasil está estruturada por Regiões Eclesiásticas, com base na divisão geográfica. Atualmente, compreende oito regiões: Primeira Região: Estado do Rio Janeiro; Segunda Região: Estado do Rio Grande do Sul; Terceira Região: parte do Estado de São Paulo; Quarta Região: Espírito Santo e Minas Gerais; Quinta Região: Interior de São Paulo, Goiás, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Triângulo Mineiro e Brasília; Sexta Região: Paraná e Santa Catarina; REMNE - Região Missionária do Nordeste; REMA - Região Missionária da Amazônia.

Cada região divide-se em Distritos Missionários⁴⁰ que abrangem um número variado de igrejas, congregações e pontos missionários. As congregações e pontos missionários são organizações dependentes de igrejas locais.

A Terceira Região Eclesiástica, que ocupa parte do Estado de São Paulo, possui 17.341 membros⁴¹ e nove distritos missionários. Os dados apresentados referem-se aos sete distritos localizados na região metropolitana de São Paulo, que abrangem 12.337⁴² membros, 122 igrejas, 14 congregações e 20 pontos missionários. Estes distritos são: Central, Norte, Sul, Leste 1, Leste 2, Oeste e ABCD.

A Igreja Metodista é administrada por um colégio episcopal, formado atualmente por sete bispos e uma bispa, e pela Coordenação Geral de Ação Missionária (COGEAM). Os membros do colégio episcopal e da COGEAM são eleitos pelo Concílio Geral, que é realizado a cada quatro anos. Os concílios podem ser de jurisdição nacional, regional, distrital e local. Cada região é administrada pelo bispo ou bispa e pela Coordenação Regional e Ação Missionária (COREAM), esta eleita em Concílio Regional, realizado a cada dois anos. Os Superintendentes Distritais são pastores e pastoras nomeados por bispo ou bispa da região para assessorá-lo no acompanhamento das igrejas, dos distritos missionários, e nas nomeações de pastores/as às igrejas.

As igrejas locais são administradas por pastores ou pastoras, juntamente com uma Coordenação Local de Ação Missionária (CLAM), formada pelos coordenadores de Ministérios e de grupos societários. Os Ministérios são grupos de membros que dedicam parte de seu tempo a serviços específicos, de caráter espiritual, educativo ou social. Os grupos societários têm caráter sócio-religioso e são organizados por faixa etária, no caso de adolescentes e jovens, e por sexo, no caso de adultos. Existem outros grupos locais formados de acordo com interesses e necessidades das igrejas.

⁴⁰ Distrito é a área sob supervisão de um/a Superintendente Distrital e jurisdição do Concílio Distrital para integrar, articular e promover a ação missionária das igrejas locais. § 1º - O distrito inclui duas ou mais igrejas, a juízo do Concílio Regional. (Cânones 2007:275). O Superintendente Distrital é um/a pastor/a nomeado/a pelo/a Bispo ou episcopisa.

⁴¹ Estatística de rol de membros 2006 – cedida pela assessoria da sede regional da Igreja Metodista-3ªre

⁴² ibidem

2.2.2 Origens Históricas da Igreja Metodista no Brasil e a Dinâmica das Relações Raciais com o Grupo Negro.

A distância do momento atual em relação ao movimento metodista, iniciado na Inglaterra, no século XVIII, pelos irmãos anglicanos, Rev. João Wesley e Carlos Wesley, é visível nas igrejas metodistas contemporâneas. Verificamos, hoje, nos cultos e trabalhos religiosos a predominância de mensagens empacotadas e importadas das novas igrejas, principalmente na parte designada como “Momento do Louvor”, onde os grupos repetem as formas utilizadas nas novas modalidades religiosas e nos rituais apresentados nas rádios e televisão, os quais geralmente são os mesmo tocados nas rádios. Durante a pesquisa de campo, observamos a fala de um pastor da igreja neopentecostal “Sara Nossa Terra”, que dizia que “tudo que é tocado pelo crente, gera prosperidade. Esta mensagem parecia-nos de acordo com a identidade daquela igreja; no entanto, ouvimos este mesmo discurso numa Igreja Metodista, por parte de um professor de uma classe de estudos bíblicos dominicais, que contava entusiasmado sobre a crença no sucesso (material, emprego, sonhos) daquele que crê em Cristo, numa alusão à teologia da prosperidade tão veiculada no meio pentecostal. Assim, o trânsito de idéias religiosas nos meios metodistas, principalmente de procedência neopentecostal, revela que as crenças contemporâneas têm influenciado mais a formação de muitos metodistas, do que os próprios pensamentos teológicos de John Wesley, seu fundador, para quem o valor da ação social cristã superava o do sucesso material. Em outros termos, na visão de Wesley, os atos de misericórdia (na relação com o próximo) e os atos de piedade (na relação com Deus, oração, comunhão) eram as referências cristãs; “O Evangelho de Cristo não conhece outra religião que a social nem outra santidade que a social. Este mandamento temos de Cristo, que o que ama a Deus, também ame a seu irmão”⁴³. Todavia, John Wesley é mais conhecido no meio metodista pela sua experiência do “coração aquecido”, considerada o grande momento de sua conversão e referência do modelo de espiritualidade avivada, a qual predomina, atualmente, nos cultos metodistas, caracterizado pelo apelo emocional e grande intensidade sonora. Dornellas (2002) considera que o “cristianismo equilibrado” é uma das marcas do metodismo.

⁴³ Esta citação de John Wesley consta em *Obras*. Vol. VIII, p.593, segundo o Documento nº11 da Igreja Metodista: Diretrizes para Ação Missionária NA QUESTÃO DA TERRA.

Para Wesley, as fontes mais importantes da prática metodista são a Bíblia, a Tradição, a Experiência e a Razão. Os quatro são interdependentes e um não pode existir sem o outro. Embora haja uma primazia em relação à Bíblia, os quatro devem instruir toda a nossa reflexão religiosa. (DORNELLAS, 2002:19, 36)

Consideramos esta concepção importante, porque resgata a visão wesleyana do evangelho social, que na época mobilizou metodistas contra a escravidão africana e o tráfico de escravos, na Inglaterra.

Dentre as contribuições do movimento metodista na Inglaterra, pode-se destacar a participação dos metodistas ingleses no combate ao tráfico de negros, através dos abaixo-assinados enviados ao Parlamento, visando à aprovação da Abolição do Tráfico de Escravos pela Grã-Bretanha. Ainda em 24 de fevereiro de 1791, portanto seis dias antes de sua morte, John Wesley escreveu sua última carta, endereçada a Guilherme Wilberforce, incentivando-o a continuar na luta antiescravidão. (ANDRADE, 1995:206)

Salientamos, porém, que o metodismo brasileiro não é originário direto do metodismo Wesleyano. No Brasil, foi implantado por imigrantes metodistas norte-americanos, sulistas, que aqui chegaram por volta da segunda metade do século XIX, após a derrota na guerra da Secessão (1861-1865), quando então defendiam o sistema escravagista, contra os norte-americanos do norte.

Cerceados lá, muitos norte-americanos protestantes imigraram para o Brasil, seduzidos pela facilidade e baixo custo na aquisição de escravos negros. Os missionários vieram com a missão de implantar a Igreja Metodista no Brasil. Naquele contexto, a libertação dos escravos não era parte das preocupações missionárias, até porque, envolver-se com a abolição poderia acarretar prejuízos no objetivo da missão.

Assim, os metodistas do Sul dos Estados Unidos tinham novas interpretações do metodismo wesleyano, em função do contexto e cultura locais, chegando mesmo a apresentar contradições, como no caso da escravidão negra. Se, para Wesley, a escravidão era um mal a ser combatido, em defesa da emancipação das pessoas negras, para os metodistas e demais protestantes sulistas dos Estados Unidos, a mão-de-obra escrava era necessária na produção de grandes lavouras de algodão, e justificada teológica e bíblicamente pela “doutrina da Igreja Espiritual”. Esta doutrina tinha como princípio fundamental o texto bíblico “Daí a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus” para justificar a dissociação das questões políticas e sociais, das questões *espirituais*, como conversão e conduta. Assim, a preocupação

evangelística para com os escravos se limitava à salvação das “as almas”, cabendo à providência divina, os caminhos da emancipação. (BARBOSA, 2002: 87-88).

Estas questões são importantes para analisarmos algumas características das relações étnico-raciais que ainda vigoram no meio metodista. A experiência metodista do sul dos Estados Unidos foi marcada por uma visão racista. Por esta perspectiva, a evangelização dos negros escravizados tinha como objetivo sua domesticação. A lógica da salvação implicava a obediência ao senhor. A disciplina cristã - com o uso da bíblia - atendia aos interesses econômicos dos senhores de escravos. E a libertação foi deslocada para o patamar espiritual e para um futuro após vida terrena (BARBOSA, 2002). Do que se conclui que a inserção dos negros ao metodismo norte-americano ocorreu com base numa visão racista, de inferioridade e de submissão.

Em São Paulo, o primeiro núcleo metodista formado por imigrantes norte-americanos surgiu na Região de Campinas, nas cidades de Santa Bárbara, Limeira, Americana, sendo que a primeira Igreja Metodista no Brasil foi implantada em 1871, na localidade de Saltinho (BARBOSA, 2005). Desde seu início, a missão metodista tinha como preocupação a evangelização de caráter proselitista, voltada para a criação de igrejas e a implantação de escolas, como meio de disseminação de sua fé e cultura. Os missionários criaram escolas para a elite e escolas paroquiais direcionadas para o povo da classe social mais baixa.

Em 1930, com a autonomia em relação à Igreja Metodista Unida, constituiu-se a Igreja Metodista no Brasil iniciando, assim, uma segunda fase. Na primeira fase – a dos missionários - as igrejas metodistas foram formadas principalmente por pessoas brancas: primeiro por imigrantes norte-americanos e depois por brasileiros/as da classe média, que formavam o grupo dominante.

Na fase de implantação da Igreja Metodista, não houve, aqui, nenhuma posição oficial contrária à escravidão negra, como também não houve, a favor da abolição. A questão ficou por conta de manifestações individuais de alguns líderes metodistas. No auge do processo abolicionista em 1887, o jornal metodista *Expositor Cristão*, na época *Methodista Cathólico*, apenas fez uma referência superficial à abolição do tráfico de escravos entre as sugestões de oração:

Súplicas pelos reis e quantos estão em autoridade pelo divulgamento da justiça e paz, pelo frustamento de todas as conspirações e tramas maliciosas; pelo abatimento dos zelos nacionaes e impedimentos de guerras injustas; pela completa abolição do tráfico de escravos, do comércio de ópio e de todo negócio imoral; para que os governadores e povos gentílicos recebam favoravelmente os missionários christãos, e pela vinda de Christo em seu reino (BARBOSA, 2002:177).

Sobre a adesão de pessoas negras escravas ou ex-escravas ao metodismo, pouco se conhece na história do metodismo brasileiro; mas alguns documentos resgatados por BARBOSA (2002) comprovam a presença de pessoas negras, como revelado na carta enviada pelo Pr. Ludgero ao Expositor Cristão em 1887:

Seguimos para a fazenda do referido Capitão... De noite pregamos a algumas 50 pessoas ou mais, incluindo um número considerável de escravos (EC, 01/04/1887, p.4) (BARBOSA, 2005:78).

Conseguimos organizar uma escola dominical, denominada Escola Dominical Missionária Sul Americana [...] Está dividida em oito classes com quatro professores e quatro professoras. Nós nos reunimos às 16:30 horas aos domingos. Temos duas classes de pretos, uma fala inglês, a outra, português. Atualmente parecem muito interessados e ansiosos em aprender (BARBOSA, 2002:39).

No entanto, a evangelização de pessoas negras mostrou-se ambígua e controvertida: pregava a liberdade espiritual, sem envolvimento com a questão social e concebia os negros como indivíduos menos capacitados, que deveriam ser “educados” ou domesticados pela conversão e disciplina cristã. Por estas razões, a evangelização das pessoas negras era acompanhada de atitudes paternalistas. O metodismo, como as demais igrejas protestantes, rejeitava as culturas populares do Brasil, por serem consideradas como bárbaras e imorais, como pode ser verificado no documento da Comissão especial, designada para tratar da evangelização dos índios e dos negros libertos no Brasil, constituída na oitava reunião da Igreja Metodista Episcopal em 1889. O documento produzido sob o título “A evangelização dos índios e dos libertos no Brasil” mostra como a evangelização dos negros no Brasil tinha um caráter racista declarado de inferioridade e negatividade dos negros e índios, e objetivos definidos de domesticação e dominação cultural:

No império do Brasil existem provavelmente mais de um milhão e meio de pretos recentemente emancipados. Destes, uns cinquenta mil habitam na província do Rio Grande do Sul, que forma uma parte integrante do nosso campo missionário. Sem educação, sem preparação para gozar, com proveito verdadeiro, da sua liberdade, sem princípios religiosos adotados a refrear as suas paixões ou morigerar os seus costumes, sem conhecimento do Evangelho do Filho de Deus, o verdadeiro Libertador, já se descobre entre eles a tendência para a preguiça e para a desmoralização, que são para temer-se entre as primeiras manifestações da sua nova situação e que produzirão os mais funestos resultados, se não se interpuserem as influências, que emancipem da escravidão da ignorância e do pecado subsistentes... e ainda mais, recomendava a adoção do projeto para a organização de uma Sociedade Protetora dos Libertos do Brasil (BARBOSA, 2005:107).

Assim, fica evidente que a visão de missão da Igreja Metodista incluía a adesão de pessoas negras que, após processo de conversão, passavam para o *status* de “irmãos e irmãs”. A conversão, porém, impunha a ruptura com a cultura popular fortemente influenciada pela cultura dos negros e a mudança de conduta, baseada em valores culturais metodistas fundados na cultura ocidental européia e norte-americana. Porém, o *status* de “irmãos e irmãs”, não significava tratamento e oportunidades iguais entre os irmãos/ãs negros/as e irmãos/ãs brancos/as.

Haja vista que, na história oficial da Igreja Metodista, destaca-se o protagonismo das pessoas brancas, desvalorizando o protagonismo negro, embora muitas pessoas negras tenham sido fundamentais na formação de igrejas locais, oferecendo suas casas e seus bens para a instalação das igrejas em formação, bem como exercendo trabalhos como evangelizador, intercessor (oração), visitador de doentes, entre outros. É o que verificamos abaixo no relato do pastor Silas Cezar, negro metodista, sobre seu pai, que era filho de escrava e do proprietário.

Na Igreja Metodista Episcopal do Sul de Amparo, que na sua evolução histórica, após autonomia passou a chamar-se apenas Igreja Metodista de Amparo, meu pai foi muito abençoado e distinguido pelos irmãos, que o elegeram para vários cargos, durante o período de 1901 a 1936 [...] O cargo que absorveu o maior tempo de sua vida como religioso e fiel ao seu Senhor foi o de Exortador [...] O exortador era homem de personalidade austera, benquisto entre os membros, pois era a pessoa que a mando do Pastor à Cargo da Conferência Trimestral, percorria o Circuito, exortava com amor os irmãos enfraquecidos, restaurando-lhes a fé no Senhor Jesus, pregava e executava outros atos espirituais. (Cezar, 1995)

Trago na memória, enquanto filha de pastor metodista negro com passagem em diversas igrejas metodistas, a imagem de alguns negros metodistas “muito consagrados”, que acompanhavam meu pai nas visitas aos doentes. Porém, o fato de estarem envolvidos nas atividades das igrejas, mesmo ocupando cargos de liderança, não deve ser dissociado do processo de domesticação e dominação cultural a que foram submetidos.

A invisibilidade histórica da configuração multirracial da igreja tem favorecido a visibilidade do protagonismo das pessoas brancas, que estão, em geral, em posições de poder; e ocultado o protagonismo dos negros metodista, os quais ficam no anonimato.

Percebemos, hoje, que há uma tendência de enegrecimento da Igreja Metodista, devido a sua expansão evangelística em direção à periferia. No entanto, parece que a temática racial não tem sido preocupação nestas ações, até porque, ainda, prevalece a lógica dos missionários

norte-americanos, ou seja, a salvação individual da alma, dissociada das injustiças sócio-raciais, acompanhada da visão racista de superioridade, manifestada por ações paternalistas e assistencialistas.

2.2.3 Preocupações Sócio-raciais em Relação à População Negra nos Documentos da Igreja Metodista

Esta análise de documentos da Igreja Metodista tem como objetivo verificarmos em que medida o discurso metodista contribui na formação das identidades das pessoas negras. Ou, até que ponto o racismo ainda intermedia as relações raciais dentro do contexto metodista.

Segundo Weber, (1999:315-316) o cristianismo apresenta uma dogmática sistematizada extensa, de caráter teórico, estritamente compromissória. E a educação dos leigos que constituem a comunidade religiosa – congregação - é uma das preocupações dos sacerdotes⁴⁴, ou pregadores, conforme a designação dada no protestantismo. Desta forma, cabe aos sacerdotes a interpretação dos dogmas e a fixação literária da tradição, como uma forma de manter a comunidade dos crentes, como uma associação permanente. Portanto, a importância da doutrina e dos símbolos para as instituições religiosas está no “combate sacerdotal contra o profundamente odiado indiferentismo, contra o perigo de que arrefeça o entusiasmo dos adeptos e, por outro lado, a ênfase na importância da pertinência ao grupo religioso próprio e a obstrução da passagem para outros [...]” (IDEM: 316).

O corpo de conhecimento sacerdotal das religiões é renovado e, ao mesmo tempo, transmitido por meio das práticas, cujo fim é a “administração de consolo religioso individual em aflições internas ou externas”, designadas de sermão - “ensinamento coletivo sobre coisas religiosas e éticas”, e de “cura das almas” -, “ensinamento individual sobre deveres concretos” (IDEM: 318).

O ensinamento coletivo da IM é transmitido por meio oral e escrito, mas, para fins deste estudo, deter-nos-emos no pensamento teológico e ético da Igreja Metodista, que está sistematizado nos documentos intitulados *Cânones*, periodicamente avaliado e atualizado nos

⁴⁴Weber apresenta a concepção de sacerdote da seguinte forma: “Para nossos fins, fazemos mais justiça às diversas e imperfeitas possibilidades de distinção ao tomarmos como característica essencial a adaptação de um círculo *especial de pessoas ao exercício regular do culto*, vinculado a determinadas normas, a determinados tempos e lugares e que se refere a determinadas *associações*. (WEBER, 1999:294-295).

Concílios Gerais da Igreja, e nas Cartas Episcopais que apresentam orientações a respeito da ética e conduta cristã.

Consideramos, porém, que nem sempre existe uma correspondência direta entre a retórica oficial, que representa, em grande parte, visão e interesses do círculo ligado ao poder, e a vontade e atos coletivos, ligados ao povo metodista. Entendemos também que este material nos ajuda a delinear a identidade organizacional metodista e os referenciais metodistas na formação identitária das pessoas negras metodistas.

A pesquisa documental consistiu na coleta de dados em diversas fontes, e apresenta os pensamentos ou as verdades defendidas em determinados contextos e épocas. Portanto, estão sujeitas às interpretações e reinterpretações, como também às omissões e seleções de fatos e verdades. Para Foucault (1979), a verdade não é o “conjunto de coisas verdadeiras a descobrir ou a fazer aceitar”, mas é construída por meios de um “conjunto regras segundo a quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder [...] e que a verdade está em torno do sistema de poder.” (IDEM, 1979:13). Assim, como qualquer organização social, a igreja apresenta uma dinâmica de relações de poder; e as verdades expressam, também, o pensamento do grupo que circula em torno do poder. De modo que, a cada época, os documentos são “atualizados”; como no caso dos *Cânones*, por meio dos Concílios Gerais da Igreja Metodista⁴⁵, ou por meio dos atores que estão na direção destes veículos informativos, como no caso dos jornais e revistas.

Para fins deste estudo, selecionamos como fonte documental os documentos oficiais da Igreja contidos no livro intitulado “*Cânones 2007*”, seguido de Documentos Pastorais, produzidos pelo Colégio Episcopal; exemplares da revista “*Voz Missionária*” e um exemplar da revista “*RAÇA NEGRA: preto é cor, raça é negra*”; e exemplares dos jornais “*Expositor Cristão*”, de abrangência nacional, e o informativo regional “*Conexão*”, produzido pela 3ª RE.

⁴⁵ Nos *Cânones 2007* consta: Capítulo II – Da Administração Superior; Seção I - Do Concílio Geral; Art. 48 – “O Concílio Geral é o órgão superior de unidade da Igreja, e suas funções são legislativas, deliberativas e administrativas.”

2.2.3.1 Cânones e documentos episcopais

a) *Cânones 2007*

Cânones⁴⁶ é o documento organizacional da Igreja Metodista que contém suas normas eclesiais e administrativas, diretrizes, credo social, plano diretor missionário, matérias aprovadas em Concílios Gerais que ocorrem a cada quatro anos. Esta versão 2007 está atualizada com as modificações, e aprovada no XVIII Concílio Geral, realizado em julho de 2006, com vigência até 2011.

A parte inicial do livro *Cânones 2007* aborda a proclamação da autonomia da Igreja Metodista em relação à matriz norte-americana, ou seja, à Igreja Metodista Episcopal do Sul, decretada em 1930 e a constituição da Igreja Metodista para 2007. Em seguida, apresenta a Parte Geral, que contém os elementos básicos da Igreja Metodista, de onde obtivemos os dados desta pesquisa. O final do livro apresenta a Parte Especial, que trata das questões de ordem organizacional e administrativa.

Nossa pesquisa constou do levantamento de trechos e termos relacionados à questão racial ou aos negros e negras, como: racismo, preconceitos, negro, negra, cultura, raça-etnia. Para apresentação dos dados, seguimos a ordem dos capítulos do documento.

Capítulo I – Das Doutrinas (pp.35-44): - Não foi detectado qualquer indício relacionado à questão racial, todavia, há abertura para adaptar os ritos litúrgicos, considerando a “diversidade dos países, tempos e costumes dos homens” onde a Igreja esteja inserida, desde que não prejudique a edificação (p.43). Contudo, no caso brasileiro, onde existe uma mescla cultural de raízes indígena, africana, européia, asiática, é pouco visível a presença desta mescla cultural dentro das igrejas metodistas, havendo padronização baseada na cultura protestante norte-americana e inglesa, que vem sofrendo a influência das igrejas pentecostais e neopentecostais. Estas sim apresentam características mais culturais populares. No entanto, as culturas afro-brasileiras são impedidas em comunidades metodistas por serem consideradas como pagãs ou satânicas.

Capítulo II – Dos Costumes – (pp. 47-48) - Este capítulo trata do código de conduta cristã, recomendado aos seus membros; uma relação de costumes, adaptada do documento escrito por João Wesley, denominado *Regras Gerais*. Destacamos dois pontos desta relação:

⁴⁶ COLEGIO EPISCOPAL DA IGREJA METODISTA - *Cânones da Igreja Metodista 2007*, São Paulo. Cedro; 2007.

“os metodistas são: [...] tolerantes e respeitadores das idéias e opiniões alheias; [...] benfeitores dos necessitados; defensores dos oprimidos [...]” (p.48). Este artigo é uma crítica à intolerância religiosa, mas que não chega a evidenciar se tem um caráter passivo ou ativo, em relação à intolerância religiosa existente na sociedade contemporânea. Outra questão que podemos levantar é se esta tolerância diz respeito às diversas opções religiosas existentes na sociedade brasileira, ou aos grupos religiosos históricos cristãos. Neste sentido, fica confuso sabermos qual o grau de tolerância ou intolerância, relacionado com as religiões afro-brasileiras, as quais representam grupos oprimidos (em geral pessoas negras e pobres) que vêm sofrendo atos de intolerância, principalmente, por parte de evangélicos, como tem sido retratado na mídia. Sem contar que tais religiões, no imaginário cristão, são associadas ao Mal. Portanto, em relação a estas religiões a afirmação metodista de tolerância é abstrata, parecendo cumprir uma posição formal e não posição concreta de ações de solidariedade contra a intolerância.

Capítulo III - O Credo Social da Igreja Metodista - (pp. 49-56) – Este capítulo trata da doutrina social da IM, aprovada no X Concílio Geral, cujas raízes têm no Credo Social Metodista de 1908, criado nos Estados Unidos. Tomamos como referência além da versão atual, a de 1968. Esta apresenta uma visão social progressista, conforme observamos na declaração que consta em sua primeira publicação:

Crer num reino de Verdade libertadora como é o Reino da fé cristã, implica numa luta permanente contra toda e qualquer espécie de escravidão, tanto do corpo quanto da mente do homem; lutar para que o homem alcance o exercício pleno e responsável de sua liberdade é dar testemunho do Reino de Deus⁴⁷.

Este pensamento revela um momento da Igreja Metodista, na década de 60 do século XX, e consta na primeira versão, escrita em 1968, intitulada “*O Credo Social da Igreja Metodista do Brasil: um documento vivo*”, reformulado e aprovado no Concílio Geral de 1970. Contudo, vamos nos deter primeiro na versão original, fruto de um contexto sócio-político de opressão e restrições, na época da Ditadura Militar, no Brasil, o que não deixou de impactar a Igreja Metodista.

⁴⁷ CREDO SOCIAL DA IGREJA METODISTA DO BRASIL: Um documento Vivo – Publicação da Junta Geral de Ação Social Igreja Metodista do Brasil - Imprensa Metodista, fev.1968.

Este documento não foi um trabalho isolado da Igreja Metodista, mas estava em concordância com outros acontecimentos, ocorridos na época, conforme relata Campos (2002).

como mudanças na Igreja Católica decorrentes do Concílio Vaticano II (1962-1965) e de Medellín; o crescimento do Pentecostalismo; o despertar de pastores jovens e leigos para uma ação político-social das igrejas. (CAMPOS, 2002:91)

Contudo, não deixou de representar um movimento dentro das igrejas, identificado com a classe média estudantil branca e, como tal, apresentando uma visão sobre os negros, apenas como grupo oprimido pelo racismo e pela pobreza, não destacando o protagonismo dos negros/as metodistas. Diferentemente do que acontecia na sociedade civil, onde os movimentos negros se mostravam atuantes e integrados aos movimentos sociais, como é o caso do Movimento Negro Unificado (MNU), bastante atuante durante a ditadura.

É importante, também, destacarmos a influência da Confederação Evangélica do Brasil e da organização continental ISAL – *Igreja e Sociedade na América Latina* – ligada ao Conselho Mundial de Igrejas, fundado em 1961, sobre as igrejas protestantes, de forma que nesta época foram elaborados outros documentos similares à doutrina social metodista como: “Pronunciamento Social da Igreja Presbiteriana do Brasil”, o “Manifesto da Ordem dos Ministros Batistas do Brasil” e as “Declarações Sociais da confederação Evangélica do Brasil” (IBIDEM).

A apresentação do documento, escrita pelo Rev. João Paraíba D. da Silva, Secretário Executivo de Ação Social da IM na época, aborda de forma abrangente o que é fé cristã e amor ao próximo, a liberdade da igreja, a ilusão da neutralidade e o significado do Credo Social da Igreja Metodista. A parte inicial do documento já apresenta não só a intenção de resgate da visão social do metodismo wesleyano, mas também deixa evidente a postura de denúncia e luta contra o racismo:

A tentação do poder, da riqueza que, eram mais individualistas, assume hoje, e cada vez mais, um caráter coletivo: classes dominantes, [...] conflitos entre raças, [...].

[...] queremos de fato “alimentar aqueles que têm fome”... “Então ocupemo-nos das “vítimas” da discriminação racial e da [...]”.

É evidente que o Credo Social faz mais justiça à obra pastoral e social de John Wesley [...] Sua luta incessante contra [...] escravidão [...] é que mostram a visão social do pioneiro do metodismo. (CREDO SOCIAL, 1968:3, 5,10).

E as citações continuam no próprio corpo do Credo Social.

Cremos que Deus é pai de toda *a raça humana*. [...]

Wesley declarava a igualdade de todos os homens. O pecado torna ridículas as pretensões de superioridade de um grupo sobre o outro

Constitui ofensa ao espírito criador de Deus todo e qualquer preconceito de raça, pois ‘de um só fez toda a geração dos homens, para habitar sobre a face da terra [Atos 17.26].

Idéias sobre [...] o direito divino da raça branca já não são plausíveis hoje, especialmente para os que deles se beneficiam [...].

Nos Estados Unidos, em 1869, havia teólogos de renome que defendiam a escravidão com bases “bíblicas” [...] Não existirá tal espécie de teologia entre nós? [...]

Visando o bem-estar individual e social, propugnamos, pois pelo seguinte [...] 1. Combate tenaz e decidido aos vícios [...], e males que corrompem a sociedade [...]; i) a toda espécie de preconceito racial e religioso. (CREDO SOCIAL METODISTA, 1968: 17, 19, 22, 26,31).

Na versão atual, aprovada no X Concílio Geral, em 1970, o *Credo Social* dá ênfase à palavra pobreza e outras a ela relacionadas, como opressão, marginalidade social, miséria, necessitados, e afirma seu compromisso com a causa de libertação da pobreza e com a justiça social. A pobreza aparece como decorrência de “desequilíbrios econômicos, estruturas sociais injustas, da exploração de indefesos, da carência de conhecimento” (pp: 56-60), e a questão racial fica diluída dentro desta visão universalista.

A palavra discriminação aparece duas vezes: uma afirmando que o amor de Deus, “reconciliador em Jesus Cristo, vence barreiras entre irmãos e destrói toda forma de discriminação entre os homens” (p.52); em outra parte, afirma a necessidade de criar programas nacionais que combatam, entre outras coisas, a discriminação (p.54). Como podemos notar, as posições declaradas se tornam mais universais.

Comparando as duas versões, percebemos que ocorre um deslocamento da atenção dada à questão racial, de acordo com as pessoas que estão em torno do poder de elaboração dos documentos. Observamos que as referências raciais existiam e foram retiradas. Enquanto que a primeira versão evidencia a questão de forma mais enfática, na versão atual a questão racial (racismo, preconceito e discriminação racial) fica praticamente excluída, deixando transparecer uma redução da preocupação social da Igreja para com o grupo negro.

Capítulo V - O Plano para a vida e a Missão (pp. 73-108) – Este documento foi aprovado no XIII Concílio Geral, em 1982, como resultado de dois Planos Quadrienais

anteriores, aprovados nos XI e XII Concílios Gerais, 1974 e 1978, respectivamente, os quais buscavam responder

a um anseio de se “pensar a vida da igreja a partir de uma proposta global que mobilizasse todos os seus setores e que pudesse ser uma tentativa de resposta às questões que afligiam a sociedade brasileira”⁴⁸.

O momento da sociedade brasileira, na época da elaboração deste documento, era de esperança. O clima era de mudanças positivas, com a redemocratização, o retorno de lideranças políticas exiladas e dos movimentos sindicais e sociais. A preocupação da Igreja com a pobreza é enfatizada neste documento:

Esta compreensão abrangente da salvação faz com que os metodistas se comprometam com as lutas que visam a eliminar a pobreza, a exploração e toda a forma de discriminação [...] (pp77-78).

Criar estruturas que visem ao desenvolvimento da consciência nacional para a promoção dos discriminados e marginalizados: o negro, o índio, a mulher, o idoso, o menor, deficientes, aposentados e outros; (pp. 91/92).

Assim, são utilizados termos como libertação e promoção da vida humana: indivíduos, grupos ou comunidades são vistos como vítimas de estruturas sócio-econômicas; a marginalidade, a opressão e discriminação fazem, então, parte da preocupação social da Igreja; do que deduzimos que a população negra está incluída, entre os discriminados e marginalizados.

Capítulo VI - Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista (pp. 111-126) - Assim como o anterior, o documento Diretrizes para a Educação na Igreja metodista foi aprovado no Concílio, realizado em 1982. Este capítulo reconhece a importância da cultura, e também declara as dificuldades que existiram em relação à ação educativa, devido a barreiras históricas de ordem cultural-religiosa, da Igreja Metodista, em relação à cultura brasileira. A posição atualmente é de compromisso com a cultura do povo.

[...] nossos esforços educacionais de todo o tipo têm também que se identificar mais com a cultura brasileira e atender às principais necessidades do nosso povo.

⁴⁸ RIBEIRO, Claudio de Oliveira – *Vida e Missão* – pp.25-27; IN: Caminhos do Metodismo no Brasil: 75 anos de autonomia. Org. José Carlos de Souza: SBC, Editeo, 2005.

A busca por novos caminhos deve procurar a superação do modelo educacional vigente. Não se pode mais aceitar um educação elitista, que discrimina e reproduz a situação atual do povo brasileiro, impedindo transformações substanciais em nossa sociedade. Também não podemos nos conformar com a tendência que favorece a imposição da cultura dos poderosos, impedindo a maior participação das pessoas e aumentando cada vez mais seu nível de dependência (p.120).

Entre as ações educativas da IM aparece uma vez a palavra racismo, juntamente com injustiças e males sociais:

Denunciar todo e qualquer tipo de discriminação ou dominação que marginalize a pessoa humana e anunciar a libertação em Jesus Cristo. (p.121)

Despertar consciência crítica e sensibilizada para o problema da justiça num mundo marcado pela opressão. (p. 121)

Toda ação educativa da Igreja deverá proporcionar aos participantes condições para que se libertem das injustiças e males sociais que se manifestam na organização da sociedade tais como: [...] a opressão da mulher, a prostituição, o racismo [...] (p. 122).

E, dentre as ações relacionadas à educação teológica, o “Relacionamento com o contexto social [...] na perspectiva do oprimido, visando ao processo de sua libertação”. (p.125).

Apesar de não ficar tão explícito, a Igreja Metodista abre neste documento a inclusão da cultura afro-brasileira, se entendermos que ela é integrante da cultura brasileira. Todavia, não identificamos outro documento que trate de forma pormenorizada esta questão. É neste capítulo que aparece de forma mais explícita a denúncia contra o racismo, como forma de opressão.

Capítulo VII – Do Plano Diretor Missionário (pp. 129-140) - Este documento foi produzido na mesma época e contexto do documento *Vida e Missão para a Igreja*, aprovado no Concílio de 1982. Trata das “medidas e diretrizes que visem ordenar a ação missionária da Igreja nas áreas onde ainda não há trabalho metodista regular desde uma perspectiva da missão” (p.129). “Neste sentido a igreja assume a missão de ajudar na construção do reino de Deus, fazendo clara opção pela vida manifesta em Jesus Cristo, em oposição à morte e a todas as forças que a produzem” (pp.73-82). Identificamos uma vez o termo preconceitos: “A Igreja desenvolverá um posicionamento isento de preconceitos (sociais, religiosos e culturais) para com a comunidade maior”. (p.137).

Tendo em vista os aspectos levantados nos *Cânones 2007*, fica evidente em nossa análise que:

1) A Igreja Metodista define como grupo alvo de sua missão os pobres oprimidos, os pobres e os marginalizados, em termos individuais e coletivos (pp.52, 54, 56, 57, 60, 77, 78, 90, 91,104), de acordo com o caráter social da herança wesleyana.

2) Não há transparência quanto a uma concepção da questão racial negra, ou seja, um grupo historicamente subjugado e racializado dentro da sociedade e dentro do contexto metodista. Isto podemos verificar pela diferença de ênfase dada à questão racial com maior visibilidade na primeira versão do Credo Social (1968) em relação à versão atual (1974). A questão racial, nos documentos que compõem o *Cânones 2007*, é ocultada dentro das categorias: marginalizados, discriminados, oprimidos, vitimizados e outros termos correlatos que privilegiam a questão social ou de injustiça social, de uma forma universalista.

3) Por outro lado, na sociedade ocorreu movimento inverso ao ocorrido na Igreja Metodista. Nas últimas décadas, as ações sociais e políticas, protagonizadas pelos movimentos negros, provocaram acordos e políticas internacionais e nacionais de enfrentamento à questão racial negra, como: “Convenção Internacional sobre Eliminação de todas as formas de discriminação”⁴⁹ e o “Plano de Ação de Durban” (2001)⁵⁰ e nacionais como: a criação de leis⁵¹ de proteção contra o racismo, políticas públicas afirmativas, criação da Secretaria Nacional da Igualdade Racial e suas versões em vários Estados e Municípios, e o projeto do Estatuto da Igualdade Racial, em discussão no Congresso Nacional, entre outros.

4) Há nos documentos da IM uma evidente concepção universalista da questão social, que leva a confundir a questão negra, apenas como uma questão de classe social – pobreza. Todavia, mesmo que a maioria da população negra se encontre entre os pobres, racismo e pobreza são fenômenos que se inter-relacionam, mas são independentes. O que já justificaria uma referência mais abrangente desta questão no Credo Social e na Ação Social da Igreja.

⁴⁹ *Convenção Internacional sobre Eliminação de todas as formas de discriminação* a qual define a discriminação como “toda a exclusão, restrição ou preferência baseada na raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica, que tenha como objetivo anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício em um mesmo plano (igualdade de acomodação) de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico e social”.

⁵⁰ *Plano de Ação de Durban* (2001), produzido na III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias correlatas.

⁵¹ *Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988*, afirma a importância da cidadania, dos valores sociais do trabalho e da dignidade da pessoa humana, conforme declara no Título II, capítulo I – Dos Direitos e Garantias Fundamentais - Direitos e deveres individuais e coletivos - que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza (...) garantindo a vida, a liberdade, a igualdade, a segurança e a propriedade; e, em seus incisos, destacamos o previsto I – homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações; XLVII - a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível.

Mas, da forma apresentada, o racismo deixa de ser visto como produto de um sistema de dominação global, legado colonialista, com características locais, que se manifesta em todas as classes sociais e em diferentes áreas da vida e da sociedade, inclusive na religião. Portanto, não é possível restringir a questão racial negra apenas à condição de classe social, ou seja, como um problema exclusivamente econômico.

5) A abordagem dos documentos omite a diversidade étnico-racial, de gênero e de classe entre seus adeptos, com isto, não propicia um enfrentamento destas questões, bem como o fortalecimento destas dimensões na constituição das identidades metodistas.

6) Os documentos demonstram uma visão universalista em relação à tolerância e respeito às religiões, inclusive com o reconhecimento e recomendação da Declaração dos Direitos Humanos, aprovada pela ONU. Assim, numa primeira análise, deduzimos que o posicionamento da Igreja Metodista é isento de preconceitos religiosos, sociais e culturais (pp.56,137) para com a comunidade maior, porém, estariam incluídas nesta perspectiva as religiões de matrizes africanas, como Candomblé, Umbanda, entre outras? Ou seria um compromisso ético formal, mas não de fato, em relação a estas religiões? Pelo menos, do que constatamos, a mentalidade metodista é preconceituosa em relação a estas religiões, as quais são associadas ao Mal (demônio, diabo). Podemos levantar a mesma questão, em relação às parcerias da Igreja no desenvolvimento de sua missão: até que ponto esta parceria inclui os grupos identificados com a cultura e religiões afro-brasileiras?

O primeiro parágrafo da declaração do Colégio Episcopal na “*Carta Pastoral*”: “*A Igreja e a questão dos demônios*” (2007) mostra a visão da liderança metodista a respeito destas religiões:

Cresce em nosso meio o número de pessoas convertidas vindas de cultos dedicados ao diabo, de centros de umbanda, macumba e outras instituições religiosas denominadas de “espíritas”. Cresce também o número de pessoas oprimidas e dominadas por espíritos malignos, [...] (Expositor Cristão, set-2007:10).

Este trecho associa as religiões afro-brasileiras e espíritas às práticas de culto ao diabo, responsáveis pelo crescimento de pessoas oprimidas e dominadas por espíritos malignos, refletindo a concepção racista e de superioridade sobre as demais religiões. Isto mostra as contradições entre o que está escrito no *Cânones 2007* e as práticas e posicionamentos metodistas. Outro fato ocorrido é o afastamento da Igreja Metodista dos organismos ecumênicos em que conste a presença da Igreja Católica, por decisão do último Concílio Geral, realizado em 2006. Com isto, a Igreja Metodista, demonstra uma tendência à

intolerância não só a este grupo, mas também a outros não cristãos, como e o caso de religiões afro-brasileiras.

Em outra parte do *Cânones 2007*, a IM reconhece que sua ação educativa foi prejudicada no passado, por não se identificar plenamente com a cultura popular brasileira e ter se preocupado, superficialmente, na busca de solução aos problemas dos necessitados. Em seguida, recomenda a não conformação à cultura dos poderosos, a denúncia sobre discriminações e dominação, e o respeito e valorização das culturas dos participantes (pp.114, 120, 121).

Diante destas colocações, devemos atentar que a cultura introjetada na sociedade brasileira e nas igrejas é a de que cultura “boa” é de origem européia ou norte-americana, enquanto que as culturas indígenas e afro-brasileiras, como parte da cultura brasileira, ainda são vistas como “primitivas”, selvagens e inferiores.

A cultura afro-brasileira não é diretamente abordada; no entanto, em várias partes dos documentos, a IM adota uma postura de respeito e valorização a cultura do povo, devendo defender da imposição da “cultura dos poderosos”. Neste aspecto, sendo a cultura afro-brasileira uma das integrantes da cultura brasileira, estaria incluída e conseqüentemente mais manifestada nas identidades das pessoas negras metodistas. Porém, analisaremos melhor a questão, a partir do resultado da pesquisa de campo.

b) Plano Nacional: Ênfases e Diretrizes & Mensagem da Igreja Metodista à Nação Brasileira

Este documento expressa a posição do 16º Concílio Geral, realizado de 11 a 19 de julho de 1997, em referência à aproximação dos 500 anos de Brasil, completados em 2000, na virada do milênio. Alguns destaques demonstram a visão da Igreja Metodista a respeito das relações raciais envolvendo indígenas e negros na sociedade, naquele momento histórico:

A gestão econômica, [...] produz resultados [...] de efeitos perversos sobre as pessoas: desemprego estrutural e guetos de imigrantes e negros vivendo em precariedade [...] No Brasil e... esses dois efeitos se acumulam, gerando o crescimento incontrolável da miséria e violência. (p.53)

Os direitos humanos são [...] o direito à vida e à dignidade das crianças, [...] do povo negro [...] (p.56).

A história de nosso país... se cumprirão os 500 anos de presença branca nas terras a princípio chamadas de Vera Cruz. Não é possível transpor o término destes cinco

séculos sem nos darmos conta das dívidas sociais que contraímos para com os povos que aqui viviam. Eles foram dizimados ou reduzidos em número e cultura a meros espectros [...] temos dívidas para com aqueles que foram trazidos para esta terra na humilhante condição de escravos. Há que confessar este nosso débito – assumido por toda a sociedade, inclusive as igrejas [...] (p.59).

Nestes textos, notamos que aparece, de forma enfática, o reconhecimento das dívidas sociais para com o povo negro e povos indígenas. No entanto, não há uma proposta concreta de como a Igreja Metodista assumiria o resgate desta dívida, tornando-se um documento sem maiores efeitos, a não ser o de uma manifestação por ocasião da comemoração dos 500 anos de Brasil.

c) Diretrizes para Ação Missionária na questão da terra - doc.11 do Colégio Episcopal – 2000

Este documento apresenta uma análise histórica do desenvolvimento sócio-econômico do Brasil, que teve por base a dominação e dizimação dos povos indígenas, e a exploração escravista de negros e negras. Contudo, apesar de servir como justificativa histórica para definir a ação missionária com trabalhadores rurais, a situação do povo negro desaparece nas diretrizes estabelecidas - ou incluída/ocultada dentro da classe trabalhadora - embora não ocorra o mesmo, a respeito dos povos indígenas. Portanto, a problemática negra fica encerrada na história com a abolição, e após isto, vista como problemática social dos trabalhadores da terra:

O período de colonização portuguesa [...] A dizimação e submissão absoluta das *populações indígenas* e a *desumana herança escravista* marcam nossa história social (p.9);

Grande exploração do processo de exportação dos produtos agrícolas, *dominação escravista* [...] essas são as marcas da forma como vem se dando o desenvolvimento econômico brasileiro. (p.9);

Diferentes experiências têm animado o espaço social construído pelo império português em terras latino-americanas: de um lado, a recusa dos/as indígenas em submeter-se à escravidão e exploração e os quilombos, e de outro a violência/abuso contra os pequenos agricultores. (p.10);

No século 19 [...] a transição para um regime econômico de mercado pode ter levado à abolição dos escravos, mas em contrapartida acabou fechando completamente o acesso à terra por parte dos trabalhadores agora livres. [...] o processo de abolição da escravatura, iniciado com a proibição do comércio internacional de escravos, se deu ao mesmo tempo que o estabelecimento da propriedade privada da terra [...]. Durante o período republicano, a lógica da

exclusão e da violência, o desrespeito aos trabalhadores rurais mantido pelos poderosos da terra. [...] (p.10);

Em nome da lei do mercado, indígenas e trabalhadores rurais são expulsos de suas terras. [...] Atuar com os povos indígenas e os trabalhadores rurais tem sido a escolha de vários/as metodistas espalhados pelo País (p.17);

A propósito deste documento, é interessante apontarmos que a Igreja Metodista tem vários outros documentos relacionados com as questões da vida cristã na sociedade; no entanto, nenhum que mostre explicitamente seu posicionamento a respeito da questão negra e defina as ações da Igreja Metodista para com o povo negro. Isto leva-nos a reforçar a idéia de que a Igreja Metodista apresenta uma concepção ambígua a respeito das relações raciais, referentes ao grupo negro, pois ao mesmo tempo em que procura expressar nos documentos alguma preocupação, permanecem lacunas ou contradições nos próprios documentos e como nas práticas religiosas.

2.2.3.2 Jornais e revistas

a) *Jornal Expositor Cristão*

Jornal metodista, de âmbito nacional, fundado em 1886, produzido pela Sede Nacional da Igreja Metodista com tiragem mensal de 3.000 exemplares. Pesquisamos os exemplares dos anos 2006-2007 por considerarmos que o material foi suficiente para nossa análise. Do total de oito exemplares pesquisados, identificamos 10 referências à questão negra.

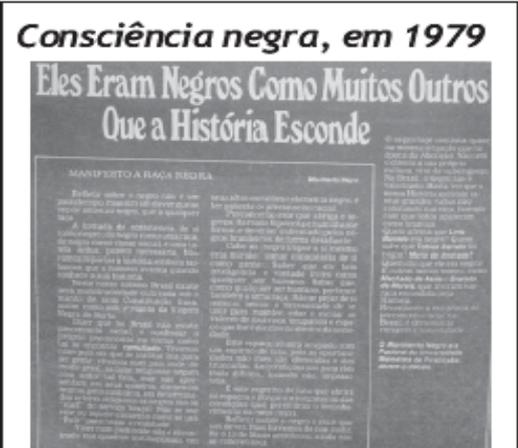
Da pesquisa realizada, constatamos que este informativo tem apresentado a temática racial em alguns exemplares, com maior visibilidade no último ano. Entre entrevistas, editorial, palavra pastoral e missões, encontramos quatro matérias em 2006 e quatro matérias em 2007.

Quadro 1

Textos do Jornal *Expositor Cristão* contendo referências à questão racial negra – 2006-2007.

Ano 2006		
MÊS	SEÇÃO	TEXTO
FEVEREIRO	ÁREA NACIONAL: PELA REGIÃO (p.5)	TERCEIRA REGIÃO REALIZA ENCONTRO AFRO-DESCENDENTE:... Nosso voto de louvor ao grupo da IM de Sorocaba que deu um testemunho sobre a história de resistência na realização ininterrupta, por dez anos, do culto especial relacionado à consciência negra, sempre no mês de novembro. Deste trabalho resultaram ações efetivas na cidade como participação na formação do núcleo da cultura negra em Faculdade, coral afro Momune e participação no Conselho Municipal da Igualdade Racial (matéria enviada por Diná da Silva Branchini).
MAIO	PALAVRA EPISCOPAL (p.3)	A VOZ DO SANGUE DE TEU IRMÃO CLAMA DA TERRA POR MIM (GEN. 4:10): Cremos que, para a fé cristã, o princípio moral e ético para as relações humanas é o amor a Deus o amor aos semelhantes. Fora disso, não há salvação! A dominação do corpo africano pretendeu negar sua humanidade e historicidade por práticas de desumanização: a tortura, o estupro, a privação da liberdade; seja pela pregação religiosa, ao retirar-lhe suas relações ontológicas e psíquicas de estruturação de sua personalidade, pela negação de sua alma, a satanização, cultural e religiosa. Preciso lembrar que os povos indígenas foram vítimas, também, do mesmo processo. (autor: Bispo Vergílio Batista da Rosa)
SETEMBRO	ENTREVISTA: (p.14)	A CARA DA MÃE: A IGREJA METODISTA NO BRASIL E SUA HERANÇA NORTE-AMERICANA [...] existem mais semelhanças entre o metodismo norte-americano e o brasileiro do que reconhecemos – é mais fácil olhar para o metodismo inglês do século XVIII e discutir a identidade metodista baseada naquela experiência, do que olhar para a experiência norte-americana do século XIX e descobrir que somos filhos dela, que somos filhos da experiência do sul dos EUA depois da Guerra de Secessão, por meio dos missionários e membros metodistas que tinham sido derrotados na guerra civil. Esse fato implica toda uma história de como nos organizamos, de como nos relacionamos e das dificuldades que temos para lidar com os temas da diferença, do racismo, da desigualdade – e é nessa história que precisamos descobrir que a Igreja reencontrou o seu caminho de reconciliação, de ser novamente uma igreja relevante naquele contexto. Mas, muitas vezes, não queremos enfrentar o fato! Valorizamos a herança do pai e esquecemos a da mãe... Entrevista do Rev. Jorge Luiz Domingues, secretário geral associado da Junta Geral de Ministérios Globais, que responde por três departamentos: “Relações e Contextos de Missão”, “Evangelização e Crescimento da Igreja” e “Educação para a Missão”; Concedida a Joyce T. Praça.
NOVEMBRO	ENTREVISTA (p.14)	POVO AMADO POR DEUS: [...] A Metodista é uma das igrejas mais racistas que existem. A Inglaterra foi o país que mais lucrou com a escravidão e o metodismo chegou ao Brasil por meio de missionários americanos

		vindos do sul dos Estados Unidos, região que era escravocrata. O movimento negro dentro da Igreja, em busca de espaço e identidade, é algo recente. A Igreja ainda tem que despertar para as ideologias que foram feitas para manter baixa a auto-estima do negro e justificar a dominação européia. Afinal, a ideologia é como óculos que a gente põe para enxergar a sociedade. Entrevista do pr. Edilson Marques da Silva, autor do livro <i>Negritude e Fé</i> , pesquisador e prof. na pós-graduação da UNESP-BAURU. Concedida a Suzel Tunes
Ano 2007		
MAIO	EDITORIAL (p.12)	[...] A proclamação de Jesus, que tem em vista a transformação do mundo a partir do cotidiano do ser humano, a um só tempo liberta e salva, nos lembra o pastor João Batista Ribeiro, no artigo que trata de um problema muito antigo na humanidade: a discriminação. No dia 13 de maio costumamos nos lembrar da abolição da escravidão no Brasil, mas ainda somos escravos de muitos tipos de discriminação: racial, social, sexual, religiosa, social... Que nossas palavras sejam, assim como foram no Pentecostes, pontes que unam as pessoas, a despeito de todas as diferenças. Texto de Suzel Tunes
	REFLEXÃO (p.12)	PARA CULTIVAR JARDINS: “A <i>proclamação da salvação une e aproxima todas as gentes</i> ”: [...] Para celebrar o <i>Dia internacional pelo fim da discriminação racial</i> (21/03) e o <i>Dia da Abolição da Escravidão</i> (13/05) é importante ouvir Jesus Cristo. Sua proclamação a um só tempo liberta e salva. [...] o Mestre propõe o arrependimento indicativo da humanidade. Desta forma, ele evita prontamente qualquer ação discriminatória, conciliando todas e todos num mundo de estratos sociais que deturpa as relações com Deus. Eis aí uma crítica aos valores eletivos das camadas dirigentes. Jesus Cristo - justiça salvífica de Deus! - demonstra a inviabilidade da desigualdade social e do preconceito racial num ambiente onde se vive ou mesmo se aguarda a salvação; sua forma de ver os fatos abre-nos os olhos para a autocompreensão acerca da igualdade humana. De Pr. João Batista R. Santos.
SETEMBRO	CARTA PASTORAL (p.10).	A IGREJA E A QUESTÃO DOS DEMÔNIOS: Cresce em nosso meio o número de pessoas convertidas vindas de cultos dedicados ao diabo, de centros de umbanda, macumba e outras instituições religiosas denominadas de “espíritas”. [...] Texto do Colégio Episcopal.
NOVEMBRO	EDITORIAL (p.2)	Achei que este texto também podia ser uma singela homenagem ao Dia da Consciência Negra, 20 de novembro. Quanto sofrimento foi causado ao povo africano por aqueles que se consideram povos civilizados e superiores! A gente pode até achar que “tanta infâmia”, como dizia Castro Alves, acabou com a abolição da escravidão. Mas até hoje os negros precisam lutar com muito esforço para terem seus direitos reconhecidos [...] texto de Suzel Tunes.

NOVEMBRO	MEMÓRIA (p.5)	 <p>Consciência Negra: Matéria publicada no Expositor da 1ª quinzena de julho de 1979. O texto diz que a história escondeu a raça negra de grandes personalidades brasileiras, como Mário de Andrade, Lima Barreto e Machado de Assis. Segundo o site do IBGE, a lei N.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003, incluiu o dia 20 de novembro no calendário escolar como o Dia Nacional da Consciência Negra. A mesma lei também tornou obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. Com isso, professores devem inserir em seus programas aulas sobre os seguintes temas: História da África e dos africanos, luta dos negros no Brasil, cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional.</p>
	MISSÕES (p.10)	<p>QUILOMBOLAS SOB ATAQUE DA MÍDIA - [...] Neste ano intensificaram-se as manifestações contrárias aos direitos quilombolas: órgãos de imprensa como o jornal O Globo e o noticiário de TV Jornal Nacional tem feito reportagens que colocam em dúvidas esses direitos e atacam as organizações que apóiam as populações negras. Na seção Opinião do jornal O Globo foram publicados artigos que acusam a associação Koinonia – da qual fazem parte vários bispos metodistas, incluindo o Bispo Paulo Ayres como presidente – de incitar o conflito na Ilha Marambaia [...].</p>

As matérias demonstram um esforço da equipe editorial atual em incluir a temática racial no jornal, tanto nos artigos, como reportagens e nos textos editoriais. Apesar de as matérias mostrarem perspectivas individuais, destacamos alguns aspectos:

1. Que existem movimentos de pessoas negras metodistas, no sentido da valorização da identidade negra, tanto na sociedade como internamente ao contexto metodista.
2. Que existe, por parte de pessoas que ocupam a liderança da igreja, a visão da dominação que o povo negro sofreu, pela escravização e pela evangelização cristã.
3. Que existe a tendência de interpretação da questão apenas no plano espiritual e não social, verificada em algumas matérias.

4. A associação das religiões afro-brasileiras com religiões do Diabo, parece-nos implícita, no primeiro parágrafo da Carta pastoral dos Bispos sobre a questão dos demônios. O que soa como um contraponto na linha do jornal e em relação aos enunciados dos *Cânones* sobre o respeito às outras religiões.
5. Assim, consideramos que o *Expositor Cristão*, por meio de diversas abordagens e de diferentes autores/as, tem contribuído para a conscientização da problemática sócio-racial em torno da população negra e para formação de uma identidade negra positiva no contexto metodista.

b) *Jornal Conexão*

Este jornal é produzido pela Sede Regional - 3ª região eclesiástica da Igreja Metodista, com uma tiragem de 5000 exemplares. Pesquisamos os exemplares de 1993 (início do jornal) a 2007. Neste período três bispos responderam pela gestão regional e pelo informativo *Conexão*. Os exemplares selecionados preferencialmente foram dos meses de maio e novembro, em função das datas nacionais: Dia da Abolição da Escravatura, em maio, e Dia da Consciência Negra, em novembro. No entanto, alguns exemplares de outros meses foram inseridos, quando identificada alguma matéria de interesse deste estudo. Do total de 39 exemplares, foram identificadas 15 referências, sem contar as inclusas nos Calendários (cinco sobre o Dia da Consciência negra).

Inicialmente, nosso objetivo era identificar, na seção Editorial *A palavra do Bispo*, algum título relacionado à questão racial negra, sendo que nada encontramos a respeito. Então, partimos para pesquisar o conteúdo dos artigos desta seção, sendo encontrado apenas um artigo, do Bispo Adriel de Souza Maia, de maio de 2003. Os demais temas editoriais, em geral, referiam às preocupações episcopais quanto à unidade e identidade metodista, missão e envolvimento dos membros no cumprimento da missão evangelística, ora enfatizando o aspecto espiritual, ora o social, dependendo do Bispo em exercício. Então, como última alternativa procuramos alguma referência, dentro das demais seções.

Quadro 2

Textos do Informativo *Conexão* contendo referências à questão racial negra – 1993-2007

Gestão do Bispo Geoval Jacinto da Silva		
Ano I - 1992 – nada consta sobre questões raciais negras		
Ano II - 1993		
Nº. 18 - setembro	REPORTAGEM: p.7	O RACISMO NA IGREJA: Evento na Igreja em Artur Alvim: contou com a presença do rev. Antonio Olímpio de Sant’Ana, do Coral Evangélico e do conjunto Negro da Igreja “O Brasil para Cristo” em Vila Esperança; O trabalho foi realizado na Escola Dominical.
Nº. 19 - outubro	REPORTAGEM (p.7)	DEUS SE REVELA NEGRO PARA O POVO NEGRO – Realizou-se entre os dias 10 e 12 de setembro, o I Encontro do Ministério de Combate ao Racismo, no Salão de Leituras da Faculdade de Teologia, em Rudge Ramos, São Bernardo do Campo, S.P... presente no culto de abertura, o Bispo Geoval Jacinto da Silva destacou a importância da realização de eventos como este... Em sua palavra o bispo afirmou:” nós entendemos que a raça negra representa neste país um grande contingente e nem sempre, nós como Igreja Metodista e Igrejas históricas temos realizado este trabalho”. De: <i>Wagner dos Santos Ribeiro</i> .
Nº. 20 - novembro	CALENDÁRIO: (p.10)	20 DE NOVEMBRO - DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA
Ano III – 1994 – exemplares de maio e novembro: nada consta		
Ano IV – 1995 - exemplares de maio, outubro, novembro: nada consta.		
Ano V – 1996 – exemplares de: maio e novembro: nada consta		
Ano VI – 1997 – exemplares de janeiro: maio e novembro: nada consta		
Ano VII – 1998 – Exemplar de janeiro: último editorial do Bispo Geoval Jacinto da Silva; nada consta.		
Gestão do Bispo Adolfo Evaristo de Souza		
Ano VII - 1998		
Nº. 69 - fevereiro	Primeiro editorial do Bispo Adolfo Evaristo De Souza	Nada consta
Exemplar de maio – nada consta sobre questões raciais negras		
Nº79 - novembro	CALENDÁRIO (p.10)	20 a 22 Encontro Nacional de combate ao racismo
Ano VIII – 1999 – exemplares de: maio e novembro: nada consta		
Ano IX - 2000		
Exemplar de maio		
Nada consta sobre questões raciais negras		
Nº. 102 - novembro	CALENDÁRIO (p.10)	Semana 19 a 23 de novembro como semana da consciência negra e dia combate ao racismo
Nº. 103 - dezembro	<u>ENCARTE:</u> <u>CALENDÁRIO DE 2001</u>	Dia 19 de abril: dia da abolição da escravidão dos índios; Novembro: 19-23: semana da consciência negra e do combate ao racismo
Ano X – 2001 – exemplares de maio e novembro: Nada consta		
2002 – gestão Bispo Adriel de Souza Maia		
Ano XI – 2002 - exemplares de: maio e novembro – nada consta		
Ano XII - 2003		
Nº. 127 – maio -	PALAVRA DIO BISPO: (p. 2)	METODISMO: COMPROMISSO COM A VIDA - A herança do metodismo primitivo

		[...] mostra uma séria preocupação social [...] pode ser comprovado pelas experiências das “primitivas” sociedades metodistas. Elas não aceitavam como membro do grupo quem possuísse escravos [...].
Nº. 129 – julho	EVANGELHO INTEGRAL (p.6)	CÂMARA DE AÇÃO SOCIAL ORGANIZA PASTORAL DE COMBATE AO RACISMO: Diante da preocupação com a questão da discriminação e racismo que sofrem as pessoas negras e outras minorias étnicas, a Câmara Regional de Ação Social está organizando um grupo de trabalho para a formação de uma pastoral relacionada à temática do racismo e negritude. [...]
Nº. 132 – outubro	AGENDA: (p.8)	FÓRUM DE MÚSICA NEGRA BRASILEIRA E IGREJA – divulgação de evento do Fórum de Mulheres Negras Cristãs de São Paulo – NEGRASCRIS-SP
Nº133 – novembro	AGENDA (p.8)	FÉ NÃO TEM COR, PESSOAS SIM!
Nº. 134 – dezembro	EVANGELHO INTEGRAL (p.6)	Ação Social contra o Racismo
Ano XIII – 2004 – exemplares de maio e novembro: nada consta		
Nº. 144 - dezembro		Camila de Abreu Ramos, mulher negra, assume a função de Assessora de Comunicação.
Ano XIV – 2005		
Nº. 152 – novembro	ATUALIDADES (pp. 4-5) IDEM: p. 5	CONSTRUINDO UMA CONSCIÊNCIA NEGRA, de Camila Abreu Ramos (jornalista do “Conexão”): O texto aborda a criação do Ministério Regional de Ações Afirmativas AA-AFRO3ªRE. “É importante que se conquiste o ‘Dia Nacional da Consciência Negra’ como o dia de todos os brasileiros e brasileiras, metodistas ou não, que lutam por uma sociedade de fato democrática, igualitária, unindo toda a classe trabalhadora em um projeto de nação que contemple a diversidade engendrada nos nossos processo histórico.” MEMÓRIA QUE TRAZ ESPERANÇA, de Diná da Silva Branchini: “Nós, metodistas, temos pouca tradição de nos olharmos em nossa diversidade etno-racial. Nós negros, metodistas, aprendemos a não nos identificarmos com nosso grupo etno-racial”.
Ano XV – 2006 – exemplares de abril e março: nada consta		
Ano XVI – 2007 – exemplares de abril e maio, novembro: nada consta.		
Nº. 172 – setembro	PELA REGIÃO: (p.10)	MINISTÉRIO AA-AFRO CELEBRA ANIVERSÁRIO – notícia sobre a comemoração do 2º aniversário do Ministério.

Os dados coletados apontam alguns aspectos como:

1) A questão racial não tem sido um dos temas eleitos pelos bispos da 3ª região, para constar na seção *Palavra do Bispo*, nem nas épocas próximas às datas importantes para a população negra. Isto foi constatado pelo fato de não constar nos exemplares pesquisados nenhum título dos textos episcopais relacionados a esta temática. Apenas em 2003, no texto do Bispo Adriel de Souza Maia, aparece uma menção à proibição do uso do trabalho escravo por parte de membros das sociedades metodistas na época de Wesley, relacionando-o com a demanda de ações sociais por parte da igreja.

2) Este tema não tem sido privilegiado pela equipe editorial desde seu início. Entretanto, passou a ter algum espaço no ano 2003, com a criação do Ministério de Ações Afirmativas Afro-descendentes - AA-AFRO-3ªRE⁵². O tema foi abordado pela primeira vez em 1993, como notícia de um evento a ser realizado numa Igreja Metodista da Zona Leste e depois como relato do Encontro do Ministério de Combate ao Racismo, no mesmo ano. Reaparece 10 anos depois, em 2003, na gestão do Bispo Adriel, nas edições: março, maio, julho, outubro, novembro e dezembro. As matérias tratam de notícias sobre a intenção de se criar uma Pastoral de Combate ao Racismo; como menção dentro de um texto na seção *Palavra do Bispo*; e como notícia de evento do Fórum de Mulheres Negras Cristãs de São Paulo.

3) O *Dia da Consciência Negra*, incluído no calendário nas edições de novembro em 1993, retornou após cinco anos, em novembro de 1998, atrelado à programação “Encontro Nacional de Combate ao Racismo”. Após dois anos, voltou a constar nos exemplares de novembro e dezembro de 2000 e no Calendário de 2001. Verificamos que ocorreram períodos de retirada desta data do Calendário, reaparecendo em outros momentos, talvez quando alguém ou alguma situação provocou o retorno. A inserção desta data no Calendário, porém nem sempre foi acompanhada de alguma matéria a respeito, com exceção aos anos de 2003 e 2005.

Os dados levantados demonstram que a linha editorial deste informativo apresentou, neste período, pouco espaço para a inclusão da temática racial, como forma de contribuir para a formação de identidades negras positivas dentro do contexto metodista. Os poucos espaços se restringiram a reportagens de eventos relacionados com esta temática.

⁵² Ministério de Ações Afirmativas Afro-descendentes foi criado em 2003, pelo Bispo Adriel de Souza Maia, com a função de assessoria episcopal em assuntos raciais do grupo negro.

c) Revista *Voz Missionária* – 2000-2007

A revista *Voz Missionária*, fundada em 1929, é uma publicação da Confederação das Sociedades Metodistas de Mulheres, com circulação em âmbito nacional. Até 2003 a distribuição era trimestral, a partir de então passou a ser bimestral. Em 2007, atingiu um total de 13 902 assinaturas. A pesquisa refere-se aos exemplares de 2000 a 2007, num total de 16 exemplares, dos quais foram identificadas 18 referências, três figuras ilustrativas de pessoas negras e por sete vezes apareceu o *Dia da Consciência Negra* no Calendário da revista.

Quadro 3

Textos da Revista *Voz Missionária* contendo referências questão racial negra – 2000-2007

ANO 70 - 2000 – Redatora: Dea Kerr Affini		
TRIMESTRE	SEÇÃO	TEXTO
3º TRIMESTRE (julho, agosto, setembro)	CALEIDOSCÓPIO: (pp.20/21)	UM RAMALHETE DIFERENTE, de Tirza Martins Ribeiro: “Quanto ao passado, apesar de críticas sobre a colonização e a escravidão de índios e negros, é preciso ater-se ao contexto cultural da época para melhor análise. O alargamento de nossas fronteiras, que deu ao Brasil proporções continentais, o entrelaçamento das raças branca, aborígine e negra, e a preservação do nosso idioma tornou possível a nossa unidade e identificação na formação de um único País, o que não aconteceu com a América Espanhola, fragmentada em vários países. Somos um povo cordial fraterno, ordeiro, trabalhador e empreendedor, vivendo em plena liberdade e paz”.
	Artigo (p 37)	AVIVA A TUA OBRA SENHOR, de Bispo Adriel de Souza Maia. O metodismo, em sua caminhada evangelística e missionária, propõe: “O Evangelho de J. C. não conhece religião que não seja religião social, não conhece santificação que não seja santificação social” (João Wesley)... Na realidade, a santificação não se refere tanto à separação do diferente, mas diz respeito ao solidarismo com os problemas e as condições em que vivem os homens e as mulheres, no seu vai-e-vem de cada dia. Não foi sem razão que o metodismo, em sua caminhada missionária, enfatizou seu empenho na luta contra a escravidão, contra a pobreza, em favor da educação, da saúde e diversos outros níveis de beneficência.
4º TRIMESTRE (outubro, novembro, dezembro)	CALENDÁRIO (p.6)	DIA 20: DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA E COMBATE AO RACISMO
ANO 73 – 2003		
1º TRIMESTRE (janeiro, fevereiro, março)	CALENDÁRIO (p.6)	9 a 12 – Encontro Pastoral Evangélico de Negritude: 10 a 12– Encontro sobre Identidade Negra Evangélica (promovido pelo CLAI: observação da pesquisadora)
	CALENDÁRIO (p.6)	20 DE NOVEMBRO – DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA E DE COMBATE AO RACISMO

4º TRIMESTRE (outubro, novembro, dezembro).	ARTIGO (p.14/15) REPORTAGEM (p. 35)	DESVELANDO UM NOVO OLHAR, de Diná da Silva Branchini (negra) [...] Muitas vezes a Igreja tem sido um instrumento forte de negação do ser-negro, pois o processo de conversão da pessoa negra ao cristianismo tem sido radicalmente o “negar-se a si mesma”, passando por um processo de branquitude. AS MULHERES E OS DIREITOS HUMANOS - sobre Encontro Nacional de Capacitação para mulheres da Igreja Metodista, promovido pela Pastoral da Faculdade de Teologia – Cátedra Otília Chaves - e Confederação das Sociedades Metodistas de Mulheres. Consta como um dos temas da programação: As mulheres e a Pastoral de Combate ao Racismo, proferido por Maria da Fé Viana (negra).
ANO 74 – 2004		
1º TRIMESTRE (janeiro, fevereiro e março).	ARTIGO (p.22)	EM SOLIDARIEDADE POR UM MUNDO MELHOR, de Rosângela O., da Junta Geral de Ministérios Globais/IMU: sobre as oficinas de formação de Mulheres América Latina, realizadas por Rosângela; programa apoiado pela oferta missionária de Mulheres Metodistas Unidas nos Estados Unidos. Propostas: 2) Converse sobre como o “vírus” da discriminação age na sociedade em que você vive. Compartilhe histórias sobre como as pessoas e comunidades são afetadas pela discriminação.
3º TRIMESTRE (agosto, setembro)	ARTIGO (p.24/25)	EDUCAR PARA TRANSFORMAR, de Revda. Rosângela Oliveira. O artigo trata sobre gênero: As transformações de mulheres e homens é a condição para se eliminar a violência doméstica, a discriminação racial, [...] De acordo com o relatório das Organizações das Nações Unidas [...] “Pobreza, cultura de subordinação, racismo, falta de acesso à saúde, educação e igualdade continuam presentes no cotidiano da população feminina”.
4º TRIMESTRE (outubro, novembro, dezembro)	CALENDÁRIO (p.6)	20 DE NOVEMBRO – DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA E DE COMBATE AO RACISMO
ANO 75 - 2005 – Redatora: Amélia Tavares C. Neves		
3º BIMESTRE (maio, junho)	ARTIGO (p.18/19)	MULHERES METODISTAS FAZENDO A DIFERENÇA – Entrevista com Rosemary Was, presidente da Federação Mundial de Mulheres Metodistas. Concedida a: Revda. Rosângela Oliveira: Coord. Projetos Sabedoria e Testemunho março de 2005- N. York, EUA. Rosângela: “O governo brasileiro declarou a Comissão da Condição Jurídica e Social da Mulher da ONU, em março de 2005, em Nova Iorque, que a maioria dos pobres no Brasil tem rosto de mulher, particularmente mulher negra e indígena”. Rosemary Was: A Federação Mundial traz para sua Assembléia a perspectiva e o compromisso pela igualdade das mulheres e eliminação da discriminação. Na última Assembléia, [...] foi aprovada uma série de resoluções provenientes das 12 áreas de preocupação especial sobre a condição da mulher definidas na Plataforma de Beijing. As resoluções são sobre a violência contra as mulheres,

		justiça econômica, combate ao racismo....
5ª BIMESTRE (setembro, outubro)	CALENDÁRIO: (p.6)	DIA 20: DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA
	ARTIGO: (p.30)	A VOZ DA CONFEDERAÇÃO, de Jane Eyre Silva da Mata, vice-presidente da Confederação Mulheres Metodistas da América Latina. A autora esteve presente na 49ª sessão da Comissão da ONU sobre a condição jurídica e social da mulher. “A coalizão Mulheres Ecumênicas 2000 fortemente apóia a implementação de metas de direitos humanos de igualdade de gênero de desenvolvimento e de paz, que são a base da plataforma de Beijing. Nós afirmamos e envidamos esforços contínuos para o avanço dos direitos humanos, da dignidade, condição social e jurídica de todas as mulheres no mundo, especialmente as que enfrentam a discriminação e do inter-relacionamento de gênero com a raça, classe, etnia, idade e orientação sexual [...] Ademais, nossas igrejas tem sido lentas em suas respostas adequadas a temas urgentes como a HIV/AIDS, o racismo, [...]”.
6º BIMESTRE (novembro, dezembro)	CALENDÁRIO: (p.6)	DIA 20: DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA
ANO 2006		
3º BIMESTRE (maio, junho)	ARTIGO: (p.23)	A TRINDADE NA UNIDADE DA IGREJA. Autor: Bispo Luiz Vergílio Batista Rosa, 2ª RE: Item 3 harmonia do corpo... “esta pretensa superioridade pode advir da condição de quem tem maior conhecimento formal ou [...] das relações discriminatórias históricas que se expressam em nossa sociedade, em termos de gênero, etnia, cultura”
	ARTIGO: (p.31)	ENTREVISTA COM MULHERES PARTICIPANTES DO CONCÍLIO. Depoimento da pastora Cristiani Capeletti, 3ªRE: “a cada dia homens e mulheres, vão enxergando mais e melhor o potencial de cada ser humano. A nossa igreja tem pregado e valorizado a participação de mulheres, crianças, idosos, negros, deficientes [...] isto tem se refletido em nossa prática (mesmo devagar)”. Concedida a Revda. Amélia Tavares C. Neves - Redatora.
4º TRIMESTRE (julho, agosto)	ARTIGO: (p.10)	ALEGRIA E ESPERANÇA – do pastor metodista negro Kelsen Barbosa de Jesus: “O racismo tem sido uma das marcas constantes nos gramados europeus e brasileiros revelando a desigualdade racial e suas evidentes dimensões sociais, manchando o espetáculo maior” [...]. “Que as multicores e miscigenação dos diversos cantos da nação brasileira possam unir-se e expressar a alegria da comunhão testemunhando assim, a esperança [...] mundo com menos diferenças e desigualdades”.
5º BIMESTRE (setembro, outubro)	REPORTAGEM: (p.13)	GLOBALIZAÇÃO, EDUCAÇÃO SUPERIOR MULHERES: Questões analisadas no primeiro seminário Internacional de Instituições fundadas pela Divisão de Mulheres Metodistas da Igreja Metodista Unida de diversos países: “questões relacionadas a contexto socioeconômico e político como [...] relacionados à discriminação étnica [...]” Artigo de Luciana Baggio Alvim Gava

		(observação da pesquisadora: A I.M. Brasil esteve representado por duas mulheres brancas),
	ARTIGO: (p.28)	“CHÁ DO BEBÊ” - foto de uma mulher negra com um bebê
6º BIMESTRE (novembro, dezembro)	CALENDÁRIO (p.6)	DIA 20: DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA
	ARTIGO: (p.16)	VOLTAR PARA AGRADECER, de Eliana Barbosa dos Santos Silva. Foto de duas jovens, uma preta e outra parda.
ANO 2007		
1º BIMESTRE (janeiro, fevereiro)	ARTIGO (pp.7/8)	O CAMINHO DA PAZ, de Jane Menezes Blackburn. [...] Exercitar a tolerância às diferenças. Aceitar que os outros pensem e ajam de modo diferente do nosso. Pensar em como podemos estar atentas à tolerância a desejos, opiniões, modos de ser, credos, partidos, paixões, etnias.
4º BIMESTRE (julho, agosto)	CONTRACAPA	Figura de uma menina negra vestida de anjo

Na análise dos dados anuais destacamos os seguintes aspectos:

Ano de 2000

- 1) Há contribuição de homens negros em artigos e poesias, mas não abordam a questão racial nem se percebe alguma identificação negra.
- 2) Não aparecem temas que abordem a temática negra. Quando aparecem, são citações referentes ao passado de escravidão e à ação de John Wesley contra este sistema.
- 3) Um dos artigos – de uma mulher, líder metodista - deixa transparecer uma repetição do discurso de unidade nacional, associado à idéia de cordialidade e democracia racial, desvinculado de uma história conflitos e violências que marcaram o processo de dominação dos negros e indígenas pelos portugueses.
- 4) Consta no Calendário da revista de outubro-dezembro o *Dia da Consciência Negra*, contudo não há nenhuma abordagem ao tema.

Ano 2003

- 1) a revista manteve autores negros nas seções ou artigos, da mesma forma que no ano 2000.
- 2) O exemplar de outubro-novembro dá destaque ao mês da Consciência negra: além de constar no calendário do bimestre, há duas matérias sobre o tema racial.

Ano 2004

- 1) O *Dia da Consciência Negra* consta no calendário do exemplar de outubro-novembro.
- 2) A temática racial é citada dentro de dois artigos que relatam ações não específicas da IM: como sugestão de atividade (conversar sobre discriminação) em uma oficina voltada para a questão gênero; em outro momento é citada a discriminação racial dentro do artigo sobre gênero e violência; e novamente o racismo, como parte do cotidiano da população feminina, dentro de um artigo que aborda um relatório da ONU. Neste ano, não houve matéria específica sobre a questão negra, embora conste esta demanda em alguns artigos.

Ano 2005

- 1) O *Dia da Consciência Negra* consta no calendário do exemplar de outubro-novembro.
- 2) Os textos onde são citados os termos mulher negra ou discriminação são relatos da participação de mulheres metodistas brancas, em reuniões da ONU. O primeiro cita a declaração do governo brasileiro sobre a pobreza no Brasil, a qual tem o rosto da mulher negra. O segundo é o relato de uma mulher metodista sobre a posição da coalizão “Mulheres Ecumênicas 2000”, de apoiar as mulheres no mundo em relação aos direitos humanos, e dentre essas, as mulheres que sofrem discriminação de gênero e raça, etnia, etc.

Contudo, não aparece nenhum título de matéria específica sobre mulheres negras.

Ano 2006

- 1) Consta no calendário da revista de outubro/novembro o *Dia da Consciência Negra*.
- 2) A questão racial aparece em citações como discriminação e racismo dentro dois artigos. Os dois autores destes textos são negros, sendo que um é bispo da Igreja Metodista e o outro é pastor metodista. No entanto, enquanto o primeiro aponta para a discriminação como resultante das relações de poder, o outro assinala a existência do racismo no esporte, e depois recorre à diversidade e à mestiçagem, como forças de unidade que podem expressar comunhão e dar esperança de um mundo menos desigual.
- 3) Aparece, na entrevista de uma pastora, a visão de que a Igreja Metodista tem procurado valorizar, mesmo que lentamente, os vários grupos discriminados, entre os quais “os negros”.
- 4) É citada a existência de discriminação étnica num relato de participação no Seminário Internacional de Instituições fundadas pela Divisão de Mulheres Metodistas da Igreja

Metodista Unida, dos Estados Unidos, observando-se que as duas representantes brasileiras são brancas.

Ano 2007

- 1) Menção à tolerância para com as etnias, dentro de um artigo escrito por uma mulher branca, intitulado “Caminho da Paz”.
- 2) Artigo de um pastor negro, sem qualquer menção à questão racial.

A partir destes dados, consideramos que a revista “Voz Missionária” tem uma visão universalista das mulheres. Não percebemos uma linha editorial comprometida com a inclusão das mulheres negras, embora seja uma demanda apontada em vários artigos, como posição de organismos internacionais, e tenha constado o *Dia da Consciência Negra* em todos os anos, no Calendário da revista. Há pouca representatividade de mulheres negras nos artigos da revista, apesar da participação de homens negros. Contudo, não há abordagem de temas identificados com as questões das mulheres negras ou da população negra em geral. Assim, podemos considerar que a revista pouco contribuiu neste período pesquisado para a formação de uma identidade negra positiva, por parte de mulheres e homens negros metodistas.

d) Revista “RAÇA NEGRA: preto é cor, raça é negra”

Esta revista foi produzida pelo Ministério de Combate ao Racismo, da Igreja Metodista, em 1997. É uma publicação avulsa constituída de artigos de diversos autores, em geral do movimento negro social, não pertencentes à Igreja Metodista. Ela tem um caráter informativo e educativo, porém não é uma revista de posicionamento ou definições da Igreja Metodista, embora represente um avanço, por conter artigos de pessoas não metodistas; inclusive pessoas de religiões afro-brasileiras, embora isto não fique explícito na apresentação da revista.

2.2.4 Ações dos Movimentos Negros Metodistas

Desde a década de 1980, várias iniciativas de movimentos negros surgiram dentro da Igreja Metodista e se transformaram em organizações independentes, como o Coral *Resistência Negra* e Comissão Nacional de Combate ao Racismo – CENACORA.

O Coral Resistência Negra foi criado em maio de 1988, tendo como motivação o Centenário da Abolição da Escravatura no Brasil. A iniciativa coube a uma mulher metodista, negra, Benedita de Oliveira, e um homem negro, maestro Moisés da Rocha, além de vários fundadores. No início compunha um total de 22 metodistas, além de membros da Igreja Batista, Assembléia de Deus e Católicos. O grupo era denominado “Coral Resistência de Negros Evangélicos” e, posteriormente, foi alterado para *Resistência negra*, tornando-se de caráter ecumênico e integrante da CENACORA.

Assim, além de evangelistas, éramos resistência contra o desaparecimento de nossas raízes culturais africanas, como afro-descendentes, promovendo discussões e denunciando o preconceito, existente na sociedade e automaticamente, nas Igrejas. Nessas andanças, pudemos constatar o tabu em que se transformou o tema preconceito, racismo e acima de tudo a intolerância, tudo isso sob um falso relacionamento da irmandade evangélica. Por outro lado, as Igrejas têm sido muito tímidas no convidar o nosso Grupo, sendo que a maioria que recebemos, além da Igreja Católica, principalmente no período de Dom Paulo Arnês (Padre Bizon) tem vindo das Igrejas Presbiterianas São Paulo e interior. [...] Para os nossos ensaios temos percorrido como nômades, vários locais. A Igreja Metodista da Luz, onde iniciamos os nossos ensaios, praticamente se recusa a ceder seus espaços para nossas atividades. Lá pretendemos desenvolver um trabalho evangelístico-comunitário com crianças e adultos, inclusive com oficinas culturais e de formação profissional, promovendo uma verdadeira re-inclusão social, sempre à luz do evangelho. O que se ouve muito dos que combatem o nosso trabalho é que o que pregamos é uma bobagem que esse problema não existe ou ainda, que estamos fazendo um racismo ao contrário. E, o mais impressionante é sermos combatidos pelos próprios negros das comunidades, que estão insensíveis à sua própria causa. Interessante: Depois de iniciarmos a nossa jornada, perdemos cerca de dez componentes por morte, além de outros que se recusaram a conviver com irmãos de outras denominações, principalmente católicos. Foram na maioria batistas e pentecostais e alguns metodistas. (Depoimento do regente do Coral *Resistência Negra*, Moisés da Rocha).

A Comissão Ecumênica Nacional de Combate ao Racismo (CENACORA) originou-se da mobilização de negros metodistas, sendo que seus primeiros encontros ocorreram na Igreja Metodista na Luz.

Todos nós que lutamos por uma causa, fazemos história. História com cheiro e gosto de liberdade. Somos uma organização ainda adolescente, contudo com uma história dinâmica. Nascemos sob a inspiração da iniciativa da comunidade militante negra da Igreja Metodista que deu o primeiro passo a partir de uma Igreja Evangélica criando em 1985 a Comissão Nacional de Combate ao Racismo⁵³

Assim, em 1985, foi criada a Cenacora, que passou a ser um departamento do Conselho nacional das Igrejas Cristãs (CONIC) em 1989. Um dos fundadores e Secretário

⁵³ disponível: <http://www.cenacora.org.br/historia.html>, consulta em 17/11/2007.

Executivo da Cenacora é o pastor metodista Antonio Olímpio Sant'Ana, que tem atuado em várias frentes, tanto no meio religioso, como na sociedade civil e em níveis de governo e organismos internacionais. A Cenacora sempre contou com a presença de metodistas em sua mesa diretora. A partir de 2006, por decisão do Concílio Geral, a Igreja Metodista se retirou de órgãos ecumênicos, rompendo, assim, com sua participação nesta comissão.

A Pastoral Nacional de Combate ao Racismo da Igreja Metodista foi criada em 1985, época em que surgiram outras pastorais regionais, com diferentes designações, a critério da região. Posteriormente, A Pastoral Nacional foi reduzida a uma pessoa de Referência Nacional – Sra. Maria da Fé Viana - posição ocupada até 2007. No entanto, tivemos dificuldade de acesso a documentos sobre esta Pastoral.

As regiões eclesiais que contam com este tipo ação - Pastoral ou Ministério – são: a primeira, segunda, terceira e a quarta. Em 2005-2006, a Secretaria Nacional de Ação Social promoveu a Consulta Nacional sobre Racismo (2005), que resultou num documento entregue ao colégio episcopal (Anexo D) e em várias propostas de ações regionais; e em 2006, o Encontro Bi-regional Negritude e Fé, organizado pelas 3ª e 5ª Regiões, resultou no documento “Carta de Piracicaba” (Anexo E) divulgado nas regiões e apresentado ao Colégio Episcopal. No entanto, a reação da Igreja Metodista tem sido mais de indiferença, do que de solidariedade às solicitações levantadas por negros e negras metodistas. Isto, em parte porque não tem chegado ao conhecimento da maioria dos/as adeptos/as, como também não tem obtido apoio da maioria das pessoas negras metodistas e, em parte porque não há poder para a concretização das propostas originadas nestes encontros.

Na 3ª Região, houve a criação da Pastoral de Combate ao racismo na década de 1980 sob Coordenação da Pra. Maria de Jesus, porém não teve prosseguimento, justificado pela falta de envolvimento e apoio da comunidade metodista. Negros e negras metodistas de Sorocaba iniciaram, há cerca de 15 anos, um movimento de valorização da identidade negra com grande repercussão, o que resultou na formação do Movimento Negro da cidade. Em 2005, foi criado o Ministério de Ações Afirmativas Afro-descendentes – AA-AFRO-3ªRE por um grupo de negros e negras metodistas, o qual vem atuando há 3 anos na região de São Paulo.

Ainda que seja pouco o registro de ações negras dentro do contexto metodista, nosso objetivo é evidenciar a existência de grupos que buscam firmar uma identidade negra metodista, como enfrentamento ao racismo e valorização da cultura afro-brasileira. Embora seja um pequeno número de pessoas, os grupos têm se firmado como identidades de

resistência negra, dentro do contexto metodista. Assim, faz-se necessário ainda realizarmos uma pesquisa mais aprofundada destes movimentos negros dentro da Igreja Metodista.

Os estudos deste capítulo nos levam às seguintes constatações a respeito do campo religioso da metrópole paulista:

- a) Há uma distribuição dos segmentos religiosos segundo um recorte social e racial. Dentro desta perspectiva, o protestantismo apresenta maior concentração de pessoas brancas de classe média, enquanto que as igrejas pentecostais e as religiões afro-brasileiras apresentam maior concentração de pessoas pobres e negras.
- b) O protestantismo brasileiro tem dificuldades de assimilação ou inter-relação com as camadas populares e culturas, particularmente, com as culturas afro-brasileiras; em parte, em decorrência de sua origem norte-americana e européia, impregnada de racismo na época da implantação no Brasil, como da incorporação do racismo da classe média branca brasileira, constituída majoritariamente de pessoas brancas; em parte, pela visão fundamentada no conversionismo individual e na ética protestante.
- c) Há, no segmento religioso cristão, principalmente no pentecostalismo, a associação das religiões e culturas afro-brasileiras ao Mal, fundamentada em uma ideologia religiosa racista, marcada por intolerâncias e perseguição religiosa.
- d) A cosmovisão africana e as religiosidades afro-brasileiras sofrem o racismo, manifesto pela demonização forjada dentro do universo cristão.

Destacamos que o racismo é uma variável importante na segregação social, racial e religiosa da população negra, no cenário social e religioso da Região Metropolitana de São Paulo; e que ser um sujeito religioso metodista implica um distanciamento das camadas populares, ou seja, de valores das culturas populares, incluindo afro-brasileiras.

Retomando a questão: *os discursos e práticas metodistas influenciam na constituição da identidade das pessoas negras metodistas?* Podemos dizer que:

- a) A história da Igreja Metodista é marcada pela visão racista de inferioridade do povo negro. A própria evangelização das pessoas negras metodistas foi marcada pela imposição de ruptura com dimensão étnico-racial das pessoas negras. Esta visão metodista, herdada dos missionários norte-americanos, ainda não foi enfrentada pela Igreja Metodista.

- b) Os documentos analisados não são transparentes em relação à dimensão racial negra, ora transmitem uma posição de abertura e inclusão da cultura do povo, que tende a incluir as culturas afro-brasileiras; ora transmitem a idéia de associação destas práticas ao “culto ao Diabo”. Outras vezes, posicionam-se a favor dos pobres, discriminados e minorias; enquanto que poucos espaços valorizam as temáticas relacionadas às questões raciais negras, em termos educativos e de posições da Igreja para enfrentamento do racismo.
- c) Há evidências de inexistência de uma contribuição efetiva, por parte da Igreja, principalmente das instâncias de poder, no sentido da valorização e inclusão racial negra, bem como influência na construção de identidades metodistas com auto-estima racial.
- d) A Igreja Metodista permite a organização de grupos identificados com a dimensão racial negra, dentro dos princípios metodistas, com objetivos de conscientização das questões raciais que envolvem as pessoas negras. No entanto, estes grupos são vistos com desconfiança pelos próprios negros e negras metodistas, e contam com pouco poder de influência nas instâncias de poder.

Capítulo 3 As identidades Religiosa e Étnico-Racial de adeptos/as metodistas negros/as

CAPÍTULO 3 AS IDENTIDADES RELIGIOSA E ÉTNICO-RACIAL DE ADEPTOS/AS METODISTAS NEGROS/AS

3.1. ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

No presente capítulo, abordaremos os aspectos relacionados à identificação racial e religiosa, a partir da percepção das pessoas negras metodistas. As questões que levantamos inicialmente são: quais as características que identificam uma pessoa negra, segundo a percepção dos/as pesquisados/as? Como as pessoas negras adeptas do metodismo se relacionam com o fenômeno do racismo e a influência deste na dinâmica das identidades dos sujeitos negros metodistas? Quais são os valores metodistas e suas influências nas identidades dos sujeitos negros metodistas, segundo a percepção do grupo negro pesquisado? Apresentaremos os aspectos que sinalizam algumas pistas para estas questões.

3.2 PERFIL DO GRUPO PESQUISADO

As Igrejas Metodistas de pertencimento das pessoas pesquisadas são as IM Central em Santo André, IM em Suzano e IM em Itaquaquecetuba, além de mais seis igrejas designadas como “Outras Igrejas”, as quais fazem parte da Região Metropolitana de São Paulo e integram a 3ª Região Eclesiástica. Do total de 2.883 adeptos que freqüentam estas igrejas, destacamos que a maioria é composta por mulheres e que não há registros quanto à composição racial destas igrejas. (Tabela 8)

Tabela 8 - Total de membros das igrejas pesquisadas, por sexo; estatística de 2006⁵⁴.

DISTRITOS	POPULAÇÃO DAS IGREJAS				
	LOCALIDADES	FEM	MASC	TOTAL	(%)
ABCD	CENTRAL DE SANTO ANDRÉ	577	371	948	33
	SUZANO	88	70	158	5
LESTE I	ITAQUAQUECETUBA / MONTE BELO	74	49	123	4
CENTRAL, OESTE, ABCD, SUL	OUTRAS IGREJAS: Vila Mariana, Belém Campo Belo, Rudge Ramos, Carapicuíba, Itapecerica da Serra	1077	577	1654	57
TOTAL		1816	1067	2883	
(%)		63%	37%		100

⁵⁴ Dados obtidos da assessoria da Sede Regional, 3ª Região Eclesiástica da Igreja Metodista.

Esta pesquisa tem um caráter qualitativo e se baseia nos depoimentos e percepções das pessoas pesquisadas em relação aos referenciais religiosos e étnico-raciais. Os dados estatísticos referentes ao grupo pesquisado encontram-se no Anexo C. O conteúdo analisado representa o pensamento de um grupo de 68 pessoas, 2% do total de membros destas igrejas, que responderam voluntariamente o questionário de pesquisa (63) e/ou participaram dos três grupos focais (18 pessoas).

Tabela 9 - Pesquisados, segundo a igreja, raça/cor e sexo.

IGREJAS	NEGROS			NÃO NEGROS			TOTAL		TOTAL GERAL
	FEM	MASC	TOTAL	FEM	MASC	TOTAL	FEM	MASC	
SANTO ANDRÉ	14	7	21 (43%)	4	5	9 (64%)	18 (40%)	12 (67%)	30 (48%)
SUZANO	6	2	8 (17%)	4	1	5 (36%)	10 (22%)	3 (17%)	13 (21%)
ITAQUAQUECETUBA/ MONTE BELO	5	1	6 (12%)	0	0	0	5 (11%)	1 (5%)	6 (9%)
OUTRAS IGREJAS: Vila Mariana (6), Belém (2), Campo Belo (1), Rudge Ramos (1), Carapicuíba (1), Itapeçerica da Serra (1), Seminaristas (2)	12	2	14 (28%)	0	0	0	12 (27%)	2 (11%)	14 (22%)
TOTAL %	37 (76%)	12 (24%)	49 (100%)	8 (57%)	6 (43%)	14 (100%)	45 (71%)	18 (29%)	63 (100%)
	78%			22%			100%		

As Igrejas em Suzano, com 158 membros, e em Itaquaquecetuba - Monte Belo, com 123 membros, são consideradas de porte pequeno e estão localizadas na região leste, mais distantes do centro da metrópole; enquanto que a Igreja Central em Santo André, com 948 membros, é a maior igreja da 3ª Região Eclesiástica, não somente pela quantidade de adeptos, como também em relação ao orçamento.

Um fato que verificamos nestas igrejas é a adesão, em geral, familiar, com membros atuantes em diversas áreas. Na Igreja em Santo André identificamos *grossa modo* cerca de oito famílias negras maiores, com diversos núcleos menores, abrangendo em torno de oitenta pessoas.⁵⁵ Na Igreja em Suzano, oito famílias negras, somando aproximadamente vinte pessoas, sendo que a maior família conta com seis integrantes.

⁵⁵ é um fato que não houve condições de ser pesquisado neste trabalho, embora mereça um estudo a respeito.

O grupo pesquisado é majoritariamente negro (78%), de acordo com a auto-declaração (Tabela 10), e está assim representado: 38% de cor preta, 33% de cor parda e “morena”, 22% branca ou “cor de índio” e 6% “negros”. Os termos que destacamos com as aspas referem-se a auto-declaração livre das pessoas pesquisadas, enquanto que os demais já constavam no questionário. Todas as pessoas do grupo negro declaram ter ascendência negra por parte materna ou paterna, ou pelas duas partes, como também, cerca de 5% de pessoas brancas declaram ter ascendência negra.

O grupo é composto por maioria de mulheres (71%), embora também haja uma parcela significativa de homens (29%). Consideramos que isto se deva à maior disponibilidade das mulheres para responder e devolver os questionários e a maior representatividade deste grupo nas igrejas metodistas.

Tabela 10 - Percentagem de indivíduos, segundo cor/raça e igrejas.

Auto-declaração cor/raça	IGREJAS				Total
	Santo André	Suzano	Itaquaquecetuba Monte Belo	Outras Igrejas	
branca/cor de índio	30%	38%	0		22%
parda/morena	50%	31%	33%	0%	33%
preta/preta mulata	17%	23%	67%	86%	38%
negra	3%	8%	0	14%	6%
total	100%	100%	100	100%	100%

3.2.1 Aspectos Sócio-Econômicos das pessoas negras

A maioria das pessoas negras pesquisadas encontra-se na fase adulta e na terceira idade: entre 31 a 45 anos (47%), entre 46 a 60 anos (14%), e acima de 60 anos (22%). Contudo, há também jovens entre 18 a 30 anos (16%). Quanto ao estado civil predominam as pessoas casadas (49%), seguidas das solteiras (35%), havendo também viúvas e divorciadas (12%). A maior parte (57%) mora em bairros centrais ou próximos ao centro, havendo uma parte significativa (29%) que reside em bairros mais afastados, porém com boa infraestrutura. A maioria (76%) nasceu no Estado de São Paulo, enquanto que 24% em outros Estados; destes, metade nasceu no Nordeste.

Tabela 11 - Renda familiar, escolaridade e tamanho do grupo familiar referente ao total de pessoas negras pesquisadas.

FAIXAS SALÁRIO MÍNIMO	RENDA FAMILIAR	ESCOLARIDADE					TAMANHO FAMILIA			
	%	FUNDA-MENTAL	MÉDIO	SUPE-RIOR	PÓS GRADU-AÇÃO	S/R	1 A 2 PES-SOAS	3 A 4 PES-SOAS	5 A 6 PES-SOAS	MAIS DE 6 PES-SOAS
A. S/ RENDIMENTOS	2%			2%			2%			
B. MENOS QUE 1/2 S.M.										
C. ACIMA DE ½ ATÉ 1 SM.	2%		2%	2%				2%	2%	
D. ACIMA DE 1 ATÉ 2 SM.	2%		2%				2%			
E. ACIMA DE 2 ATÉ 3 SM	4%		4%					2%	2%	
F. ACIMA DE 3 SM ATÉ 4 SM	4%	4%						4%		
G. ACIMA DE 4SM ATÉ 5 SM	8%	2%	2%	2%	2%		4%	2%	2%	
H. ACIMA DE 5 ATÉ 6 SM	18%	2%	8%	6%	2%		6%	8%	4%	
I. ACIMA DE 6 ATÉ 8 SM	18%		4%	14%				14%	4%	
J. ACIMA DE 8 SM	31%		6%	12%	10%	2%	6%	20%		4%
S/R	11%	6%		2%			2%	6%		
TOTAL (49 respostas)	100%	14%	29%	41%	14%	2%	22%	59%	14%	4%
		100%					100%			

Quanto ao nível educacional, o grupo está dividido entre aqueles que têm nível superior e pós-graduação (55%) e aqueles que têm o ensino médio (29%) e fundamental (14%). A maioria (81%) pertence a famílias de até 4 pessoas (Tabela 11).

Tabela 12 - Renda familiar, inclusão no mercado de trabalho e profissões das pessoas negras pesquisadas.

FAIXAS SALÁRIO MÍNIMO	RENDA FAMILIAR (%)	TRABALHA?		APOSENTADO/A	PROFISSÃO/OCUPAÇÃO
		SIM	NÃO		
A. S/ RENDIMENTOS	2%		2%		
B. MENOS QUE 1/2 S.M.					
C. ACIMA DE ½ ATÉ 1 SM.	4%	2%	2%		AJUDANTE GERAL, AUXILIAR ADMINISTRATIVO
D. ACIMA DE 1 ATÉ 2 SM.	2%	2%			BABÁ, CABELEREIRA
E. ACIMA DE 2 ATÉ 3 SM.	4%	4%			DIARISTA, SECRETÁRIA
F. ACIMA DE 3 ATÉ 4 SM.	4%		4%		DOMÉSTICA*
G. ACIMA DE 4 ATÉ 5 SM.	8%	8%			AJUDANTE DE LIMPEZA, PROFESSORA, OPERADORA E EDITORA DE AUDIO
H. ACIMA DE 5 ATÉ 6 SM.	18%	10%	8%	6%	ESTUDANTE, FEIRANTE, PROFESSORA, ENFERMEIRA, ARTESÃ
I. ACIMA DE 6 ATÉ 8 SM.	18%	14%	4%	2%	PROFESSORA, ASSISTENTE JURÍDICO, RECEPÇÃO, ZELADOR, PROFESSORA VOLUNTÁRIA
J. ACIMA DE 8 SM.	31%	27%	4%	4%	SUPERVISOR HIGIENE AMBIENTAL, ENGENHEIRO DE SEGURANÇA DO TRABALHO, PROF. EDUCAÇÃO FÍSICA, ASSISTENTE DE COMUNICAÇÃO E MARKETING, ASSISTENTE ADMINISTRATIVO, ELETRECISTA, COORDENADORA DE PROGRAMA SOCIAL, ESTETECISTA E MASSOTERAPÊUTA, PROFESSORA NÍVEL MÉDIO E FUNDAMENTAL, ASSISTENTE DE COORDENAÇÃO E PSICÓLOGA, SECRETÁRIA
S/R	8%	4%	4%	4%	DOMÉSTICA, ANALISTA DE CONTAS A PAGAR
TOTAL (49 respostas)	100%	71%	29%	16%	
		100%			

*Doméstica: termo utilizado por mulheres cuja função principal é o trabalho em sua própria casa e o cuidado da família. Outros termos utilizados nos questionários: "do lar", "dona de casa".

Tomando como referência a Tabela12, observamos que do total de pessoas negras pesquisadas, a maioria (71%) trabalha, sendo que mais da metade (57%) têm registro na Carteira Profissional; mais da metade apresenta uma renda familiar acima de cinco salários mínimos e uma porcentagem significativa (31%) possui renda superior a oito salários mínimos. Há também um grupo de pessoas aposentadas (16%).

3.2.1.1 Igreja Metodista Central em Santo André

A Igreja Metodista Central em Santo André localiza-se na área central da cidade, próximo ao centro de poder, ou seja, o Paço Municipal, um complexo arquitetônico que abriga Prefeitura, Câmara Municipal, o Fórum e o Teatro Municipal. No entorno da Igreja há vários pontos comerciais – lojas, restaurantes, cafés, padaria, clínicas médicas, um complexo hospitalar e a Igreja Congregação Cristã do Brasil. A rua onde está situada a igreja é parte do itinerário de várias linhas municipais e intermunicipais de ônibus. Como podemos ver, a Igreja está bem localizada, em área central e de fácil acesso.

O município de Santo André apresenta um bom padrão de qualidade de vida, em termos de oferta de trabalho e acessibilidade para Capital e outros municípios do ABCD, comparado aos municípios de Suzano e Itaquaquecetuba. A Igreja Metodista em Santo André é a maior igreja da região de São Paulo e possui o maior orçamento mensal, assim como um prédio com ótimas instalações, em relação à maioria das igrejas metodistas.

Segundo observação de campo, notamos que as pessoas negras, embora bastante atuantes na igreja, constituem minoria entre os adeptos. Porém, o grupo pesquisado de Santo André não só é o mais representativo, com 48% do total pesquisado, mas também é o que apresenta maior porcentagem (43%) de pessoas negras.

Tabela 13 - Pessoas pesquisadas segundo raça/cor e sexo - IM Central em Santo André

IGREJA METODISTA EM SANTO ANDRÉ								
NEGROS			NÃO-NEGROS			FEM	MASC	TOTAL
FEM	MASC	TOTAL	FEM	MASC	TOTAL			
67%	33%	100% (21)	44%	56%	100% (9)	60% (18)	40% (12)	100% (30)
70%			30%					

*números entre-parenteses referem aos números absolutos de pesquisados

Observando a Tabela 13, notamos que se trata de um grupo predominantemente feminino (70%), com maioria das mulheres negras, mas que tem uma percentagem significativa de pessoas não negras e de homens. Também, é um grupo com maior percentagem de pessoas em fase adulta e terceira idade.

a) O grupo de pessoas negras

Este grupo conta com uma maioria de pessoas na fase adulta, sendo 48% de pessoas na faixa de 31 a 45 anos e 29% acima de 60 anos; a maior parte 62% são pessoas casadas e 24% são pessoas solteiras.

Quanto ao local de moradia: 57% residem na área central e bairros próximos, principalmente as mulheres; 29% residem em bairros mais periféricos – com boa infraestrutura; 76% são nascidos no Estado de São Paulo e 19% são procedentes de Estados nordestinos.

O grupo apresenta bom nível de escolaridade: 58% têm nível superior e pós-graduação, 23% têm nível médio, 24% têm nível fundamental - 2º Grau e 20% têm nível fundamental - 1º grau.

O grupo pesquisado pertence a famílias pequenas: 71% pertencem a famílias de 3 a 4 pessoas, enquanto que apenas 20% pertencem a famílias com mais de 5 integrantes, sendo que 57% não têm filhos menores de idade. No entanto, 39%, principalmente mulheres, têm filhos ou netos menores de idade sob sua responsabilidade.

A maior parte (81%) está inserida no mercado de trabalho. Destes, 76% trabalham com registro na Carteira Profissional e 18% sem registro. Como uma grande parte é casada, presumimos que, na maioria dos casos, o casal trabalha, pois 67% contam com a contribuição de mais uma pessoa na renda familiar. Também, há uma correspondência entre a percentagem de pessoas que moram sozinhas (19%) e os casos de pessoas que são as únicas responsáveis pela renda familiar (14%).

Quanto ao nível salarial, este grupo destaca-se, em relação aos demais grupos; 43% recebem um salário acima de 8 Salários Mínimos (SM) e 19% entre 6 e 8 SM;

b) Grupo de pessoas não-negras

Este grupo representa 30% do total de pessoas pesquisadas em Santo André. É um grupo misto, homens e mulheres, na faixa etária acima dos 46 anos (78%), predominando indivíduos casados (56%), contando também com a presença significativa de solteiros (22%).

Quanto a local de moradia e escolaridade: 89% moram em bairros centrais e são pessoas que nasceram no Estado de São Paulo. Apresentam nível educacional superior, com exceção de uma mulher, que tem nível médio.

O grupo pertence a famílias pequenas: 78% são de famílias compostas por 3 a 4 pessoas e 22% a famílias de 1 a 2 pessoas. Apenas dois homens têm filhos menores sob sua responsabilidade, enquanto que nenhuma mulher os tem.

Quanto à situação sócio-econômica familiar: 56% declaram que têm duas pessoas na família que contribuem na renda familiar e 33% declaram que têm mais de duas pessoas.

Os dados apresentados demonstram que não há grandes diferenças no aspecto sócio-econômico e educacional entre pessoas negras e brancas pesquisadas. A maioria do grupo negro é mestiça e se auto-declara de cor parda ou morena ou branca. Entre as pessoas negras empregadas existem casos de menor rendimento, devido tanto a falta de formação especializada, como também pelo fato de exercerem funções diferentes e menos qualificadas do que a sua formação profissional e acadêmica. Todavia, este grupo, em sua maioria, é constituído por pessoas negras diferenciadas em termos sócio-econômico e educacional e, mesmo considerando as que apresentam condição sócio-econômica mais baixa, estas não se aproximam dos níveis de pobreza em que se encontra a maioria da população negra do município. Vale salientarmos que a proximidade da Igreja em Santo André com a Universidade Metodista, em Rudge Ramos, amplia oportunidades de trabalho e de estudo. Detectamos que 38% dos pesquisados trabalham na Universidade Metodista de São Paulo. Também, a própria Igreja Metodista em Santo André oferece oportunidades de emprego, sendo que 24% dos pesquisados trabalham nesta Igreja.

O padrão sócio-econômico dos adeptos desta Igreja Metodista é o de classe média, o que se reflete na perspectiva e mentalidade daqueles que não ocupam o mesmo padrão sócio-econômico. Consideramos que este reflexo se dá no sentido de que as pessoas negras

assimilam, por convivência, os referenciais do grupo dominante, branco, além de que a idéia de “irmandade espiritual” tende a ocultar a percepção das diferenças sociais.

3.2.1.2 Igreja Metodista em Suzano

A Igreja Metodista em Suzano está localizada na área central da cidade, próximo a recursos comerciais, entre eles o *shopping* da cidade. É uma igreja pequena e apresenta boas instalações. Segundo observação de campo, identificamos cerca de 10 famílias negras – pardas e pretas –, aproximadamente 10% dos adeptos, tendo a predominância de mulheres. As pessoas pesquisadas representam 21% do total de pesquisados.

Tabela 14. Pessoas pesquisadas segundo raça/cor e sexo - IM em Suzano

GRUPO PESQUISADO - IM SUZANO								
NEGROS			NÃO-NEGROS			FEM	MASC	TOTAL
FEM	MASC	TOTAL	FEM	MASC	TOTAL			
75% (6)	25% (2)	100% (8)	80% (4)	20% (1)	100% (5)	79% (10)	22% (3)	100% (13)
62%			38%					
*números entre-parenteses referem aos números absolutos de pesquisados								

a) Grupo das pessoas negras

Este grupo representa 62% (Tabela 14) do total pesquisado desta igreja, sendo majoritariamente feminino. Estas pessoas encontram-se numa faixa etária mais nova, em relação ao grupo de Santo André: 50% estão entre os 18 e 30 anos e a outra metade se divide em 25% entre 31 e 45 anos, e 25% acima de 60 anos; destacamos, também, que 63% são pessoas solteiras.

A maior parte do grupo, 63%, mora em bairros próximos ao centro. Quanto ao local de nascimento 88% das pessoas nasceram no Estado de São Paulo e 31% na cidade de Suzano.

Quanto à escolaridade, 51% se concentram no nível médio de ensino e 38% no superior, sendo que 13% possuem pós-graduação.

As pessoas deste grupo pertencem a famílias pequenas: 50% com 3 a 4 pessoas; 25% com 5 a 6 integrantes e 25% são mulheres que moram sozinhas. Metade das pessoas pesquisadas não possui filhos menores; na outra, porém, destacamos as mulheres com filhos e netos menores sob sua responsabilidade.

Quanto à inserção no mercado de trabalho: 50% não trabalham, sendo que metade está aposentada. Dos 50% que trabalham, todos têm registro na Carteira Profissional.

Com respeito ao aspecto sócio-econômico familiar: 38% correspondem a famílias com apenas 1 pessoa trabalhando e 38% têm 2 ou mais pessoas trabalhando. Entretanto, 63% pertencem a famílias que contam com apenas uma pessoa responsável pela renda familiar, enquanto que 25% contam com duas.

b) Grupo de pessoas não-negras

Este grupo representa 38% do total pesquisado da Igreja Metodista em Suzano e se caracteriza por se constituir de maioria de mulheres (80% do grupo). A maioria é casada e as idades variam de 18 anos até acima de 60 de forma diversificada. Neste grupo, há afro-descendentes (conforme ascendência declarada no questionário) de cor parda que se auto-declararam brancos.

Quanto ao local de moradia, 80% residem na área central da cidade. Quanto ao local de nascimento, 75% nasceram em outros Estados e 40% no Estado de São Paulo. No que refere à escolaridade, a maior parte (60%) encontra-se entre os níveis de ensino fundamental (60%) e médio (40%).

A maioria (80%) pertence a famílias pequenas, compostas por 1 a 4 pessoas e 20% pertence a família composta por 5 a 6 pessoas; e 40% têm filhos ou netos menores de idade sob seus cuidados.

Quanto ao aspecto trabalho: 80% não trabalham, sendo a maioria mulheres aposentadas. Os 20% que trabalham referem-se a um rapaz, professor de bateria, sem registro em carteira.

Quanto ao aspecto sócio-econômico familiar: 40% não responderam a questão sobre quantas pessoas trabalham na família e as demais respostas variaram entre casos de nenhuma pessoa trabalhando, até casos com mais de 2 pessoas trabalhando. Entretanto, 40% referem-se

a casos em que há duas pessoas que contribuem na renda familiar, 20% referem-se a casos de mais de 2 pessoas que contribuem com a renda familiar.

Assim, verificamos que as pessoas negras pesquisadas da IM em Suzano, compõem um grupo que, apesar de apresentar nível sócio-econômico mais baixo, possui certo conforto no atendimento às necessidades básicas. Alguns jovens ainda estão na fase de estudo e em busca de crescimento profissional. O nível educacional das pessoas negras é mais alto em relação ao das pessoas não-negras, predominando entre o médio e superior, e um caso de pós-graduação.

3.2.1.3 Igreja Metodista em Monte Belo

A Igreja Metodista em Monte Belo localiza-se num bairro periférico do município de Itaquaquecetuba, às margens da Rodovia que liga São Paulo à Mogi das Cruzes. Este bairro abriga uma população pobre e que apresenta precárias condições de saneamento e de moradias. A igreja é formada por uma maioria de pessoas negras, conforme observamos em campo e através das declarações das pessoas pesquisadas.

O grupo pesquisado é composto por mulheres negras e um homem. A maioria se encontra na faixa etária de 31 a 45 anos, e trata-se de pessoas casadas, nascidas no Estado de São Paulo e morando nos arredores da Igreja Metodista. Quanto à escolaridade, 67% têm nível médio e 33% o fundamental.

A maioria do grupo pertence a famílias com 3 a 4 pessoas (50%), com 5 a 6 pessoas (33%); e metade tem filhos menores de idade. 83% moram com o cônjuge e filhos.

Quanto ao trabalho: 50% não trabalham, porém há uma estudante e uma mulher exerce a profissão “do lar”. Das que trabalham, 67% não têm registro em carteira: uma é feirante, outra trabalha como babá e cabeleireira. Das respostas das mulheres, verificamos que em 66% dos casos têm duas ou mais pessoas que trabalham na família, e 60% contam com 2 ou mais pessoas que contribuem com a renda familiar.

Quanto às condições sócio-econômicas, a faixa mais alta de rendimento está entre 5 e 6 SM e, conforme declarado por 50%, refere-se a duas pessoas da mesma família; 33% correspondem à renda familiar de 3 a 4 SM; e 17% de 1 a 2 SM.

Estes dados apontam que este grupo é o que apresenta as condições socioeconômicas mais baixas em relação aos demais, como também a população do município que se encontra com os piores índices de condições de vida na Região Metropolitana de São Paulo, conforme já foi citado.

3.2.1.4 Outras Igrejas Metodistas

As pessoas que integram o grupo das “Outras Igrejas Metodistas”, representando 22% do total pesquisado, são negras, sendo a maioria mulheres, membros de diversas Igrejas Metodistas da Região Metropolitana. Estas igreja, por sua vez, estão bem localizadas, em bairros centrais, como Vila Mariana, Campo Belo, Belenzinho, Rudge Ramos, no Município de São Bernardo do Campo, além de duas igrejas em municípios periféricos da metrópole, como: Carapicuíba e Itapecerica da Serra. Integram também o grupo, dois seminaristas que estudam na Faculdade de Teologia da Igreja Metodista. Todos/as os/as pesquisados/as se auto-declararam como pretos/as ou negros/as.

As mulheres correspondem a 86% do grupo, a faixa etária predominante é de 32 a 45 anos (50%) e acima de 45 anos (42%). 43% são casados, 36% solteiros e 14% entre viúvos/as e divorciados/as.

Quanto ao local de residência, 78% moram em bairros centrais de São Paulo (Vila Mariana, Jardim da Saúde e Moóca). Quanto ao local de nascimento, 64% nasceram no Estado de São Paulo, enquanto que 36% em outros Estados, principalmente Minas Gerais.

Quanto à escolaridade: 71% estão entre nível superior e pós-graduação e 21% estão entre os níveis fundamental e médio.

A maioria pertence a famílias pequenas, compostas por 1 a 2 pessoas (29%), por 3 a 4 pessoas (50%) e 24% têm acima de cinco pessoas. 57% não têm filhos menores, enquanto que 43% têm.

Pelos dados que apresentamos, este grupo demonstra um bom nível sócio-econômico e educacional e boa inserção no mercado de trabalho.

3.2.2 Aspectos da Religiosidade

Os aspectos de religiosidade referem-se ao tempo de vínculo com a Igreja Metodista, às procedências religiosas, aos vínculos familiares associados à Igreja Metodista e às formas de participação religiosa.

O maior fluxo de pessoas negras para a Igreja Metodista procede da Igreja Católica e das igrejas pentecostais, principalmente entre os grupos de Suzano e de “Outras Igrejas” (Tabela 15).

Tabela 15 - Procedência religiosa dos/as pesquisados/as, por igrejas.

RELIGIÕES OU IGREJAS DE PROCEDÊNCIA MAIS CITADAS	SANTO ANDRÉ		SUZANO		ITAQUAQUE-CETUBA / MONTE BELO	OUTRAS IGREJAS
	NEGROS	NÃO-NEGROS	NEGROS	NÃO-NEGROS	NEGROS	NEGROS
CATOLICA	10%	10%	23%	8%	67%	21%
PRESBITERIANA	3%	3%				14%
BATISTA	7%	3%				7%
CONGREGAÇÃO CRISTÃ	3%	3%				
I.PENTECOSTAIS			31%			21%
ESPIRITA	3%					
RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS						7%
TOTAL POR IGREJAS	30 (100%)		13 (100%)		6 (100%)	14 (100%)
% em relação ao total pesquisado de cada Igreja						

Todas as pessoas negras pesquisadas são membros da IM. 51% não são descendentes de metodistas, contudo a maior parte (86%) tem familiares metodistas. Cerca da metade destas pessoas já freqüentaram outras igrejas e/ou religiões, predominando a Igreja Católica. A maior parte (61%) freqüenta a IM há mais de 20 anos; 26% freqüentam a igreja há menos de 20 anos. Porém, 41% são membros da Igreja Metodista há mais de 20 anos.

A maior parte das pessoas assume que tem compromissos com trabalhos e atividades nas igrejas locais, principalmente na Escola Dominical, como alunos/as, professores e superintendentes, e são participantes dos diversos Ministérios.

3.2.2.1 Igreja Metodista em Santo André

a) Grupo de pessoas negras

No que diz respeito ao aspecto da religiosidade, todos/as pertencem a famílias metodistas, sendo que 71% são descendentes de metodistas; 62% não frequentaram (no sentido de pertença) outras igrejas ou religiões, e 38% já frequentaram outras confissões religiosas.

Não há entre o grupo pessoas com tempo menor que cinco anos de pertença à Igreja Metodista (como frequentador ou como membro). 52% frequentam a IM há mais de 30 anos. Quanto ao tempo como membro da IM, 29% afirmam ser membros há mais de 30 anos; 19% de 21 a 30 anos; 24% de 11 a 20 anos; 19% de 6 a 10 anos; o que indica tratar-se de um grupo enraizado na Igreja Metodista.

Quanto às formas de participação na IM, predomina a assistência aos cultos e outras programações e a realização de atividades na igreja local, ocorrendo casos de participação no âmbito regional. Dentro das atividades locais se destacam: Escola Dominical⁵⁶, Sociedades⁵⁷ - de Mulheres, de Homens, de Jovens e de Juvenis -, Ministérios⁵⁸ e zeladoria.

⁵⁶ Escola Dominical é uma organização interna dentro da IM, com estrutura própria voltada para a educação cristã, com estudos bíblicos e temas da prática cristã, que funciona todos os domingos nas igrejas metodistas, em geral no período da manhã.

⁵⁷ As sociedades são organizações internas tradicionais dentro das igrejas locais formadas a partir da faixa etária, no caso de sociedades de crianças, juvenis e jovens, e, de gênero Sociedade de Homens e Sociedade de Mulheres. Estas sociedades têm como objetivo ajudar na educação testemunho cristão, na ação social e na evangelização. No caso das sociedades de mulheres, principalmente, têm a tradição de serviços em função das necessidades internas das igrejas, visitação à enfermos/as, ajuda a necessitados/as, como apoio à ação pastoral e evangelização.

⁵⁸ A Igreja Metodista adota o sistema de trabalhos missionários, em níveis local e regional designados de Ministérios, tendo por base a idéia de dons e dos serviços exercidos pelos/as cristãos/ãs (leigos/as ou clérigos/as). Os Ministérios são aprovados em Concílio Local ou regional e supervisionados pelo/a pastor/a ou bispo/a, dependendo do âmbito de ação local ou regional.

Tabela 16 – Porcentagem de pesquisados/as em atividades declaradas.

IGREJA METODISTA EM SANTO ANDRÉ		
ÁREAS DE AÇÃO DA IGREJA	NEGROS	NAO-NEGROS
	%	%
ESCOLA DOMINICAL		
alunos	40	24
professores	13	14
superintendente		
Outras	13	
MINISTÉRIOS		
louvor	23	10
Palavra		
Visitação	20	
Oração/intercessão	10	10
Ação Social	10	
Administração		5
Ornamentação		5
Casais	17	
GRUPOS SOCIETARIOS		
Mulheres		5
Homens		
Jovens	10	5
Juvenis	10	

(obs.: as porcentagens são relacionadas ao total de pesquisados da IM Santo André)

Analisando os dados da Tabela 16, destacamos a participação das pessoas negras na Escola Dominical, com 40% de pesquisados na condição de alunos/as, 13% são professores/as e 13% desenvolvem outras atividades, como: secretária da Escola Dominical e líder de adolescentes. Entretanto, é nos Ministérios que se dá a maior participação, principalmente no Ministério de Louvor (23%). Visitação (20%) e de Casais (17%). As Sociedades (ou Grupos societários) embora sejam grupos mais tradicionais, contam com baixa participação: 10% na Sociedade de Jovens e 10% na Sociedade de Juvenis. Também, deste grupo, há pessoas (10%) que participam de atividades de âmbito regional e uma pessoa da Área Nacional.

b) Grupo de pessoas não-negras

No que diz respeito ao aspecto da religiosidade, 78% pertencem a famílias metodistas. No entanto, quanto a ser descendente de metodistas o grupo encontra-se dividido entre os que são (56%) e os que não são (44%). Todos /as pesquisados/as são membros da IM em Santo André e 67% está há mais de 30 anos na IM, enquanto que 11% estão entre 11 a 20 anos. A forma mais citada de participação na Igreja Metodista abrange a frequência aos cultos, programações e o compromisso com algum trabalho na igreja local, como aluno/a ou

professor/a de Escola Dominical; predomina, porém, a participação em Ministérios como o de Louvor, Intercessão, Ornamentação e Administração. Por outro lado, podemos verificar a pouca adesão aos tradicionais grupos societários – Sociedade de Mulheres, de Jovens, entre outras. Apenas duas pessoas informaram ter uma participação nas áreas Regional ou Nacional.

3.2.2.2 Igreja Metodista em Suzano

a) Grupo de pessoas negras

No que diz respeito ao aspecto da religiosidade, todo/as são membros da Igreja Metodista e 75% são pessoas que pertencem a famílias metodistas, porém 75% não são descendentes de metodistas e já freqüentaram outras religiões ou igrejas, como: Católica - 23%, Igrejas Pentecostais -31%.

Tabela 17 – Porcentagem de pesquisados/as em atividades declaradas.

IGREJA METODISTA EM SUZANO		
ÁREAS DE AÇÃO NA IGREJA	NÃO	
	NEGROS	NEGROS
	%	%
ESCOLA DOMINICAL	77	15
Alunos	54	8
Professores	15	
Superintendente		
Outras	1	
MINISTÉRIOS	54	15
Louvor	31	
Palavra	15	8
Oração/Intercessão	15	
Ação Social	15	8
Administração	8	8
Apoio Pastoral		8
GRUPOS SOCIETÁRIOS	54	
Mulheres	15	15
Homens	15	
Jovens	23	8
Juvenis		

(obs.: as porcentagens são relacionadas ao total de pesquisados da IM Suzano)

Quanto ao tempo de participação na Igreja Metodista, a maioria está há mais de 6 anos e 38% participam entre de 6 a 10 anos. A forma de participação dos adeptos acontece por

meio da frequência aos cultos e programações e do compromisso com algum trabalho específico na igreja local. Uma pessoa atua em âmbito regional, como dirigente do “Louvor” - momentos musicais durante as celebrações; 77% declararam participar da Escola Dominical como alunas/os (54%) e 15% como professoras; 54% participam de Ministérios, sobressaindo o de Louvor com 31%; porém, também são apontados os Ministérios da Palavra, com 15%, da Oração com 15%, Ação Social 15%, Administração 8%. Como sócios/as das diversas Sociedades: de Mulheres 15%, Homens 15% e Jovens 23%.

b) Grupo de pessoas Não-negras

Todos/as pesquisados/as são membros da Igreja Metodista. 80% têm familiares metodistas, enquanto que 20% são descendentes de metodistas. Quanto ao tempo de pertencimento, 60% está há mais de 30 anos na IM e 40% são membros por este mesmo período. Quanto à procedência religiosa, 8% são pessoas vindas da Igreja Católica.

Todas as pessoas exercem alguma função ou trabalho específico na igreja local como: 15% frequentam a Escola Dominical; 23% participam nas sociedades. Neste grupo, há pessoas coordenadoras de Ministérios: Ação Social e de Oração e todos/as participam de algum Ministério: Louvor (8%), Palavra (8%), Administração (8%) e de Ação Social (8%). Entre outras funções apareceram professora, superintendente de Escola Dominical e esposa de pastor.

Os dados apresentados apontam que a maioria das pessoas negras pesquisadas não é de tradição familiar metodista, pelo contrário há várias pessoas procedentes de outras tradições religiosas, possuindo menos tempo de pertencimento na IM. Há maior trânsito religioso procedente de igrejas pentecostais, o que pode significar que existe algum ponto comum que os aproxima da Igreja Metodista. Neste sentido, supomos que seja o modelo de louvor e a tendência a orações avivadas. Estas pessoas são atuantes e líderes na igreja local e no âmbito distrital. As pessoas não-negras, embora em sua maioria não descendam de metodistas, apresentam maior tempo de pertencimento.

3.2.2.3 Igreja Metodista em Itaquaquecetuba – Monte Belo

Todas as pessoas deste grupo são membros da IM; 67% não são descendentes de metodistas; 83% têm familiares metodistas. Quanto ao tempo de frequência à IM, este varia de 7 a 31 anos e o tempo de filiação, como membro da igreja, de 7 a 19 anos. Mais da metade (67%) já frequentou outra igreja, sendo citada a Igreja Católica.

Este grupo é bastante atuante na igreja local. Todas as mulheres e o homem participam da Escola Dominical, sendo que 50% são alunos/as e 33% professoras e uma jovem que é a Superintendente da Escola Dominical. Participam das Sociedades de Mulheres (16%), Homens (16%), Jovens (33%). Todas as pessoas participam em Ministério ligado à música (Ministério de Dança e Ministério de Louvor).

Tabela 18 – porcentagem de pesquisados/as em atividades declaradas.

IGREJA METODISTA EM ITAQUAQUECETUBA-MONTE BELO	
ÁREAS DE AÇÃO DA IGREJA	NEGROS
	%
ESCOLA DOMINICAL	
alunos	50%
professores	33
superintendente	17
Outras	
MINISTERIOS	
louvor	50
Palavra	
Evangelização	33
Diaconia	33
Ação Social	16
Administração	16
Dança	33
Comunicação	33
GRUPOS SOCIETARIOS	
Mulheres	16
Homens	16
Jovens	33
Juvenis	

(obs.: Porcentagens relacionadas ao total de pesquisados da IM Monte Belo)

A maioria das pessoas pesquisadas (66%) participa de Ministérios e são líderes na igreja local como: Coordenadora do Ministério de Louvor, Coordenadora do Ministério de Ação Social, Coordenadora do Ministério de Dança, integrante do Ministério de Administração. Uma jovem exerce função distrital de Secretária do Distrito Leste I.

Este grupo é composto por pessoas que apresentam um nível sócio-econômico mais baixo que os anteriores, bem como o nível educacional que varia entre fundamental e médio.

3.2.2.4 Outras Igrejas Metodistas

Todas as pessoas são membros da Igreja Metodista, sendo que 71% têm familiares metodistas, 64% não são descendentes de metodistas e 57% já freqüentaram outras igrejas ou religiões, sendo mais citadas: Católica (21%³), Presbiteriana (14%), Igrejas Pentecostais (21%); as demais foram citadas uma vez: Batista 7%, Candomblé e Umbanda (7%). (Tabela 15)

Outra característica das pessoas deste grupo é que são ativas nas igrejas de pertencimento, ocupando funções de liderança, como professoras da Escola Dominical (43%), Superintendente de Escola Dominical (79%), presidentes ou membros da diretoria de Sociedades (21%); 36% participam de alguma sociedade da igreja: como Mulheres (29%) e de jovens (7%).

Entretanto, a maior parte (64%) participa de Ministérios, principalmente de Música ou Louvor (50%); também atuam nos Ministérios de Evangelização (14%), Liturgia (14%), de Trabalho com Crianças (14%). Entre estes pesquisados, há um pastor e uma seminarista, os quais participam em várias atividades na igreja local e desempenham atividades na Área Regional; 28% atuam em atividades de âmbito regional.

Tabela 19 – porcentagem de pesquisados/as em atividades declaradas – Grupo “Outras Igrejas”

OUTRAS IGREJAS	
ÁREAS DE AÇÃO NA IGREJA	NEGROS
	%
ESCOLA DOMINICAL	79
Alunos	36
Professores	43
Superintendente	14
Outras	
MINISTÉRIOS	64
Louvor	50
Palavra	
Evangelização	14%
Oração/Intercessão	
Ação Social	
de Crianças	14
Liturgia	14
GRUPOS SOCIETÁRIOS	26
Mulheres	29
Homens	
Jovens	7
Juvenis	

(obs.: as porcentagens são relacionadas ao total de pesquisados do grupo “Outras Igreja”)

Todas as pessoas afirmam que não participam de outros grupos religiosos. No entanto, há mulheres que participam no coral *Resistência Negra*, formado por integrantes de diferentes igrejas, como também há integrantes do grupo vocal não religioso, *Vozes de Ébano*.

O estudo do perfil sócio-econômico e religioso do grupo pesquisado evidenciou alguns aspectos que nos ajudam na identificação das pessoas negras metodistas:

1. Estas pessoas negras se encontram num patamar sócio-econômico diferenciado, em relação à maioria da população negra paulista, e da população em torno das Igrejas Metodistas pesquisadas. O perfil do grupo está mais próximo do perfil da chamada “classe média negra”, não havendo diferenças relevantes em relação ao grupo de não-negros/as.

2. Este grupo é heterogêneo no que refere aos aspectos de ordem sócio-econômica. A localização das igrejas tem relação com a classe social dos adeptos, ou seja, se está instalada em área central, ou bairros nobres, com um padrão social mais elevado, ou em bairros ou municípios periféricos, com padrão sócio-econômico e urbano mais deficitário. No primeiro caso, estão presentes membros das Igrejas Metodistas em Santo André e do grupo “Outras Igrejas”, cujas igrejas apresentam um perfil de classe média a alta, com maior concentração de pessoas brancas. Nestas igrejas há várias pessoas negras, descendentes de metodistas e que refletem o padrão social e cultural do grupo. No segundo caso, estão as Igrejas Metodistas em Suzano e em Monte Belo, as quais apresentam um aumento relativo de pessoas negras entre seus membros, e no caso da Igreja de Monte Belo a maior concentração de negros/as.

3. As pessoas, pertencentes às igrejas de periferia, apresentam uma mentalidade, cuja referência é de classe média, como padrão metodista, conforme expressa o depoimento de abaixo referindo às diferenças entre pessoa negra metodista e pessoa negra não metodista:

As diferenças são mais acentuadas nos não-metodistas. Acredito que os negros da nossa igreja, por ser uma igreja de elite, até os negros acabam mais politizados que os não-metodistas (jovem negra da IM em Monte Belo).

4. Estas pessoas são líderes locais e algumas atuam nas áreas distrital ou regional; o que reforça a idéia de ser um grupo de pessoas diferenciadas, mesmo dentro do contexto metodista. Fazemos aqui uma observação: o instrumento utilizado para a pesquisa, o questionário, pelo grau de complexidade, exigia um maior grau de conhecimento e escolaridade, o que provavelmente dificultou a adesão, por parte de várias pessoas, especialmente semi-analfabetos e analfabetos. Para uma próxima pesquisa, este ponto deve ser considerado.

5) Não verificamos grandes diferenças quanto ao perfil sócio-econômico, familiar, educacional e religioso entre os grupos de pessoas negras e não negras e sim, diferenças associadas aos territórios urbanos onde estão situadas as igrejas.

3.3 MARCAS IDENTITÁRIAS METODISTAS

Para compreender quais marcas identificam as pessoas pesquisadas com a Igreja Metodista, fizemos a seguinte pergunta: Por que você escolheu a Igreja Metodista como opção religiosa? E, dentre os vários aspectos apresentados, destacamos a tradição familiar e o aspecto afetivo associados ao acolhimento e pertença a um grupo.

a) Tradição familiar - Esta é a alternativa mais destacada nas respostas dos sujeitos pesquisados, principalmente nos de Santo André. Algumas características desta igreja que podem estar relacionadas com este resultado são: a igreja é basicamente formada por famílias, inclusive de 3ª geração de metodistas, incluindo uma família numerosa, composta por mais de cinquenta integrantes atuantes; há a união conjugal entre jovens da própria comunidade, fortalecendo ainda mais os laços familiares entre os adeptos; há a filiação, no caso de casais, daquele/a que não era metodista. Observamos, ainda, a existência de certo orgulho ou alta auto-estima nos adeptos por pertencerem a esta igreja, fazendo com que supervalorizem a fraternidade entre os mesmos.

Mas, o que significa a tradição familiar? Quase todos os depoimentos falam em “nasci metodista, nasci em um lar metodista”, “nasci nesta igreja”. O uso do verbo nascer dá uma força muito grande na constituição da identidade desses sujeitos, expressando um determinismo religioso do tipo “eu sou, porque nasci”. A associação do nascimento biológico com a pertença a esta igreja demonstra que ser religioso e ser metodista é algo natural e essencial, portanto inquestionável.

Outros depoimentos:

Não tive opção de escolha a princípio, pois já sou filha, neta de metodistas e aprendi a gostar e respeitar minha igreja (mulher, afro-descendente, branca, IM Suzano).

Minha família já fazia parte dessa igreja, continuei a freqüentar, me identifiquei e me sinto bem nela, além de ter uma obra de deus a fazer neste local. (jovem, preta, IM Suzano).

Influência dos pais e por acreditar nos aspectos doutrinário e relacional das comunidades. (homem, preto, IM Vila. Mariana).

Eu sou de família metodista, cresci dentro desta doutrina. A minha opção se fortaleceu com a minha identificação com a doutrina metodista por se um espaço, onde exerço a minha fé e o meu compromisso com Vida (mulher, preta, IM Belém).

Tradição familiar, no entanto, não significa a manutenção de valores e costumes das gerações passadas, pois são evidentes as mudanças tanto no cotidiano das famílias metodistas, como nos rituais da igreja. Como exemplo, na primeira metade do século XX, havia regras rígidas como: proibição de freqüentar bailes - ou simplesmente de dançar-, de uso de calças compridas por mulheres, de fazer compras ou ir ao cinema aos domingos – Dia do Senhor. Hoje, estas regras apenas fazem parte da história. Quanto aos ritos: antigamente, existiam placas nas igrejas disciplinando o povo ao silêncio, os hinos entoados eram composições européias e o órgão ou o piano eram os únicos instrumentos permitidos durante o culto. Hoje, o silêncio é considerado expressão de “frieza” espiritual, prevalecendo a alta intensidade sonora com o uso de instrumentos eletrônicos e rítmicos. Estas mudanças nem sempre são percebidas pela comunidade, dando a sensação de continuidade e de estabilidade da instituição, como bem coloca Rivera (2001:211) “a religião se apóia na legitimidade de uma tradição cuja permanência no tempo lhe garante caráter absoluto” forjando a “ilusão de não-mudança”, como representação coletiva da continuidade e garantia do caráter absoluto. Ao afirmar a tradição familiar como razão de ser metodista, fica pouco explícito o que isto significa e quais os detalhes desta tradição. Todavia podemos interpretar esta situação como um *hábitus*, segundo a concepção de Bourdieu (2001), ou seja, uma identidade incorporada como herança familiar, tida como natural e inquestionável. Em outras palavras, ser metodista pode ser considerado um hábito familiar, na visão destas pessoas algo natural.

b) Acolhimento/ afetividade - Este é o outro aspecto mais destacado, principalmente por aqueles/as que fizeram a opção pelo metodismo na fase jovem ou adulta. Percebemos algumas evidências através dos depoimentos que se seguem:

Quando criança e juvenil pelo acolhimento, e não acepção entre branco e negro. Jovem e adulto, porque como tantas que passei ainda aceita novas idéias e as discute para melhor benefício da comunidade (mulher, negra, IM Itapecerica da Serra)

A primeira vez que eu pisei dentro da Igreja Metodista em Santo André eu me apaixonei pela Igreja, pelo calor humano que recebi, pelos afetos e principalmente por ter sido muito bem recebida dentro daquela igreja. Hoje sou membro da Igreja Metodista em Rudge Ramos e aquele mesmo afeto, o mesmo carinho que senti em Santo André continua ao meu redor e ao redor do meu filho até os dias de hoje na Igreja Metodista em Rudge Ramos (mulher, negra, IM Rudge Ramos).

Na época em que estava passando por problemas foi uma pessoa desta denominação que me acolheu (mulher, negra, IM Santo André).

[...] Minha família passou por momentos difíceis e fomos bem acolhidos, ficamos e nos envolvemos com as irmãs e irmãos (mulher, negra, IM Santo André).

Pela transparência que se conduz para o ideal e preceitos quanto ao homem dentro da igreja, pelas amizades, carinho quanto as pessoas, pois não há distinção de cor, pela família que encontrei quando cheguei (homem negro, IM Suzano).

Porque foi uma igreja que me acolheu com os braços abertos (jovem negro, IM Suzano).

[...] porque encontrei alimento espiritual, e muito amor dos irmãos metodistas. (mulher, negra, IM Monte Belo).

Foi onde, primeiramente, eu me senti bem. (mulher, negra, IM Monte Belo).

O acolhimento e afetividade são apontados por pessoas que não são de famílias tradicionais metodistas, mas que se tornaram adeptas, quando em momentos de fragilidade emocional ou material, e tiveram alguma experiência positiva associada à igreja. A valorização da sociabilidade e da fraternidade entre os membros revela que a Igreja Metodista tem sido um lugar de apoio e acolhimento. Segundo Rivera (2001:210), os sujeitos religiosos no contexto pós-moderno “se auto-reconhecem mais como parte de uma comunidade e de um espírito que de uma tradição”. Assim, o sentimento de pertença está fundado no aspecto do bem-estar pessoal e no vínculo emocional ao grupo. O que na perspectiva de Hervieu-Léger (2001) à respeito das lógicas das identidades religiosas, refere-se à predominância do pólo emocional em relação às demais. Contudo, há um entrelaçamento com as demais lógicas de pertencimento - institucionais, comunitária, ética e cultural.

c) Doutrina – Este aspecto é mais destacado pelas pessoas da IM em Santo André, de forma complementar à tradição familiar. Contudo, o termo doutrina aparece de forma evasiva, talvez porque não há uma ênfase doutrinária na Igreja Metodista, conforme afirma Dornellas (2002), visto que é dada a primazia à experiência pessoal e valorizada a unidade essencial da graça salvadora. Assim, parece estar em jogo não a doutrina, mas sim aquilo que os pesquisados consideram como fundamento bíblico.

Porque aceito seus pontos doutrinários e vejo que eles estão baseados na palavra de Deus (mulher, afro-descendente, branca, IM Suzano)

O “equilíbrio” apontado como um dos aspectos positivos da Igreja Metodista em afirmações como: “uma religião equilibrada” no aspecto do ritual, “culto equilibrado e racional sem deixar de lado a espiritualidade”; tem sido apresentado como uma característica metodista associada a outras referências, designadas como atos de piedade e atos de misericórdia respectivamente, de acordo com o *Cânones* (2007:76).

... não só por um avivamento evangélico, mas por um entusiasmo racional, uma espiritualidade equilibrada, um ministério “leigo”, uma evangelização revolucionária e uma disciplina democrática (DORNELLAS:40).

Porém, a idéia do equilíbrio metodista também está relacionada ao valor dado de forma equitativa às práticas espirituais e à ação social, educativa e ética:

Por uma educação que permite o diálogo e a troca de experiência, com uma preocupação social, e envolvimento e preocupação com a dignidade humana. (mulher, negra, IM Vila Mariana).

... O propósito de co-responsabilidade social a serviço do Reino, que começa no aqui e no agora (mulher, negra, IM Vila Mariana)

Por ser uma igreja que promove o ser humano, se preocupa integralmente, e a liberdade de culto. (Mulher, negra, IM Monte Belo)

Gosto da Igreja Metodista pelos seus conceitos e valores, por ser uma igreja tradicional e ter raízes fortificadas, gosto da doutrina e da maneira como é conduzida por princípios e valores éticos (mulher, preta, IM. Carapicuíba)

Sempre fui protestante e ao conhecer o Metodismo percebi que era uma religião equilibrada, que zelava pela educação, o respeito mútuo e pelo ecumenismo. (mulher, preta, seminarista).

Os depoimentos reproduzem o pensamento metodista transmitido pelos meios de educação cristã, como as classes de escola dominical, estudos bíblicos, cultos entre outros. Portanto, demonstram mais um caráter discursivo. Não encontramos qualquer alusão à dimensão racial dentro da ação socio-educativa e transformadora da Igreja Metodista, por parte dos/as pesquisados/as.

d) Espiritualidade - O aspecto espiritualidade aparece de forma mais explícita apenas em algumas respostas e mais implícita em outras:

Uma obra de Deus a fazer neste lugar (mulher, negra, IM Suzano)

1º: toda minha família é metodista; 2º tem uma história e um propósito (visão); 3º foi onde Deus mostrou ser meu lugar (mulher, branca, IM Suzano).

Obedeci ao chamado de Deus. (mulher, parda, IM Monte Belo)

Foi onde encontrei alimento espiritual: (Mulher, preta, IM Monte Belo)

Por que eu sou apaixonada por Cristo. (mulher, negra, IM Rudge Ramos), Por uma experiência real com o Senhor... (mulher, negra IM Campo Belo)

Minha opção religiosa é cristã. Nesta igreja eu me sinto bem e encontro Jesus. (Mulher, negra, IM Vila Mariana)

Estes depoimentos refletem uma visão mais mística e messiânica, ou seja, pessoas que se vêem chamadas para uma missão; por outro lado, também apresentam uma visão mais individualista e dissociada do social.

e) Organização - Este aspecto é pouco evidenciado e aparece em três depoimentos:

Depois, por ser uma igreja mais transparente, ética, autocrítica e democrática. (homem, cor parda, IM Santo André).

Eu nunca tive que optar pela igreja, se tivesse que fazê-lo seria metodista, gosto de seus princípios fundamentados no cristianismo, de sua organização, da democracia que permite a participação de todos em suas decisões, da séria formação de seus pastores. (MARGER - branca).

a princípio me converti nela; freqüentei outras não metodistas. optei pela metodista, mais pela sua organização. (IM Suzano)

Por ser uma igreja que promove o ser humano, se preocupa integralmente, com uma estrutura organizacional bastante consciente, e a liberdade de culto. (mulher, preta, IM Monte Belo).

Estes depoimentos ressaltam a forma de organização democrática da Igreja Metodista, o que representa não só a segurança de pertencer a uma organização séria, com um diferencial em relação a outras igrejas, mas também um espaço de inclusão, onde as pessoas têm direitos de participação. Este aspecto torna-se relevante, se consideramos que a sociedade exclui a maioria das pessoas negras dos centros de decisão; por outro lado, esta inclusão é concretizada por meio do trabalho religioso.

f) Educação: Neste item observamos que o grupo resalta a formação pastoral, a educação cristã e secular; bem como a seriedade da IM, enquanto instituição educadora.

Por uma educação que permite o diálogo e a troca de experiência, com uma preocupação social, e envolvimento e preocupação com a dignidade humana. (mulher, preta, IM Belém).

g) Conveniência – Este aspecto está relacionado à praticidade ou conveniência de pertencer a alguma igreja metodista, como motivação inicial. Cinco pessoas declararam o fato de morarem próximas ao templo como elemento facilitador para a participação.

Por conveniência. (homem, pardo, IM Santo André).

A princípio por estar localizada próxima de minha casa, gostei muito da igreja por acolher minha família com muito amor e por ter muitos jovens, que certamente influenciariam no crescimento de meus filhos. (mulher, parda, IM Santo André).

No início porque era perto da minha casa. Depois fui gostando e hoje em nome de Jesus vai ser sempre a minha casa. (mulher, preta, IM Monte Belo).

Primeiro porque é próxima a minha casa, e tenho uma filha portadora de cuidados especiais e para mim fica muito melhor. Segundo, porque encontrei alimento espiritual, e muito amor dos irmãos metodistas. (mulher, preta, IM Monte Belo).

Porque era a mais próxima de minha casa. (mulher, preta, IM Vila Mariana).

A Igreja Metodista serve como referencial de pertencimento com base em um território, diferenciando-se das novas igrejas eletrônicas. Isto é uma característica importante, associada às sociedades tradicionais, atualizada às características da pós-modernidade. De acordo com os depoimentos, notamos que tanto a fé no transcendente, como o pertencimento a um grupo, atende as demandas decorrentes de uma sociedade individualista e sujeita as constantes instabilidades.

3.4 MARCAS IDENTITÁRIAS NEGRAS

Tendo por referência que as identidades são construções culturais, muitas vezes vistas como naturais e legitimadas socialmente, e que estas identidades distinguem as pessoas de forma coletiva ou individual dentro de um conjunto maior, procuramos buscar, na percepção das próprias pessoas auto-declaradas pardas ou pretas, qual ou quais as marcas que distinguiriam as pessoas negras dentro do contexto metodista; e se o fato de ser metodista marcaria diferença em relação as demais pessoas negras da sociedade.

3.4.1 A Experiência do Racismo como Um Fator Constituinte das Identidades Negras

A maior parte das pessoas pesquisadas afirma já ter sofrido ou presenciado atitudes racistas ou discriminatórias, em função das características físicas associadas à pessoa negra. Do total pesquisado, 76% afirmam já ter sofrido discriminação racial.

A porcentagem de mulheres que afirmam já ter sofrido ou presenciado atos racistas é relativamente superior (83% do total de mulheres negras pesquisadas) à dos homens negros (50% do total de homens negros pesquisados).

A Tabela 20, que se segue, demonstra estas diferenças entre homens e mulheres negros/as e homens e mulheres não-negros/as; também evidencia que existe uma diferença de percepção entre homens negros e mulheres negras relacionada às experiências com racismo.

Tabela 20 - Experiências relacionadas à discriminação racial, segundo grupos negros e não negros e segundo o sexo.

Já sofreu ou presenciou atos discriminatórios raciais?	TOTAL						TOTAL GERAL		
	NEGROS			NÃO NEGROS			FEM	MASC	TOTAL
	FEM	MASC	TOTAL	FEM	MASC	TOTAL			
SIM	31 (84%)	6 (50%)	37(76%)	5(63%)	3 (50%)	8 (57%)	36 (80%)	9 (50%)	45 (71%)
NÃO	5 (14%)	6 (50%)	11(22%)	3(38%)	3 (50%)	6 (43%)	8 (18%)	9 (50%)	17 (27%)
S/R	1 (3%)	0	1 (2%)	0	0	0	1 (2%)	0	1 (2%)
TOTAL	37 (100%)	12 (100%)	49 (100%)	8 (100%)	6 (100%)	14 (100%)	45 (100%)	18 (100%)	63 (100%)
% em relação ao total de pesquisados/as	78%			22%			71%	29%	63 (100%)

Os relatos referem-se às experiências de racismo sofridas pela própria pessoa, ou por pessoas a ela relacionadas, como familiares, conhecidos e pessoas negras de forma geral.

Tabela 21 - Pessoas que sofreram atos discriminatório e ambiente de ocorrência, segundo o total de pesquisados.

QUEM SOFREU O ATO DE PRECONCEITO OU DISCRIMINAÇÃO?	NEGROS			NÃO-NEGROS			TOTAL
	FEM	MASC	TOTAL	FEM	MASC	TOTAL	
O/A próprio pesquisado/a	19(39%)	1(12%)	20 (35%)	0	0	0	20(32%)
Conhecidos	12 (25%)	2(25%)	14 (24%)	1(25%)	2 (100%)	3 (50%)	17(27%)
Familiares	10(20%)	3 (38%)	13 (23%)	0	0	0	13 (21%)
S/resposta	8 (16%)	2 (25%)	10 (18%)	3(75%)	0	3 (50%)	13 (21%)
TOTAL	49 (100%)	8 (100%)	57(100%)	4 (100%)	2 (100%)	6 (100%)	63 (100%)
% em relação ao total	57 (91%)			6 (9%)			
LOCAL							
Escola	18 (28%)	3 (30%)	21 (29%)	2 (25%)	2 (50%)	4 (33%)	25 (29%)
Trabalho	12 (20%)	3 (30%)	15 (20%)	2 (25%)	0	2 (17%)	17 (20%)
Igreja	9 (14%)	3 (30%)	12 (17%)	1 (12,5)	0	1 (8%)	13 (15%)
Lazer	8 (13%)	0	8 (11%)	2 (25%)	1 (25%)	3 (25%)	11 (13%)
Família	4 (6%)	0	4 (5%)	0	0	0	4 (5%)
Espaço socio-cultural	8 (13%)	0	8 (11%)	1(12,5%)	1 (25%)	2 (17%)	10 (12%)
S/ resposta	4 (6%)	1 (20%)	5 (7%)	0	0	0	5 (6%)
TOTAL	63 (100%)	10 (100%)	73 (100%)	8 (100%)	4 (100%)	12 (100%)	85 (100%)
% em relação ao total	73 (86%)			12 (14%)			

As pessoas que afirmam terem sofrido episódios racistas responderam mais duas questões. O total das respostas é superior ao número de pessoas pesquisadas, pelo fato de que algumas pessoas assinalaram mais de uma alternativa. A primeira questão se refere a quem sofreu preconceitos ou discriminação raciais, sendo apresentadas as seguintes alternativas: a própria pessoa, familiares ou conhecidos. A maioria das mulheres negras assinalou serem vítimas dos atos discriminatórios, enquanto que dentre os homens negros, apenas um, apesar de haver relatos de dois homens negros. Os demais homens relataram acontecimentos ocorridos com outras pessoas, familiares ou conhecidos. Os depoimentos estão agrupados de acordo com a pessoa que sofreu atos preconceituosos ou discriminatórios.

a) O/A próprio/a pesquisado/a como vítima de atos discriminatórios racistas

Do total de 63 respostas, 32% apontam fatos ocorridos com elas próprias, predominando os relatos de mulheres negras. Estes depoimentos mostram situações constrangedoras e inibidoras em que a cor da pele é associada à sujeira, criminalidade e incapacidade intelectual, entre outras coisas.

No ensino fundamental, um “colega” disse que não se sentaria comigo porque era higiênico e que ele não se misturava com negros e, outras vezes, fingia que eu não estava presente nos lugares. (mulher, jovem, negra, IM Suzano)

Quando era adolescente e estudava em um colégio de freiras; fui impedida de participar do grêmio literário do colégio por ser de cor parda. (mulher, parda IM Suzano)

As cotidianas esconderem a bolsa quando passamos. Olharem com suspeita quando entramos em uma loja dirigida ao público classe A (shoppings)... Ser obrigada quando criança a sair pela área de serviços, ao ir brincar com amigos em um condomínio. Denunciar para o conselho diretor de uma ONG, posturas discriminatórias em relação aos meus relatórios e apropriação indevida de projetos por parte de uns dos diretores da entidade. (mulher, negra, IM Campo Belo)

Os relatos mostram que as histórias de vida das pessoas negras são marcadas por episódios discriminatórios desde a fase infantil, e como estes limitam e prejudicam o desenvolvimento sadio. Também revelam que o racismo pode ser manifesto de forma sutil e escamoteada, como também sem subterfúgios e institucionalizado.

b) O outro como espelho

Grande parte dos relatos (48%) aborda episódios ocorridos com outras pessoas, principalmente familiares e conhecidos. Algumas pessoas relatam fatos ocorridos com o outro, o que pode ter vários significados, como: não querer expor-se enquanto pessoa negra, ou negar seu pertencimento a um grupo estigmatizado como inferior, como tática de melhoria de sua auto-estima. De certa forma, seria como afirmar: “sou negro/a, mas não como os/as demais”. Mas também, pode expressar sensibilidade e solidariedade para com a vítima deste tipo de episódio. No entanto, não deixa de ser uma afirmação da existência do racismo e de que este atinge de alguma forma outras pessoas relacionadas à vítima; ou, também, pode ser uma tática utilizada para falar sobre algo pessoal, tendo o outro como espelho.

As formas de manifestações preconceituosas relatadas nestes depoimentos evidenciam a sutileza expressa na forma de brincadeiras e piadas:

[...] conheci um colega de escola que vivia fazendo coleção de piadinhas do tipo: você sabe por que preto leva chocolate branco no cinema? (mulher, afro-descendente, branca - IM Suzano)

Piadas e comentários racistas, mas na maioria dos casos os atos racistas são velados, aliás, o racismo na nossa sociedade é velado. (mulher, jovem, preta, IM Monte Belo)

Aconteceu com uma amiga minha o seguinte caso: ela é professora do ensino fundamental, quando ela foi apresentada pela sua diretora aos alunos, a responsável disse; “[...] apesar de ela ser negra, ela é uma ótima professora [...]” outro caso de infeliz colocação, que aconteceu, não faz muito tempo, foi uma vereadora da minha cidade, que ao defender o atual prefeito (que é negro) em uma discussão pública, disse em alto e bom som; “[...] ele pode ser preto, mas pelo menos ele é honesto!” É o tipo de colocações incorretas, mas consideradas por muitos como naturais e inocentes. (mulher, jovem, negra – IM Suzano)

Em uma situação do trabalho: sou professor de educação física e, no desenvolvimento de uma atividade alguns alunos se dirigiam a um aluno negro chamando-o de “sem alma”. (homem, preto, IM Santo André)

Ou em formas de exclusão dos grupos de sociabilidade e rótulos pejorativos:

Aconteceu no comercio onde já trabalhei e na igreja onde eu freqüentava. A situação acontece geralmente quando um grupo de pessoas faz algum tipo de evento e não quer que você (no caso, eu) saiba pelo motivo da cor e classe social. (mulher, jovem, negra – IM Suzano)

As crianças em qualquer faixa etárias, mesmo pré-adolescentes, costumam rotular na turma quem não se encaixa nos "padrões" impostos pelo grupo: o que é mais marcante é a questão da beleza seguida da inteligência. Quem não é bela, segundo os "padrões" ou "não aprende" é logo rotulada, muitas vezes até pelos adultos. (mulher, parda, IM Suzano).

Já ouvi adolescente negro queixar que foi discriminado (mulher, preta, IM Vila Mariana)

Em questões de casamento: ter amigos negros sim, casar melhor que não. (homem, negro, IM Santo André)

No caso de episódios ocorridos com familiares há uma distinção daquele membro que sofreu a discriminação, em relação aos demais membros da família, ou seja, ele é a pessoa identificada como negra, enquanto que o pesquisado não aparece como tal. No entanto, o relato demonstra que de alguma forma a pessoa pesquisada também foi afetada pela situação, principalmente quando atinge familiares muito próximos.

[...] Outra experiência foi com minha filha, os coleguinhas a chamaram de negra preta favelada. Ela estava com 7 anos e o episódio aconteceu em uma escola particular em BH (mulher, preta, IM Belém).

Uma colega de escola de meu filho (mais novo) se dirigia a ele como “neguinho” de forma pejorativa. Tive que intervir junto à diretoria escolar. (homem, pardo, IM Santo André)

Mas eu me lembro de uma prima; a gente tinha mais ou mesmo da mesma idade. Ela não gostava de negro. Ela era bem mais negra que eu [...] Eu sempre achava muito estranho: ela ser negra e ter vergonha de ser negra [...] e ...Se alguém chegasse e falasse você é negra. – “Não, não sou. Meu cabelo é liso”. Hoje já não, mas quando era criança tinha essa [...] Com certeza porque outros acabavam "ah negrinha, ah", (depoimento colhido em reunião grupo focal: mulher, jovem, negra, IM Monte Belo)

Formação de grupos na faculdade. Minha irmã passou por um constrangimento com a vizinha que perguntou para ela: há quanto tempo você trabalha nesta residência como empregada? Minha irmã respondeu moro aqui há anos com minha família. (mulher, parda, IM Santo André).

Também há casos de depoimentos de mulheres brancas sobre sua percepção do racismo contra negros/as, os quais afirmam a ocorrência na distribuição de privilégios, como também nos comentários preconceituosos que ocorrem na ausência de pessoas negras.

Viajei com uma família negra metodista. No sul em um hotel nos deram o quarto maior e melhor embora tivéssemos apenas uma criança. A eles deram um quarto sem TV e com acomodações inferiores para o casal e duas crianças. Não aceitamos o fato e pedimos que dessem a eles o melhor quarto. Fomos atendidos. (mulher, branca, IM Santo André)

Não testemunhei nenhuma situação constrangedora, porém ouço frequentemente, comentários preconceituosos sobre negros. (mulher, branca, IM Santo André)

Percebi onde policiais e segurança olham com mais atenção as atitudes de pessoas negras (mulher, branca, afro-descendente, IM Santo André).

A segunda questão foi estava referida aos lugares onde aconteceram as experiências relatadas sobre atos discriminatórios. Os episódios de discriminação e preconceito racial ocorrem em diversos contextos, em ocasiões de destaque e nas relações do cotidiano; em

diversos lugares, como espaços familiares, privativos e em espaços públicos. Selecionamos os lugares de maior ocorrência, segundo os depoimentos do grupo pesquisado, ou seja, a escola, o campo do trabalho, espaços públicos e o contexto religioso.

a) A escola

O ambiente escolar é um dos locais onde ocorrem as primeiras experiências de socialização fora dos cuidados familiares; é onde as crianças se defrontam com o mundo e suas complexidades. O racismo manifesto no ambiente escolar demonstra que as crianças são mais espontâneas na expressão de seus sentimentos e repetem aquilo que assimilam dos adultos (familiares, professores, etc.). Os adultos tendem a escamotear seus pensamentos e atitudes discriminatórias. Assim, desde cedo as experiências, negativas ou positivas, motivadas pela cor da pele e outros atributos físicos das crianças negras, interagem com outros referenciais na formação da sua identidade. Os relatos referidos ao ambiente escolar apontam o uso de linguagem pejorativa e o tratamento excludente a que muitas vezes os/as alunos/as e funcionário/as negros/as são submetidos/as.

No ensino fundamental, um “colega” disse que não se sentaria comigo porque era higiênico e que ele não se misturava com negros e, outras vezes, fingia que eu não estava presente nos lugares. (mulher, jovem, preta – IM Suzano).

Sou educadora na rede pública para adolescente no ensino fundamental. Há quatro anos atrás em uma reunião ao dialogar com uma mãe sobre problemas de disciplina e dificuldades de aprendizagem do seu filho. A mãe colocou para direção e professores que o filho tinha dificuldades na minha aula especificamente porque não gostava de pessoas negras e por isso apresentava um comportamento diferenciado [...] (mulher, preta, IM Belém)

Quando fui fazer uma entrevista em uma escola, a diretora por várias vezes colocou em evidência a minha cor. (mulher, parda, IM Santo André).

[...] Quando eu saí da firma e fui trabalhar em escola aí comecei a perceber a diferença no tratamento das crianças negras com os brancos pelos os professores [...] Aí eu notava a diferença eu achava esquisito aquilo e eu ficava revoltada, por que os pretinhos? (mulher, preta, IM Suzano)

O relato desta mulher, afro-descendente, parda, pele clara, reforça institucionalização das discriminações na escola: quando criança ela queria ser a Branca de Neve na escola e a professora a colocou como bruxa (*ai, nossa!* - expressão geral do grupo) e ela foi falar com a professora [...] - “Eu quero ser a Branca de Neve”. A professora responde: “Não, você é morena. Você vai ser bruxa porque você é morena”. (relato colhido durante reunião do Grupo Focal *Vassum Crisso*).

Estes depoimentos mostram que as ocorrências negativas não tiveram o acompanhamento pedagógico necessário para a desconstrução do racismo introjetado nas crianças. Assim, a escola tem servido como instrumento de continuidade do racismo, influenciando de forma negativa a formação identitária das pessoas negras. Em outras palavras, a escola tem influenciado na constituição de identidades negras com baixa auto-estima, expressa por meio da negação ou rejeição das próprias características físicas e culturais. Casos de crianças negras que fazem tentativas de embranquecimento da pele, por meio de produtos químicos tipo água sanitária ou raspando as pernas com cacos de telha são comuns. Outra forma de embranquecimento é o alisamento do cabelo crespo – “cabelo de negro”, considerado ruim e motivo de chacotas. Assim, o sofrimento decorrente de preconceitos e discriminação marca o desenvolvimento das crianças negras, resultando em comportamentos agressivos ou isolamento do grupo.

Quando eu era criança tinha esse negócio de racismo. Nossa, era demais! Só que era [...] Ainda ficava separado, ainda né. Os negros lá atrás, lá atrás porque, na verdade, entre aspas, os negros não queriam saber de estudar. Só bagunçar [...] Você percebia esta diferença [...] Separação na própria escola. Na própria escola. Tanto que eu conheço umas pessoas negras [...] Negras, mas negra, negro mesmo. Não é morena, assim, [...] É negro mesmo, até hoje está numa situação precária. Mas porque veio lá de trás mesmo. Ninguém deu apoio para ele. Hoje, eu conheço um que é mendigo. Estudou comigo. De vez em quando eu encontro com ele aí [...] A cabeça dele já nem funciona mais. Daquela época até agora acho que não mudou nada (homem, pardo, IM Suzano; depoimento dado numa reunião grupo focal).

Isto pode ser sintetizado na conversa entre dois homens negros metodistas que compartilhavam suas experiências infantis na escola: quando crianças eles brigavam muito na escola, como defesa contra discriminações que sofriam por parte de professoras e de alunos/as. Então um deles disse: “as meninas negras abandonam a escola por não agüentarem a pressão e os meninos partem para a briga”.

b) Campo do trabalho

O campo de trabalho é apontado como o segundo lugar de maior ocorrência de episódios discriminatórios contra negros/as, abrangendo relações horizontais e verticais dentro do ambiente de trabalho.

Uma colega de trabalho viu uma moça negra e comentou em voz alta “que moça bonita, nem parece negra” (homem, pardo, IM Santo André).

Eu estava fazendo no trabalho, na ocasião chefiava uma equipe de policiais escutei um deles dizendo que iria jogar um urubu da torre a baixo. (homem, preto, IM Sorocaba).

Alguns depoimentos se referem ao processo excludente de admissão ligado à cor da pele. Novamente a escola aparece com destaque, mencionada por professores que se sentiram discriminados, ou que perceberam atos discriminatórios direcionados a outras pessoas.

Quando fui fazer uma entrevista em uma escola, a diretora por várias vezes colocou em evidência a minha cor (mulher, parda, IM Santo André).

Minha irmã não foi admitida numa vaga de emprego, apesar de ter mais estudo e qualificação do que a vizinha que também foi fazer entrevista no mesmo local, a vizinha foi admitida porque ela era branca. (Mulher, preta, IM Vila Mariana).

Denunciar para o conselho diretor de uma ONG, posturas discriminatórias em relação aos meus relatório e apropriação indevida de projetos por parte de uns dos diretores da entidade. (Mulher, negra, IM Campo Belo)

Sou educadora na rede pública para adolescente no ensino fundamental. Há quatro anos atrás em uma reunião ao dialogar com uma mãe sobre problemas de disciplina e dificuldades de aprendizagem do seu filho. A mãe colocou para direção e professores que o filho tinha dificuldades na minha aula especificamente porque não gostava de pessoas negras e por isso apresentava um comportamento diferenciado. (mulher, preta, IM Belém).

c) Espaços públicos

Os espaços públicos, como elevadores, passeios públicos, locais de lazer e cultura, *shoppings centers*, também são apontados como locais restritivos à circulação de pessoas negras, demonstrado por meio de atos e falas discriminatórias.

Passando uns dias de férias no Rio de Janeiro com a pessoa que fui criada e moro até hoje, sendo que ao entrar no prédio ao qual iríamos permanecer, fui obrigada pelo porteiro que não permitiu que eu entrasse pelo elevador social e sim pelo de serviço. (Mulher, negra, IM Vila Mariana)

Foram duas situações isoladas e há bastante tempo: - uma delas foi em um passeio onde fui abordada por um rapaz que dizia “odiar negros e que iria me matar...” a outra foi mais recente, quando ouvi comentários de que as pessoas, dão preferência em procurar profissionais brancos, seja de qualquer área [...] (mulher negra, IM Campo Belo)

Meu tio era negro e advogado, morava no centro de Santo André e todas as vezes que minha mãe eu íamos visitá-lo éramos orientadas a ir pelo elevador de serviço (mulher, parda, IM Santo André).

Outra situação foi familiar, estávamos passeando de carro e fomos abordados por policial que perguntou se o carro era realmente dele e o tratou, o meu pai, de forma preconceituosa [...] (jovem, negra, IM Suzano).

Através destes depoimentos verificamos que o racismo é uma forma de controle que restringe o poder de opções e oportunidades das pessoas negras, além de prejudicar a formação da auto-estima, visto que a interação entre negros e não-negros no ambiente escolar é permeada por conflitos e restrições baseada na cor da pele.

3.4.2 A dimensão racial da Igreja Metodista, segundo a percepção do grupo pesquisado.

3.4.2.1 O racismo dentro do contexto religioso

A maior parte (62%) das pessoas pesquisadas nega a ocorrência de racismo na Igreja Metodista, porém um grupo (32%) afirma o contrário. Em relação ao grupo negro, também se repete esta proporção, ou seja, 59% não percebem ocorrências de racismo, enquanto que 34% afirmam o contrário. É muito significativa a percentagem dos contrários, se consideramos que o simbolismo de sacralidade que envolve a igreja impede a percepção de ocorrências que possam macular sua imagem, dificultando o desenvolvimento de uma visão crítica sobre a realidade do racismo no contexto religioso. (Tabela 22).

Tabela 22 - A percepção dos/as pesquisados a respeito da existência de racismo na IM, segundo raça/cor e gênero.

PERCEBE RACISMO NA IGREJA?	TOTAL						TOTAL GERAL
	NEGROS			NAO-NEGROS			
	FEM	MAS	TOTAL	FEM	MASC	TOTAL	
NÃO	20 (54%)	8 (68%)	28 (59%)	5 (63%)	6 (100%)	11 (79%)	39 (62%)
SIM	15 (41%)	2 (66%)	17 (34%)	3 (37%)	0	3 (21%)	20 (32%)
S/R	2 (5%)	2 (66/5)	4 (7%)	0	0	0	4 (6%)
TOTAL	37 (100%)	12 (100%)	49 (100%)	8 (100%)	6 (100%)	14 (100%)	63 (100%)
% EM RELAÇÃO AO TOTAL GERAL	49 (78%)			14 (22%)			

Obs. À esquerda estão os valores absolutos

O depoimento abaixo demonstra a perspectiva de preservação da imagem da igreja por parte do fiel, segundo a qual o racismo é um problema pessoal e não social e institucional:

Hoje existe um movimento para se discutir estas questões, mas, de minha parte nunca percebi alguma forma de racismo na Igreja Metodista. Acho que esse sentimento, manifestação é muito pessoal vem do íntimo e não da Organização Metodista (homem, pardo, IM Santo André).

Assim, transforma-se aquilo que é discurso ou ideal em realidade, ficando ocultados os fatos do cotidiano, quando contradizem a verdade estabelecida.

Porque sempre falamos que Jesus não fez acepção de pessoas. Que Deus não faz acepção de pessoas. Portanto a Igreja não precisa falar nisso... Na prática é uma maneira de se esconder. É uma maneira de você... É aquela história: rola muito preconceito. Somos todos iguais na igreja. Todos somos filhos de Deus é uma maneira de a gente calar mesmo... da gente não conversar (depoimento no grupo focal: mulher, negra, jovem, IM Monte Belo).

Por outro lado, é bastante significativa a proporcão de pessoas que afirmam a existência do racismo nas igrejas, considerando que este tema ainda é tabu em muitas igrejas metodistas. Os depoimentos abaixo demonstram ao mesmo tempo a ocorrência e a invisibilidade deste tema dentro do contexto metodista.

A primeira situação ocorreu comigo na igreja enquanto criança havia um grupo de crianças que me discriminavam e não queriam ficar perto de mim. [...] Faz parte da identidade, as intercorrências de racismo tanto na igreja como na sociedade. (mulher, jovem-preta – IM Suzano)

Meu filho com 09 anos na época uma amiguinho da Igreja o chamou ou xingou de macaco de uma forma bem agressiva (mulher, preta, IM Belém).

Estes relatos mostram que as crianças negras sofrem as experiências de preconceito e discriminação dentro do ambiente religioso, embora haja nas igrejas locais uma posição de negação da ocorrência de racismo, o que resulta, conseqüentemente, numa ausência de ações educativas transformadoras. O que percebemos nos depoimentos é que ações educativas nas igrejas locais acabam reproduzindo mais a visão racista de desvalorização sócia, baseada nas características físicas. A educação cristã, dentro do contexto metodista, tende a considerar irrelevante, ou até mesmo perigosa, a abordagem destas questões, priorizando a relação com o sagrado de forma espiritualizada e dissociada das questões sociais.

Quando jovem, numa peça de teatro, na Igreja Metodista em Santos André, fui escrava e fiquei meio invocada no início [...] por que logo eu tenho que ser escrava [...] mas depois fiz bem o papel e interpretei tão bem, e gostei (relato apresentado por mulher, parda, em reunião grupo focal em IM Vila Mariana).

Este depoimento aponta um fato comum nas dramatizações das igrejas quando da a distribuição dos personagens aos atores.. As representações de personagens associados ao bem e ao belo, como Jesus, anjos, profetas, os reis e rainhas são oferecidos às pessoas brancas. Os personagens associados ao feio, ao ruim, ao Mal, como o diabo, a escrava, o filho pródigo (geralmente relacionado com o filho rebelde) são destinados às pessoas negras. Outra observação é que os papéis principais são encenados pelas pessoas brancas, enquanto que os secundários, pelas pessoas negras.

As nomeações de pastores para as igrejas também são influenciadas pelo fato cor da pele, uma vez que nem todas as igrejas aceitam pastores/as negros/as:

[...] Uma vez, fomos na casa do bispo, (não é identificado o bispo) na época das nomeações aí conversando porque não fazia a nomeação de fulano para igreja tal; só que lá tem um problema por causa da cor do pastor. Ele vai ter problema lá... Poderia ser nomeado para tal igreja assim, mas devido à cor dele não vai dar certo. (depoimento colhido de um homem pardo, numa reunião de grupo focal).

Eu tenho uma amiga que é metodista também, lá do interior. O pastor que foi nomeado para lá no ano passado é negro. E a igreja se revoltou de tal forma... Ela disse eu não entendo!? Esse pastor é maravilhoso e o pessoal não aceita ele aqui, já pediram para o bispo levar ele embora. Olha, eu não entendo, eu não consigo entender isso. Ela não conseguia entender esse racismo tão brutal dentro da igreja. Se fosse fora da igreja podia até entender [...] O pastor continua lá a duras penas, sofrendo na mão do povo. (depoimento colhido de uma mulher negra, em um grupo focal).

Uma família deixou de frequentar a Igreja pelo fato do pastor ser negro. (homem, preto, IM VILA Mariana).

Mas também ocorrem tratamentos diferenciados por parte dos/as pastores/as:

Uma vez eu vinha da Igreja Metodista Central. Eu e seu tio [...] (apontou para outra pessoa do grupo) e o rev. [...]. Quando nós (na volta da Igreja o rev. disse) – “vamos na casa do meu irmão. *(que também era pastor)*. – “O meu irmão faz aniversário hoje [...] Vamos dar uma passadinha”. Quase 9 h da noite [...] Aí passamos lá tinha uma festinha na casa dele; estava cheio de gente na casa... Aí entramos, demos os parabéns pra ele. O pessoal comendo na sala. Aí, ele falou pra a gente comer, e, pôs uma mesa pra nós na cozinha e comemos lá e os outros comeram lá na sala Eu e o [...] ficamos lá *(e ele disse)*: - “Antes nem tivéssemos passado aqui.” Essa discriminação, nós na cozinha, e os outros [...]”. Separou [...] Mas, nós percebemos que há diferença. (depoimento de homem pardo em grupo focal).

Na igreja, ao comentar com alguns amigos sobre um encontro afro que aconteceria na cidade, ouvi o pastor comentar de maneira irônica e maldosa: “no mínimo, só vai ter macumbeiro!”. Fiquei muito brava, como não era o primeiro comentário infeliz dele e como a igreja já havia pedido que ele se retirasse, preferi ignorar o fato. (mulher, preta, seminarista).

Cargos de liderança (local) dependem muito do pastor. Cargo de liderança regional (só com muita insistência e olhe lá). (mulher, preta, IM Itapeçerica da Serra).

Estes depoimentos colocam em evidência a participação do clérigo, do pastor. Por um lado o pastor negro é citado como vítima de racismos, por outro há pastores/as e líderes metodistas que discriminam as pessoas e a cultura afro-brasileira. No entanto, há silêncio a este respeito dentro das igrejas e das pessoas negras.

Questionada se há racismo na Igreja a jovem afirma que “sim, nas relações de amizade [...]”.

Em uma excursão da igreja que íamos passar o dia todo, as famílias foram alojadas nos salões e nos aconselharam a arrumar um lugar. eu e cinco crianças ficamos no relento, cerca de 6 horas.(mulher, preta, IM Vila Mariana)

Ter que ouvir de um rapaz da igreja que em diálogo com outro a seguinte frase: “Sim, ela é bonita, mas não sairia com ela por ser negra, rrsrrsrs [...] a não ser que ficasse um ano torrando sob o sol do Saara.” Não, misture as coisas, foi quando percebi que na ali na Igreja, nada era tão diferente assim... (mulher, negra, IM Campo Belo)

Na igreja, durante o ensaio do coral, uma senhora negra corrigiu o erro de uma loira, e a irmã da loira comentou “imagine, uma negra corrigindo a minha irmã”. (homem, pardo, IM Santo André).

Nas relações de sociabilidade entre os/as irmãos/ãs metodistas, as manifestações racistas aparecem nas definições das amizades, namoros e afetos, como também na ocupação de lugares (simbólicos e materiais) que podem ser ocupados pelas pessoas negras. Estas regras não estão escritas, mas incorporadas nas relações internas das igrejas.

Uma mulher negra na igreja só é elogiada quando está de cabelo escovado, segundo os padrões dos brancos, “o ferro, que outrora servia para marcar os negros como propriedade, agora é usado para esconder a vergonha do cabelo carapinha!” (jovem, preta, seminarista)

Este depoimento revela a força da ideologia do embranquecimento dentro da Igreja Metodista, haja vista que nas mulheres negras metodistas, em geral o cabelo alisado é aceito como estética mais adequada, ou como se diz “mais arrumado”. Porém, o uso do cabelo natural é rejeitado e provoca críticas. O cabelo alisado é um símbolo de embranquecimento.

A análise dos dados da pesquisa e dos depoimentos evidencia que para as mulheres negras, os atos discriminatórios são mais visíveis e marcantes em suas histórias pessoais, do que para os homens negros; visto que a maioria delas afirma ter sofrido atos discriminatórios racistas, enquanto que a maior parcela dos homens nega tais experiências.

No entanto, não podemos desconsiderar o fato de que as experiências discriminatórias racistas são dolorosas e afetam profundamente a auto-imagem da pessoa negra, sendo muitas vezes preferível deixá-las no esquecimento e articular com outros referenciais mais positivos, no caso a religião. No entanto, o racismo é ocultado e silenciado no meio metodista pelo discurso de valorização da alma e não do corpo. Neste sentido, pertencer ao grupo religioso ajudaria mais na construção de uma identidade positiva, com melhor auto-estima, do que articular com referenciais da população negra. As próprias pessoas negras são transmissoras do discurso de negação de racismo que impera na sociedade e também nas igrejas. Isto denota que a educação religiosa das pessoas negras tem sido eficiente, no sentido de manutenção das pessoas negras na posição de sujeitos dominados numa relação de poder.

Os casos relatados demonstram que tanto a escola como a igreja, como instituições responsáveis pela formação dos indivíduos na sociedade têm sido lugares onde ocorrem episódios racistas. Desta forma, estas instituições têm desempenhado um papel legitimador e reprodutor de atitudes racistas.

O racismo, apreendido desde cedo, tem sido um dos referenciais na constituição das identidades negras e tem desencadeado diversas formas de defesa na criança e posteriormente no adulto como: agressividade, isolamento, timidez, cordialidade e subserviência, as quais aparecem nos depoimentos desta pesquisa.

3.4.2.2 Aspectos distintivos das pessoas negras no contexto metodista.

A idéia de igualdade entre os membros das igrejas metodistas não é um consenso entre o grupo pesquisado. Para 53% existem diferenças entre metodistas negros/as e não-negros/as; e, os outros 47% consideram que não há diferenças.

Nas respostas dos/as pesquisados/as de “Outras Igrejas Metodistas” predomina a percepção de que há diferenças entre negros e não negros metodistas (72%), devendo-se considerar que este grupo é formado exclusivamente de pessoas de pele mais escura, freqüentam igrejas de classe média, de maioria branca, e apresentam uma boa formação educacional e bom nível sócio-econômico. A maioria (63%) do grupo da IM em Suzano também admite haver diferenças.

Tabela 23 - Percepção dos/as pesquisados/as negros/as quanto a diferenças entre metodistas negros/ e não negros, segundo as igrejas de pertencimento.

PERCEBE DIFERENÇA ENTRE METODISTAS NEGROS E NÃO NEGROS?	SANTO ANDRÉ	SUZANO	MONTE BELO	OUTRAS IGREJAS	TOTAL
NÃO	11 (52%)	3 (38%)	5 (83%)	4 (29%)	23 (47%)
SIM	10 (48%)	5 (63%)	1 (17%)	10 (71%)	26 (53%)
TOTAL	21 (100%)	8 (100%)	6 (100%)	14 (100%)	49 (100%)

As respostas do grupo de Santo André estão divididas de forma equitativa entre os que afirmam não haver diferenças (52%) e os que afirmam haver diferenças (48%) entre metodistas negros e não-negros. Lembramos que algumas características podem estar relacionadas, como: ter uma parte significativa de adeptos por tradição familiar, portanto com vínculos antigos; ser uma igreja com predominância de pessoas brancas, classe média; e, de pessoas negras de cor parda. Dentre estas, várias apresentam condições socioeconômicas relativamente boas e nível educacional – médio/superior.

Apenas no grupo da Igreja em Itaquaquecetuba – Monte Belo predomina a percepção de que não há diferenças (80%). Entretanto, há que se considerar o contexto de periferia urbana onde está localizada esta Igreja Metodista, com maior concentração da população negra. Portanto, as ocorrências de discriminação racial contra negros são menos frequentes; o que é confirmado pelo depoimento de uma jovem, parda, da IM Monte Belo:

Por eu estar numa igreja que a maioria é negra... Tem pouquíssimos brancos lá na minha igreja. Pouquíssimos. Eu tenho certeza absoluta que, se fosse ao contrário estaria muito mais distante.

Um dos aspectos mais apontados que diferenciam as pessoas metodistas negras é a condição sócio-econômica, que é pior para este grupo; considerando os baixos rendimentos, nível educacional e dificuldades de inserção e de ascensão no mercado de trabalho. Estes aspectos aparecem inter-relacionados ora como causa, ora como decorrência um do outro:

Por terem acesso a uma educação melhor possui melhores empregos... Consegue através de seus empregos melhores, estudar melhor. (Mulher, jovem, parda, IM Monte Belo).

Frequênto uma igreja de classe média para média-alta. As pessoas negras estão no pé da pirâmide [...] Tem mais dificuldade para alcançar um bom nível educacional [...] Vindo de uma classe economicamente mais baixa. Não tem um pai ou avô que lhe dê um emprego (mulher, preta, IM Vila Mariana).

Poder aquisitivo menor do que os brancos; [...] Grau de escolaridade abaixo dos brancos [...] Menos possibilidade que os brancos (mulher, parda, IM Suzano).

As pessoas negras da comunidade moram em bairros bem periféricos, contam com ajuda do ministério de ação social da igreja, recebem cesta básica e ainda “são ameaçadas” pelo mesmo: “quem não frequenta o culto e a escola dominical não pode receber cesta básica.” [...] A grande maioria apresenta baixa escolaridade; sentem-se realizados quando consegue terminar, ao menos, o nível médio [...] Na minha igreja de origem, sou a única negra com formação em nível superior, porém a única com diploma universitário que não trabalha na área em que se formou. (Mulher, jovem, preta, seminarista).

Há pessoas que vêem o momento atual como uma fase intermediária de transformação, e que as pessoas negras estão conquistando melhores espaços:

Pois como na sociedade, estamos ainda conquistando espaços de trabalho [...] Também estamos tendo maior acesso a educação, melhorando o nível educacional [...] Acesso ao Mercado e Trabalho, ainda é uma luta maior para os negros conquistarem mais espaços nos serviços, nos níveis de chefia principalmente. (mulher, preta, IM Belém).

Para outras pesquisados/ negros/as, de cor parda, a situação social das pessoas negras resulta de um processo pessoal e de falta da falta de qualificação (estudos), desvinculado de processos sociais, políticos, econômicos:

Algumas pessoas negras metodistas se acham inferiores [...] Os negros metodistas acham que as pessoas de cor branca têm mais oportunidades. As pessoas negras sempre com sentimentos de inferioridade e acham que até na própria instituição metodista não há vagas para negros (mulher parda, da IM em Santo André)

Em alguns casos quando não qualificada (estudo) sofre muito para ser inserida nas atividades escolhidas. (mulher, preta, Itapecerica da Serra).

Os demais aspectos aparecem com menor destaque:

Os depoimentos abaixo apontam diferenças nas formas de expressar afetividade e na sociabilidade, por parte das pessoas negras. Uns apontam um retraimento em relação às pessoas brancas, demonstrando que as relações entre irmãos/as metodistas são afetadas pelas relações raciais.

Os metodistas afros são mais reservados e frios, mantém distância com o restante da comunidade (mulher, parda, IM Santo André),

Timidez em público (Mulher, negra, IM Santo André)

Tem medo de abraçar os irmãos brancos (entre a cor há mais confiança) (mulher, preta, Itapecerica da Serra)

De forma contrária, há quem identifique os negros como “mais afetivos, calorosos, e risonhos” (mulher, jovem, preta, seminarista).

A estética afro é apontada como um símbolo negativo, visto que a tendência dentro do contexto metodista é de padronização de uma estética mais próxima da moderação e pureza (limpeza). De forma contrária, a estética afro é vista em geral como extravagante e relacionada à sujeira e ao feio (no caso do cabelo). Contudo, aos poucos estão entrando nos ambientes das igrejas metodistas as “trancinhas”, o *black power* e os *dreads*, apesar do estranhamento e controle exercido por parte dos/as adeptos/as.

Uma mulher negra na igreja só é elogiada quando está de cabelo escovado, segundo os padrões dos brancos, “o ferro que outrora servia para marcar os negros como propriedade, agora são usados para esconder a vergonha dos cabelos carapinhas!” (Mulher, jovem, preta, seminarista)

Outras pessoas comentam... Quando você parou de alisar o cabelo? Antes você era tão bonita! (mulher, jovem, negra, IM Carapicufba)

A musicalidade é apontada como atributo natural das pessoas negras, com destaque às expressões rítmicas e movimentos corporais.

As pessoas afro-metodistas têm mais aptidão para música-canto. (mulher, parda, IM Santo André).

Nós negros gostamos de todos os louvores, já os que não são, em sua maioria preferem as (músicas*) tradicionais. (mulher, negra, IM Suzano) *acréscimo da pesquisadora.

São mais alegres, querem soltar mais o corpo (ritmos mais marcantes). (mulher, preta, IM Itapecerica da Serra).

Quanto à percepção da saúde, evidencia-se um desconhecimento ou desinteresse da maior parte do grupo negro pesquisado sobre as condições de saúde e vulnerabilidades da população negra. As poucas respostas referem a: dificuldades de acesso a recursos de saúde com qualidade, a discriminação de mulheres negras por funcionários da saúde e algumas doenças a que a população negra está mais vulnerável. No entanto, ninguém apontou a questão da Anemia Falciforme, doença genética associada à população negra:

Às vezes são as últimas a serem atendidas (mulher, preta, Itapecerica da Serra).

Muitos podem pagar planos de saúde (mulher, jovem, parda, IM Monte Belo). (referindo às pessoas brancas: comentário da pesquisadora)

São pessoas em que doenças como câncer, hipertensão, diabete ocorre com maior incidência. (mulher, negra, IM Suzano).

Apenas uma pessoa aponta o aspecto da espiritualidade das pessoas negras, relacionado à discriminação e controle por parte de outras pessoas:

Negro que expressa sua espiritualidade com danças e manifestações corporais provoca repúdio e olhar de discriminação (surtem comentários tais como: isto é coisa de macumba!) Um branco quando apresenta estas reações está vivendo um momento de intimidade com o Espírito Santo (É uma pessoa extremamente espiritual!!!) (Mulher, jovem, preta, seminarista)

Pela percepção dos pesquisados deduzimos que as pessoas metodistas negras se distinguem das demais pela condição socioeconômica inferior juntamente com o nível educacional e posição no mercado de trabalho.

Os demais aspectos apontados mostram que comportamentos e expressões associados às pessoas metodistas negras são resultantes das diversas articulações com o meio social impregnado do racismo, além de ser minoria dentro do contexto metodista e em posição de inferioridade. Isto é observável quando adentramos aos trabalhos nas igrejas metodistas e verificamos que as pessoas negras apresentam uma postura e estética, em geral, sem distinção em relação às demais pessoas. Mesmo quando em situações lúdicas, como em festas e encontros de sociabilidade, existe certa dificuldade de as pessoas negras utilizarem símbolos tidos como afro-brasileiros.

Também consideramos evidente que as pessoas pesquisadas desconhecem ou não consideram o processo histórico de dominação cultural e exclusão sócio-econômica imposto à população negra. Desta forma, reproduzem o discurso de dominação incorporado, conforme pode ser observado no trabalho, comportamento, postura e estéticas adequadas ao padrão aceito dentro das igrejas metodistas. Em outros termos, de acordo com a disciplina cristã que direciona a uma produção religiosa associada ao “testemunho cristão”.

3.4.2.3 Aspectos distintivos de pessoas negras metodistas em relação a pessoas negras não metodistas.

Segundo a percepção de pouco mais da metade (59%) dos/as pesquisados/as negros/as, não há diferenças entre pessoas negras devido ao fato de ser metodista. Todavia, uma parte significativa do grupo (35%) é de opinião contrária. Destes, destacamos o grupo “Outras Igrejas” com 57% que consideram que há diferenças.

Tabela 24 - Percepção dos/as pesquisados/as negros/as quanto a diferenças entre pessoas negras, em função do fator “ser metodista”, segundo as igrejas de pertencimento

PERCEBE DIFERENÇA ENTRE PESSOAS NEGRAS METODISTAS E NÃO-METODISTAS?	I.M - SANTO ANDRÉ	IM SUZANO	IM MONTE BELO	OUTRAS IGREJAS METODISTAS	TOTAL
NÃO	16 (76%)	6 (75%)	4 (67%)	3 (21%)	29 (59%)
SIM	5 (24%)	2 (25%)	2 (33%)	8 (58%)	17 (35%)
S/R	0	0	0	3 (21%)	3 (6%)
TOTAL	21 (100%)	8 (100%)	6 (100%)	14 (100%)	49 (100%)

Quanto à percepção do que distingue as pessoas negras metodistas, aparecem duas tendências de percepção a respeito da pessoa negra metodista:

a) De um lado, aqueles/as que têm uma visão muito positiva sobre as pessoas negras metodistas em relação às não-metodistas. Fica evidente que as diferenças estão diretamente relacionadas aos referenciais religiosos e do grupo social pertencente à Igreja Metodista, e ao distanciamento dos referenciais étnico-raciais afro-brasileiros. Neste caso é enfatizado que os metodistas são mais esclarecidos e preocupados com o bem-estar da sociedade, além de que têm melhor qualidade de vida e melhor auto-estima:

As pessoas negras metodistas procuram ter uma qualidade de vida melhor. (mulher, preta, IM Santo André).

As diferenças são mais acentuadas nos não-metodistas acredito que os negros da nossa igreja por ser uma igreja de elite, até os negros acabam mais politizados que os não-metodistas. (mulher, jovem, parda, IM Monte Belo).

Mais comunicativos mais preocupados com sua auto-estima, um pouco mais esclarecidos quanto seu papel diante da comunidade e sociedade em que vive. (Mulher, preta, IM Suzano).

Eu noto que o negro metodista é uma pessoa mais amorosa, mais preocupada com a sociedade e com o bem estar da mesma. (Mulher, preta, IM Vila Mariana).

b) De outro lado, há aqueles/as que expressam uma visão mais crítica sobre as relações raciais internas ao contexto metodista e sobre o distanciamento dos metodistas negros em relação aos referenciais afro-brasileiros, em decorrência do pertencimento religioso.

As pessoas negras metodistas a maioria estão mais envolvidas nas atividades da igreja, temos uma representação pequena dos negros da igreja metodista nos eventos da sociedade de luta dos negros. (mulher, preta, IM Belém).

Qualquer religião, especialmente o protestantismo acaba moldando jeito de ser dos seus fiéis. Como a sociedade discrimina a nossa negritude, a igreja acaba seguindo pelo mesmo caminho. Uma pessoa negra dentro de uma instituição branca, como a

igreja, acaba não assumindo musicalidade, sua cultura, suas expressões corporais, etc. Aprende que isto é algo ruim. (mulher, jovem, preta, seminarista).

Quanto à representação que fazem sobre as pessoas negras não-metodistas está a associação às religiões de matrizes africanas e às expressões culturais afro-brasileiras. Também, há quem considere os/as negros/as não-metodistas como pessoas mais “resolvidas” em relação à identidade racial e à participação em movimentos sociais negros.

Religiões afro (mulher, jovem, preta, IM Santo André)

As pessoas negras não metodistas estão mais envolvidas nas expressões culturais, e mais próximos a expressões religiosas afro. Valorizam mais o estilo de vestir afro e se envolvem mais na sociedade nas questões das lutas dos negros (mulher, preta, IM Belém)

As pessoas negras não metodistas acabam sendo mais alegres, mais “resolvidas” quanto a sua cultura, história e comportamento. (mulher, jovem, preta, seminarista).

O racismo é um fato comum na vida das pessoas negras, independente do pertencimento à Igreja Metodista; ou seja, o racismo permeia todos os contextos da sociedade, inclusive o campo religioso.

O preconceito existe independente de a pessoa ser ou não metodista. (mulher, preta, IM Santo André).

Seja na igreja, escola ou trabalho, a discriminação racial existe. Na teoria tudo bem, na prática é outro contexto. (mulher, branca, IM Santo André).

Na visão das pessoas brancas pesquisadas, não há preconceito racial dentro do contexto metodista. A convivência entre brancos e negros propicia mudanças comportamentais nas pessoas negras, que as distinguem dos demais negros da sociedade. E, há também a visão de que se distinguem pelo comportamento, dos demais metodistas.

Temos a impressão de que nos sentimos bem em nosso convívio, como membros da igreja metodista. Talvez essa mútua aceitação gere autoconfiança para todos, em termos de convivência, fato que acaba promovendo diferenças comportamentais entre pessoas negras metodistas e não metodistas. (mulher, branca, IM Santo André).

Dentro da igreja não percebo preconceito, existe respeito e amor onde cada um vale o que é, e sua participação no todo é valorizado. (homem, afro-descendente, branco, IM Santo André).

As pessoas negras metodistas na IMC de Santo André representam a minoria. São mais recatados. São mais humildes. São mais solícitos (homem, branco, IM Santo André).

Fora da igreja vejo que a cor da pele é um empecilho para as pessoas se sentirem parte do grupo. (mulher, afro-descendente, auto-declarada, branca, IM Santo André).

Os aspectos levantados como diferenciais das pessoas negras evidenciam que pelo fato de pertencerem à Igreja Metodista, incorporam os referenciais deste grupo religioso, que por sua vez são distintos dos referenciais afro-brasileiros. Neste caso, há uma concepção evolutiva – de ascensão por pertencimento a este grupo – e os demais negros da sociedade são associados à religiosidade, comportamentos e expressões inferiorizados e condenados pela igreja. Há também uma concepção de dominação cultural, neste caso os/as metodistas negros/as não gozam de liberdade para assumir os referenciais afro-brasileiros, considerados contrários à conduta cristã metodista. Estes aspectos demonstram a tensão entre a concepção de que a Igreja é sagrada e imune às querelas da sociedade e a concepção de que ela é uma instituição social, de modo que ao mesmo tempo influencia e é influenciada pela mesma.

3.4.2.4 O Mito da Igualdade Cristã

A igualdade entre irmãos é uma das crenças que fundamentam as relações sociais entre os adeptos metodistas. Ela está relacionada à idéia de que na conversão as pessoas se tornam novas pessoas, agora espirituais e as diferenças humanas (físicas, materiais, culturais) desaparecem, não influenciando as relações. O Mito da Igualdade Cristã, enquanto uma concepção, não aponta para os fatos da realidade, ao contrário impede o desenvolvimento de uma consciência crítica por parte dos fiéis sobre as relações raciais internas ao contexto metodista. Neste sentido, qualquer sinalização contrária pode significar ameaça à fé, ou seja, o caos.

A gente não precisa falar porque somos todos crentes. Porque sempre falamos que Jesus não fez acepção de pessoas. Que Deus não faz acepção de pessoas. Portanto a Igreja não precisa falar nisso... Todos somos filhos de Deus é uma maneira de a gente calar mesmo [...] da gente não conversar (jovem, parda, IM Monte Belo).

Geralmente as pessoas negras metodistas não enfocam a questão racial, falam de igualdade e irmandade em Cristo, mas não discutem problemas da raça e, geralmente, dizem não haver esse problema na igreja. (Homem pardo, IM Santo André).

Confesso que não há discussão sobre este assunto em nossa igreja, até mesmo porque, não há nenhum tipo de racismo evidente em nossa comunidade. (mulher jovem, parda, IM Suzano).

Os depoimentos abaixo expressam uma visão espiritualizada – “ter Deus como alvo”, ou “o amor de Cristo”; individualista – a pessoa; e, moralista – “que procura ser digna de respeito” [...] “entra e sai de qualquer lugar. Porque não tem do que se envergonhar”. Assim, a resolução das desigualdades é deslocada para a relação com o Deus cristão.

A partir do momento que o ser humano procura ser pessoa digna de respeito e tem Deus como seu alvo, ele entra e sai em qualquer lugar. Porque ele não tem do que se envergonhar. (mulher negra, IM Santo André)

O que falta nas pessoas é ter o amor de Cristo nelas e amor como ele amou e ama. Quando ele morreu na cruz não foi para salvar um ou outro e sim para salvar a todos independente da cor, raça e etc. ... Se amarmos como Jesus todos estes problemas acabarão (mulher branca, IM Suzano).

A idéia da batalha contra o Mal, reproduz o discurso protestante e pentecostal. O mal aqui é identificado como o racismo, que deixa de ser visto como uma construção social, e sim como algo diabólico. O único modo de batalhar é o conhecimento de Cristo. Esta é a fórmula repetida pelos membros das igrejas metodistas, reafirmando a infalibilidade da crença:

O preconceito seja qual for é diabólico. Deus nos criou iguais e nos ama igualmente sem privilégios quanto à cor porque a alma não tem raça e nem cor. O corpo com sua cor desaparecem e a alma, sem ter cor, permanece. (homem, cor parda, IM Santo André).

É notório que existe racismo e que devemos BATALHAR contra, porque Jesus não olha a cor e sim o coração. Contudo, acho que não é este o pensamento daqueles que conheceram o CRISTO que veio pregar a igualdade. Aquele que é racista não entendeu NADA do sacrifício de Cristo (homem branco, IM Santo André).

Na minha opinião, a igreja metodista aprova toda e qualquer atitude quanto ao racismo, seja dentro ou fora da igreja, pois somos povos de uma cor perante Deus (homem, pardo, IM.Suzano)

Creio que a IM tem trabalhado em favor destes temas e o seu pensamento é o de igualdade (mulher, parda, IM Suzano).

A crença na igualdade racial está relacionada com as concepções espiritualizadas sobre os males sociais e a luta entre Deus e o Diabo, deslocando para o plano espiritual as questões humanas. Segundo estas concepções, a consciência e ações socio-raciais não têm sentido.

3.4.2.5 O corpo negro

O corpo é o local central da identidade negra, segundo a visão dos/as pesquisados/as, pois é por meio do corpo que a pessoa é identificada como negra (Tabela 25).

Tabela 25 - Identificação negra, por atributos segundo percepção dos pesquisados

COMO IDENTIFICA UMA PESSOA NEGRA?							
ATRIBUTOS	NEGROS			NÃO NEGROS			TOTAL GERAL
	FEM	MASC	TOTAL	FEM	MASC	TOTAL	
A. CARACTERÍSTICAS FÍSICAS	16 (43%)	8 (67%)	24 (49%)	6 (75%)	5 (83%)	11 (79%)	35 (56%)
B. SER DESCENDENTE DE NEGRO/A	6 (16%)	1 (8%)	7 (14%)	0	1 (17%)	1 (7%)	8 (13%)
C. ESTILO DE ROUPA	0	0	0	0	0	0	0
D. ESTILO MUSICAL	0	0	0	0	0	0	0
E. RELIGIOSIDADE	0	0	0	0	0	0	0
F. OUTROS	0	0	0	0	0	0	0
A,B	14 (38%)	3 (25%)	17 (35%)	2 (25%)	0	2 (14%)	19 (30%)
A,B,D	1 (3%)	0	1 (2%)	0	0	0	1(2%)
TOTAL	37 (100%)	12 (100%)	49 (100%)	8 (100%)	6 (100%)	14(100%)	63 (100%)
% EM RELAÇÃO AO TOTAL	49 (78%)			14 (22%)			

os números à esquerda são valores absolutos

Metade dos/as pesquisados (56%) considera exclusivamente as características físicas como marca de identificação da pessoa negra, 30% acrescentam a ascendência negra e um número reduzido (13%) considera apenas o fator ascendência. A diferença de ponto vista varia sob a ótica das pessoas negras, das quais 49% e consideram apenas as características físicas, enquanto que 35% consideram as características físicas, juntamente com a ascendência negra. Nas respostas das pessoas não-negras, predomina a idéia de que somente as características físicas identificam as pessoas negras (79%) e apenas 14% consideram também a ascendência.

Os depoimentos abaixo expressam as idéias relacionadas ao corpo negro:

1) O corpo como marca de identificação das pessoas negras: neste caso o que vale é a cor da pele, principalmente, além das outras características, como nariz, achatados, cabelo pixaim, etc. Este tipo de pensamento tem servido para alimentar idéias racistas que vinculam a cor a estereótipos de ordem comportamental, psicológica e social.

Sissiva: Eu acho que... Tem toda uma cultura, a gente sabe disso né. Então para falar que a pessoa é negra... O negro é sempre o ladrão, é a pessoa que não tem educação, é a pessoa que tem que se afastar. Foi dito isso; foi mostrado isso pra sociedade. Como a sociedade é machista a gente aprendeu o machismo. Então isto está muito incutido nas pessoas.

Sissiva: porque negro é só aquele que é negro. Negro como meu pai a sua mãe (se referindo à Laiza): preto. Aí se você não for preto, você não é, né. Não tem nem a descendência, sendo que não tem como! Eu gosto, eu quero ter uma filha negra

como meu pai, mesmo meu marido sendo branco descendente de italiano. Posso. Entendeu? (do grupo focal Santo André).

As pessoas pretas “de cor” é que são consideradas negras e estão mais vulneráveis a sofrer preconceitos e discriminações raciais. Há entre as pessoas pardas, aquelas que não se identificam ou não são identificadas como negras, ficando evidente uma percepção de diferença destas em relação às pessoas negras.

Na verdade quando eu comecei namorar a minha, minha esposa é... Quando ela foi me apresentar pro pai dela eu levei um susto...: O pai dela não, o padrasto dela. Ele é negro né. E a primeira vez foi um impacto mesmo. Não tem como, né? Você está namorando uma pessoa branca. Você quer ver o pai, você olha. Você vê (riso)... E na hora foi um impacto! E na verdade a família dela... eu adoro a família dela. (homem, pardo, IM Suzano)

Por duas vezes já ouvi isso de um amigo meu, que foi colega de cursinho. Eu falando: eu sou negra. ‘Não. Você não é negra, você é morena’ - Eu sou negra. – ‘Não você não é. Você é morena’. Aí você percebe. Ah, então talvez eu sofra menos preconceito por eu ser morena, se eu fosse negrona, negrona, eu sofreria mais. Parece que é um patamar de preconceito. Conforme a tonalidade de sua cor (mulher, parda, IM Monte Belo)

[...] ela fala que ela é morena. Eu também sou. Mas, é... Na presença de uma pessoa negra [...] Você é branco! [...] Tanto que eu conheço umas pessoas negras [...] Negras, mas negra, negro mesmo. Não é morena, assim. É negro mesmo. (homem, pardo, IM Suzano)

Há uma visão negativada das pessoas negras, por uma parte do grupo negro, repetindo o pensamento racista dominante na sociedade e na igreja, que culpabiliza os/as negros/as por suas condições de vida, excluindo os fatores sociais:

Os próprios negros são racistas e se afastam pensando que são inferiores e se rejeitam a si mesmo. Por isso acho válido este movimento e este estudo sobre a dimensão etno-social das pessoas metodistas e não metodistas. Percebo que algumas pessoas “afros”, querem demonstrar na sociedade, uma vida social, profissional que não procede. A impressão que tenho é para se igualar as outras pessoas de diversas raças. (mulher, parda, IM Santo André).

Certa vez em meu local de trabalho em meio a uma discussão uma colega chamou o outro colega de negro e este abriu um boletim de ocorrências. Mas neste B.O. não constou que ele a chamou de *puta*, entre outros termos. Acredito que precisamos rever alguns critérios. (mulher, parda, IM Santo André)

Não sou pessoa racista, mas muitas vezes percebo racismo entre os negros. (Mulher, parda, IM Santo André).

Há negros que são preconceituosos com eles mesmos, se sentem inferiores perante a sociedade. Mas há, também, pessoas de outras raças que não são nenhum pouco preconceituosas, pois, certa vez eu estava em um *shopping* (era dia da consciência negra) e fui abordada por algumas pessoas, principalmente adultos, para felicitar-

me pelo dia comemorado. Percebi que há várias pessoas de caráter camufladas em uma sociedade que se apresenta como racista. (mulher, jovem, preta, IM Suzano)

Na minha opinião é muito relevante a discussão da discriminação da raça negra, deixando em segundo plano outras discriminações como os brancos pobres das periferias, carentes de auxílios governamentais básicos como: boa educação e saúde. Além disso, é bom ressaltar que o negro quando possui um nível social mais elevado, ele discrimina pessoas da sua própria raça (mulher, negra, IM Vila Mariana).

Estes depoimentos refletem a idéia de embranquecimento pela mistura das raças, sendo os/as mestiços/as ou “os/as morenos” um produto – um/a negros/as - melhorado, “os quase-brancos”, identificados como superiores aos pretos.

2) Associada à valorização do corpo como marca visível da identidade negra, existe o pensamento que adota a morenidade como uma identidade mais valorizada socialmente.

Dentro desta perspectiva, a ascendência negra e a cultura são desconsideradas, como se verifica nas auto-declarações de pessoas brancas com ascendência negra e traços físicos de negro/a. Dos 22% que se auto-declaram brancos, 36% são afro-descendentes, com fenótipo de negro, que não se vêem como negros, considerando apenas a cor da pele:

Creio que as características físicas são preponderantes para a identificação de uma pessoa negra. (mulher, afro-descendente, parda, clara, auto-declarada branca).

Em se tratando do Brasil, creio que o primeiro item é o que mais se encaixa (é nossa cultura) – (mulher, parda, IM Santo André)

O corpo embranquecido com processos de cruzamento inter-racial deixa de ser visto como negro, mesmo mantendo outras características como nariz achatado, lábio grosso, cabelos pixaim; e a morenidade passa a ser um marco de separação entre as pessoas pretas, estas sim identificadas como negras de um lado, e do outro, os/as afro-descendentes pardos/as, morenos/as, mulatos/as, mestiços/as e brancos/as. Em outras palavras, a pessoa de cor mais escura não tem como escapar da identidade negra, socialmente construída, enquanto que para as pessoas de pele mais clara há o mecanismo da morenidade.

Esta discussão aparece no Grupo Focal de Sandré:

Então tem aquele lado, assim: né, eu gosto tanto de você então se eu falar que você é negra; não vão querer ficar perto, então falando que você é morena eu passo pano dá certo Eu acho que as pessoas aceitam quando você fala que é morena. Quando você fala que é negra aí já cria uma resistência (Ligsil: discrimina). É ruim, é ruim.

Laiza: porque eu vou comparar uma pessoa que eu tenho um relacionamento (Sissiva: - que eu gosto com uma coisa ruim) gosto com uma coisa ruim. Então é a

moreninha. Me incomoda muito porque por mais que você se justifique eu sou. Eu me assumo né. Não, você não é, não tem nada a ver... Falo as características, negróides, né. Não, não tem nada a ver. Você não é. Você é moreninha.

Sissiva: acho que a pessoa nem enxerga aqui, né: Por mais que eu fale assim ó meu cabelo, minha boca, meu nariz. Nem cor de pele. As pessoas não enxergam. Acho que é bem por isso, porque de certa forma acha que vai agredir. Você me agride se fica batendo boca comigo, falando que eu não sou. É isso a descendência que eu tenho. Eu acho que é conflitante.

E neste sentido, a questão envolve não somente a variação de cores dentro do espectro parda e preta, mas também o fator subjetividade, permeado de histórias e afetos negativos ou positivos em relação à identidade “dada” como natural e socialmente construída. No entanto, a tensão existente nesta questão da identificação racial apareceu em vários depoimentos, tanto nos questionários, como nas reuniões de grupo, como nesta discussão acalorada no Grupo Sandré, quando um dos integrantes procurava esclarecer o que era uma “pessoa de cor”, usando como exemplo sua própria família, isto é, utilizando as diferenças de cores entre os próprios irmãos e irmãs para identificar quem era preto – “de cor” – e quem era “branco”.

Ligsil: Minhas irmãs gêmeas, elas são de cor também, bem escura, né?

Laiza: chegou mais pra meia noite.

Pesquisadora: a pessoa de cor é a pessoa que é preta. É isso?

Ligsil: Isso

Pesquisadora: A pessoa parda é morena? É essa a identificação que vocês fazem?

Ligsil – É. De cor parda.

Sissiva: Parda, o que é isso?

Ligsil: Cor parda.

Laiza: Parda é papel. (risos)

Sissiva: É. Parda é [...] Eu não sou parda. Isso é complicado aqui (Ligsil: cor parda). No Brasil isso é complicado.

Laiza: quando eu me assumo, eu me aceito. Eu falo que sou negra. As pessoas falam: não, você não é.

Ligsil: Não é

(Sissiva: Não é; daí começa a questionar).

Laiza: Eu tenho que brigar: Não, mas eu sou!

Ligsil: não é

Sissiva: Então o que eu sou? ‘Ah, você é morena’. Não eu não sou morena. ‘Você é morena clara’. Não sou morena clara [...] Mas o que eu sou? [...] por que meu pai é negro, eu sou mais parda; porque a minha mãe é branca [...] Daí eu não sou nem branca nem [...] isto é confuso. Cada vez fica mais confuso porque cada um fala uma coisa

Ligsil: É cor parda.

A identificação morena possibilita a ocultação da origem negra e subjaz a idéia de melhoria da raça e do valor social por meio do embranquecimento material e cultural.

3) A identificação por meio da ascendência é apontada em maior proporção pelos/as pesquisados/as negros/as, o que pode estar associado aos vínculos de parentesco. Neste sentido, a identidade também está associada ao corpo negro simbólico compreendido numa dimensão histórica. Este tipo de pensamento aparece em algumas respostas de pessoas pardas auto-declaradas negras que apresentam uma consciência das relações inter-raciais.

Falamos muito de nossas descendências e hoje no Brasil temos pessoas de todas as partes e países do mundo; nos orgulhamos de algumas e nos foi ensinado a fingir que outra, a afro-descendência, não é bom de se falar e muito menos para ser discutido o racismo velado existe em todos os lugares e é sentido pelos descendentes inclusive nas igrejas... Afro-descendente é novo pra gente... A gente estava falando sobre a descendência. Então, é muito tranquilo eu falar assim: minha avó é espanhola, meu avô é português sou descendente. Ah, e seu pai? Meu pai é brasileiro. Ah, e a avó? Minha avó é brasileira. Mas o meu vô veio da África. A gente não fala que tem essa descendência (mulher, parda, Grupo Focal Sandré).

4) As características culturais (estética musicalidade e religiosidade) não são vistas pelos/as pesquisados/as como marcas de identidade negra. Há uma visão reducionista aos aspectos biológicos da pessoa negra, acompanhada de idéias negativas e de inferioridade. Numa perspectiva mais abrangente de inclusão dos aspectos culturais, o próprio corpo negro torna-se um símbolo de mudança e de construção de uma identidade positiva. O depoimento abaixo ilustra a valorização do corpo, segundo um referencial positivo, o que, porém, não representa a tendência predominante entre os/as pesquisados/as.

Sissiva lembra que certa vez em uma comemoração ao Dia da Consciência Negra, em sua igreja, foi feito um painel com fotos de afro-descendentes da igreja e alguém questionou o fato de a foto dela estar no painel:

- O que você está fazendo aí?

Sissiva – Ué, eu também sou negra.

– Não, você não é negra.

Sissiva - Lógico que sou.

Sissiva - Daí ficou um bate boca: - é; - 'não é'; - é; - 'não é'.

– 'Eu vou tirar'.

Sissiva - Não, não vai tirar [...]

Sissiva - Gente, dá pra entender? Será que a pessoa entendeu o que eu quero para a minha vida [...]? Então isso é conflitante hoje.

Esta tensão reflete o que ocorre na sociedade em que as características físicas negras servem como fator de classificação social negativa, baseada no preconceito racial.

Estas falas e depoimentos expõem uma tensão entre a visão essencialista, segundo a qual o significante negro é categorizado biologicamente, perdendo a perspectiva histórica, cultural e política; e a visão construtivista que tem uma perspectiva dinâmica e multidimensional, de acordo com as conveniências dos sujeitos. (HALL, 2003:326).

3.4.2.6 A representação da cultura afro-brasileira no contexto metodista.

As respostas sobre como os/as pesquisados/as percebem o pensamento metodista sobre as expressões afro-brasileiras evidenciam a diferença e a contradição entre as posições, dividindo-se entre os que consideram que:

a) Há abertura à reflexão sobre as questões raciais e à inclusão elementos da cultura afro-brasileira pelos adeptos e no contexto. Há respostas que relacionam esta abertura com a criação do Ministério de Ações Afirmativas Afro-descendente da IM – AA-AFRO⁵⁹ -, na 3ª Região Eclesiástica, parte do Estado de São Paulo.

A Igreja não pensava no tema, fingia tratar todos iguais, com a repercussão do assunto e a criação do Ministério na Igreja ela esta sendo obrigada a pensar sobre estas situações (homem, preto, seminarista).

Um pensamento discreto que tem procurado tomar fôlego frente à potencialidade desta discussão. Não, damos ainda a ênfase necessária para tratar esta discussão (mulher, negra, IM Campo Belo).

A IM aceita, incentiva e divulga (homem, pardo, IM Santo André)

A IM hoje conta com um Ministério das Ações Afirmativas Afro-descendentes muito atuante e que, está mudando conceitos e fazendo com a nossa igreja metodista reavalie seus pensamentos diante deste olhar. (mulher, preta, IM Santo André).

Agora a Igreja apóia e até participa, antigamente havia mais preconceito. (Mulher, preta, IM Vila Mariana).

Percebo que existe uma abertura para a discussão e aceitação em algumas coisas como ritmos de músicas instrumentos, musicais e danças (mulher, preta, IM Santo André).

Penso que na igreja metodista não há nada que impeça os movimentos culturais, até já aconteceu alguns eventos na igreja local. Quanto às questões raciais também acredito e não tenho nada a reclamar na igreja local, que esteja bem resolvido dentro da I.M. (Mulher, parda, IM Suzano).

⁵⁹ O Ministério de Ações Afirmativas Afro-descendentes –AA-AFRO-3ªRE - foi criado na 3ª região eclesiástica, em 2005, pelo respectivo Bispo da região Revm^o. Adriel de Souza Maia, com o objetivo de assessorar e implantar ações educativas a respeito da inclusão racial nas ações da Igreja Metodista.

A igreja metodista trabalha a favor da interação das raças e sendo assim, ela aceita os usos e costumes das outras culturas e também da cultura afro-brasileira. (Mulher, preta, IM Vila Mariana)

No entanto, alguns não deixam de salientar que há resistência por parte de muitas pessoas negras a este tipo de abordagem dentro da igreja, principalmente porque para uma parte dos adeptos metodistas, as expressões culturais e símbolos afro-brasileiros são associados às religiões de matrizes africanas e representam o mal e o demônio.

Vejo que o pensamento da Igreja Metodista em relação às questões raciais começou a mudar, pois já temos espaços para a discussão destes assuntos, porém ainda vê elementos da cultura afro como demoníacos. (mulher, jovem, negra, IM Suzano).

A Igreja Metodista prega a igualdade de direitos, mas sabe que a sociedade brasileira tem grandes problemas a serem superados. Quanto às expressões culturais a igreja tem se mostrado timidamente mais aberta, mas com fortes ressalvas na questão religiosa. (homem, pardo, IM Santo André).

Creio que há um respeito, característica comum na Igreja Metodista, desde que não haja desvirtuamento de princípios cristãos. (homem, preto, IM Santo André).

Este é um espaço que tem se construído há pouco tempo na 3ªRE. As relações raciais estão no começo de sua abordagem específica, iniciando diálogo entre as pessoas. Os negros na igreja Metodista ainda têm uma participação muito tímida, não vejo um grande número participando dos encontros. Na questão das expressões culturais há uma grande resistência de serem inseridas nos cultos. Penso que ainda não temos um modelo próprio de expressão que some com que a maioria dos metodistas está acostumada a utilizar nos espaço de cultos. (Mulher, preta, IM Belém).

Acredito que há um diálogo, mas que ainda não é aceito por todos (mulher, jovem, parda, IM Monte Belo).

b) Há aqueles que consideram que a Igreja Metodista é neutra e indiferente ao tema racial, ao mesmo tempo em que há preconceitos em relação às expressões afro-brasileiras em seu contexto:

Ela é neutra não se envolve (Mulher, preta, IM Santo André)

Na IM acredita-se que o racismo não existe e o relacionamento "normal". Quanto a expressões "afro" são denominadas como malignas. (mulher, preta, IM Santo André).

Este assunto é pouco tratado na Igreja Metodista, quanto às expressões culturais afro-brasileira, a Igreja Metodista revela preconceito. (mulher, preta, IM Santo André).

Confesso que não há discussão sobre este assunto em nossa igreja, até mesmo porque, não há nenhum tipo de racismo evidente em nossa comunidade.

Acredito que a igreja metodista não está preocupada com estes temas. (Mulher, preta, IM Vila Mariana).

Acredito que seja o mesmo pensamento da sociedade brasileira como todo, sem muito conhecimento de história do negro no Brasil. (mulher, preta, IM Belém).

- b) Há os/as que consideram que a Igreja Metodista é contrária à abordagem racial e ao uso de expressões e símbolos culturais afro-brasileiros em seu contexto; novamente invocando o preconceito e desconhecimento da história afro-brasileira dos metodistas, como justificativa para esta resistência:

De maneira geral, percebo que há preconceitos com as expressões culturais afro-brasileiras; já vi muitos líderes pregarem contra qualquer manifestação cultural e até mesmo classificar todas as manifestações “afro” como religião de possessão; e que por isso é preciso orar "expulsando" esta práticas do nosso meio. (Mulher, jovem, preta, seminarista)

A posição da igreja é a mesma da nossa sociedade: preconceituosa, desinformada e fechada para a conscientização e aceitação (mulher, jovem, preta, IM Monte Belo)

Na minha opinião estou percebendo que está havendo uma preocupação referente ao racismo dentro da igreja. As expressões afro-brasileiras ainda não são aceitas dentro da igreja. (mulher, preta, IM Suzano).

Não sei em nível nacional e geral, porém, na igreja local não temos muita clareza nesse aspecto, dando a impressão de que é um assunto que não se devia mexer. (Mulher, afro-descendente, identifica-se como branca - IM Suzano).

A IM ainda não tem muita aceitação quanto às expressões culturais afro-brasileiras. (mulher, preta, IM Vila Mariana).

Não existe ainda um interesse necessário e real para que possa basear as expressões culturais pelo menos na maioria das igrejas, não nos dão nem a possibilidade de falar no assunto. (Mulher, negra, IM Itapecerica da Serra)

- d) Há os/as que deduzem que, a partir do discurso religioso da Igreja a favor da igualdade entre os povos, a inclusão étnico-racial negra é uma consequência direta e natural.

Eu penso que a igreja metodista trabalha para que as pessoas vivam sempre iguais sem preconceitos (homem, pardo, IM Monte Belo).

A Igreja Metodista acredita na Graça de Deus atuante em todas as culturas e que o racismo e o preconceito racial são reprovados por Deus e, portanto é pecado. (homem, pardo, IM Santo André).

A igreja procura esclarecer as pessoas sobre a importância de respeitarmos e convivermos com as diferenças. (mulher, parda, IM Santo André).

São normais, a igreja tem que ter uma opinião boa sobre o racismo por ser uma instituição religiosa. (mulher, parda, IM Santo André).

Na minha opinião é que, se somos todos iguais, nós metodistas somos um corpo. Por isso não temos separação entre pessoas. (mulher preta IM Monte Belo).

- e) Há os/as que não têm opinião a respeito, que declaram nunca ter ouvido nada a respeito deste assunto na igreja, e não demonstram interesse pela questão:

Não percebe que a igreja tenha algum pensamento sobre estas questões. (mulher, negra, IM Santo André)

Não sei dizer (mulher, preta, IM Santo André)

Não percebe que a igreja tenha algum pensamento sobre estas questões. (mulher, negra, IM Santo André)

Desconheço. (mulher, parda, IM Monte Belo).

Não tenho uma opinião formada. (Mulher, parda, IM Suzano).

Nunca ouvi falar nada dentro da igreja a respeito de relações raciais a não ser a criação do ministério de ações afro-descendentes. (Mulher, preta, IM Vila Mariana).

Representação dos Símbolos Afro-brasileiros no Imaginário Metodista

As representações dos símbolos afro-brasileiros foram aprofundadas nos grupos focais e serão apresentadas segundo os enfoques dados em cada grupo.

- a) Grupo focal Sandré: o aspecto aqui destacado refere-se ao controle sobre o uso de símbolos afro-brasileiros por metodistas.

Laiza: Se eu tiver com uma faixinha na cabeça dependendo a onde eu entro, eu sou tratada diferente. Basta eu estar com uma faixa na cabeça, uma bata ou uma cor diferente [...] já sou tratada diferente [...] Olham assim: Ai que bonitinho, é?! Mas tem um olhar negativo te associam ao candomblé, a umbanda, as outras religiões.

Laiza: Ah, vem um grupo africano... É bonito! Se for uma coisa passageira é bonito [...] se houvesse um convívio, eu posso estar enganada, mas ia incomodar.

Pesquisadora: Mas porque ia incomodar?

Laiza: Ah!... As pessoas são hipócritas [...] Incomoda. Aí relaciona a imagem à outra religião [...] leva pra outro lado...

Sissiva: Quando o [...] foi em Angola fazer um trabalho lá sobre negros. Quando veio, ele trouxe muitas roupas até porque na mente dele ele ia fazer um culto [...] E aquele dia ele que estava pregando. E aí todo mundo que participou da liturgia [...] falou da cultura tal, ensinou um cântico que ele aprendeu lá [...] Foi só esse culto não teve mais [...] (depoimento em grupo, mulher, preta, IM Santo André).

As experiências relatadas mostram que os símbolos afro-brasileiros são aceitos enquanto algo exótico de povos africanos e que podem ser utilizados com um sentido lúdico, em momentos especiais. Por outro lado, revelam a dificuldade de pessoas negras usarem qualquer símbolo associado ao negro, por exemplo, uma “faixinha” na cabeça, uma roupa colorida, por correrem o risco de serem constrangidas por pessoas da comunidade. De qualquer forma sempre causam estranhamento no meio metodista.

Sissiva: No culto de aniversário do REVIDE⁶⁰ a gente ia colocar no chão (elementos do altar) aí o pastor passou e falou para gente não por no chão para não causar constrangimento com as pessoas e associação com “oferendas” [...] Quando você monta alguma coisa não está falando de oferenda, “o santo não sei das quantas”. Aí a gente colocou no [...] Mas chama atenção. Trabalhamos sobre terra, fogo, ar, muita coisa legal, natureza. Mas chama a atenção.

Numa: Mas até o altar encrenca [...]

Sissiva: Como o “pessoal de libertação”⁶¹ estava, o pastor aconselhou a fazer dessa forma para não ficar próximo a isso [...] A pessoa fica emocionada com a “oferenda” [...] Eu gosto muito de vela [...] O pessoal do “ministério da libertação” não gosta de vela porque a pessoa associa vela com aquilo que faziam antes, faziam “trabalho”.⁶²[...]

Há um controle da igreja, que pode ser exercido tanto por membros da comunidade como diretamente pelo pastor ou pastora, no sentido de impedimento de uso destes símbolos. É uma relação de tensão entre uma concepção preconceituosa que demoniza os símbolos afro-brasileiros e uma visão inclusiva que permeiam as relações dentro das igrejas metodistas.

b) Grupo focal Acarajé – um dos enfoques dados por este grupo é o da representação da musicalidade popular afro-brasileira no contexto metodista, verificando-se que pode ocorrer tanto a inserção de ritmos populares, como seu impedimento, havendo contradição das orientações pastorais.

Valu - Quando eu era juvenil, o pastor [...] ensinou uma musiquinha que era tradicional [...] Que ele fez: um sambinha [...] "Só o poder de Deus" [...] A gente aprendeu o sambinha [...] não queria parar de tocar este sambinha. Mas a pastora da época não queria deixar a gente tocar porque era samba [...] (mulher, jovem, parda, IM Monte Belo)

Nona - Eu acho que a vestimenta. Eu acho assim que fica mais presente é o cabelo [...]

Outro enfoque diz respeito ao conflito em torno estética afro, principalmente como penteados, roupas e adereços, e mesmo diante do desejo apropriação destes símbolos, sendo que algumas pessoas metodistas não o fazem por receio de constrangimentos.

⁶⁰ REVIDE – Restaurando Vidas de Dependentes Químicos e Familiares: Grupo estruturado dentro da Igreja Metodista de Santo André, que presta apoio psico-social e espiritual as pessoas que em processo de recuperação da dependência química.

⁶¹ Ministério da Libertação ou “pessoal da libertação” refere a grupo de apoio espiritual e se caracteriza por realizar orações de libertação – exorcismo – para expulsão dos males de ordem física, emocional ou espiritual sofridos pelas pessoas, os quais são identificados como manifestações de demônios associados a trabalhos de “macumba” e feitiçarias.

⁶² Trabalho: referindo-se à macumba, como trabalhos oferecidos a “demônios” com poderes de agir na vida das pessoas, e que agora como cristãs não estão mais sujeitas a estes poderes..

Pra mim é de forma mais forte [...] É que eu não conheço a fundo né [...] Eu acho que [...] (rsrsr) eu seria exorcizada se eu entrasse na minha igreja com o tal de *power* para dirigir culto. Eu queria ir num culto com *black power* porque eu queria [...] Até porque eu acho que é uma identificação [...] Aquelas roupas não sei como se chama... Batas..., aqueles vestidos. Iam já expulsar o demônio de mim. Porque realmente é contra o que a gente tem [...] Tudo que vem da cultura africana é demoníaco [...] É interessante, tudo o que envolve batuque a gente associa com macumba e ninguém pode negar que a batida do samba é muito parecida né, porque eles vieram do mesmo lugar. Seria muito esquisito se não fosse [...] (mulher, jovem, parda, IM Monte Belo).

Delis - A religiosidade é que, para igreja macumba é espírito mal, essas coisas. [...] Qualquer igreja evangélica não aceita [...] Se eu vejo um samba, uma música doidona dessas dos pretos que é samba (risos geral) me dá um negócio [...] A gente sente aquela [...] (vários falam alternadamente enquanto ela continua falando) Porque é de dentro da gente [...] É uma coisa boa, e eu não tô pensando: ai estou dançando eu vou pro inferno... Eu não sinto isso. Parece que eu estou sentindo bem [...] E a roupa [...] Acho a coisa mais bonita, toda estampada. É o símbolo dos negros. (mulher, preta, IM Suzano).

Pigner: esse negócio de musica, samba [...] Depois que eu me aproximei da Igreja metodista eu gosto 99% de musica evangélica, 1% é outro tipo de música [...] Mas, como ela disse: apareceu um sambinha eu to, né [...] Mas, eu parei. Eu mudei (homem, pardo, IM Suzano).

- b) Grupo focal “Vassum Crisso”: neste grupo o enfoque recaiu sobre a estética afro-brasileira associada à sujeira e ao feio.

Brincadeiras: “neguinha piolhenta” [...] Na igreja, vários comentam, tal roupa, porque seu corpo tem a cor do pecado. O que me fez cair a ficha foi sair de branco. Frequentava o curso de Filosofia Livre e uma velhinha deixou a [...] passar e fechou a porta na minha cara! [...] Em 2000: “O que você está fazendo aqui”? Outras pessoas comentam: “Quando você parou de alisar o cabelo? Antes você era tão bonita!” (mulher negra, IM Carapicuíba).

A partir dos dados da pesquisa podemos identificar os seguintes símbolos afro-brasileiros, segundo a concepção das pessoas pesquisadas:

Símbolos Corporais: penteados estilo afro (*dreads*, *black power*, *trancinhas*, natural - sem alisamento), uso de faixas no cabelo; vestimentas coloridas, estampadas, batas.

Símbolos Litúrgicos: uso de velas, utilização do chão como altar, movimento corporal.

Símbolos Musicais: ritmos afro-brasileiros: samba, batuque, *rapp*; instrumentos musicais, danças.

As religiões afro-brasileiras: Macumba, candomblé, umbanda.

As religiões afro-brasileiras representam para os metodistas, negros/as e não-negros/as, o símbolo do mal e do demônio. Esta crença está introjetada de tal forma que os metodistas negros/as, em geral, evitam aproximações com esta cultura.

Uma vez restringida a apropriação de símbolos culturais afro-brasileiros, a identidade de pessoas negras metodistas, para os metodistas pesquisados/as, fica restrita às características físicas, conforme já analisado.

As análises dos dados apresentados nos levam as seguintes considerações

Primeiro em relação à questão: *Os discursos e práticas metodistas influenciam na constituição da identidade das pessoas negras metodistas?*

A Igreja Metodista não tem desenvolvido mecanismos favoráveis à construção de uma identidade religiosa aberta ao desenvolvimento de identidades negras positivas, ou seja, os valores religiosos assimilados tendem mais a uma ruptura com a dimensão étnico-racial negra.

Há evidente controle por parte da comunidade metodista, inclusive de pessoas negras, no sentido de que se mantenha um padrão de valores e hábitos identificados como puros, moderados, limpos, associados à cultura religiosa metodista, que são vistos como contrários à cultura e valores anteriores à conversão, notadamente em relação à cultura afro-brasileira.

As identidades das pessoas negras metodistas têm sido construídas segundo os parâmetros da cultura religiosa ocidental, permeada de preconceitos negativos em relação à cultura afro-brasileira e aos negros/as não-cristãos/ãs, ou melhor, não metodistas.

A segunda questão: *Sendo o racismo um elemento de estigmatização social, como ele aparece nas relações entre os adeptos da Igreja Metodista? Ou por outro lado, como os/as adeptos/as metodistas percebem a existência do racismo?*

A percepção do racismo é reconhecida, conforme os depoimentos, não só na sociedade mais ampla, mas também dentro do contexto metodista. Esta percepção é mais evidente por parte das pessoas auto-declaradas pretas ou negras.

As pessoas pardas apresentam tendência de não perceber racismo em sua suas histórias de vida. Ao contrário há evidências de uma visão racista em relação às pessoas pretas ou negras, associando-as a “coisa ruim”. Deste modo, não percebem o racismo como um fenômeno social responsável pelas desigualdades sociais, ao contrário apontam para as pessoas negras a responsabilidade de seu próprio destino social. Há evidente dominação

cultural das pessoas negras, por meio da educação religiosa, haja vista que sua conversão implica a ruptura com seus iguais na sociedade. A incorporação do discurso dominante pode ser verificada na repetição de idéias preconceituosas pelas pessoas negras metodistas, contra negros/as, e em especial os/as “de fora” da igreja. Contudo, estes aspectos não aparecem de forma transparente e as percepções e pensamentos expostos são contraditórios, em parte porque esta questão é silenciada dentro do contexto metodista e, até certo ponto, interdita pela comunidade, sob uma aura de perigo e desarmonia nas relações da comunidade religiosa.

Portanto, prevalece entre as pessoas negras da Igreja Metodista a tendência de valorização da identidade religiosa que rompe com os referenciais culturais afro-brasileiros.

CONCLUSÃO

Os estudos em torno das identidades religiosas e étnico-raciais, que constituem a parte inicial desta dissertação, trouxeram contribuições referentes à população negra na Região Metropolitana de São Paulo que serviram de parâmetro para a compreensão das identidades dos sujeitos negros metodistas.

Um dos aspectos marcantes da identificação das pessoas negras é a condição de segregação e vulnerabilidade social a que a maioria está submetida. Esta condição, no entanto, é decorrente da ausência histórica de políticas públicas voltadas para os ex-escravos logo após a abolição e seus descendentes. Fica, portanto, evidente que a segregação social é também racial, uma vez que a população negra está concentrada nas periferias pobres dos centros urbanizados.

O racismo cultural e institucionalizado na sociedade paulista tem sido um fator de dominação e limitação de mobilidade socioeconômica das pessoas negras, pois dificulta a ascensão social e a manutenção em posições mais elevadas. E, mesmo em melhores posições sociais, as pessoas negras continuam sujeitas aos preconceitos e discriminação racial, em vista de uma representação negativa, associada à pobreza, incapacidade e inferioridade em relação aos demais grupos étnico-raciais.

No que tange à dimensão social, as religiões atingem grupos sociais distintos, com diferentes níveis de inserção na sociedade e procedências étnico-raciais. Assim, no pentecostalismo e nas religiões afro-brasileiras há maior concentração de adeptos/as negros/as em correlação com as características populacionais dos territórios onde estão situados, na maior parte, os templos, ou seja, nas periferias.

O metodismo brasileiro, porém, pendeu mais para adesão de adeptos de classe média, de maioria branca. Isto em parte como resultado da visão dos missionários norte-americanos, que não assimilaram a cultura popular brasileira – com elementos indígenas e africanos –, concebida por eles como atrasadas e pagãs. Dessa forma, a inserção de negros foi realizada por meio de uma visão de dominação cultural e ruptura com seu grupo étnico-racial. Também aqui se verifica que a concentração adeptos/as negros está relacionada ao território onde estão situados os templos. No caso das igrejas mais antigas, localizadas nas regiões mais centrais,

há menor concentração de pessoas negras, enquanto que esta presença aumenta à medida que se desloca para as periferias.

A Igreja Metodista está sujeita às contingências atuais da sociedade pós-moderna, como a alta competitividade e diversidade de instituições sociais e especificamente religiosas. Neste sentido, o trânsito de sujeitos e de idéias entre as instituições religiosas tem influenciado a Igreja Metodista e seus adeptos, em termos das expressões religiosas e da conduta. Assim, há entre os metodistas parcelas significativas de adeptos por tradição familiar e de novos adeptos formados pela mistura de várias orientações religiosas, principalmente pela mídia religiosa. No entanto, quanto à dimensão étnico-racial, ainda há concepções racistas, como ocorre no contexto urbano da Região Metropolitana de São Paulo, e também decorrentes tanto da tradição metodista como das influências do trânsito religioso de idéias. De modo que, continuam os discursos espiritualizados e mitológicos que satanizam as expressões culturais e religiosas afro-brasileiras, tanto por parte de adeptos metodistas (clérigos e leigos) como por parte da mídia religiosa, principalmente de orientação pentecostal.

O discurso de inclusão étnico-racial metodista é ambíguo, tomando como referência seus documentos oficiais e meios da comunicação escrita, que tratam de forma dispersa dentro de temas universais. O fato de não existir um documento que defina a posição da Igreja a respeito do assunto possibilita várias interpretações, muitas vezes contraditórias. Diferentemente do que ocorre com outras questões consideradas relevantes para o Colégio Episcopal como homossexualismo, ação pastoral indigenista, AIDS, ministério carcerário, sexualidade, maçonaria e sobre demônios, sobre as quais existem documentos de orientação específica. Entretanto transparece a concepção racista sobre a religiosidade de matrizes africanas na Carta Pastoral sobre demônios, onde há associação do Candomblé, Umbanda com o culto ao diabo.

O perfil do grupo pesquisado revela que as condições socioeconômicas das pessoas negras metodistas é acima do padrão da maioria da população negra da Grande São Paulo, ao mesmo tempo em que há um distanciamento em relação aos parâmetros socioculturais desta população negra.

A conscientização sobre as questões raciais negras é um ponto polêmico no contexto metodista. Pois, ao mesmo tempo em que há certa liberdade para estes tipos de ações por parte de poderes central nacional e regional – no caso da 3ª região eclesiástica - não há legitimidade por parte do clero e dos leigos, em especial dos/as adeptos/as negros/as, por

entenderem que isto não faz parte da prática religiosa e pode afetar as relações entre os irmãos/as.

Dentre estas questões destaca-se a dificuldade de inserção de símbolos culturais afro-brasileiros no cotidiano dos adeptos e nas práticas religiosas das igrejas, em virtude da representação negativa destes símbolos no meio religioso cristão. Símbolos e religiosidade afro-brasileiros são concebidos como símbolos do mal e de tudo que é negativo e inferior, sendo vistos, portanto, como contrários ao cristianismo. Esta concepção, fundada na visão racista e de dominação cultural, é uma das barreiras para a inserção de referenciais afro-brasileiros entre os adeptos negros/as metodistas. Há, neste sentido, um controle da comunidade, por parte de membros e de clérigos, na forma de constrangimentos, no sentido de impedimento destes símbolos no meio metodista, como referência pessoal ou coletiva, em cultos e atividades das igrejas. Há, neste caso, uma apropriação do discurso dominante por parte dos adeptos/as negros/as.

A opção das pessoas negras pela Igreja Metodista indica que há identificação com os referenciais sociais e culturais deste grupo religioso, ou seja, com elementos da tradição norte-americana e europeia, e da classe média, de maioria branca. A conversão é o elemento simbólico desta adesão e, ao mesmo tempo, da ruptura com os referenciais relacionados ao grupo afro-brasileiro. Assim, podemos dizer, utilizando de metáfora, que é a incorporação da “alma branca” e negação da “alma negra”. Contudo, há por parte dos/s adeptos/as negros/as metodistas uma percepção de que gozam melhor condição de vida, em relação aos não metodistas e de que estão imunes aos preconceitos e discriminação racial, com base numa lógica espiritualizada e dissociada do material e do social. Estes aspectos configuram o que Castells (2008) denomina de “identidades legitimadoras”, definidas pela instituição e adaptadas à ordem sócio-racial e religiosa vigente.

Há um protagonismo negro dentro da Igreja Metodista, por parte de uma minoria de adeptos/as negros/as que formam núcleos de resistência, os quais têm gerado inclusive organizações e ações atuantes na sociedade. Porém, têm pouca legitimidade interna por parte dos/as metodistas negros/as. Por outro lado, há também muitos líderes negros que atuam nas igrejas, como nos contextos distritais e regionais. Porém, boa parte destes não possuem uma consciência negra; ao contrário, o que se evidencia é que quanto mais próximo ao centro de poder, maior é a sujeição à ordem racial estabelecida e à reprodução da mesma, pois as posições de liderança dependem mais da fidelidade do/a adepto/a aos centros de poder, do que de sua consciência racial. Assim, a liderança é legitimada pela fidelidade na reprodução do

discurso religioso - em geral ocupando atividades na área educativa, de apoio espiritual, visitação, e menos comum nas áreas de poder administrativo e organizacional.

Finalizando, apresentamos quatro tendências de identificação das pessoas negras metodistas em relação à dimensão étnico-racial.

1) Ausência de identificação da dimensão étnico-racial negra: é a característica predominante entre as pessoas negras metodistas pesquisadas. Para estes/as adeptos/as não existe racismo na igreja, porque isto é incompatível com a crença religiosa; repetem o discurso de desvalorização do corpo - negro -, ao que contrapõem a valorização da alma; o que vale é o céu e não a terra. Valorizam a pertença religiosa, a harmonia e igualdade entre irmãos; e não apresentam discurso crítico sobre a ordem racista estabelecida. Demonstram priorizar a dimensão religiosa metodista, sem qualquer afinidade com uma dimensão étnico-racial negra.

2) Identificação racial baseada nas características físicas: o que caracteriza esta tendência é a percepção da pessoa negra reduzida ao aspecto biológico - a aparência física. Há uma tensão entre o que é ser branco ou ser negro, em função da tonalidade da cor da pele: com a distinção entre pardos e pretos e a idéia de morenidade, como melhoria da raça; são pessoas que até se vêem como negras, pretas ou pardas, mas é uma percepção de caráter essencialista e racista, pois se reduz às características físicas e a uma hierarquia de cores. Esta tendência demonstra a dominação cultural religiosa, associada à ascensão social, sobre a identificação com referenciais étnico-raciais positivos.

3) Identificação baseada nos aspectos biológicos e sócio-culturais: esta tendência se caracteriza pela percepção dos sujeitos negros/as não limitada à aparência física, mas que também inclui os aspectos sociais e culturais afro-brasileiros. Apresentam uma visão crítica da ordem étnico-racial estabelecida dentro e fora do contexto religioso metodista, e fazem questão de afirmar que são negras. No entanto, demonstram uma visão preconceituosa e racista em relação às pessoas negras não-metodistas, considerados inferiores por não terem uma vida segundo a disciplina metodista. Não se envolvem com movimentos sociais negros da sociedade ou evangélicos; demonstram temor em enfrentar a ordem étnico-racial estabelecida, bem como uma tensão entre o desejo de identificar-se com símbolos associados à cultura afro-brasileira e o controle exercido pela comunidade dos irmãos/ãs metodistas. Portanto, este grupo evidencia uma identidade dominada e subalterna a uma concepção religiosa não inclusiva dos referenciais afro-brasileiros.

4) Identificação sociocultural afro-brasileira dentro do contexto metodista: esta tendência refere-se às pessoas que se identificam de forma individual e coletiva com referenciais afro-brasileiros, e demonstram envolvimento com ações de mudança na ordem étnico-racial existente dentro do contexto metodista e na sociedade mais ampla. No entanto, este grupo existe enquanto possibilidade dada pelas autoridades da Igreja Metodista e em processo de legitimação pela comunidade e pela maioria negra metodista. Apresentam-se como identidades de resistência (Castells, 2008), contudo as características de fragilidade de poder e a falta de legitimidade por parte de uma base significativa de adeptos/as negros/as as tornam identidades sob condição de dominadas e acabam, de fato, estando a serviço da manutenção da ordem estabelecida.

Respondendo à pergunta central: *Existe ocultamento da dimensão étnico-racial na constituição das identidades das pessoas negras metodistas em decorrência da supremacia da dimensão religiosa?* Concluímos que a identidade racial é uma possibilidade, entre tantas outras, que não está contemplada dentro da perspectiva dos sujeitos negros/as metodistas, a qual foi negociada pelo pertencimento ao grupo religioso. No entanto, permanecem abertas possibilidades de desenvolvimento de identidades negras metodistas que confluam aspectos religiosos e étnico-raciais da população negra, de forma individual e coletiva. Mas, por enquanto, tais possibilidades estão limitadas dentro do espaço permitido pelo poder religioso e controladas pela comunidade metodista.

BIBLIOGRAFIA

ABDALA JR, Benjamim. *Fronteiras Múltiplas, Identidades Plurais: Um Ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural* - coord.: Lourenço Dantas Mota – São Paulo: Editora SENAC : São Paulo, 2002.

ALMEIDA, Ronaldo - *Trânsito Religioso no Brasil* - São Paulo em Perspectiva. vol.15 no.3; São Paulo July/Sept.; 2001 ; Print ISSN 0102-8839

_____ - *Religião na Metrópole Paulista* - artigo ; s/d

ALVES, Humberto Prates da Fonseca - *Vulnerabilidade socioambiental na metrópole paulistana: uma análise sociodemográfica das situações de sobreposição espacial de problemas e riscos sociais e ambientais* – Revista Brasileira Est. Pop., São Paulo, v.23, n.1, p.43-59, jan/jun.2006

ANDRADE, Ezequiel Luiz de - *Metodismo e Escravidão no Brasil (1835-1888): uma abordagem histórico-cultural da Igreja Metodista frente à escravidão* – Dissertação de Mestrado – 1995.

BAIERL, Luzia Fátima – *Medo social: da violência visível ao invisível da violência* – São Paulo : Cortez, 2004.

BARBOSA, José Carlos – *O Negro não entra na Igreja: espia da banda de fora.* – Piracicaba: Editora Unimep, 2002.

_____ - *Salvar & Educar: O metodista no Brasil do século XIX* – Piracicaba : CEPEME; 2005.

BASTIDE, Roger – *As religiões Africanas no Brasil: Contribuição a Uma Sociologia das Interpenetrações de Civilizações*, 2ª edição, Livraria Pioneira Editora, São Paulo, 1985.

_____ - *O Candomblé da Bahia* – Cia. das Letras ; São Paulo, 2001.

_____ - *O Sagrado Selvagem e outros ensaios*; tradução Dorothée de Bruchard; revisão técnica Reginaldo Prandi – São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BERGER, Peter Ludwig – *o dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião* [organização Luiz Roberto Benedetti; tradução José Carlos Barcellos] – São Paulo: Paulus, 1985

BOURDIEU, Pierre – *A Dominação Masculina*, tradução Maria Helena Kühner – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____ – *A economia das Trocas Simbólicas* – São Paulo : Perspectiva; 5ª ed.; 2001;

_____ - *O ofício de Sociólogo: Metodologia da pesquisa na sociologia* – Petrópolis, R.J ; Vozes, 2004

BRANDÃO, Carlos Rodrigues - *Ser Católico: dimensões brasileiras: um estudo sobre a atribuição através da religião* – in FERNANDES, Rubem César, DAMATTA, Roberto e outros – *Religião e Identidade Nacional.* Brasil & EUA; Rio de Janeiro. Graal, 1998

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio – *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*; trad. De Frank de Oliveira e Henrique Monteiro – São Paulo: Ed. 34 / Edusp, 2000;

- CAMPOS, Leonildo Silveira – *Protestantismo Histórico e Pentecostalismo no Brasil: Aproximações e conflito* – in: Na Força do Espírito: Os pentecostais na América Latina: Um desafio às Igrejas Históricas; pp.77-120; org. Benjamim F. Gutierrez & Leonildo S. Campos; trad. Julio Paulo Tavares Zabatiero I. –São Paulo : Associação Literária Pendão Real, 1996.
- _____ - *Imagens de Jesus na Religiosidade Brasileira de Origem Protestante* – in Estudos de Religião nº 20 – SBC –UMESP : 2001
- _____ – *Protestantes na primeira fase do regime militar brasileiro – atos e retórica da Igreja Presbiteriana Independente (1964-1969)* - IN:Revista Estudos de Religião, Ano XVI, nº 23, pp. 83-140 ;jul./dez.2002
- CANCLINI, Nestor García – *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*; trad. Heloisa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; Gênese Andrade – São Paulo: EDUSP, 2006.
- CASTELLS, Manuel – *A Sociedade em Rede. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1)*11ª. Ed., trad. Roneide V. Majer ; São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- _____ - *O poder da Identidade (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.2)*; 6ª. Ed.; Trad. Klauss Brandini Gerhardt; São Paulo: Paz e Terra, 2008
- CEZAR, Syllas – *Origem e Desenvolvimento da Família Cezar* – 1995
- CHAGAS, Conceição Correa –SILVA, Osvaldo José da – MACHADO, Vanda – *Falando de Nós – in Nossas Raízes Africanas, Cap.I-* ; org. Wilson Caetano de Souza Júnior; Centro Atabaque de Cultura Negra e Teologia; S.P. 2004.
- DOMINGUES, Petrônio José – *Uma história não contada : negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição* – São Paulo : Editora Senac São Paulo, 2004.
- DOMINGUES, Petrônio – *Frentenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta anti-racista no Brasil* – IN: Cadernos Pagu (28), janeiro-junho de 2007, pp.345-374. Cadernos Pagu /Print ISSN 0104-8333// SITE: http://www.unicamp.br/pagu/cadernos_antecedentes.html
- DORNELLAS, João Wesley – *Pequena História do Povo chamado Metodista* – Lins –S.P.: IALIM : 2002
- FERREIRA, Ricardo Francklin – *Afro-descendentes: Identidade em construção-* S.P.: EDUC; R.J: Pallas, 2004.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares (org) – *Brasil Afro-brasileiro* – Belo Horizonte : Autentica ; 2001 2ª ed.
- FOUCAULT, Michel – *Microfísica do Poder* – Org. e Trad. De Roberto Machado – RJ: Edições Graal, 1979, 22ª ed. 2006.
- _____ - *Vigiar e Punir – Nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramallete; Petrópolis, Vozes, 1987- 31ª. edição ; 2006
- GATTI, Bernadete Angelina – *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas* – Brasília : Líber Livro Editora, 2005
- GIL, Antonio Carlos, – *Como elaborar projetos de pesquisa* – S.P.: Atlas – 3ª. ed.; 1991.
- GOFFMAN, Erving – *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada* – tradução Márcia Bandeira de Melo Leite Nunes – Rio de Janeiro, LTC ; 1988, 4ª ed.

- GOMES, Nilma Lino – *Educação, identidade negra e formação de professores: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo* – Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p.167-182, jan/junho 2003 UFMG; consulta em 03/12/07.
- GRUZINSKI, Serge - *O pensamento Mestiço* - São Paulo: Companhia das Letras, 2001
- GUILLAUMIN, Colette – “*Enquanto tivermos mulheres para nos darem filhos*”: *A respeito da raça e do sexo*. in Estudos Feministas, Ano 2-2º semestre 94, pp.228/230
- HALL, Stuart – *Quem precisa de Identidade?*. In: *Identidade e diferença : A perspectiva dos estudos culturais* – Tomaz Tadeu da (org); Petrópolis, RJ : Vozes, 2000; pp. 103-133.
- HALL, Stuart – *Da Diáspora: Identidade e mediações culturais* – Org. Liv Sovik; Trad. Adelaine La Guardiã Resende ... [et all] –Belo Horizonte : Editora UFMG, 2003;
- HALL, Stuart - *A Identidade cultural na pós-modernidade*; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 10.ed. – Rio de Janeiro DPS7A, 2005.
- HENRIQUES, Ricardo - *TEXTO PARA DISCUSSÃO Nº 807 DESIGUALDADE RACIAL NO BRASIL :EVOLUÇÃO DAS CONDIÇÕES DE VIDA NA DÉCADA DE 90*; Home page: <http://www.ipea.gov.br>, ISSN 1415-4765; em 15/12/07.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle – *A transmissão religiosa na modernidade: elementos para a construção de um objeto de pesquisa* - in: Revista Estudos de Religião, Ano XIV, nº 18, São Bernardo do Campo ; SP; junho de 2000.
- IDENTIDADE! – Boletim do Grupo de Negro@as da EST/IECLB –col.05, janeiro-junho/2004
- JACOB, Cezar Romero...[et al.] – *Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sócias no Brasil*- Rio de Janeiro: Ed.PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2003.
- JACOB – César Romero [et.al.], - *Religião e sociedade em capitais brasileiras* - Rio de Janeiro : Ed. PUC-RIO : São Paulo : Loyola ; Brasília : CNBB, 2006; JACOB – César Romero [et.al.], - *Religião e sociedade em capitais brasileiras* - Rio de Janeiro : Ed. PUC-RIO : São Paulo : Loyola ; Brasília : CNBB, 2006)
- MAGGIE, Yvone e REZENDE, Claudia Barcellos (ORG) – *Raça como Retórica e construção da diferença* – Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2001
- MARQUES e TORRES, Eduardo, Haroldo – *São Paulo : Segregação, pobreza e desigualdades sociais* – Eduardo Marques, Haroldo Torres (ORG) ; São Paulo: Senac São Paulo, 2005.
- MATTOS, Regiane Augusto de – *História e cultura afro-brasileira* – São Paulo : Contexto, 2007
- MAY, Rollo – *A descoberta do ser: estudos sobre a psicologia existência* – trad. Cláudio G. Somogyi – Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- MENDONÇA, Joseli Nunes - *Cenas da Abolição: Escravos e senhores no Parlamento e na Justiça* – SP, Fundação Perseu Abramo ; 2001.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa, - *Protestantes, Pentecostais & Ecumênicos: O campo religioso e seus personagens* – São Paulo : UESP – 1997.
- _____ - *Uma macro-reflexão sobre o campo religioso brasileiro: variações sobre dois temas “bourdieuanos”* – *A propósito da morte de Pierre Bourdieu (23/01/02)* – in: Estudos de Religião 23 – SBC - UESP : 2002.

_____ - *Protestantismo brasileiro, uma breve interpretação histórica* - in: – SOUZA, Beatriz Muniz/ MARTINO, Luiz Mauro Sá (Orgs) - *Sociologia da Religião e Mudança Social: Católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil* – São Paulo; Paulus : 2004

MUNANGA, Kabengele – *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra* – Belo Horizonte: Autentica 2004.

MUNANGA K; GOMES N.L. - *O negro no Brasil de Hoje* – São Paulo : Global, 2006 (Coleção para entender).

NASCIMENTO, Elisa Larkin - *O Sortilégio Da Cor: Identidade, raça e gênero no Brasil* - São Paulo : Summus, 2003

NASH, Peter T – *Relendo Raça, Bíblia e Religião* – São Leopoldo/RGS - CEBI – 2005

NIEBUHR, H. Richard, - *As origens sociais das denominações cristãs* - S.P., Ciências da Religião/ ASTE, 1992

NOVAES, Regina Reyes – *Igreja Metodista: compromisso social e relações raciais* – IN: Comunicações do ISER – ISSN 0102-3055 - Ano 4 – Edição Especial – out/1985

OLIVEIRA, Irene Dias de - *Das culturas tradicionais africanas, in: Nossas raízes Africanas* Wilson Souza Jr.(ORG); SP: Centro Atabaque de Cultura Negra e Teologia; 2004.

OLIVEIRA, David Eduardo (Duda) – *Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afro-descendente* – Curitiba: editora gráfica Popular, 2006.

ORTIZ, Renato – *Cultura Brasileira e identidade nacional* – São Paulo : Brasiliense, 2006.

OSÓRIO, Rafael Guerreiro - *A Mobilidade Social Dos Negros Brasileiros* - Texto para Discussão No 1033 ; p. 22;- ISSN 1415-4765; IPEA; Brasília, 2004;
http://www.ipea.gov.br/001/00101001.jsp?ttCD_CHAVE=2&btOPERACAO=

PAIXÃO, Marcelo – *Desigualdades Raciais no Estado de São Paulo: um panorama através dos indicadores do Censo 2000 – Notas de Estudo 06/2003*

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART Jocelyne – *Teorias da etnicidade. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras* de Frederik BARTH/ ; tradução de Elcio Fernandes – São Paulo: Fundação da UNESP, 1988.

PRANDI, Reginaldo - *As religiões afro-brasileiras e seus seguidores* – IN: *Civitas, Revista de Ciências Sociais*, vol. 3, nº 1, pp. 15-34,; Porto Alegre, PUC-RS, junho de 2003; ISSN 1519-6089

QUERINO, Manuel – *Costumes Africanos no Brasil* – Raul Lody (Org); Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, FUNARTE, 1988.

RIVERA, Paulo Barrera – *Tradição, transmissão e emoção religiosa. Sociologia do protestantismo na América Latina* – São Paulo : Olho d'Água, 2001.

SÁ, Celso Pereira de – *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais* – Rio de Janeiro: EDUERJ; 1998.

SALVADOR, José Gonçalves – *História do Metodismo no Brasil* - Centro Editorial Metodista de Vila Isabel, 1982.

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira – *Aids e Religião: Uma permanente construção de saberes em diálogo* – IN SOUZA, Sandra Duarte de (ORG) – *Gênero e Religião no Brasil* - pp113-133 – São Bernardo do Campo : UMESP, 2006.

SANSONE, Livio – *Negritude sem Etnicidade: o local e o global nas relações raciais na produção cultural negra do Brasil* ; trad. Vera Ribeiro; Salvador : Edufba; Pallas, 2003..

SANTOS, G; SILVA, M.P. at al – *Racismo no Brasil – Percepções da discriminação e do preconceito racial do século XXI* – São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

SANTOS, Gislene Aparecida dos – *A Invenção do Ser Negro* – RJ - Pallas, 2002.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz - *A Raça como negociação*. In: FONSECA, M.N.S. – *Brasil Afro-brasileiro*. – 2ª ed. Belo Horizonte : Autêntica : 2001.

SETILOANE, Gabriel M – *Teologia Africana: uma introdução* – SBC –EDITEO : 1992

SILVA, Vagner Gonçalves da – *O antropólogo e sua Magia: Trabalho de Campo e Texto etnográfico nas pesquisas Antropológicas sobre Religiões Afro-brasileiras* – São Paulo : EDUSP, 2000.

_____ *Orixás da Metrópole – Petrópolis: Vozes, 1995*

_____ *Reafricanização e Sincretismo: Interpretações acadêmicas e experiências religiosas* – IN CAROSO, Carlos e BACELAR, Jéferson (ORG) – *Faces da Tradição Afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida* – R.J. : Pallas ; Salvador, BA: CEAO, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da – *A produção social da identidade e da diferença*. In: *Identidade e diferença : A perspectiva dos estudos culturais* – Tomaz Tadeu da Silva (ORG); Petrópolis, RJ : Vozes, 2000.

SOARES, Afonso Maria Ligorio e SANTOS, Maria Conceição – *Da luta contra a escravidão à inserção na sociedade Brasileira*, in: SOUZA Jr. Vilson. (ORG); *Nossas raízes Africanas/ SP: Centro Atabaque de Cultura Negra e Teologia; 2004.*

SOUZA, Sandra Duarte de - *Introdução* – in: SOUZA, Sandra Duarte de (ORG) – *Gênero e Religião no Brasil* - pp. 7-10 - São Bernardo do Campo : UMESP, 2006.

SOUZA JR, Vilson Caetano – *Nossas raízes Africanas*, SP. Vilson Caetano Souza Jr. (ORG) – SP : Centro Atabaque de Cultura Negra e Teologia; 2004.

TERRIN, Aldo Natale - *Introdução ao estudo comparado das religiões* – trad. Giuseppe Bertazzo – São Paulo : Paulinas, 2003.

TORRES, Haroldo da Gama – *Segregação residencial e políticas públicas: São Paulo na década de 1990* – Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol.19 n.54 ; São Paulo fev.2004.

WEBER, Max – *Economia e sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva* – Volume I; Editora Universidade Brasília : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

_____ - *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo* - trad. José Marcos Mariani de Macedo ; revisão técnica Antonio Flavio Pierucci – São Paulo ; Companhia das Letras, 2004

WOODWARD, Kathryn – *A identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos culturais* - Tomaz Tadeu da Silva (ORG); Petrópolis, RJ : Vozes, 2000.

ANEXO A - FONTES DOCUMENTAIS DA IGREJA METODISTA

A Igreja Metodista e sua organização – S.P.; Sede Geral da Igreja Metodista - 1998
 Doutrina Social – Junta Geral de Ação Social da IM Brasil - 1968
 Igreja Ministerial – Desafios e Oportunidades - SBC – SP ; Imprensa Metodista ; 1991
 Informativo “Conexão” – Anos 1992 a 2007
 Jornal ”Expositor Cristão” - exemplares dos anos 2006-2007
 Revista RAÇA NEGRA, 1997 - Ministério de Combate ao Racismo da Igreja Metodista,1997.
 Revista “Voz Missionária” – exemplares dos anos 2000-2007

Publicações do Colégio Episcopal Metodista

“Cânones 2007” – São Paulo: Cedro, 2007

Biblioteca Vida e Missão:

Documentos:

N.1 - Vida e Missão – decisões do XIII Concílio Geral da Igreja Metodista (18- 28/07/1982) e Credo Social da Igreja Metodista, 1982

N. 4 - Plano Nacional: Ênfases e Diretrizes & Mensagem da Igreja Metodista à Nação Brasileira - SPC-SP - Imprensa Metodista ; 1997

N. 5 - As eleições de 1998 – Carta Pastoral do Colégio Episcopal da Igreja Metodista – SBC-SP ; Imprensa Metodista; S.P. 1998

N. 6 -.Manual de Disciplina – SPC-SP - Imprensa Metodista - 1998

N.7 - Código de Ética Pastoral - São Paulo : Cedro 2001

N. 9- Diretrizes Pastorais para a Ação Missionária Indigenista - São Paulo : Cedro ; 1999

N 11 - Diretrizes para Ação Missionária na questão da terra - São Paulo : Cedro ;2000

Ministérios:

N. 1 - Os juvenis – SBC – Imprensa Metodista ;1995

N.4 - Afetividade e Sexualidade – SBC-SP ; Imprensa Metodista ; 1998

Pastorais:

N.4 - Carta do Colégio Episcopal sobre Ecumenismo – S.P. – Cedro ; 1999 – 2 ed.2001

Carta Pastoral sobre os Sacramentos – SP ; Cedro ; 2001

- Metodismo:

N.2 -.Missão, Organização e Agentes do Metodismo - SBC-SP ; Imprensa Metodista 1997

ANEXO B - QUESTIONÁRIO**FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO - UMESP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

NOME _____ IGREJA _____
 CLÉRICO/A LEIGO/A

IDADE: _____ SEXO: F M EST. CIVIL _____

RESIDÊNCIA _____
 (Cidade/bairro)

LOCAL DE NASCIMENTO: _____
 (Cidade/ Estado)

Telefone(s) para contato (res/cel/coml/ igreja/outro): _____

e-mail: - _____

I - ESCOLARIDADE

Analfabeto/a

1º grau (1ª a 4ª série) Completo Incompleto

(5ª a 8ª série): Completo Incompleto

2º grau (nível médio) Completo Incompleto

Curso: _____

3º grau (Universitário) Curso: _____

Pós Graduação: Mestrado Completo Incompleto
 Doutorado Completo Incompleto

II – FAMÍLIA

Quantas pessoas moram na casa, incluindo você? _____

Qual o vínculo destas pessoas com você:

A Cônjuge/companheira/o

B Filhos: Quantos? _____

Quantos menores de idade? _____

C Mãe D pai E irmãos/ãs

F Sogro G sogra

H Outros/as: _____

III – TRABALHO

Trabalha atualmente?

Não

Sim:

A Registrado/a B Não registrado C Autônomo/a

D Profissional Liberal E Aposentado/a

Profissão ou ocupação atual: Assistente de Comunicação e Marketing _____

Quantas pessoas da família trabalham remuneradas, atualmente? _____

IV - RENDA FAMILIAR

Quantas pessoas participam da renda familiar? _____

Faixa da Renda Familiar	Coloque X
A Sem rendimentos	
B Abaixo de R\$ 205,00	
C De R\$ 206,00 até R\$ 410,00	
D De R\$ 411,00,00 até R\$ 820,00	
E De R\$ 821,00 até R\$ 1230,00	
F De R\$ 1231,00 até R\$ 1.640,00	
G De R\$ 1.641,00 até R\$ 2.050,00	
H De R\$ 2.051,00 até R\$ 2.460,00	
I De R\$ 2.461,00 até R\$ 3.280,00-	
J Acima de R\$3.281,00	

V - RAÇA/COR

a) IDENTIFICAÇÃO	Coloque um X conforme sua opção			
	Branco	pardo	preto	Outros/Quais
a- Como você se auto-identifica ?				
b- Como identifica seu/sua cônjuge/ companheiro/a				

b) Como identifica sua ascendência:	<u>Avós paternos.</u> (Assinale com um X)	<u>Avós maternos.</u> (Assinale com um X)
Branco + branco		
Preto + preto		
branco+ preto		
Preto+ índio		
outros		

c) Você identifica uma pessoa negra a partir de quê?

A [] Características físicas (cor da pele, cabelos, lábios, nariz)

B [] Ser descendente de pessoa negra

C [] Estilo de roupa, ornamentos e penteados)

D [] Estilo Musical

E [] Práticas religiosas de matrizes africanas

F [] Outras

Comentários: _____

d) Você já sofreu ou testemunhou situação constrangedora de preconceito racial/discriminação e/ou racismo para com pessoas negras em nossa sociedade?

Não

Sim. A Com você B familiar conhecidos/as

Onde? A Escola C Igreja E Trabalho

B Família D Lazer F Espaço sócio-cultural

Relate alguma experiência: _____

VI - RELIGIÃO

a) Você é descendente de metodistas?

Não

Sim

Por parte: A Pai metodista

C Avós paternos metodistas

B Mãe metodista

D avós maternos metodistas

E Familiares próximos metodistas: (irmãos/ãs, tias/os, etc.) _____

b) Outras pessoas de sua família participam atualmente da I.M.?

Não

Sim Quantas? Mais de 20 pessoas Quem?

A Pai

B Mãe

C Filhos/as

D Irmãos

E cônjuge/companheiro/a

F outros: tios, tias, primos, sobrinhos etc.

c)- Você já frequentou outra(s) religião(ões) ou igrejas(s)?

Não

Sim.

Qual(is)? _____

d) Há quanto tempo você frequenta a Igreja Metodista?

e) Você é membro da Igreja Metodista? Não Sim. Há quanto tempo?

f) Formas de participação na Igreja Metodista:

A Assiste aos cultos e programações

B Ocupa algum cargo ou atividades na Igreja em nível local

C Ocupa algum cargo ou atividade na Igreja em nível regional

D Ocupa algum cargo ou atividade na Igreja em nível Nacional

g) Em que você participa na Igreja local?

A Escola Dominical: 1 Aluno

2 Professor

3 Superintendente

4 outras: _____

B Sociedades: 1. Mulheres

2. Homens

3. Jovens

4. Juvenis

Como: a. Sócio/a

b. Presidente

c. Membro da diretoria

C Ministério(s) que você participa:

Nome do Ministério

sua função no ministério:

1. _____
 2. _____
 3. _____

D Outros _____

h) Participação ou atividades que desenvolve na área regional da I.M:

i) Participação ou atividade que desenvolve na Área Nacional da I.M.

j) Você participa de outros grupos religiosos? Não Sim: Qual(is): _____

k) Você percebe diferenças entre as **peçoas metodistas** negras e **peçoas metodistas** não-negras?

Não

Sim. Em que aspectos você percebe estas diferenças? Escolha as alternativas abaixo e exemplifique:

A Nível Econômico _____

B Nível educacional: _____

C Acesso ao Mercado e Trabalho _____

D Condições de Saúde/Doença _____

E Gosto musical e formas de expressar a musicalidade: _____

F Estética (visual aparência): _____

G Formas de expressar a espiritualidade: _____

H Formas de manifestar a afetividade: _____

l) Quais as formas mais freqüentes de participação das **peçoas negras** (pardas ou pretas) na sua igreja?

A Escola Dominical: 1 aluno

3 Professor

2 Superintendente

4 Outras: _____

B Sociedades : 1. Mulheres 2. Homens 3. Jovens 4. Juvenis

a. Sócio/a b. Presidente c. Membros da diretoria

C Ministério(s):

D

E Outras:

F Nenhuma

m) Você percebe diferença entre as **peçoas negras** metodistas em relação às **peçoas negras** não-metodistas?

Não

Sim. Quais? _____

VII - PERCEPÇÃO DE RACISMO

a) Você percebe a existência de racismo, preconceitos ou discriminação em função da cor da pele, dentro do contexto da Igreja Metodista?

Não

Sim. Em que situações:

A. Nas relações de amizade ou sociabilidade

B. Ocupação de cargos de liderança

C. Na admissão para trabalho nas instituições metodistas

D. Hinos, cânticos de louvor

E. Nas aulas de escola dominical

F. Inclusão educacional nas Instituições Metodistas

G. Sermões, estudos bíblicos

H. Assistência ou acolhimento pastoral.

I Outras _____

b) Em sua opinião qual é o pensamento da Igreja Metodista a respeito das relações raciais e sobre as expressões culturais afro-brasileiras.

c) Porque você escolheu a Igreja Metodista como sua opção religiosa?

VIII – INCLUSÃO SÓCIO-CULTURAL

Dê sua opinião a respeito das iniciativas sociais de inclusão e valorização da população negra. como:

Dia da Consciência Negra: _____

Leis Anti-racismo: _____

Estatuto da Igualdade Racial? _____

Utilize este espaço para algum comentário: _____

Tabela 5: Variáveis de Identificação Étnico-Racial e Religiosa; Grupo Pesquisado: IM Santo André

VARIÁVEIS	SANTO ANDRÉ					
	NEGROS			NAO NEGROS		
	MULHERES	HOMENS	TOTAL	MULHERES	HOMENS	TOTAL
COMO IDENTIFICA UMA PESSOA NEGRA?	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)
A. CARACTERÍSTICAS FÍSICAS	71	57	67	75	80	78
B. SER DESCENDENTE DE NEGRO/A	7	14	10	0	20	11
C. ESTILO DE ROUPA	0	0	0	0	0	0
D. ESTILO MUSICAL	0	0	0	0	0	0
E. RELIGIOSIDADE	0	0	0	0	0	0
F. OUTROS	0	0	0	0	0	0
A,B	21	29	24	25	0	11
A,B,D	0	0	0	0	0	0
TOTAL	100	100	100	100	100	100
EXPERIENCIA RACISMO						
NAO	21	57	33	50	40	44
SIM	71	43	62	50	60	56
S/R	7	0	5	0	0	0
TOTAL	100	100	100	100	100	100
PERCEBE DIFERENÇA ENTRE METODISTAS NEGROS E NÃO NEGROS?						
NAO	57	43	52	75	80	78
SIM	43	57	48	25	20	22
TOTAL	100	100	100	100	100	100
PERCEBE DIFERENÇA ENTRE PESSOAS NEGRAS METODISTAS E E NÃO METODISTAS?						
NAO	71	86	76	50	80	67
SIM	29	14	24	50	20	33
S/R	0	0	0	0	0	0
TOTAL	100	100	100	100	100	100
PERCEBE RACISMO NA IGREJA?						
NAO	57	71	62	75	100	89
SIM	36	14	29	25	0	11
S/R	7	14	10	0	0	0
TOTAL	100	100	100	100	100	100

Tabela 10: Variáveis Socioeconômicas; Grupo Pesquisado: IM Monte Belo-Itaquaquecetuba

VARIÁVEIS	MONTE BELO					
	NEGROS			NÃO NEGROS		
	MULHERES (%)	HOMENS (%)	TOTAL (%)	MULHERES (%)	HOMENS (%)	TOTAL (%)
FAIXA ETÁRIA						
18 A 30 ANOS	20	0	17	0	0	0
31 A 45 ANOS	80	0	67	0	0	0
46 A 60 ANOS	0	100	17	0	0	0
ACIMA DE 60 ANOS	0	0	0	0	0	0
S/R	0	0	0	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0
ESTADO CIVIL						
SOLTEIRA/O	40	0	33	0	0	0
CASADO/A	40	100	50	0	0	0
VIUVA/O	0	0	0	0	0	0
DIVORCIADO/A	0	0	0	0	0	0
S/R	20	0	17	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0
RESIDÊNCIA						
AREA CENTRAL	0	0	0	0	0	0
BAIRROS PROXIMOS	0	0	0	0	0	0
PERIFERIA	100	100	100	0	0	0
S/R	0	0	0	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0
NATURALIDADE						
ESTADO SAO PAULO	80	100	83	0	0	0
ESTADOS NORDESTE	20	0	17	0	0	0
OUTROS ESTADOS	0	0	0	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0
ESCOLARIDADE						
1º GRAU - COMPLETO	40	0	33	0	0	0
INCOMPLETO	0	0	0	0	0	0
2º GRAU - COMPLETO	60	100	67	0	0	0
INCOMPLETO	0	0	0	0	0	0
3º GRAU - COMPLETO	0	0	0	0	0	0
INCOMPLETO	0	0	0	0	0	0
POS-GRADUAÇÃO	0	0	0	0	0	0
S/R	0	0	0	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0
TAMANHO FAMILIA						
1 A 2 PESSOAS	20	0	17	0	0	0
3 A 4 PESSOAS	60	0	50	0	0	0
5 A 6 PESSOAS	20	100	33	0	0	0
ACIMA DE 6 PESSOAS	0	0	0	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0
FILHOS MENORES						
NAO	40	100	50	0	0	0
SIM	60	0	50	0	0	0
netos menores	0	0	0	0	0	0
S/R	0	0	0	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0
TRABALHA?						
NAO	60	0	50	0	0	0
SIM	40	100	50	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0
VINCULO EMPREGATICIO						
A - REGISTRADO	0	0	0	0	0	0
B - NAO REGISTRADO	40	0	33	0	0	0
C - AUTONOMO	0	0	0	0	0	0
D - PROFISSIONAL LIBERAL	0	0	0	0	0	0
A+E	0	0	0	0	0	0
A+C+D	0	0	0	0	0	0
FUNCONARIO PUBLICO	0	0	0	0	0	0
S/R	60	100	67	0	0	0
VOLUNTARIO	0	0	0	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0
E - APOSENTADOS/AS	0	100	17	0	0	0
QUANTAS PESSOAS DA FAMILIA TRABALHAM						
NENHUMA PESSOA	0	0	0	0	0	0
1 PESSOA	60	0	17	0	0	0
2 PESSOAS	20	0	33	0	0	0
ACIMA DE 2 PESSOAS	20	100	33	0	0	0
S/R	0	0	0	0	0	0
TOTAL	100	100	83	0	0	0
QUANTOS CONTRIBUEM COM A RENDA FAMILIAR						
NENHUMA PESSOA	0	0	0	0	0	0
1 PESSOA	20	0	0	0	0	0
2 PESSOAS	40	100	0	0	0	0
ACIMA DE 2 PESSOAS	20	0	0	0	0	0
S/R	20	0	0	0	0	0
TOTAL	100	100	0	0	0	0
RENDA FAMILIAR						
A. S/ RENDIMENTOS	0	0	0	0	0	0
B. MENOS QUE 1S.M.	0	0	0	0	0	0
C. ACIMA DE 1/2 ATE 1 SM.	0	0	0	0	0	0
D. ACIMA DE 1 ATE 2 SM;	20	0	17	0	0	0
E. ACIMA DE 2 ATE 3 SM	0	0	0	0	0	0
F. ACIMA DE 3 SM ATE 4 SM	40	0	33	0	0	0
G. ACIMA DE 4SM ATE 5 SM	0	0	0	0	0	0
H. ACIMA DE 5 ATE 6 SM	40	100	50	0	0	0
I. ACIMA DE 6 ATE 8 SM	0	0	0	0	0	0
J. ACIMA DE 8 SM	0	0	0	0	0	0
S/R	0	0	0	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0

Tabela 11: Variáveis de Identificação Étnico-Racial e Religiosa; Grupo Pesquisado: IM Monte Belo - Itaquaquecetuba.

VARIÁVEIS	MONTE BELO						
	TOTAL	NEGROS		NAO NEGROS			
		MULHERES	HOMENS	TOTAL	MULHERES	HOMENS	TOTAL
COMO IDENTIFICA UMA PESSOA NEGRA?	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)
A. CARACTERÍSTICAS FÍSICAS	80	40	100	50	0	0	0
B. SER DESCENDENTE DE NEGRO/A	0	20	0	17	0	0	0
C. ESTILO DE ROUPA	0	0	0	0	0	0	0
D. ESTILO MUSICAL	0	0	0	0	0	0	0
E. RELIGIOSIDADE	0	0	0	0	0	0	0
F. OUTROS	0	0	0	0	0	0	0
A,B	20	40	0	33	0	0	0
A,B,D	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	100	100	100	100	0	0	0
EXPERIENCIA RACISMO							
NAO	40	40	100	50	0	0	0
SIM	60	60	0	50	0	0	0
S/R	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	100	100	100	100	0	0	0
PERCEBE DIFERENÇA ENTRE METODISTAS NEGROS E NÃO NEGROS?							
NAO	60	80	100	83	0	0	0
SIM	40	20	0	17	0	0	0
TOTAL	100	100	100	100	0	0	0
PERCEBE DIFERENÇA ENTRE PESSOAS NEGRAS METODISTAS E NÃO METODISTAS?							
NAO	80	60	100	67	0	0	0
SIM	20	40	0	33	0	0	0
S/R	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	100	100	100	100	0	0	0
PERCEBE RACISMO NA IGREJA?							
NAO	60	40	100	50	0	0	0
SIM	40	60	0	50	0	0	0
S/R	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	100	100	100	100	0	0	0

Tabela 12: Variáveis de Identificação Religiosa; Grupo Pesquisado: IM Monte Belo-Itaquaquetuba.

VARIÁVEIS	MONTE BELO					
	NEGROS			NÃO NEGROS		
	MULHERES	HOMENS	TOTAL	MULHERES	HOMENS	TOTAL
FAMILIARES METODISTAS?						
NAO	0	0	0	0	0	0
SIM	80	100	83	0	0	0
S/R	20	0	17	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0
FREQUENTOU OUTRAS RELIGIÕES?						
NAO	40	0	33	0	0	0
SIM	60	100	67	0	0	0
S/R	0	0	0	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0
FREQUENTOU OUTRAS IGREJAS						
PENTECOSTAL	0	0	0	0	0	0
NEO-PENTECOSTAL	0	0	0	0	0	0
PROTESTANTES	0	0	0	0	0	0
CATOLICAS	60	100	67	0	0	0
ESPIRITA	0	0	0	0	0	0
S/R	40	0	33	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0
TEMPO QUE FREQUENTA A IGREJA METODISTA						
ATE 1 ANO	0	0	0	0	0	0
DE 2 A 5 ANOS	0	0	0	0	0	0
DE 6 A 10 ANOS	20	0	17	0	0	0
DE 11 A 20 ANOS	20	100	33	0	0	0
DE 20 A 30 ANOS	20	100	33	0	0	0
ACIMA DE 30 ANOS	20	0	17	0	0	0
S/R	0	0	0	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0
E MEMBRO?						
NAO	0	0	0	0	0	0
SIM	100	100	100	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0
TEMPO DE MEMBRO METODISTA						
ATE 1 ANO	0	0	0	0	0	0
DE 2 A 5 ANOS	20	0	17	0	0	0
DE 6 A 10 ANOS	40	0	33	0	0	0
DE 11 A 20 ANOS	40	100	50	0	0	0
DE 21 A 30 ANOS	0	0	0	0	0	0
ACIMA DE 30 ANOS	0	0	0	0	0	0
S/R	0	0	0	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0

Tabela 13: Variáveis Socioeconômicas; Grupo Pesquisado “Outras Igrejas” Metodistas

VARIÁVEIS	OUTRAS IGREJAS					
	NEGROS			NEGROS		
	MULHERES	HOMENS	TOTAL	MULHERES	HOMENS	TOTAL
	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)
FAIXA ETARIA						
18 A 30 ANOS	8	0	7	0	0	0
31 A 45 ANOS	50	50	50	0	0	0
46 A 60 ANOS	17	50	21	0	0	0
ACIMA DE 60 ANOS	25	0	21	0	0	0
S/R	0	0	0	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0
ESTADO CIVIL						
SOLTEIRA/O	42	0	36	0	0	0
CASADO/A	33	100	43	0	0	0
VIUVA/O	8	0	7	0	0	0
DIVORCIADO/A	8	0	7	0	0	0
S/R	8	0	7	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0
RESIDÊNCIA						
AREA CENTRAL	17	0	14	0	0	0
BAIRROS PROXIMOS	67	50	64	0	0	0
PERIFERIA	0	50	7	0	0	0
S/R	17	0	14	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0
NATURALIDADE						
ESTADO SAO PAULO	67	50	64	0	0	0
ESTADOS NORDESTE	0	0	0	0	0	0
OUTROS ESTADOS	33	50	36	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0
ESCOLARIDADE						
1º GRAU - COMPLETO	8	0	7	0	0	0
INCOMPLETO	0	0	0	0	0	0
2º GRAU - COMPLETO	17	0	14	0	0	0
INCOMPLETO	0	0	0	0	0	0
3º GRAU - COMPLETO	50	0	43	0	0	0
INCOMPLETO	8	50	14	0	0	0
POS-GRADUAÇÃO	8	50	14	0	0	0
S/R	8	0	7	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0
TAMANHO FAMILIA						
1 A 2 PESSOAS	33	0	29	0	0	0
3 A 4 PESSOAS	42	100	50	0	0	0
5 A 6 PESSOAS	8	0	7	0	0	0
ACIMA DE 6 PESSOAS	17	0	14	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0
FILHOS MENORES						
NAO	67	0	57	0	0	0
SIM	33	100	43	0	0	0
netos menores	0	0	0	0	0	0
S/R	0	0	0	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0
TRABALHA?						
NAO	25	0	21	0	0	0
SIM	75	100	79	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0
VINCULO EMPREGATICIO						
A - REGISTRADO	25	0	21	0	0	0
B - NAO REGISTRADO	8	0	7	0	0	0
C - AUTONOMO	17	50	21	0	0	0
D - PROFISSIONAL LIBERAL	0	0	0	0	0	0
A+E	0	0	0	0	0	0
A+C+D	8	0	7	0	0	0
FUNCIONARIO PUBLICO	8	50	14	0	0	0
S/R	25	0	21	0	0	0
VOLUNTARIO	8	0	7	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0
E - APOSENTADOS/AS	8	0	7	0	0	0
QUANTAS PESSOAS DA FAMILIA TRABALHAM						
NENHUMA PESSOA	8	0	7	0	0	0
1 PESSOA	25	0	21	0	0	0
2 PESSOAS	25	100	36	0	0	0
ACIMA DE 2 PESSOAS	25	0	21	0	0	0
S/R	17	0	14	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0
QUANTOS CONTRIBUEM COM A RENDA FAMILIAR						
NENHUMA PESSOA	8	0	7	0	0	0
1 PESSOA	25	0	21	0	0	0
2 PESSOAS	25	100	36	0	0	0
ACIMA DE 2 PESSOAS	17	0	14	0	0	0
S/R	25	0	21	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0
RENDA FAMILIAR						
A. S/ RENDIMENTOS	8	0	7	0	0	0
B. MENOS QUE 1 S.M.	0	0	0	0	0	0
C. ACIMA DE ½ ATE 1 SM.	0	0	0	0	0	0
D. ACIMA DE 1 ATE 2 SM.	0	0	0	0	0	0
E. ACIMA DE 2 ATE 3 SM	0	0	0	0	0	0
F. ACIMA DE 3 SM ATE 4 SM	0	0	0	0	0	0
G. ACIMA DE 4SM ATE 5 SM	8	0	7	0	0	0
H. ACIMA DE 5 ATE 6 SM	17	0	14	0	0	0
I. ACIMA DE 6 ATE 8 SM	17	50	21	0	0	0
J. ACIMA DE 8 SM	42	50	43	0	0	0
S/R	8	0	7	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0

Tabela 14: Variáveis de Identificação Étnico-racial e Religiosa; Grupo Pesquisado: “Outras Igrejas” Metodistas.

VARIÁVEIS	OUTRAS IGREJAS					
	NEGROS			NAO NEGROS		
	MULHERES	HOMENS	TOTAL	MULHERES	HOMENS	TOTAL
COMO IDENTIFICA UMA PESSOA NEGRA?	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)
A. CARACTERÍSTICAS FÍSICAS	17	50	21	0	0	0
B. SER DESCENDENTE DE NEGRO/A	25	0	21	0	0	0
C. ESTILO DE ROUPA	0	0	0	0	0	0
D. ESTILO MUSICAL	0	0	0	0	0	0
E. RELIGIOSIDADE	0	0	0	0	0	0
F. OUTROS	0	0	0	0	0	0
A,B	58	50	57	0	0	0
A,B,D	0	0	0	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0
EXPERIENCIA RACISMO						
NAO	0	0	0	0	0	0
SIM	100	100	100	0	0	0
S/R	0	0	0	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0
PERCEBE DIFERENÇA ENTRE METODISTAS NEGROS E NÃO NEGROS?						
NAO	33	0	29	0	0	0
SIM	67	100	71	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0
PERCEBE DIFERENÇA ENTRE PESSOAS NEGRAS METODISTAS E E NÃO METODISTAS?						
NAO	25	0	21	0	0	0
SIM	50	100	57	0	0	0
S/R	25	0	21	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0
PERCEBE RACISMO NA IGREJA?						
NAO	50	0	43	0	0	0
SIM	42	50	43	0	0	0
S/R	8	50	14	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0

Tabela 15: Variáveis de Identificação Religiosa; Grupo Pesquisado “Outras Igrejas” Metodistas.

VARIÁVEIS	OUTRAS IGREJAS					
	NEGROS			NAO NEGROS		
	MULHERES	HOMENS	TOTAL	MULHERES	HOMENS	TOTAL
FAMILIARES METODISTAS?						
NAO	33	0	29	0	0	0
SIM	67	100	71	0	0	0
S/R	0	0	0	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0
FREQUENTOU OUTRAS RELIGIÕES?						
NAO	42	0	36	0	0	0
SIM	58	50	57	0	0	0
S/R	0	50	7	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0
FREQUENTOU OUTRAS IGREJAS						
PENTECOSTAL	0	0	0	0	0	0
NEO-PENTECOSTAL	0	0	0	0	0	0
PROTESTANTES	0	0	0	0	0	0
CATOLICAS	0	0	0	0	0	0
ESPIRITA	0	0	0	0	0	0
S/R	0	0	0	0	0	0
TOTAL	0	0	0	0	0	0
TEMPO QUE FREQUENTA A IGREJA METODISTA						
ATE 1 ANO	0	0	0	0	0	0
DE 2 A 5 ANOS	0	0	0	0	0	0
DE 6 A 10 ANOS	0	0	0	0	0	0
DE 11 A 20 ANOS	17	0	14	0	0	0
DE 20 A 30 ANOS	17	0	14	0	0	0
ACIMA DE 30 ANOS	58	50	57	0	0	0
S/R	0	50	7	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0
E MEMBRO?						
NAO	0	0	0	0	0	0
SIM	100	100	100	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0
TEMPO DE MEMBRO METODISTA						
ATE 1 ANO	0	0	0	0	0	0
DE 2 A 5 ANOS	0	0	0	0	0	0
DE 6 A 10 ANOS	0	50	7	0	0	0
DE 11 A 20 ANOS	25	0	21	0	0	0
DE 21 A 30 ANOS	17	0	14	0	0	0
ACIMA DE 30 ANOS	50	0	43	0	0	0
S/R	8	50	14	0	0	0
TOTAL	100	100	100	0	0	0

ANEXO D – CONSULTA NACIONAL SOBRE RACISMO



CONSULTA NACIONAL SOBRE RACISMO

29 de abril a 1 de maio

RECOMENDAÇÕES A IGREJA METODISTA

Introdução:

ESTAS PROPOSTAS FORAM ELABORADAS PELOS GRUPOS DE TRABALHO, DURANTE A CONSULTA NACIONAL SOBRE RACISMO E, POSTERIORMENTE, SISTEMATIZADAS PELO GRUPO DE REDAÇÃO. AS RECOMENDAÇÕES ESTÃO SISTEMATIZADAS EM DUAS PARTES: PROPOSTAS GERAIS QUE ABRANGEM A IGREJA NACIONAL, DESTACANDO AS ÁREAS ESPECÍFICAS, E RECOMENDAÇÕES REGIONAIS.

NESTE DOCUMENTO SÃO UTILIZADOS COM O MESMO SIGNIFICADO OS TERMOS NEGROS/AS, AFRO-BRASILEIROS/AS E AFRO-DESCENDENTES COMPREENDENDO O GRUPO DE PARDOS/AS E PRETOS/AS. CONSIDERANDO QUE ESTE É O GRUPO SOCIAL QUE SOFRE AS ATITUDES PRECONCEITUOSAS, DISCRIMINATÓRIAS E RACISTAS EM FUNÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS (COR DA PELE, TEXTURA DOS CABELOS, LÁBIOS E OUTRAS).

I - Propostas Gerais

1 Documentação e divulgação da Consulta Nacional sobre Racismo

- Formação de um grupo de redação das propostas do encontro.
 - Elaboração de um documento constando a memória, resoluções e propostas da Consulta Nacional sobre Racismo.
 - Divulgação das propostas pelos meios de comunicação nacional, Expositor Cristão, e, informativos regionais da Igreja Metodista.
 - Apresentação deste documento ao Cogeam e segmentos da Igreja Metodista.

2 Carta Pastoral

Que a Igreja Metodista constitua um grupo de trabalho para estudo e elaboração de Carta Pastoral que apresente sua posição oficial quanto à questão do Racismo, garantindo a participação de representantes afro-brasileiros no grupo de trabalho.

3 Mapeamento da população metodista negra

Que seja elaborado estudo e mapeamento estatístico da população metodista negra abrangendo pastores/as, leigos/as, cargos e funções na Igreja e nas Instituições metodistas. Sugerimos inicialmente as estatísticas da Igreja Metodista, Concílios Regionais, Congressos e eventos diversos através de parceria com Universidades para aprofundamento do perfil.

4. Transversalidade do tema

Que a questão raça e etnia seja tratada de maneira transversal nas diferentes instâncias da Igreja Metodista por meio de ações concretas

5. Atuação Política

Que a Igreja Metodista assuma uma postura pública política contra o racismo e a favor das ações afirmativas e inclusivas em relação ao afro-descendentes e outros grupos minoritários.

Que a Igreja Metodista assuma uma posição de solidariedade ao afro-descendentes em sua luta pela igualdade racial e eliminação de todas as formas de preconceitos, discriminação e racismo sofrido por esta população.

6. Racismo

Que a questão raça e etnia sejam abordadas em todos os encontros e eventos promovidos pelas igrejas e instituições metodistas, de maneira a promover a desmistificação da “igualdade racial” e a explicitação das manifestações de racismo.

Que seja criado um Fórum para acolher e tratar os casos de racismos na Igreja.

Que sejam oficializadas as pastorais regionais de Combate ao Racismo, mediante apoio e incentivo.

Que se inclua no Código de Ética da Igreja, estrutura de justiça eclesiástica que garanta sanções em casos de posturas e atitudes racistas.

7. Ações Afirmativas

Que a Igreja enfrente o racismo por meio de ações afirmativas de inclusão e promoção da igualdade racial.

Que a Igreja seja parceira de Campanhas e trabalhos de ONGS relativos à eliminação ao racismo, por meio de ações preventiva e curativa.

II – Áreas Específicas

1. Trabalho

Que sejam estipuladas cotas para metodistas afro-descendentes no preenchimento das vagas de trabalho, nos diferentes níveis hierárquicos nas Instituições Metodistas.

Que haja dotação orçamentária compatível para programa raça e etnia da Igreja Metodista.

2. Gênero

Que se incorpore a temática racial, com viés de gênero na Faculdade de Teologia, Seminários Teológicos, Instituições, segmentos e igrejas locais de maneira transversal.

3. Educação

3.1. – Ações Afirmativas nas Instituições Metodistas de Ensino.

Que seja revisada e atualizada a decisão do Concílio Geral de 1997, a qual delibera cotas para negro/as nas Instituições Metodistas de Ensino.

Que se faça diagnóstico da realidade dos afro-descendentes nas Instituições Metodistas de Ensino.

Que as Instituições Metodistas de Ensino facilitem aos grupos minoritários o acesso à educação por meio das tecnologias atualmente disponíveis.

3.2. – Educação cristã e negritude

Que a questão raça e etnia sejam abordadas de maneira concreta e efetiva nas igrejas locais, Escolas Dominicais e outros segmentos.

Que a temática racismo e inclusão racial e étnica sejam tratadas e apresentadas nas revistas e informativos de educação cristã da Igreja Metodista

Que se faça revisão de publicações e documentos metodistas (hinários, revistas, etc.) a fim de eliminar termos que incentivam a prática do racismo e que reforçam o imaginário social preconceituoso.

Que se promova a divulgação da cultura afro-brasileira e indígena nas comunidades metodistas, por meio da arte, música, literatura, história, etc.

Que as igrejas e instituições metodistas disponibilizem os meios de comunicação para a eliminação do racismo e afirmação da igualdade racial

Que sejam destinados recursos para formação de liderança negra e indígena.

Que haja representatividade negra metodista nos fóruns relacionados a raça e etnia.

Formação Teológica

Que seja incluído o recorte racial afro-brasileiro na formação e atualização teológica de pastores/as e professores/as de Escola Dominical como: história dos povos negros e sua relação com a Bíblia, com o cristianismo e com o metodismo.

Que sejam promovidos e incentivados estudos sobre história dos povos da África e a Bíblia nas Igrejas locais

III - Propostas específicas, por região.

Somente estão incluídas aqui as propostas relativas a uma atuação regional. As propostas já abordadas nas áreas enfocadas no item anterior não são contempladas neste item.

1ª. Região Elaborar o Mapeamento da população negra metodista na 1ª. Região Eclesiástica, através de formulário.

2ª. Região Realizar ações centradas na família criando redes parceiras
Incluir o tema racismo em todas as atividades da igreja regional.

3ª. Região Valida as demais propostas do documento
Participação do Ministério nos eventos regionais
Sugestão para que as outras regiões avaliem a nomenclatura e que dentro da mesma inclua o tema da promoção da Igualdade Racial. O termo *combate* vem

sendo criticado como contrário a uma política de paz e tolerância, sendo mais adequado o termo *superação*.

- 4ª. Região Reorganizar o trabalho da Pastoral de Combate ao Racismo de forma distrital
Articulação junto ao Bispo pelos participantes da consulta
Promover Encontros Regionais
- 5ª. Região Realizar mapeamento da comunidade negra objetivando estatísticas

CONCLUSÃO: *Este documento REPRESENTA A ESPERANÇA DE MEMBROS METODISTAS DE TODAS AS REGIÕES ECLESIÁSTICAS E DO CAMPO MISSIONÁRIO DA AMAZONIA, NUMA IGREJA TRANSFORMADA NA QUAL TODOS OS GRUPOS ÉTNICOS SE VEJAM REPRESENTADOS EM TODAS AS INSTÂNCIAS E ESPAÇOS COM IGUALDADE, RESPEITO E EM CONFORMIDADE COM O REINO DE DEUS ONDE HÁ JUSTIÇA E PAZ .*

GRUPO DE TRABALHO: Diná da Silva Branchini, Pra. Eliad Dias, Pra. Olívia Regina, Pr. Roberto Junior, Pr. Wellington Pereira, Keila Guimarães, Maria Da Fé Vianna .

ANEXO E – CARTA DE PIRACICABA

Piracicaba, 28 de maio de 2006.

Encontro Bi-Regional: Negritude e Fé.

3ª e 5ª Regiões Eclesiásticas.

Carta de Piracicaba

Nós, metodistas afro-brasileiros (as) e pertencentes outras etnias, reunidos(as) nos dias 26 a 28 de maio de 2006, no Encontro Bi-Regional Terceira e Quinta Regiões Eclesiásticas, após examinarmos as propostas da Consulta Nacional sobre Racismo, realizada no mês de maio de 2005, em São Bernardo do Campo, São Paulo, e, analisarmos o Plano de Ação Missionária a ser aprovado no Concílio Geral da Igreja Metodista a ser realizado no mês de julho de 2006, assim nos manifestamos:

Nosso trabalho reflete nosso desejo de transformação de nossas vidas e, principalmente da nossa Igreja Metodista em relação ao povo negro.

Após leitura crítica do Plano de Ação Missionária, constatamos que o mesmo retrata o que temos vivenciado nas nossas ralações religiosas e institucionais, ou seja, não vemos a nossa identidade enquanto afro-brasileiros (as), ou negros (as) nas atividades e expressões metodistas.

Assim somos desafiados (as) e desafiamos a Igreja a nos reconhecer enquanto afro-brasileiros (as), membros do corpo da igreja e, igualmente, do corpo de Cristo, com particularidades históricas e culturais.

Testemunhamos as diferentes experiências das regiões representadas, nos trabalhos apresentados neste Encontro e reconhecemos que temos conquistado alguns espaços e apoio de grupos e pessoas que são solidários a nossa causa.

Constatamos que devem ser ampliadas as iniciativas que ajudem a desconstruir o preconceito e racismo e por outro lado valorizem a cultura, liturgia e musicalidade negra nas igrejas locais, como também nas instituições metodistas.

Solicitamos que a Igreja Metodista, por meio das diversas instâncias, particularmente o corpo clérigo, apóie a criação de ministérios locais que trabalhem a superação do racismo, propiciando experiências de diversidade cultural do povo brasileiro nas igrejas locais e incentivando as ações socio-educativas e celebrações cúlticas com a inclusão de conteúdos bíblicos, históricos, teológicos e musicais da cultura afro-brasileira.

Portanto torna-se necessário o esforço das áreas gerais, regionais e locais na produção e distribuição de materiais sobre negritude e fé estabelecendo assim, uma conexionalidade entre o material produzido e a prática local.

Creemos que como nós, toda Igreja Metodista e as instituições metodistas, zelam por ser inclusivas, respeitando toda diversidade existente na sociedade brasileira, em acordo com o texto de Paulo: *“Não há judeu nem grego, não há servo nem livre, não há macho nem fêmea, pois todos sois um em Cristo Jesus”* Gálatas, 3.28.

Assinam abaixo, representando os participantes deste Encontro Bi-regional:

Keila da Silva Guimarães.

Secretaria Nacional de Ação Social

Maria da Fé

Referência Nacional de Combate ao Racismo

Diná da Silva Branchini.

Coordenadora do Ministério de Ações Afirmativas Afro-descendente – AA-AFRO.3ªRE

Rev. Roberto Junio de Oliveira.

Coordenador do Ministério Regional de Combate ao Preconceito racial- 5ª R.E..

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)